



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 10 - Décimo levantamento | **JULHO 2016**



Presidente da República

Michel Temer (interino)

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Igo dos Santos Nascimento (interino)

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Arno Jerke Júnior

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Arno Jerke Júnior (interino)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Igo dos Santos Nascimento (interino)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Marisson de Melo Marinho

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 10 - Décimo levantamento | **JULHO 2016**

Monitoramento agrícola – Safra 2015/16

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 10 Safra 2015/16 - Décimo levantamento, Brasília, p. 1-179, julho 2016.

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Publicação integrante do Observatório Agrícola

ISSN: 2318-6852

Tiragem: 50

Impresso no Brasil

Colaboradores

Alessandro Lúcio Marques (Geint)

Rogério Dias Coimbra (Geint)

Leonardo Amazonas (Geole -soja)

André Luiz F. de Souza (Assessor Dipai)

Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

João Marcelo Brito Alves (Geint)

Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)

Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)

Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)

Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)

João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)

Sérgio Roberto G. dos S. Junior (Gerab - arroz)

Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhõne, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzenaide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alves da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)

Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Cleverton de Santana (página 6)/ Marisson Marinho

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário



1. Resumo executivo	08
---------------------	----



2. Introdução	10
---------------	----



3. Estimativa de área plantada	12
--------------------------------	----



4. Estimativa de produtividade	15
--------------------------------	----



5. Estimativa de produção	17
---------------------------	----



6. Crédito rural	20
------------------	----



7. Monitoramento agrícola	45
---------------------------	----



8. Análise das culturas	72
-------------------------	----

8.1. Culturas de verão	72
------------------------	----

8.1.1. Algodão	72
----------------	----

8.1.2. Amendoim	81
-----------------	----

8.1.3. Arroz-----	85
8.1.4. Feijão -----	91
8.1.5. Girassol -----	110
8.1.6. Mamona -----	112
8.1.7. Milho -----	114
8.1.8. Soja-----	128
8.1.9. Sorgo-----	138
8.2. Culturas de inverno-----	141
8.2.1. Aveia -----	141
8.2.2. Canola-----	144
8.2.3. Centeio-----	145
8.2.4. Cevada -----	147
8.2.5. Trigo-----	149
8.2.6. Triticale-----	154



9. Balanço de oferta e demanda----- 156



10. Preços ----- 158



11. Câmbio ----- 166



12. Exportação e importação ----- 168





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRAS 2015/16

A produção de grãos para a safra 2015/16 está estimada em 189,3 milhões de toneladas. Redução de 8,9% em relação à safra 2014/15.

A área prevista a ser plantada é de 58,15 milhões de hectares, crescimento de 0,4% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção será menor do que a safra passada, afetada pelo decréscimo de área na Região Norte/Nordeste e queda de produtividade, afetada pelo estresse hídrico e altas temperaturas.

Amendoim: a estimativa é de crescimento da área em relação a 2014/15, impulsionado pelo aumento significativo da área plantada em São Paulo. Aumento na produtividade média e na produção total.

Arroz: houve redução na área plantada em quase todos os estados produtores e o excesso de chuvas ocasionou plantio fora da janela ideal e baixa luminosidade, refletindo em queda de produtividade na Região Sul, sobretudo no Rio Grande do Sul.

Feijão: redução na área e na produção das culturas de primeira e segunda safras. Para a terceira safra estima-se redução de área em quase todos os estados produtores, visto que o plantio está sendo finalizado. Cultura irrigada, na sua maior parte.

Mamona: estimativa de queda na produção, sobretudo em função do menor plantio na Bahia, maior estado produtor. Eram aguardados um expressivo au-

mento de área em relação à safra anterior, no entanto, a baixa incidência de chuvas e a falta de sementes desestimulou os produtores.

Milho: consolidou-se a queda de área e de produtividade no milho primeira safra. Para o milho segunda safra, apesar do ganho de área (8%), a queda de produtividade em função do estresse hídrico impactou a produção, redução de 21,1%. A produção total (milho

primeira e segunda safras) deve ser de 69,1 milhões de toneladas na atual safra.

Soja: houve atraso no plantio em diversos estados e também veranico, o que impactou a produtividade média, inferior à safra passada. Mesmo com ganho de área, a safra 2015/16, estimada em 95,6 milhões de toneladas, é inferior em 0,7% à safra 2014/15.





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), tem, dentre os primordiais objetivos, há de citar o Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, se inserindo como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de inverno, que se encontram em fase final de plantio, e de segunda safra, que estão em início de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral, e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Desta maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Conab registra, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar, nosso especial agradecimento a todos.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA (58,17 MILHÕES DE HECTARES)

A estimativa do décimo levantamento da safra brasileira de grãos é que a área plantada alcance 58,15 milhões de hectares (Tabela 1). No total, representará 0,4% de aumento, que equivale a 215,7 mil hectares, frente à safra passada, que chegou a 57,93 milhões de hectares..

A cultura da soja, responsável por 57% da área cultivada do país, permanece como principal responsável pelo aumento de área. A estimativa é de crescimento de 3,5%, com 32.092,9 mil hectares cultivados em 2014/15, para 33.228,4 milhões na atual safra. O algodão apresenta redução de 1,8%, estimada em 958,4 mil hectares. Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a área foi reduzida em 11,4%, posicionando-se em 5,44 milhões de hectares. Para o milho segunda safra a expectativa é de aumento de 8% na área plantada (763,8 mil hectares), totalizando 10,31 milhões de hectares. A área do feijão primeira safra apresentou redução de 8,5%, situando-se em 963,9 mil hectares. O feijão segunda safra apresenta redução de 2,6%, totalizando uma área plantada de 1.283,7 mil hectares, já o feijão terceira safra apresenta redução de 13,6%, estimada em 577,5 mil hectares.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	JUN/2016 (c)	JUL/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	976,2	958,5	958,4	(1,8)	(17,8)
AMENDOIM TOTAL	108,9	121,3	121,1	11,2	12,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	110,5	110,3	12,9	12,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	10,8	10,8	(3,6)	(0,4)
ARROZ	2.295,1	1.978,1	1.976,2	(13,9)	(318,9)
FEIJÃO TOTAL	3.040,0	2.934,1	2.825,1	(7,1)	(214,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,2	959,9	963,9	(8,5)	(89,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,5	1.308,3	1.283,7	(2,6)	(34,8)
FEIJÃO 3ª SAFRA	668,3	665,9	577,5	(13,6)	(90,8)
GIRASSOL	111,5	41,1	47,6	(57,3)	(63,9)
MAMONA	82,1	65,4	65,4	(20,3)	(16,7)
MILHO TOTAL	15.692,9	15.746,5	15.754,7	0,4	61,8
MILHO 1ª SAFRA	6.142,3	5.467,3	5.440,3	(11,4)	(702,0)
MILHO 2ª SAFRA	9.550,6	10.279,2	10.314,4	8,0	763,8
SOJA	32.092,9	33.176,9	33.228,4	3,5	1.135,5
SORGO	722,6	610,1	594,6	(17,7)	(128,0)
SUBTOTAL	55.571,6	55.632,0	55.587,2	0,8	449,3
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	JUN/2016 (c)	JUL/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	189,5	261,8	269,6	42,3	80,1
CANOLA	44,4	45,3	45,3	2,0	0,9
CENTEIO	1,7	1,6	1,5	(11,8)	(0,2)
CEVADA	102,4	94,8	93,2	(9,0)	(9,2)
TRIGO	2.448,8	2.119,7	2.143,0	(12,5)	(305,8)
TRITICALE	21,5	19,2	22,1	2,8	0,6
SUBTOTAL	2.808,3	2.542,4	2.574,7	(8,3)	(233,6)
BRASIL	57.930,5	58.174,4	58.146,2	0,4	215,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2016.



Grafico 1 – Área, produtividade , produção total de grãos (absoluto)

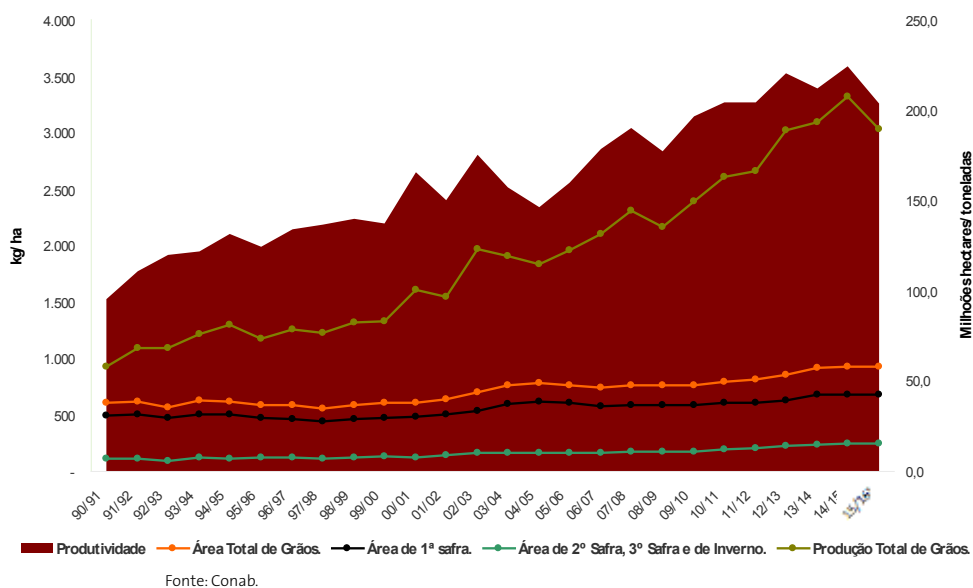


Grafico 2 – Brasil - Produção total por Unidade da Federação

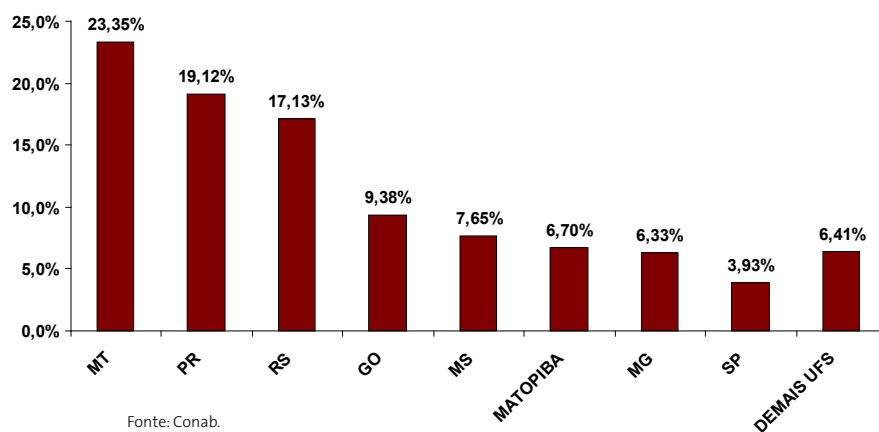
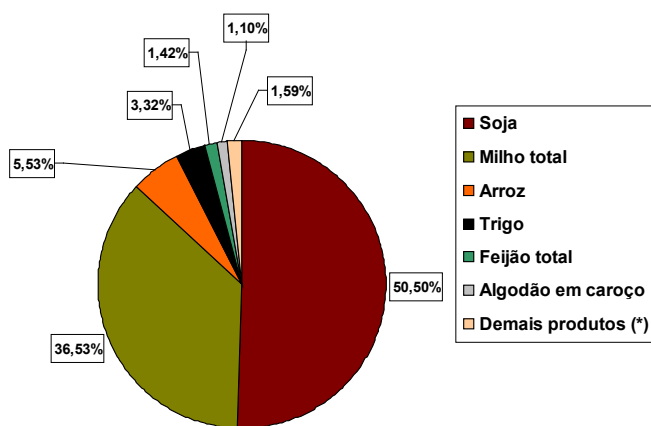


Grafico 3 – Brasil - Percentagem da produção total por produto





4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Nas culturas que se encontram em desenvolvimento/colheita são levadas em consideração as informações de produtividades apuradas nos trabalhos de campo, no monitoramento agrometeorológico e espectral. Esses métodos fazem parte da busca constante de melhoria na qualidade das informações da safra agrícola, uma vez que o resultado auxilia na redução de riscos e no aumento do grau de confiança das informações divulgadas. Para este levantamento a estimativa é de que a produtividade média nacional seja inferior à safra passada

Para as culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), espera-se recuperação das produtividades, haja vista as enormes perdas ocorridas na safra passada em função dos adventos climáticos durante todo o ciclo das culturas invernais.

A produtividade do feijão terceira safra, tendo em vista estar muito no início deste ciclo, é esperado queda de 8,1%, podendo ser diminuída no decorrer do ciclo da cultura.

A redução da produtividade do milho segunda safra é explicada pela forte ação climática ocorrida durante o ciclo desta cultura, fortemente afetada pela estiagem que, neste ano, iniciou-se em abril, antecipando o período seco e prejudicando sobremaneira a cultura.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	JUN/2016 (c)	JUL/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ¹	2.406	2.212	2.177	(9,5)	(229,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.601	1.472	1.449	(9,5)	(152,0)
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.380	3.386	6,4	203,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.517	3.524	7,9	256,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.403	2.403	(1,5)	(37,8)
ARROZ	5.419	5.388	5.299	(2,2)	(119,7)
FEIJÃO TOTAL	1.056	997	955	(9,6)	(101,3)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.073	1.069	(0,5)	(5,0)
FEIJÃO 2ª SAFRA	932	782	772	(17,1)	(159,4)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.272	1.311	1.202	(5,5)	(70,3)
GIRASSOL	1.374	1.503	1.434	4,4	60,2
MAMONA	573	533	522	(8,8)	(50,5)
MILHO TOTAL	5.396	4.841	4.389	(18,7)	(1.007,0)
MILHO 1ª SAFRA	4.898	4.797	4.795	(2,1)	(102,2)
MILHO 2ª SAFRA	5.716	4.864	4.174	(27,0)	(1.541,8)
SOJA	2.998	2.882	2.876	(4,1)	(122,1)
SORGO	2.844	2.372	2.318	(18,5)	(525,9)
SUBTOTAL	3.655	3.407	3.273	(10,5)	(382,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	JUN/2016 (c)	JUL/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	1.853	2.506	2.544	37,3	691,0
CANOLA	1.236	1.530	1.528	23,6	292,0
CENTEIO	1.706	2.063	2.600	52,4	894,0
CEVADA	2.568	3.291	3.262	27,0	694,0
TRIGO	2.260	2.775	2.933	29,8	673,0
TRITICALE	2.647	2.719	2.747	3,8	100,0
SUBTOTAL	2.230	2.744	2.877	29,0	647,0
BRASIL ⁽²⁾	3.586	3.378	3.255	(9,2)	(322,0)

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2016.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (189,3 MILHÕES DE TONELADAS)

A estimativa para a produção brasileira de grãos é de que alcance 189,3 milhões de toneladas na safra 2015/16. Esse decréscimo equivale a 8,9% ou 18,5 milhões de toneladas em relação à safra 2014/15, que foi de 207,7 milhões de toneladas (Tabela 2).

As culturas de milho de primeira e segunda safras apresentaram as maiores reduções absolutas. O milho primeira safra com menos 3,99 milhões de toneladas e o milho da segunda safra com retração de 11,5 milhões de toneladas.

Para as demais culturas, exceção das culturas de inverno e amendoim, a estimativa também é de queda na produção, impulsionada pela redução na área de plantio e, principalmente, das adversidades climáticas, como estiagens prolongadas, e às altas temperaturas durante o ciclo das culturas.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	JUN/2016 (c)	JUL/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ¹	2.348,6	2.119,9	2.086,4	(11,2)	(262,2)
ALGODÃO - PLUMA	1.562,8	1.411,1	1.389,0	(11,1)	(173,8)
AMENDOIM TOTAL	346,8	410,1	410,2	18,3	63,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	388,7	388,8	21,8	69,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	21,4	21,4	(22,2)	(6,1)
ARROZ	12.436,1	10.657,4	10.471,8	(15,8)	(1.964,3)
FEIJÃO TOTAL	3.209,9	2.925,7	2.696,7	(16,0)	(513,2)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,6	1.030,0	1.030,8	(8,9)	(100,8)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.126,0	1.022,5	991,3	(19,3)	(236,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	852,5	873,3	674,9	(20,6)	(175,2)
GIRASSOL	153,2	61,8	68,3	(55,4)	(84,9)
MAMONA	47,0	34,8	34,2	(27,2)	(12,8)
MILHO TOTAL	84.672,4	76.223,0	69.141,4	(18,3)	(15.531,0)
MILHO 1ª SAFRA	30.082,0	26.227,3	26.087,8	(13,3)	(3.994,2)
MILHO 2ª SAFRA	54.590,5	49.995,5	43.053,6	(21,1)	(11.536,9)
SOJA	96.228,0	95.630,9	95.306,1	(1,0)	(921,9)
SORGO	2.055,3	1.447,4	1.378,7	(32,9)	(676,6)
SUBTOTAL	201.397,6	189.510,9	181.862,4	(9,7)	(19.635,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2015	2016		Percentual	Absoluta
	(a)	JUN/2016 (c)	JUL/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	351,2	656,2	685,9	95,3	334,7
CANOLA	54,9	69,3	69,2	26,0	14,3
CENTEIO	2,9	3,3	3,9	34,5	1,0
CEVADA	263,0	312,0	304,0	15,6	41,0
TRIGO	5.534,9	5.882,2	6.284,7	13,5	749,8
TRITICALE	56,9	52,2	60,7	6,7	3,8
SUBTOTAL	6.263,8	6.975,2	7.408,4	18,3	1.144,6
BRASIL ²	207.661,4	196.486,1	189.270,8	(8,9)	(18.490,4)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2016.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.489,8	2.521,3	1,3	3.206	2.762	(13,8)	7.982,2	6.964,1	(12,8)
RR	44,7	39,9	(10,7)	3.562	3.895	9,3	159,2	155,4	(2,4)
RO	463,3	473,5	2,2	3.297	3.330	1,0	1.527,6	1.576,6	3,2
AC	55,5	52,4	(5,6)	1.959	2.065	5,4	108,7	108,2	(0,5)
AM	24,4	11,4	(53,3)	2.180	1.912	(12,3)	53,2	21,8	(59,0)
AP	5,0	4,6	(8,0)	880	891	1,3	4,4	4,1	(6,8)
PA	648,9	720,6	11,0	2.946	2.999	1,8	1.911,4	2.160,8	13,0
TO	1.248,0	1.218,9	(2,3)	3.380	2.410	(28,7)	4.217,7	2.937,2	(30,4)
NORDESTE	8.120,7	7.497,1	(7,7)	2.043	1.464	(28,3)	16.589,3	10.974,1	(33,8)
MA	1.728,7	1.418,2	(18,0)	2.392	1.764	(26,2)	4.135,1	2.502,1	(39,5)
PI	1.410,6	1.361,9	(3,5)	2.222	1.100	(50,5)	3.134,0	1.498,7	(52,2)
CE	907,7	847,2	(6,7)	286	355	24,3	259,2	301,1	16,2
RN	59,3	66,7	12,5	287	348	21,2	17,0	23,2	36,5
PB	122,9	171,2	39,3	247	404	63,6	30,3	69,2	128,4
PE	460,1	417,1	(9,3)	318	235	(26,0)	146,2	98,1	(32,9)
AL	79,9	71,1	(11,0)	877	880	0,4	70,1	62,6	(10,7)
SE	214,8	216,9	1,0	3.383	3.125	(7,6)	726,6	677,8	(6,7)
BA	3.136,7	2.926,8	(6,7)	2.573	1.962	(23,8)	8.070,8	5.741,3	(28,9)
CENTRO-OESTE	22.873,4	23.350,3	2,1	3.857	3.299	(14,5)	88.220,8	77.040,8	(12,7)
MT	13.586,9	13.772,8	1,4	3.807	3.209	(15,7)	51.718,8	44.193,4	(14,6)
MS	4.043,7	4.208,6	4,1	4.150	3.440	(17,1)	16.782,5	14.476,9	(13,7)
GO	5.100,4	5.213,2	2,2	3.719	3.407	(8,4)	18.966,0	17.759,8	(6,4)
DF	142,4	155,7	9,3	5.291	3.922	(25,9)	753,5	610,7	(19,0)
SUDESTE	5.105,3	5.268,9	3,2	3.773	3.697	(2,0)	19.261,2	19.478,4	1,1
MG	3.227,1	3.261,2	1,1	3.659	3.672	0,4	11.808,8	11.975,0	1,4
ES	32,5	24,1	(25,8)	1.185	2.129	79,6	38,5	51,3	33,2
RJ	4,8	3,9	(18,8)	1.854	2.026	9,3	8,9	7,9	(11,2)
SP	1.840,9	1.979,7	7,5	4.022	3.760	(6,5)	7.405,0	7.444,2	0,5
SUL	19.341,3	19.508,6	0,9	3.914	3.835	(2,0)	75.707,7	74.813,3	(1,2)
PR	9.585,7	9.723,7	1,4	3.929	3.722	(5,3)	37.659,1	36.196,3	(3,9)
SC	1.300,8	1.275,8	(1,9)	4.942	4.856	(1,7)	6.428,1	6.195,4	(3,6)
RS	8.454,8	8.509,1	0,6	3.740	3.810	1,9	31.620,5	32.421,6	2,5
NORTE/NORDESTE	10.610,5	10.018,4	(5,6)	2.316	1.791	(22,7)	24.571,5	17.938,2	(27,0)
CENTRO-SUL	47.320,0	48.127,8	1,7	3.871	3.560	(8,0)	183.189,7	171.332,5	(6,5)
BRASIL	57.930,5	58.146,2	0,4	3.586	3.255	(9,2)	207.761,2	189.270,7	(8,9)

Legenda: Legenda: (*) Carroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho 2016.



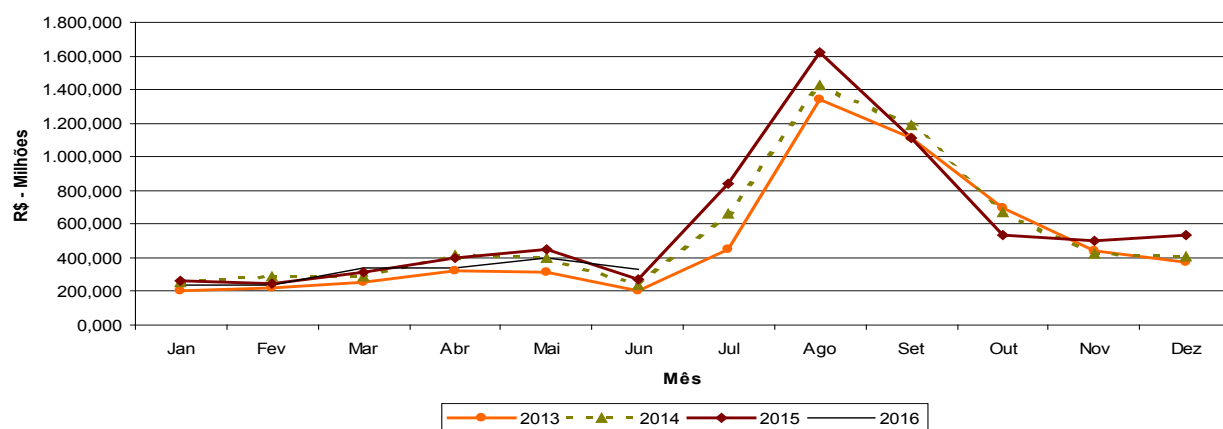


6. CRÉDITO RURAL

A Conab utiliza as informações do crédito rural obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 03/06/16, como parte do processo de avaliação do plantio da safra 15/16. No presente texto, será objeto de análise os anos de 2013 a 2016 (até Junho), para os produtos algodão, arroz, feijão, milho, soja e trigo.

A análise utiliza informações dos financiamentos de custeio do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico. É importante registrar que o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além da disponibilidade bancária.

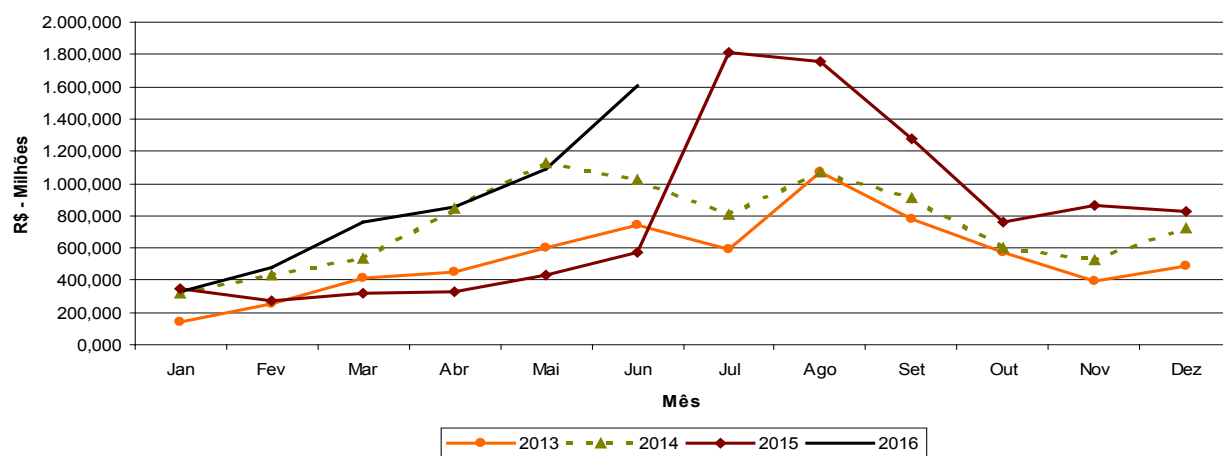
Gráfico 4 – Financiamento Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

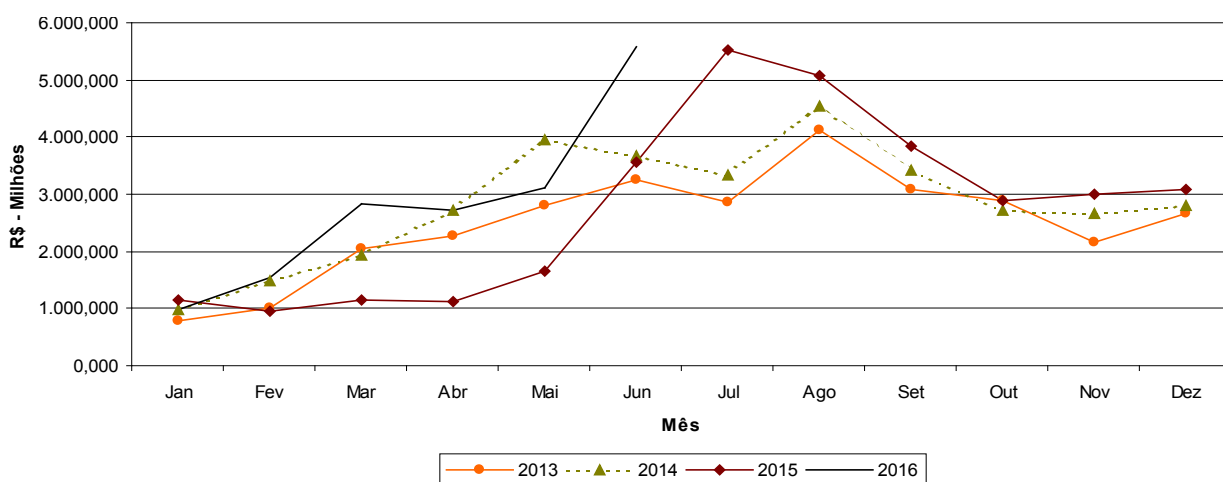
Gráfico 5 – Financiamento Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a julho/2016.

Gráfico 6 – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.



Os recursos disponibilizados pelo Pronaf entre Janeiro e Junho de 2016 (Figura 1) indicam comportamento do crédito semelhante aos anos anteriores. No caso do crédito das linhas do Pronamp (Figura 2) e do financiamento sem vínculo a programa específico (Figura 3), observa-se que o volume de recursos é superior

aos anos de 2013, 2014 e 2015. O comportamento do crédito retoma o procedimento natural, pois em 2015 houve atrasos na sua disponibilidade ao público-alvo.

As análises seguintes serão particularizadas por produto.

6.1. ARROZ

A Tabela 1 e as Figuras 4 a 7 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento exclusivamente

para o produto arroz.

Tabela 5 - Arroz - Tipo de financiamento

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774	160,837
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930	455,695
Sem Vinc. Espec.	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716	1.151,842
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778	171,399
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,098	557,347
Sem Vinc. Espec.	6,086	16,419	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306	1.357,460
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	36,829	37,890	26,089	26,982	19,486	163,122
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	115,686	175,579	120,663	61,099	41,620	30,567	578,567
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	299,005	342,435	216,506	147,112	112,377	87,060	1.361,318
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,029	1,587	0,294	0,176	0,405	0,894							7,385
Pronamp	3,371	6,985	20,970	30,528	39,730	109,444							211,028
Sem Vinc. Espec.	12,147	30,121	73,082	88,481	93,317	214,308							511,455
Total Global	19,548	38,693	94,345	119,185	133,452	324,646							729,868

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

Gráfico 7 – Arroz – Total de financiamento

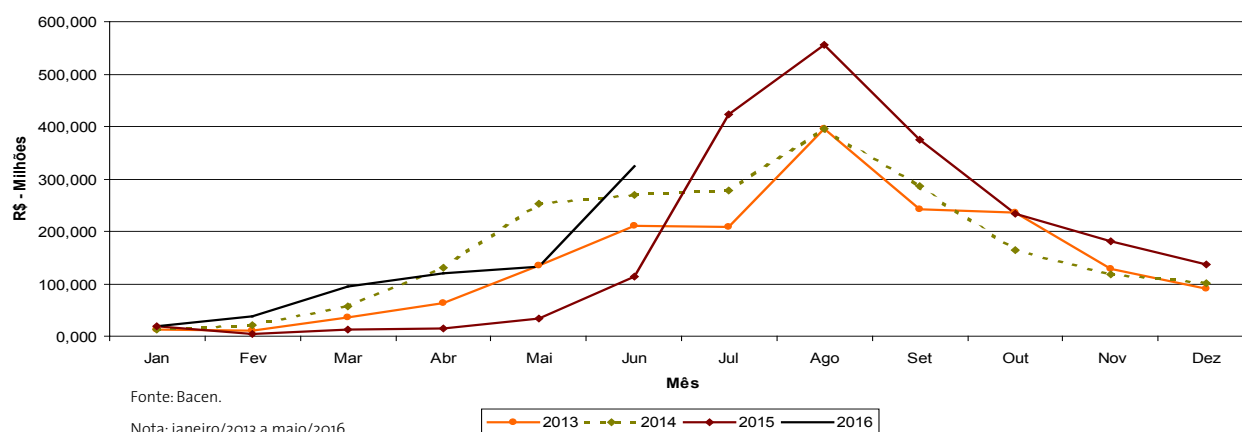
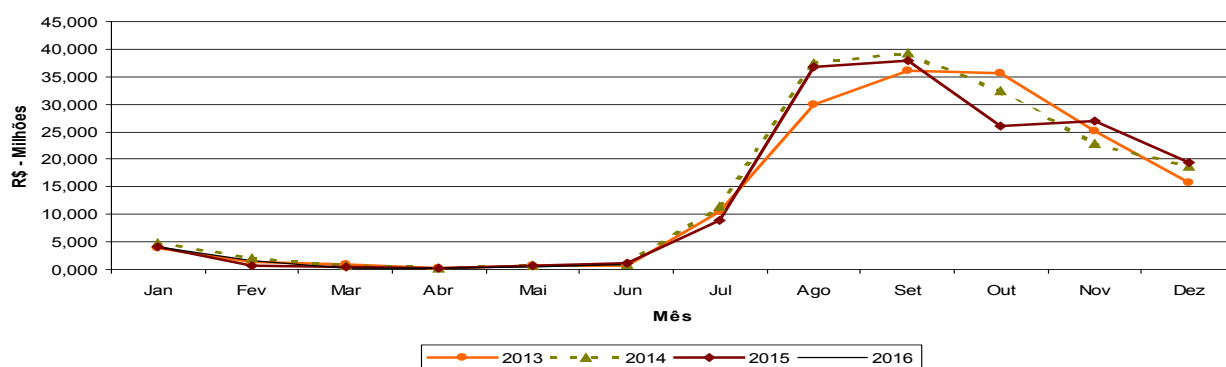


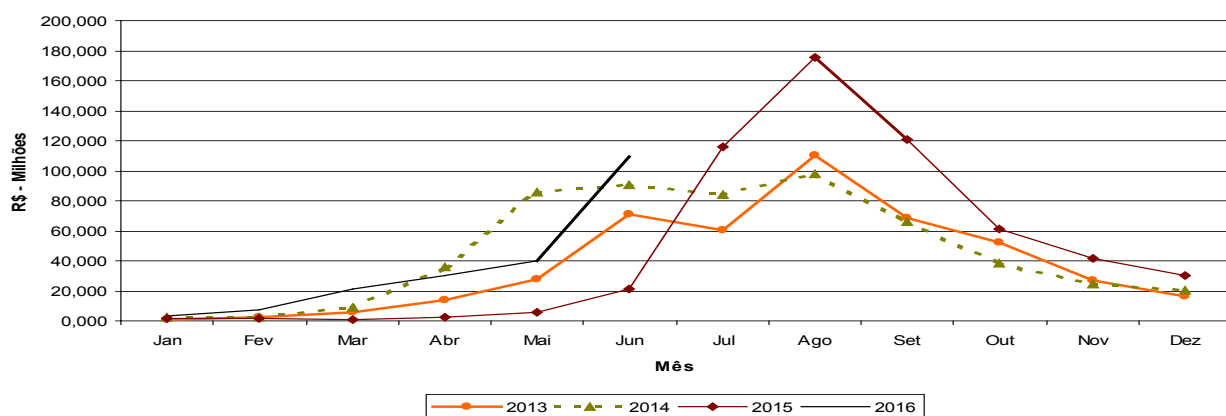
Gráfico 8 – Arroz – Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

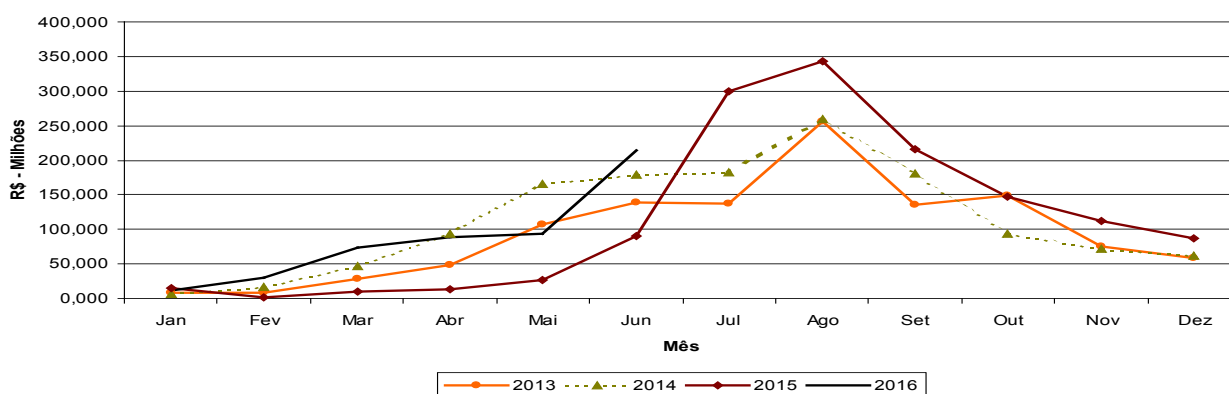
Gráfico 9 – Arroz – Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

Gráfico 10 – Arroz - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

Sob a ótica do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico, percebe-se que o comportamento da utilização do crédito nos meses de Janeiro a Junho de 2016 é superior aos dos anos de 2013, 2014 e 2015. Na linha do Pronaf o comportamento é o semelhante a 2013, 2014 e 2015. A situação pode ser explicada pela procura de recursos para o custeio da próxima

safra e pelo uso de recursos para o plantio de acordo com o calendário agrícola.

A Tabela 2 apresenta os valores de crédito disponibilizados por região brasileira, exclusivamente para o produto arroz, e as Figuras 8 a 12 representam tal distribuição.



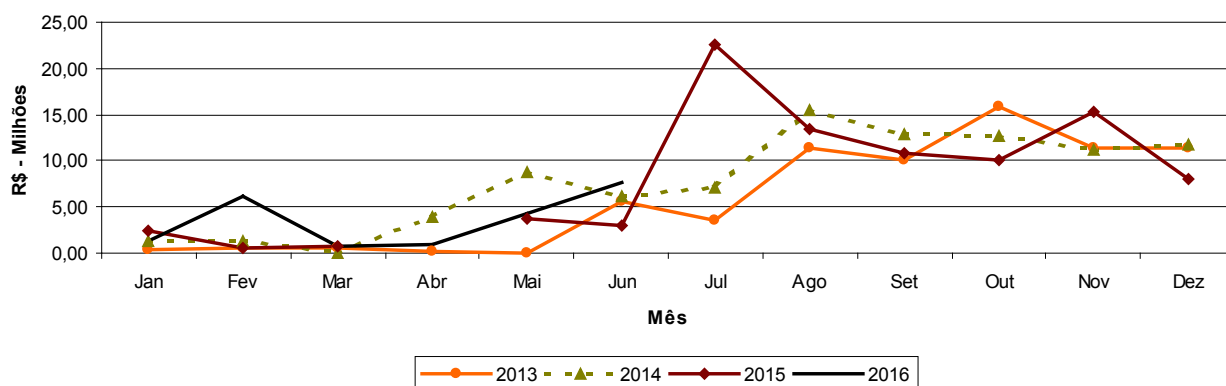
Tabela 6 – Arroz – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666	49,346
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088	35,410
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330	70,746
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440	5,330
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897	1.607,542
Total Global	12,575	11,542	35,226	62,919	134,829	211,324	208,192	395,786	241,399	236,618	127,544	90,420	1.768,374
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957	59,280
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703	34,998
NORTE	1,371	1,304	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797	92,852
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688	6,104
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037	1.892,973
Total Global	12,967	20,831	56,904	129,479	252,431	270,095	278,248	395,467	285,586	165,164	118,852	100,182	2.086,206
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749	4,324	3,461	3,702	35,427
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,792	2,993	2,259	4,650	21,510
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,765	9,997	15,307	7,975	90,487
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680	0,425	0,534	0,930	6,244
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,534	531,817	356,073	216,561	159,417	119,855	1.949,339
Total Global	19,895	3,314	12,367	15,599	33,228	112,758	423,552	554,843	375,059	234,300	180,979	137,113	2.103,007
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	2,172	0,613	2,002	5,571	2,565	5,264							18,187
NORDESTE	2,763	1,274	0,936	0,223	0,240	1,294							6,728
NORTE	1,292	6,190	0,781	0,865	4,336	7,656							21,119
SUDESTE	0,036	0,012	0,100	0,130	0,000	1,064							1,342
SUL	13,284	30,605	90,527	112,396	126,311	309,368							682,491
Total Global	19,548	38,693	94,345	119,185	133,452	324,646							729,868

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

Gráfico 11 – Arroz – Norte - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.



Gráfico 12 – Arroz – Nordeste - Crédito

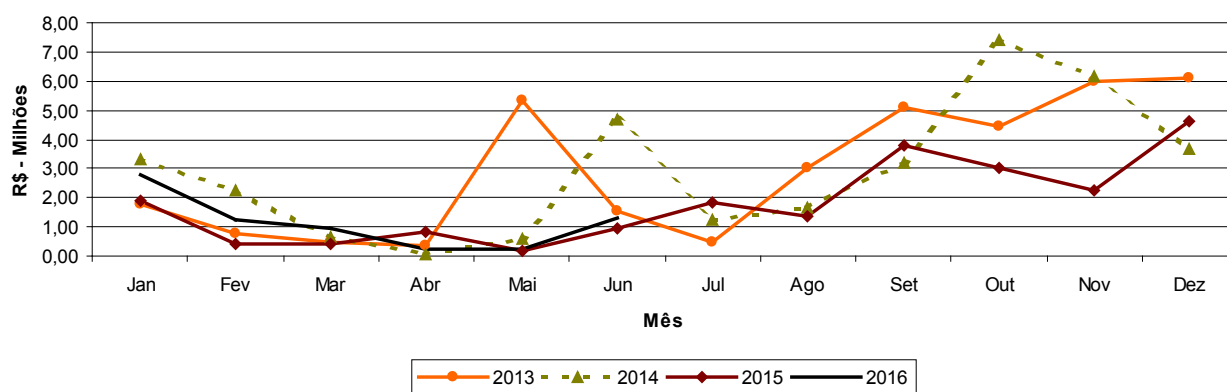


Gráfico 13 – Arroz – Centro-Oeste - Crédito

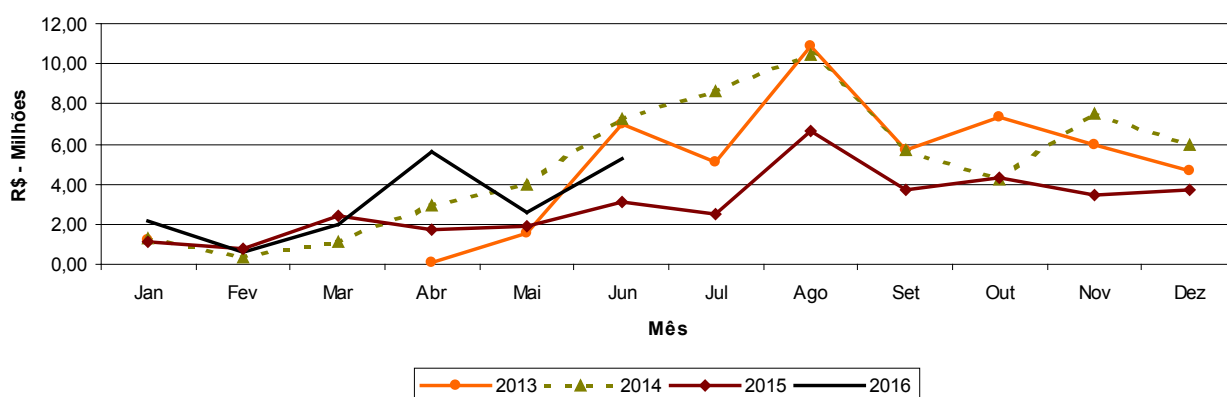


Gráfico 14 – Arroz – Sul - Crédito

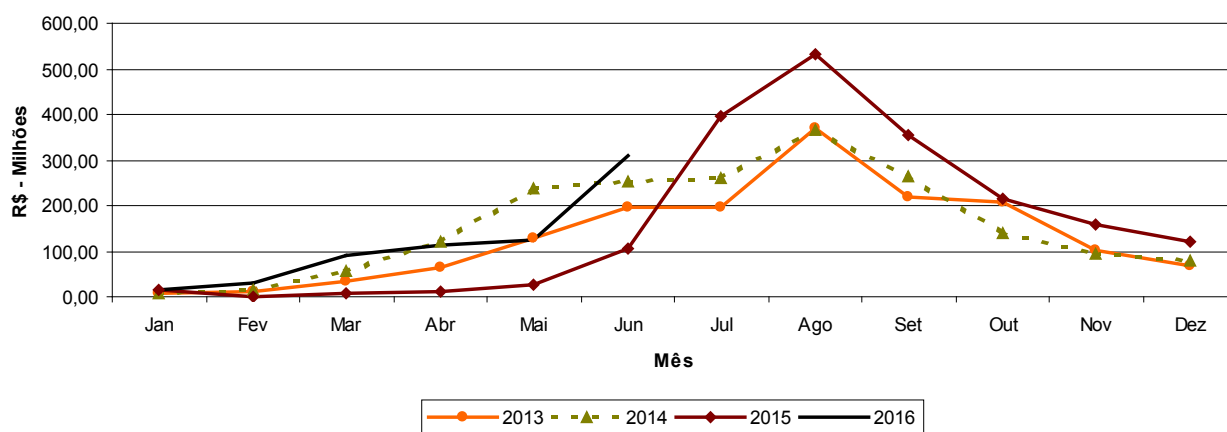
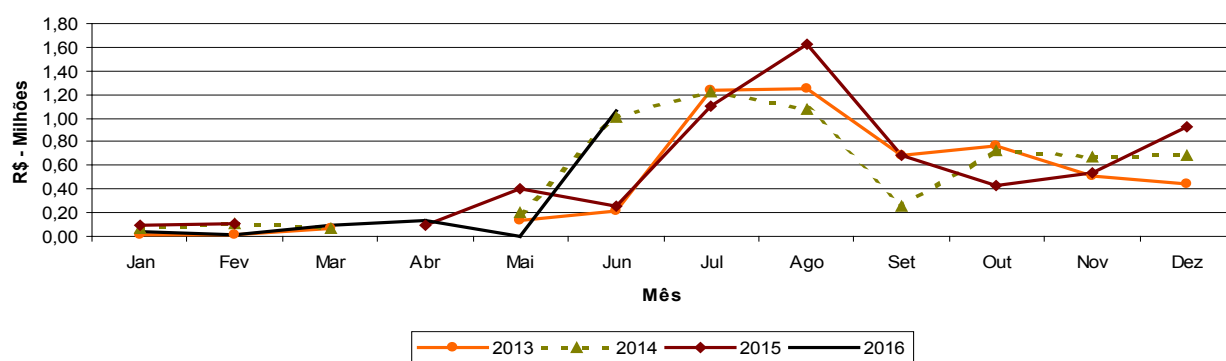


Gráfico 15 – Arroz – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

O aumento da utilização de recursos na Região Sul pode ser explicado pela obtenção de recursos para a próxima safra. Na Região Norte, o atraso no plantio, em razão das condições climáticas, pode indicar os investimentos irregulares no período. Para as demais

regiões têm-se observado que o uso do arroz para abertura de área de produção tem se reduzido. Outro fato que se observa é o menor investimento do produtor, em algumas regiões, no plantio do arroz em razão, principalmente, pela opção por culturas mais rentáveis e por problemas climáticos.

6.2. MILHO

A Tabela 3 apresenta os valores de crédito, por tipo de financiamento, para o milho; e as Figuras 13 a 16 re-

presentam a distribuição dos valores aportados pelos diferentes tipos de financiamento, respectivamente.

Tabela 7 – Milho -Tipo de financiamento - Crédito

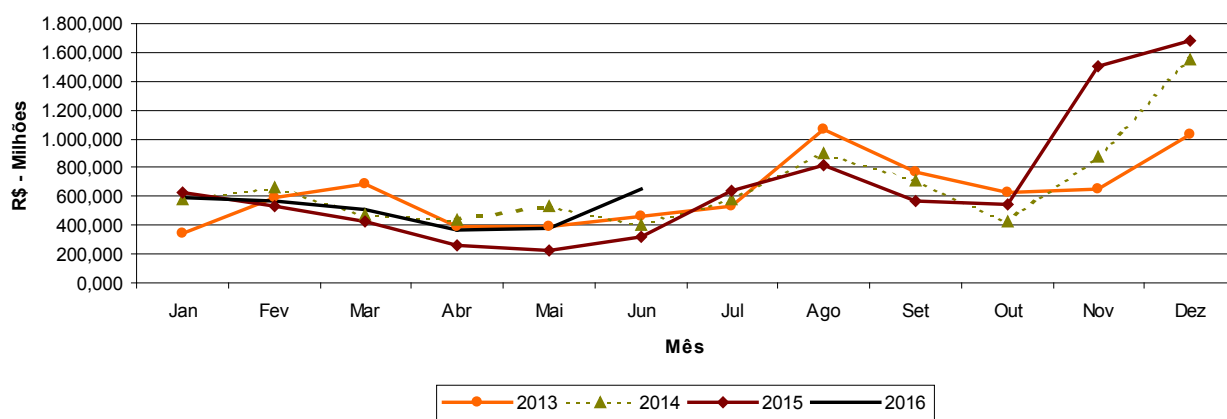
2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	94,760	110,298	64,880	29,523	27,278	7,913	129,519	476,370	367,170	192,774	93,979	99,481	1.693,944
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,512	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772	1.244,952
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385	4.604,946
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491	1.637,981
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482	1.528,743
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,703	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,291	218,811	645,995	1.088,766	4.976,346
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,871	371,603	250,393	116,373	150,369	207,368	1.625,211
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,682	121,807	80,518	73,141	347,327	374,234	1.590,029
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	363,813	327,073	239,967	354,121	1.006,974	1.104,415	4.929,028
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	105,102	94,447	75,964	44,090	37,095	22,491							320,379
Pronamp	140,320	163,391	119,268	83,247	85,527	131,592							506,226
Sem Vinc. Espec.	342,664	314,096	319,889	238,405	262,242	497,498							1.216,968
Total Global	588,086	571,934	515,121	365,741	384,864	651,581							2.043,573

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.



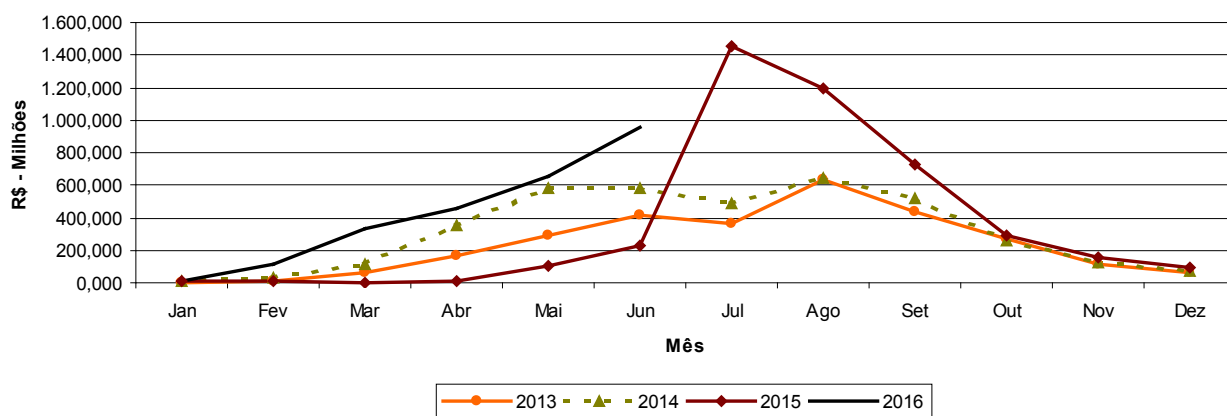
Gráfico 16 – Milho– Total de investimento



Fonte: Bacen.

Nota: Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

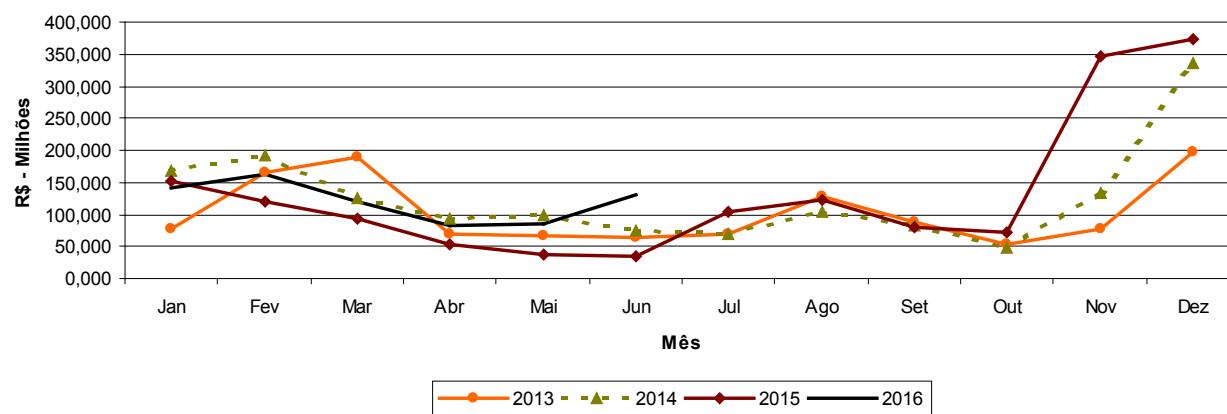
Gráfico 17 – Milho - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

Gráfico 18 – Milho - Pronamp - Crédito

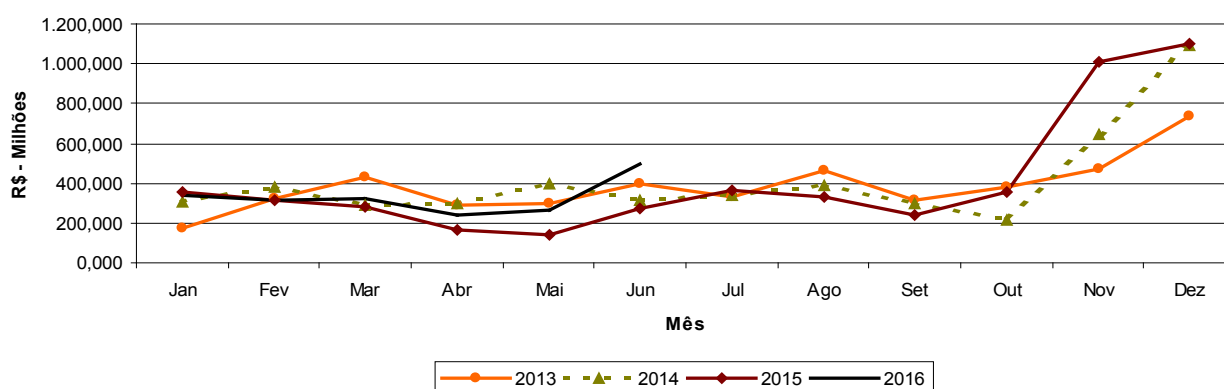


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.



Gráfico 19 – Milho - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

Observa-se que o crédito disponibilizado em 2016 tem semelhança com os anos anteriores, com leve tendência de crescimento para o ano supracitado. O movimento observado é compatível com o período de plantio da segunda safra e nas Regiões Norte e Nor-

deste. Outro indicativo é a possibilidade da procura de recursos para o custeio da próxima safra.

A Tabela 4 e as Figuras 17 a 21 apresentam os valores de crédito disponibilizados para cada região brasileira.

Tabela 8 – Milho – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925	2.192,395
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658	608,955
NORTE	6,039	3,258	1,915	2,266	7,102	3,067	8,543	7,380	9,167	8,780	13,617	11,465	82,598
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534	1.306,135
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055	3.353,759
Total Global	348,791	597,163	685,505	385,703	390,426	466,576	528,021	1.065,464	771,548	624,425	645,585	1.034,637	7.543,842
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397	2.555,928
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689	722,146
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411	87,735
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469	1.365,894
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774	3.411,367
Total Global	577,588	668,429	475,409	433,471	530,058	403,923	583,334	903,827	709,290	430,975	875,027	1.551,739	8.143,069
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	37,728	214,941	818,073	890,840	3.029,158
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,405	45,699	39,728	45,089	655,995
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,181	7,437	16,207	22,874	92,444
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,177	141,285	90,903	125,890	186,514	1.081,388
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,270	587,646	355,279	184,655	504,773	540,701	3.285,284
Total Global	623,124	531,047	428,450	261,417	219,559	320,623	634,365	820,483	570,878	543,636	1.504,670	1.686,018	8.144,269
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	295,349	225,408	173,599	115,370	85,364	100,140							995,231
NORDESTE	11,352	15,222	70,307	92,190	121,692	183,415							494,177
NORTE	12,369	11,689	13,784	3,126	5,475	4,553							50,995
SUDESTE	71,467	70,702	78,929	43,748	48,336	184,193							497,374
SUL	197,550	248,914	178,501	111,308	123,997	177,283							1.037,553
Total Global	588,086	571,934	515,121	365,741	384,864	651,581							3.077,327

Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.



Gráfico 20 – Milho – Norte - Crédito

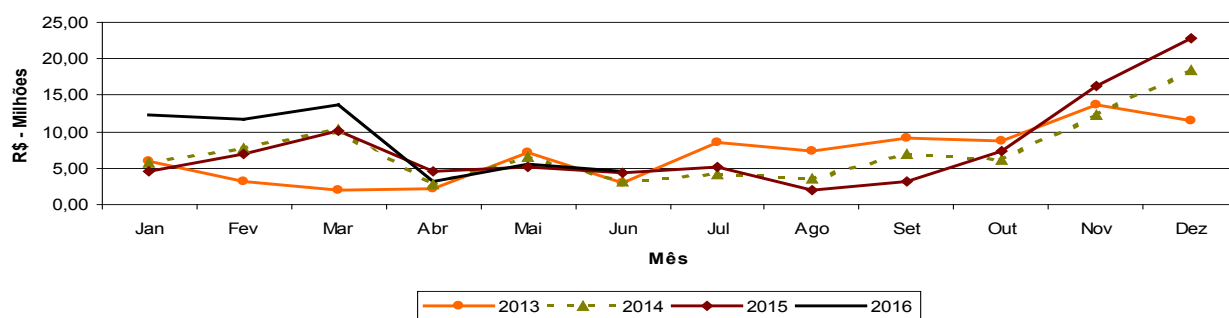


Gráfico 21 – Milho – Nordeste - Crédito

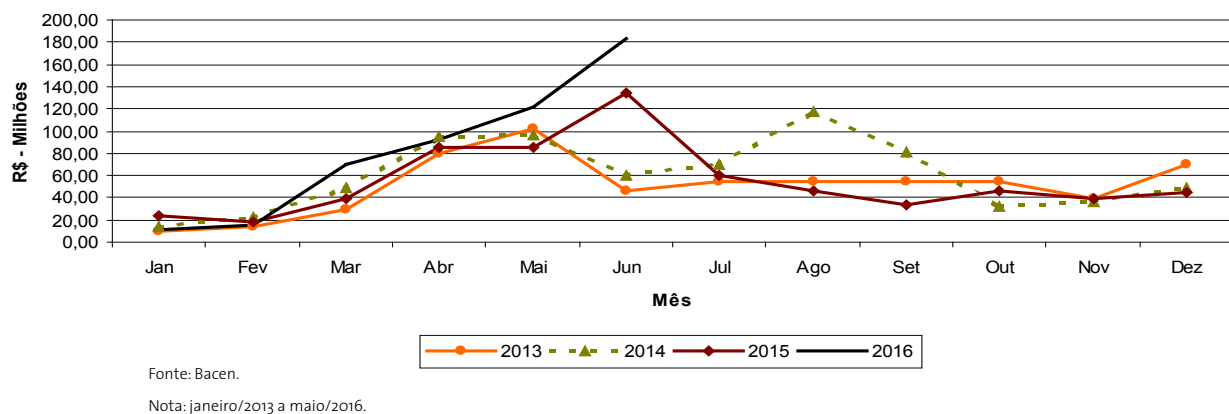


Gráfico 22 – Milho – Centro-Oeste - Crédito

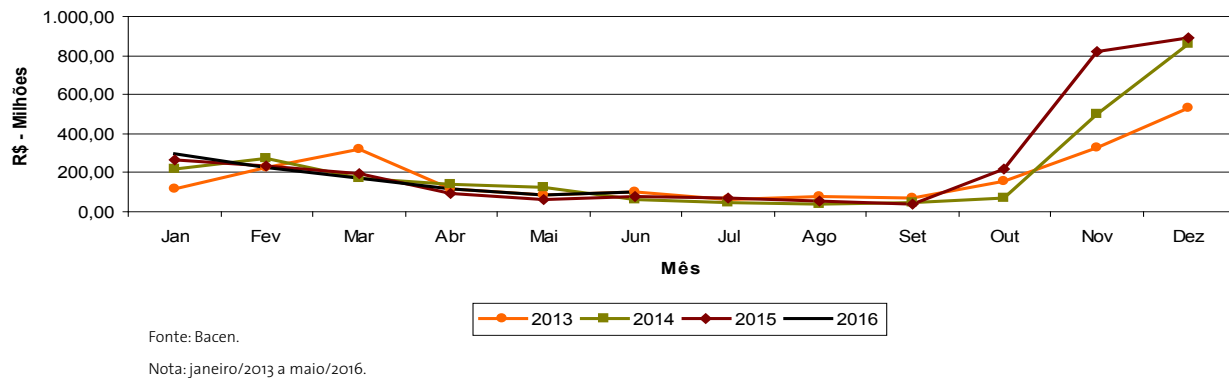


Gráfico 23 – Milho – Sul - Crédito

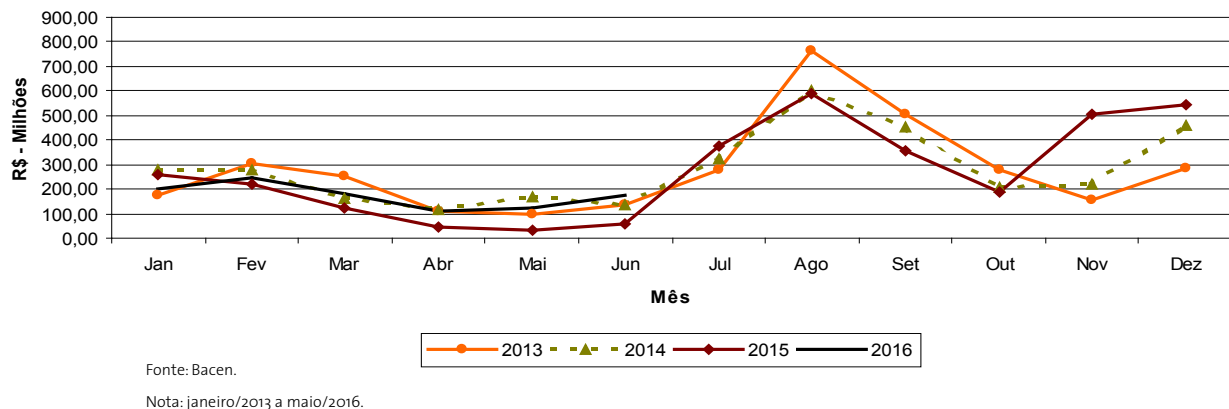
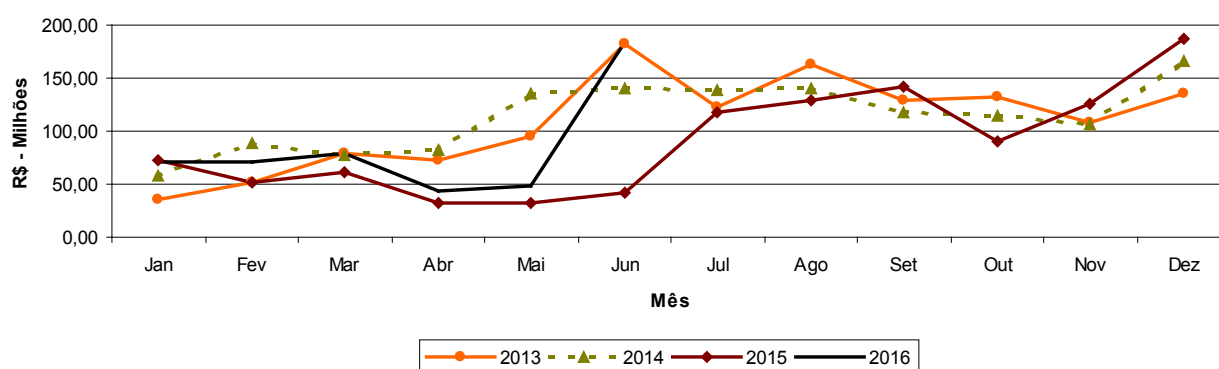


Gráfico 24 – Milho – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

As informações são compatíveis com o calendário de plantio do milho em todas as regiões do país. Na Região Norte e Nordeste, o uso dos recursos disponibilizados atende à demanda pelo plantio nas regiões, na forma do calendário agrícola. A tomada de decisão do produtor, dada a redução da produção de milho em

outras regiões; os reflexos da demanda na Região Nordeste e os preços do produto são fatores que ratificam a procura do crédito. No Sul, o Paraná tem investimentos na segunda safra de milho e nos demais estados e regiões pode-se inferir que os recursos são para custeio da próxima safra.

6.3. SOJA

A Tabela 5 e as Figuras 22 a 25 apresentam os valores de crédito, por tipos de financiamentos, exclusiva-

mente para o produto soja.

Tabela 9 – Soja - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,741	1.770,528
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234	2.827,493
Sem Vinc. Espec.	86,942	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,532	1.388,044	2.048,040	1.204,194	938,132	552,896	566,786	11.226,145
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087	2.182,912
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652	3.772,721
Sem Vinc. Espec.	116,339	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484	14.459,477
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,427	1.038,636	637,686	240,261	129,106	62,993	2.659,541
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.454,834	1.195,793	726,419	286,496	152,344	91,275	4.269,058
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.565,768	4.094,383	3.427,344	2.048,741	1.079,141	706,980	691,338	14.648,612
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	6,646	2,366	0,573	1,391	3,204	7,541							21,720
Pronamp	11,745	111,419	332,896	452,902	657,907	958,236							2.525,104
Sem Vinc. Espec.	127,606	653,454	1.498,528	1.627,274		3.341,123							9.084,202
Total Global	145,997	767,238	1.831,996	2.081,567		4.306,900							11.631,026

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.



Gráfico 25– Soja– Total de financiamento

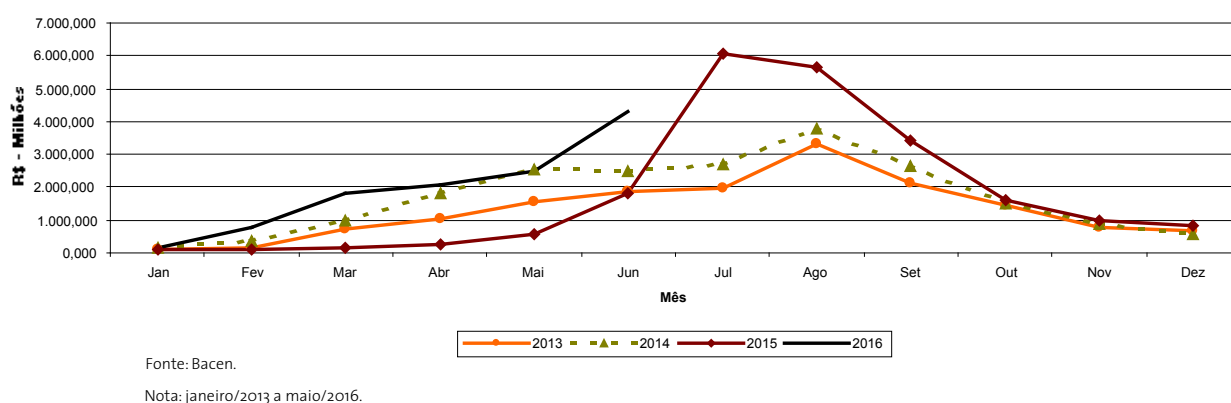


Gráfico 26 – Soja - Pronaf - Crédito

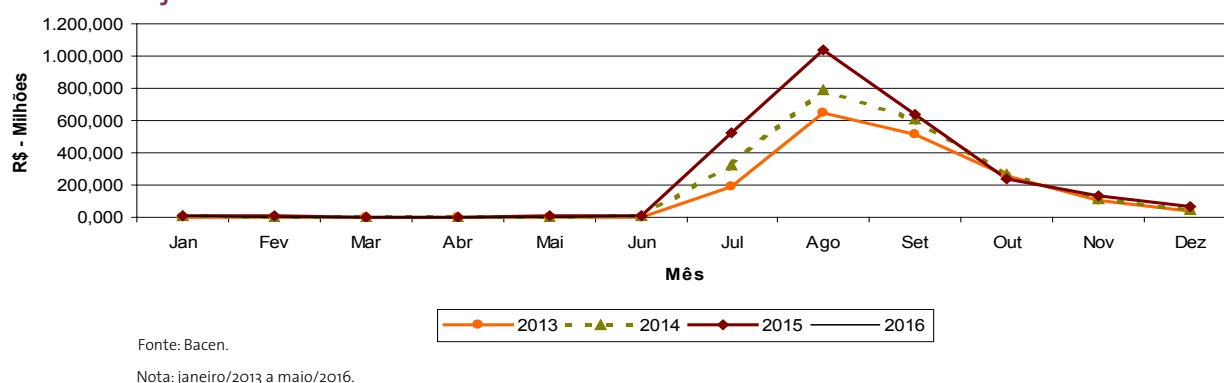


Gráfico 27 – Soja - Pronamp - Crédito

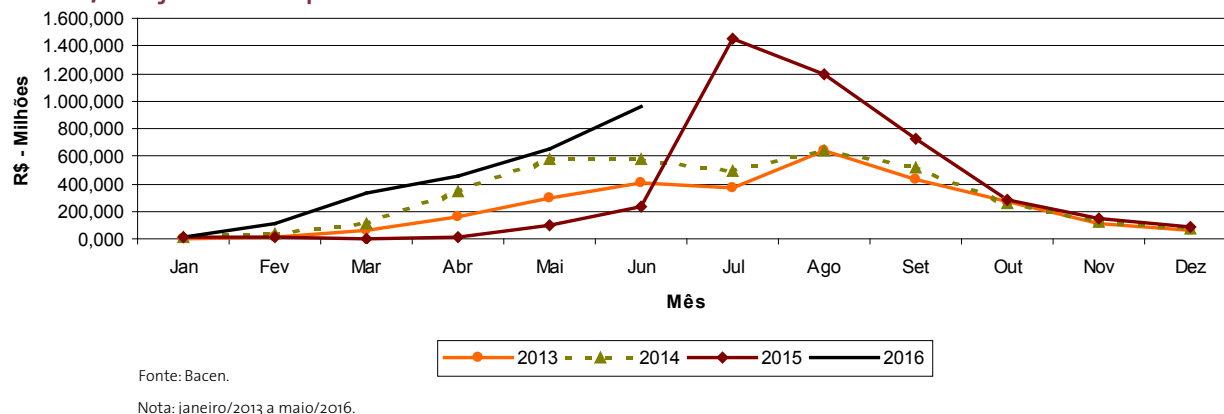
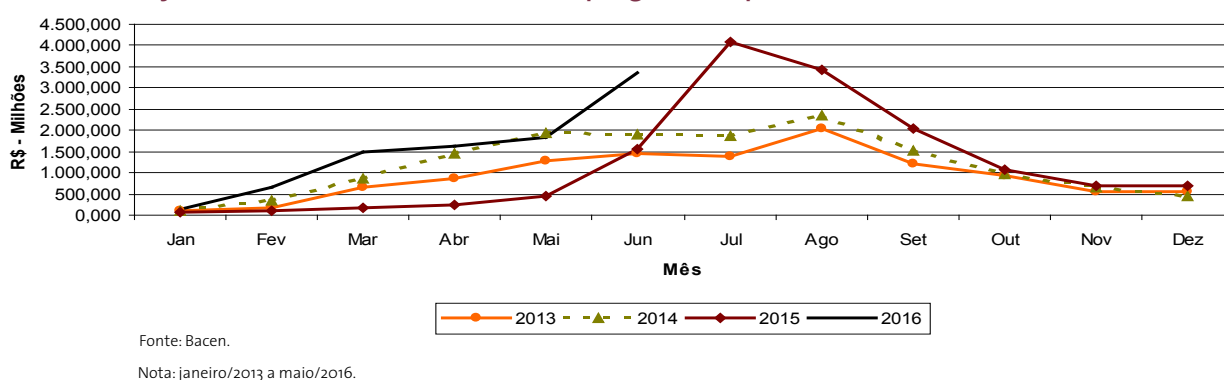


Gráfico 28 – Soja - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



A disponibilidade de crédito mostra-se superior a todos os anos sob análise, onde se destaca o uso dos recursos do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico. Essa situação tem relação com os investimentos na produção dessa oleaginosa, em

grande parte para o custeio da próxima safra.

A Tabela 10 e os gráficos de 26 a 30 apresentam para o produto soja os valores aportados nas diferentes regiões brasileiras.

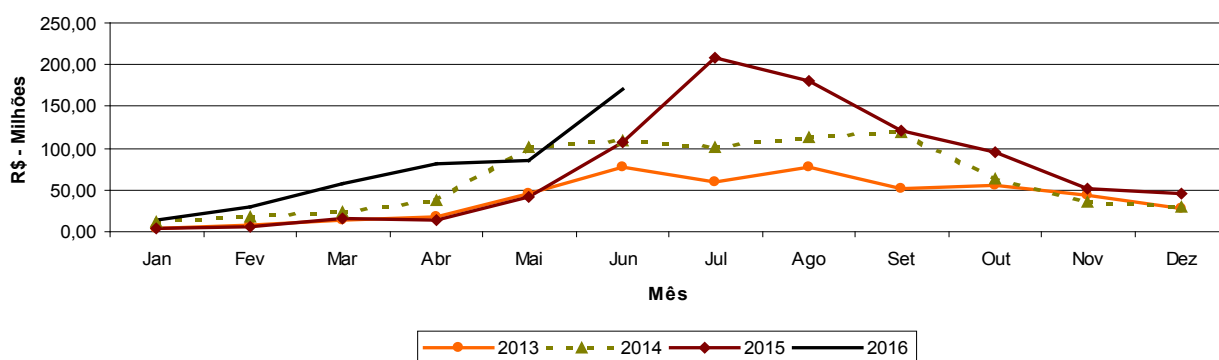
Tabela 10 – Soja – Região – Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490	6.240,585
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757	1.711,796
NORTE	3,849	8,610	13,671	17,962	45,696	76,984	60,380	77,688	51,742	55,856	42,905	27,868	483,209
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463	1.259,368
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184	6.129,208
Total Global	95,440	175,169	735,210	1.030,651	1.576,616	1.872,736	1.947,807	3.333,954	2.151,152	1.466,533	772,137	666,762	15.824,166
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272	8.201,402
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441	2.218,858
NORTE	11,681	16,982	24,083	37,368	101,423	108,503	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611	762,140
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277	1.691,010
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624	7.541,699
Total Global	130,248	376,230	979,298	1.803,387	2.521,574	2.489,467	2.695,225	3.804,347	2.658,318	1.513,221	875,573	568,224	20.415,110
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	708,331	2.542,649	1.787,416	1.056,975	509,224	365,716	300,088	7.857,188
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	441,807	393,683	486,355	310,622	213,012	121,071	227,928	2.361,494
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	208,843	179,841	120,828	94,343	50,618	45,446	888,792
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	118,105	451,691	409,387	361,239	188,116	129,697	99,134	1.833,642
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	428,947	2.474,777	2.798,774	1.563,182	601,202	321,328	173,010	8.636,095
Total Global	103,730	103,420	160,428	265,410	554,351	1.803,676	6.071,644	5.661,773	3.412,846	1.605,898	988,430	845,605	21.577,211
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	42,913	513,134	1.158,593	1.189,681		1.652,763							5.715,095
NORDESTE	62,263	44,046	96,596	152,590	262,609	855,280							1.473,384
NORTE	13,533	29,477	56,890	82,138	85,503	171,504							439,047
SUDESTE	13,192	27,854	82,266	123,987	151,612	504,456							903,367
SUL	14,096	152,727	437,651	533,171	839,594	1.083,351							3.060,590
Total Global	145,997	767,238	1.831,996	2.081,567		4.306,900							11.631,026

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

Gráfico 29 – Soja – Norte - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.



Gráfico 30 – Soja – Nordeste - Crédito

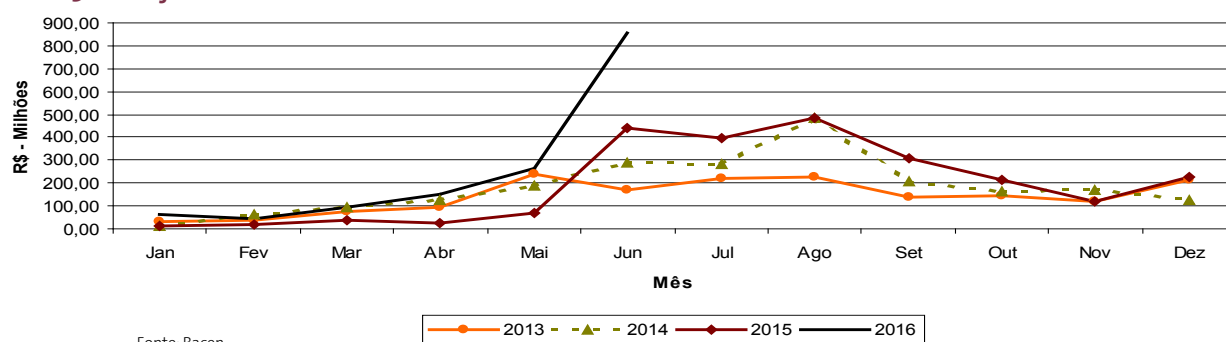


Gráfico 31 – Soja – Centro-Oeste - Crédito

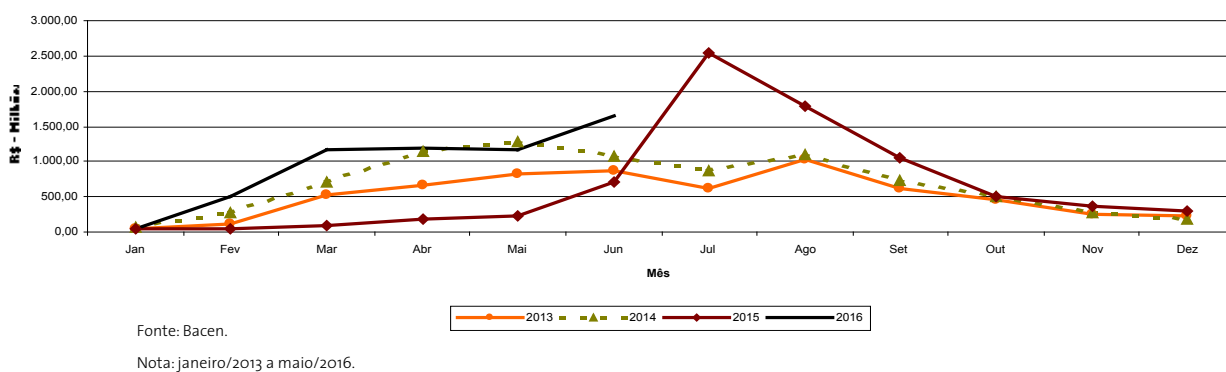


Gráfico 32 – Soja – Sul - Crédito

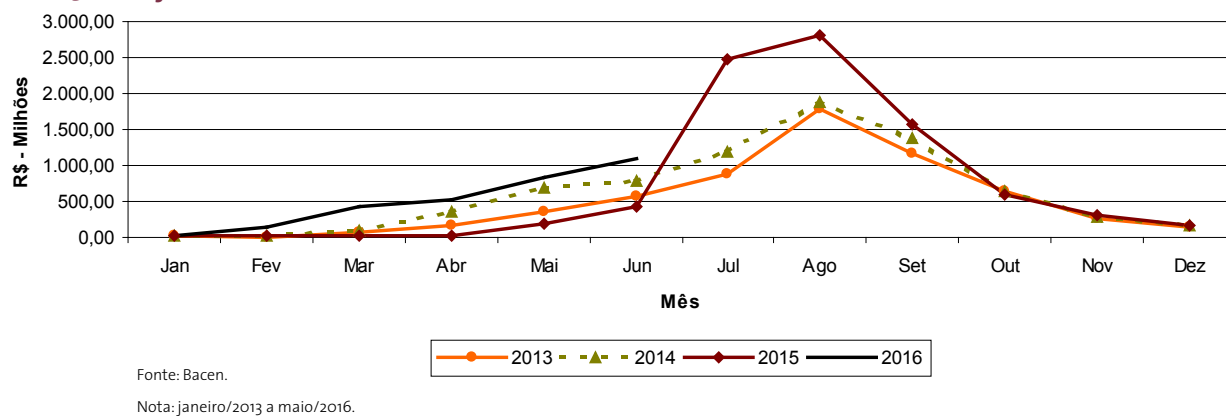
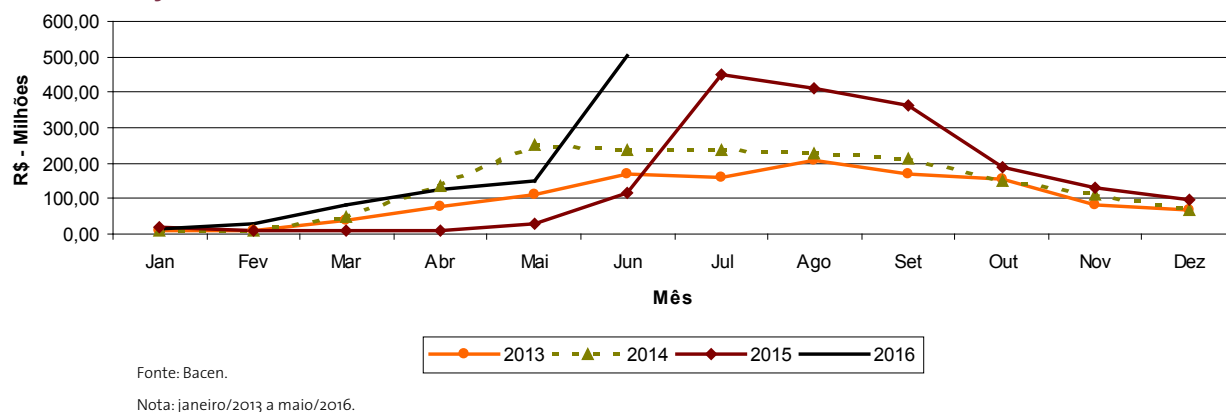


Gráfico 33 – Soja – Sudeste - Crédito



As informações destacadas na tabela e gráficos indicam a tendência observada nos últimos plantios nos quais a soja tem ocupado o espaço de diversas culturas no quadro de produção nacional. Além das in-

formações anteriores, o aumento do uso de recursos pode ter relação com a obtenção de crédito de custeio para a próxima safra.

6.4. ALGODÃO

A Tabela 7 e as figuras 31 e 32 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento.

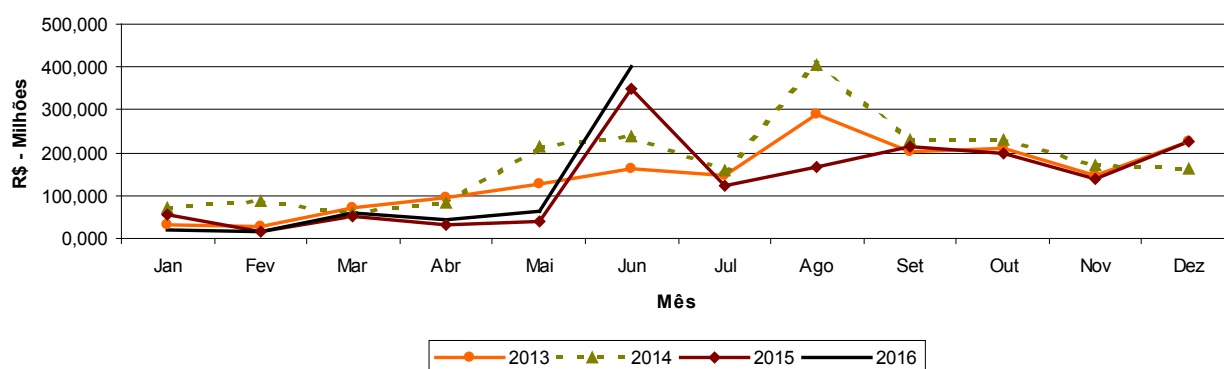
Tabela 11 – Algodão - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005	0,039
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,162	2,695
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588	1.739,270
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755	1.742,004
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf									0,009				0,009
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236			2,429
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617	2.104,524
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617	2.106,961
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf									1,113	174,549	244,101	187,791	607,554
Pronamp								1,643	0,283	0,103	0,100	0,375	2,505
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	164,627	212,972	198,344	139,209	225,294	1.611,209
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669	1.613,714
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf													0,000
Pronamp			0,400	0,441									0,841
Sem Vinc. Espec.	20,386	16,486	60,087	42,859	64,356	402,703							606,877
Total Global	20,386	16,486	60,487	43,300	64,356	402,703							607,718

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

Gráfico 34 – Algodão – Total de financiamento

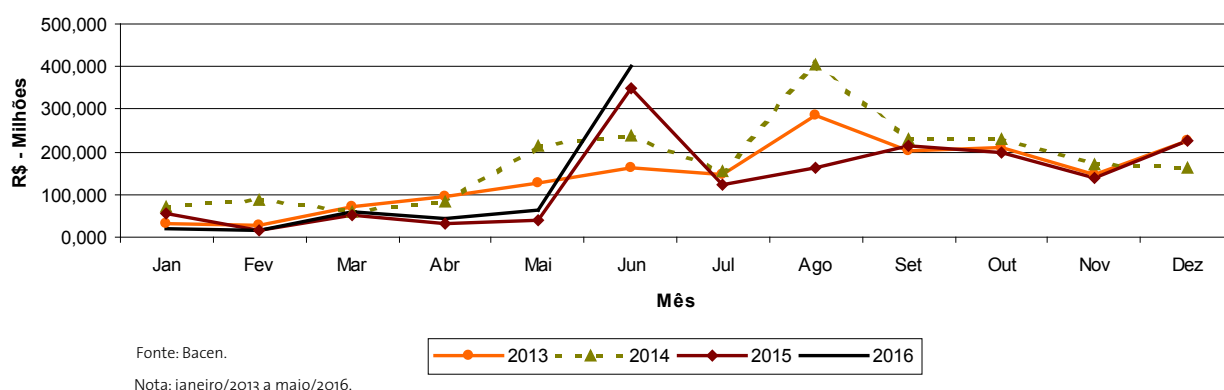


Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.



Gráfico 35 – Algodão - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Observa-se que os aportes financeiros para a lavoura de algodão tem como destaque o tipo de financiamento sem vínculo específico com programa. Nos meses de Março e Abril existem registros de financiamento da cultura com recursos do Pronamp. É importante registrar que o plantio de algodão exige investimentos

de alta tecnologia e os recursos disponibilizados são compatíveis com o calendário agrícola.

A Tabela 8 e as Figuras 33 e 34 representam os valores de crédito disponibilizado por região brasileira.

Tabela 12 – Algodão - Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663	827,117
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812	855,769
NORTE								0,200	0,472		3,335		4,007
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280	55,110
SUL													
Total Global	33,200	29,051	71,966	96,142	126,901	163,411	145,351	288,784	203,760	209,289	148,395	225,755	1.742,004
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890	977,907
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516	1.045,324
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775	24,792
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436	56,134
SUL				2,803									2,803
Total Global	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	157,182	406,510	229,292	228,638	171,773	161,617	2.106,961
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206	120,330	58,571	46,319	58,361	634,374
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119	79,587	136,050	79,265	164,471	931,542
NORTE	0,203					0,996			3,937	0,485	9,609		15,230
SUDESTE	0,695		10,720				0,513	0,945	9,400	3,341	4,116	2,837	32,568
SUL													
Total Global	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	166,270	213,255	198,447	139,309	225,669	1.613,714

Continua



2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	4,295	13,345	43,459	19,834	27,059	94,785							202,777
NORDESTE	14,406	1,578	13,927	17,466	33,280	298,113							378,771
NORTE	1,685	0,763	2,600			7,380							12,429
SUDESTE		0,799	0,500	6,000	4,015	2,425							13,739
SUL													0,000
Total Global	20,386	16,486	60,487	43,300	64,356	402,703							607,718

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

Gráfico 36 – Algodão – Centro-Oeste - Crédito

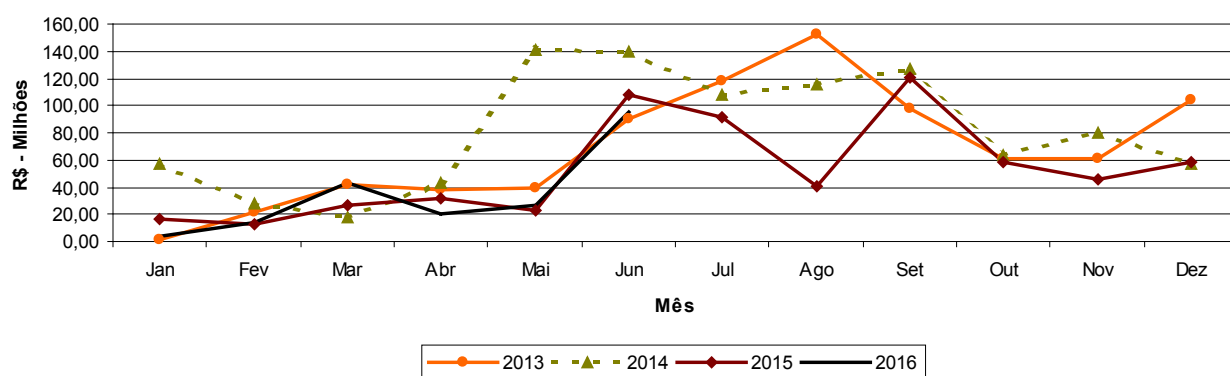
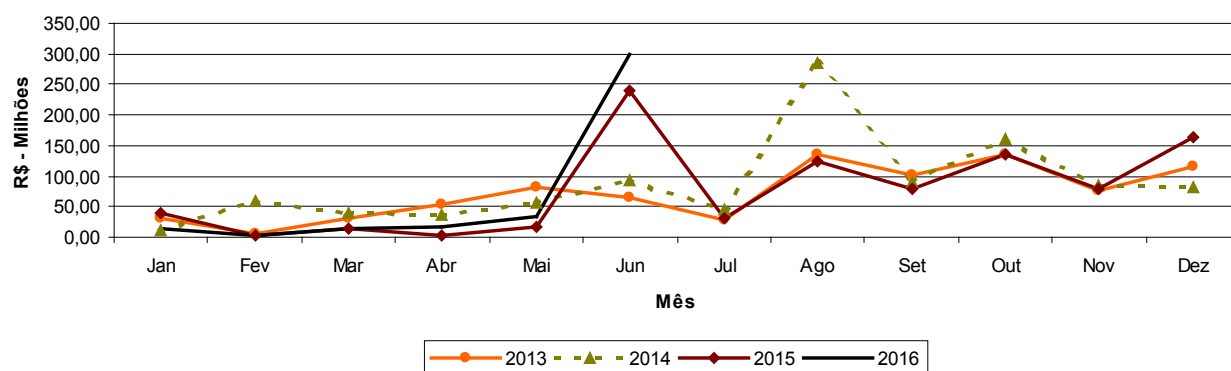


Gráfico 37 – Algodão– Nordeste - Crédito



Os estados da Bahia e do Mato Grosso se destacam como os principais produtores de algodão. Pode-se deduzir que os valores e a temporalidade do uso de recursos estão compatíveis com o calendário dessa cul-

tura, inclusive com o padrão de se buscar os recursos antecipados para custeio da safra. Deve-se observar que em 2016, diferente dos anteriores, houve procura de recursos para a Região Norte..

6.5. FEIJÃO

A Tabela 9 e as Figuras 35 a 38 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento.



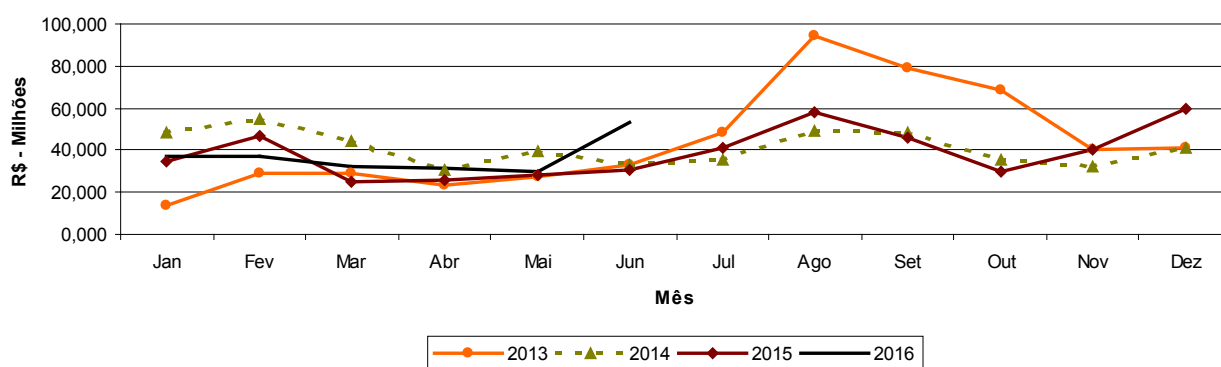
Tabela 13 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307	91,845
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593	58,571
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,918	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382	378,225
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912	94,739
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807	70,701
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521	325,940
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,144	13,978	14,920	8,117	8,112	15,382	103,269
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891	4,536	6,798	12,546	75,784
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	23,242	17,081	25,417	31,858	287,360
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	11,828	10,510	3,609	2,408	3,127	2,242							33,724
Pronamp	6,995	6,733	5,256	3,827	4,471	11,170							38,452
Sem Vinc. Espec.	18,467	20,236	23,726	25,100	22,144	39,467							149,141
Total Global	37,290	37,479	32,591	31,335	29,741	52,879							221,317

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

Gráfico 38 – Feijão – Total de financiamento

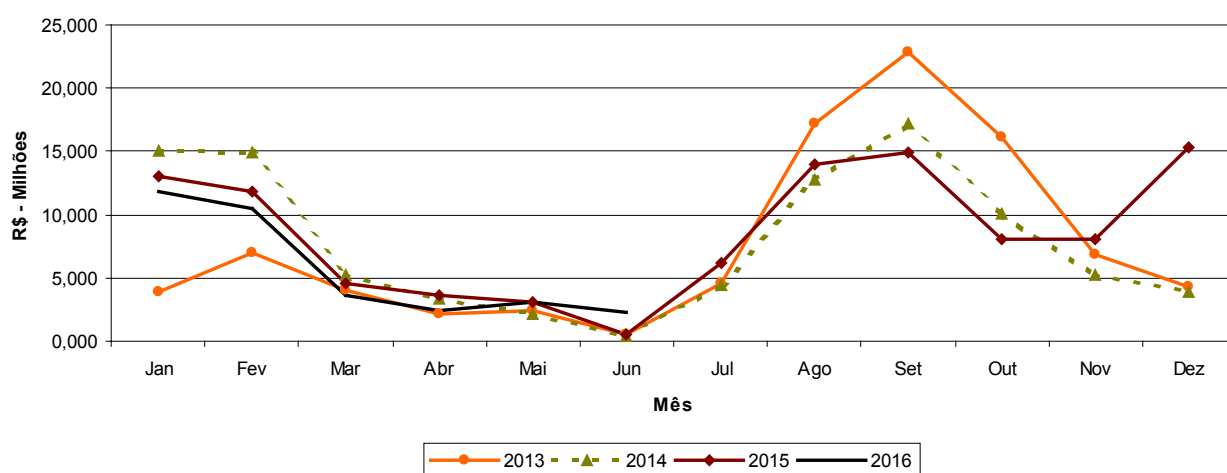


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.



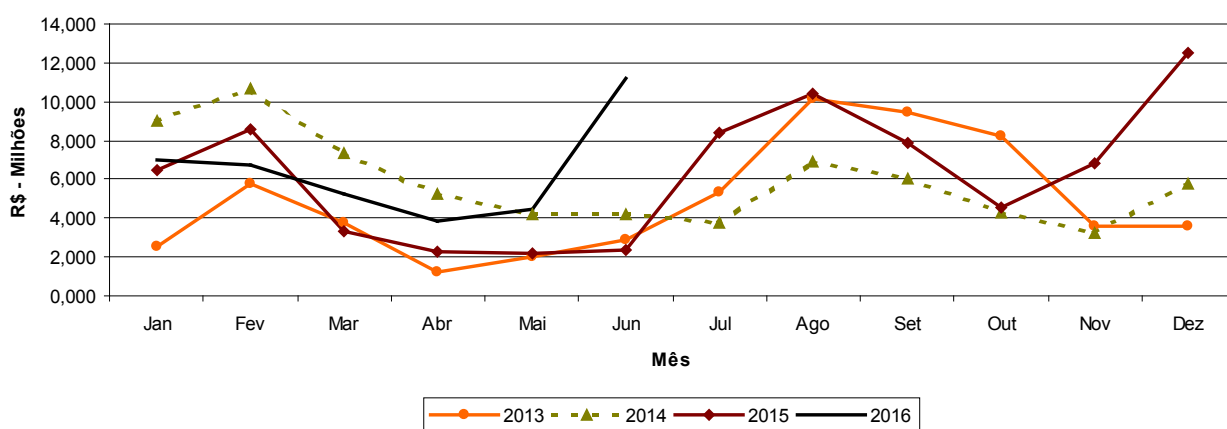
Gráfico 39 – Feijão - Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

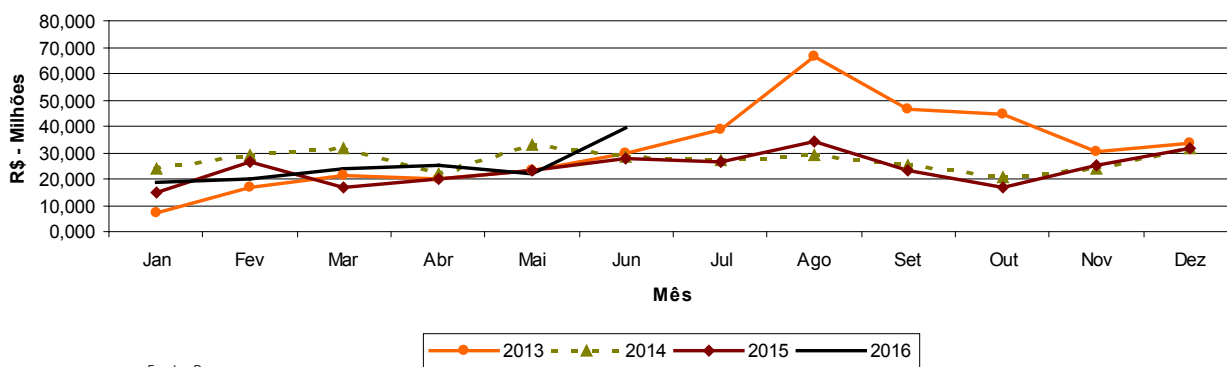
Gráfico 40 – Feijão - Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

Gráfico 41 – Feijão - Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.



A disponibilização de crédito no ano de 2016 é semelhante aos anos anteriores para o Pronaf, apresenta crescimento, em Junho, no ano de 2016 em relação aos anos anteriores para o financiamento sem vínculo a programa específico e incremento considerável para

o Pronamp.

A Tabela 10 e as Figuras 39 a 42 representam os valores de crédito disponibilizado por região geográfica.

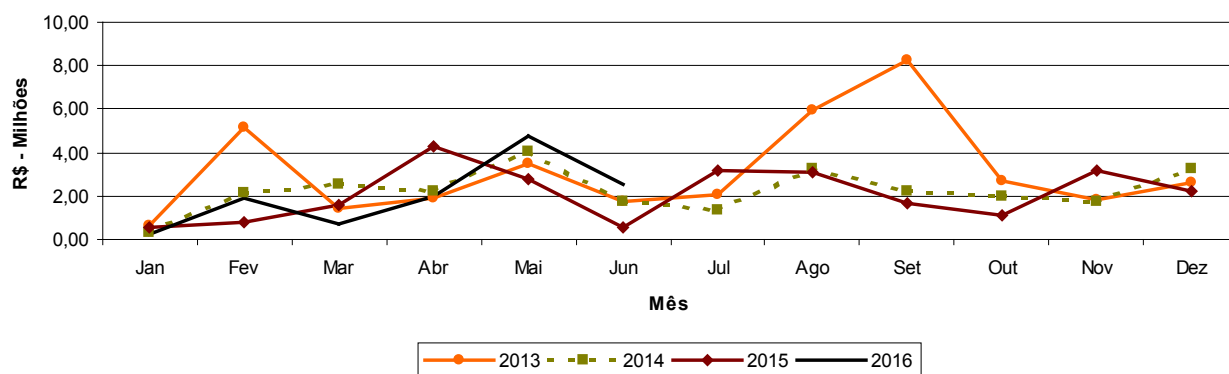
Tabela 14 – Feijão - Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865	100,318
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591	37,760
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500			3,725
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445	184,115
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382	202,722
Total Global	13,753	29,322	29,289	23,356	27,788	32,856	48,651	94,111	79,011	68,735	40,485	41,283	528,641
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157	86,849
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226	26,805
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200			5,086
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431	181,230
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427	191,410
Total Global	48,012	54,917	44,159	30,588	39,181	32,914	35,160	48,803	48,676	35,142	32,587	41,241	491,380
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849	0,956	4,178	5,020	57,331
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628	1,108	3,197	2,217	25,054
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959				0,151	2,052		7,162
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	8,902	10,654	4,922	17,756	148,554
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,214	35,272	32,674	16,865	25,977	34,794	228,311
Total Global	34,598	46,655	24,814	25,642	28,426	30,880	41,210	58,288	46,053	29,734	40,326	59,787	466,413
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	6,913	4,394	9,633	8,974	7,179	13,678							50,770
NORDESTE	0,220	1,913	0,748	1,997	4,743	2,541							12,162
NORTE	0,381					0,309							0,690
SUDESTE	8,727	13,184	14,514	17,233	12,562	25,445							91,666
SUL	21,049	17,988	7,697	3,131	5,258	10,906							66,028
Total Global	37,290	37,479	32,591	31,335	29,741	52,879							221,317

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

Gráfico 42 – Feijão – Nordeste - Crédito

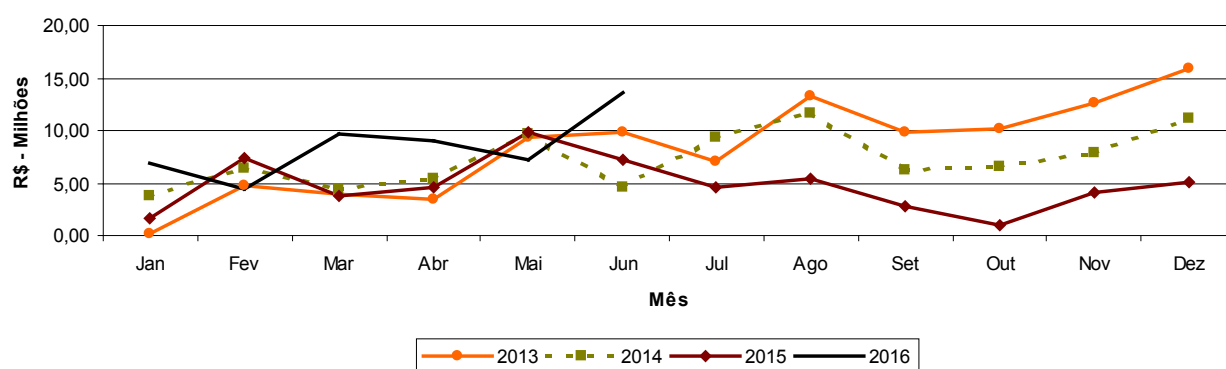


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.



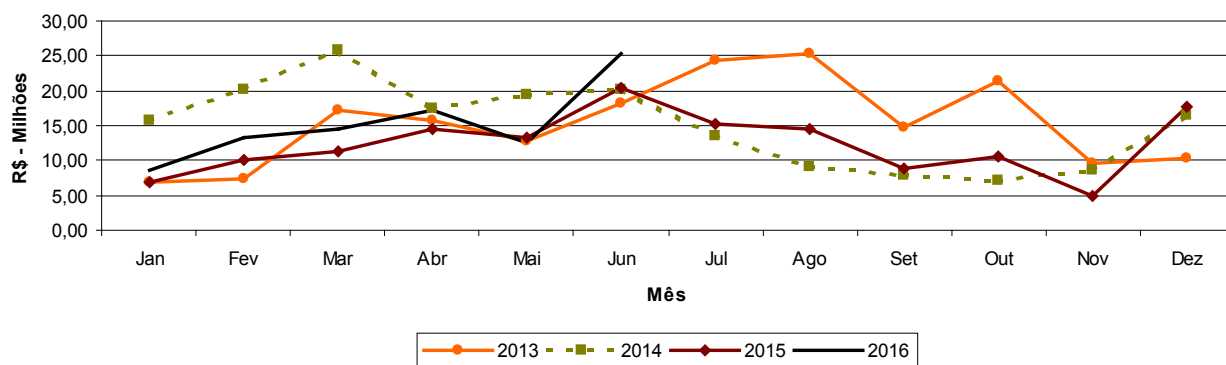
Gráfico 43 – Feijão– Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

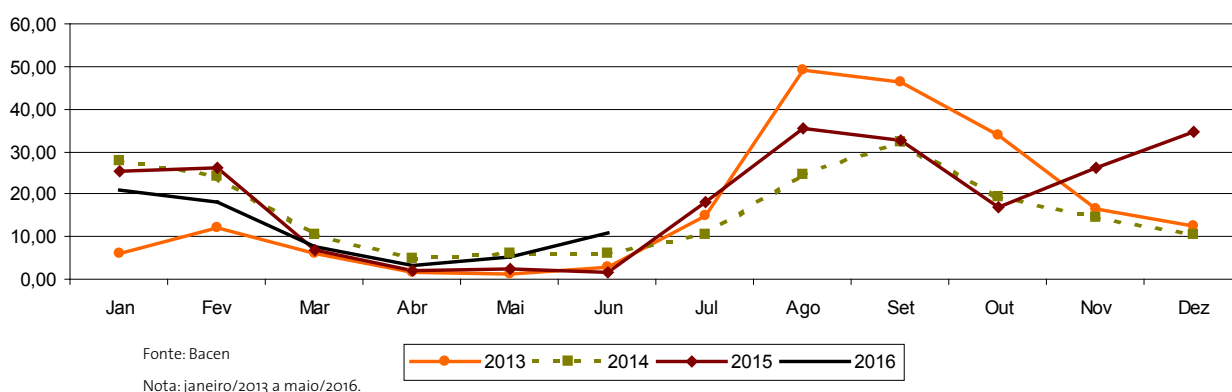
Gráfico 44 – Feijão– Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

Gráfico 45 – Feijão– Sul - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

As informações destacadas na tabela e nos gráficos, referentes a 2016, indicam a disponibilidade de recur-

sos para o plantio da segunda e terceira safra.

6.6. TRIGO

A Tabela 11 e as Figuras 43 a 46 apresentam os valores de crédito por tipo de financiamento, exclusivamente

para o trigo.



Tabela 15 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	0,655	4,621	73,752	161,300	136,394	54,915	5,659	0,890	0,108			0,419	438,714
Pronamp	6,645	10,510	68,542	132,286	117,940	61,014	6,640	0,443			0,140	35,465	439,625
Sem Vinc. Espec.	15,150	27,425		232,000	205,248	116,884	16,471	3,257	0,415	0,100	0,704	81,341	835,223
Total Global	22,451	42,555		525,586	459,582	232,813	28,771	4,590	0,523	0,100	0,844	117,225	
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	6,224	61,230	119,771		194,652	75,238	17,710	2,572	0,331	0,074	0,035	0,521	704,085
Pronamp	34,887	72,330	132,438		153,458	85,812	13,476	3,416	1,004	2,651	7,220	39,891	749,068
Sem Vinc. Espec.	58,133	97,801	181,434		202,918		22,378	7,650	8,118	18,181	18,354	92,099	
Total Global	99,244	231,361	433,643		551,028		53,564	13,638	9,453	20,905	25,609	132,511	
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,519	33,190	108,016	200,394	214,798	82,834	9,171	2,162	0,279			0,269	654,633
Pronamp	25,770	41,331	99,436	155,551	132,108	63,112	4,369	1,782	0,106			0,731	524,297
Sem Vinc. Espec.	40,912	66,402	167,630	212,106	174,241	110,699	9,869	3,762	1,375	0,881	1,432	1,842	791,152
Total Global	70,201	140,924	375,082	568,051	521,148	256,645	23,409	7,707	1,761	0,881	1,432	2,842	
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,704	22,593	118,272	146,622	177,755	107,874							576,820
Pronamp	10,806	42,939	96,693	113,686	108,409	79,536							452,069
Sem Vinc. Espec.	23,625	95,077	162,182	164,163	130,124	107,456							682,627
Total Global	38,135	160,609	377,147	424,471	416,288	294,866							

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

Gráfico 46 –Trigo -Total de financiamento - Crédito

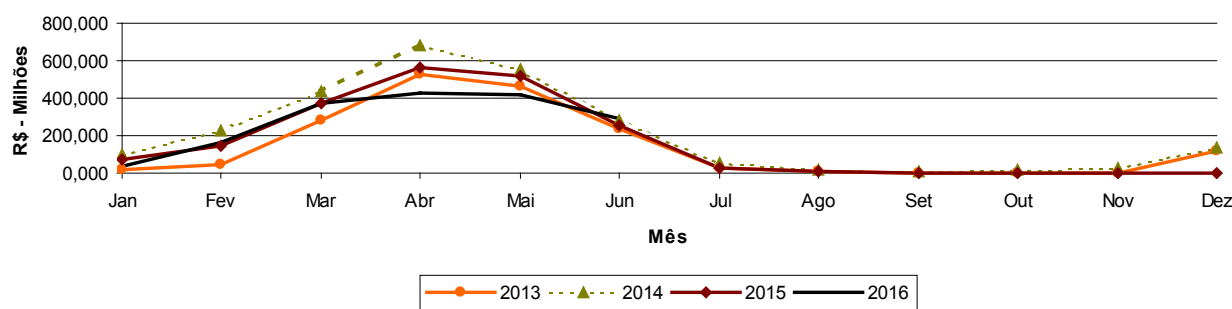


Gráfico 47 –Trigo - Pronaf - Crédito

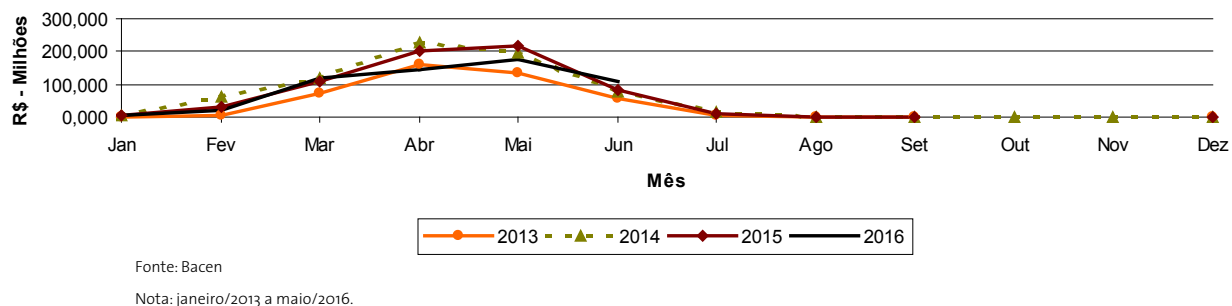


Gráfico 48 –Trigo - Pronamp - Crédito

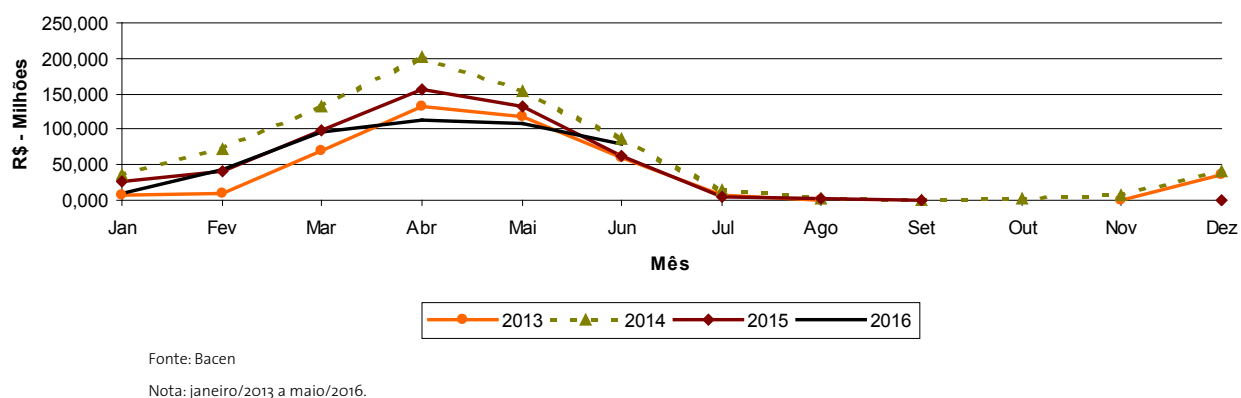
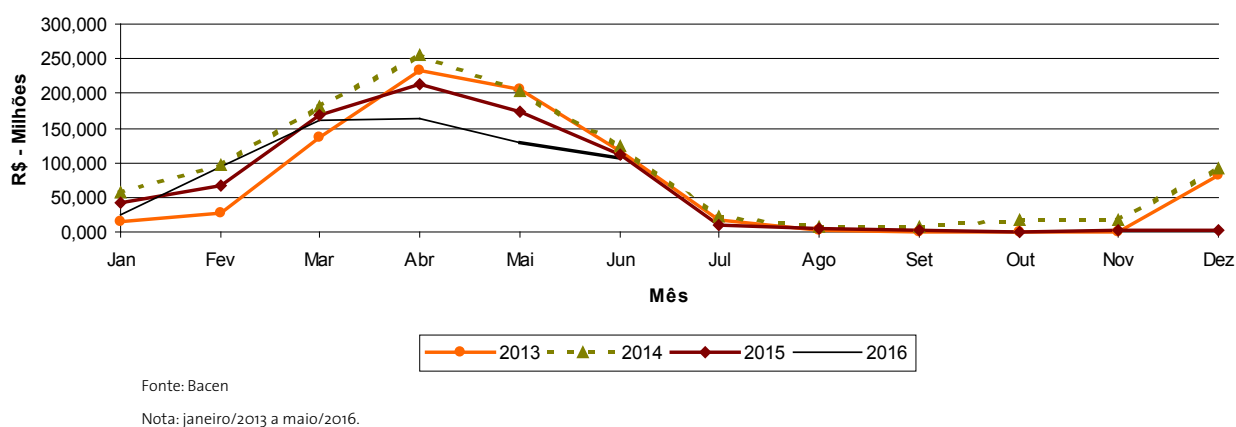


Gráfico 49 –Trigo - Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico - Crédito



A disponibilização de crédito no ano de 2016 é inferior a 2014 e 2015, o que é observado nos valores oriundos do Pronaf, do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico. Tem-se observado a redução de área no plantio do trigo em razão de problemas cli-

máticos, o que pode explicar o menor uso de crédito.

A Tabela 12 e as Figuras 47 a 49 representam os valores de crédito disponibilizado por região geográfica.

Tabela 16 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	0,655	4,621	73,752	161,300	136,394	54,915	5,659	0,890	0,108			0,419	438,714
Pronamp	6,645	10,510	68,542	132,286	117,940	61,014	6,640	0,443			0,140	35,465	439,625
Sem Vinc. Espec.	15,150	27,425	136,227	232,000	205,248	116,884	16,471	3,257	0,415	0,100	0,704	81,341	835,223
Total Global	22,451	42,555	278,522	525,586	459,582	232,813	28,771	4,590	0,523	0,100	0,844	117,225	1.713,562
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	6,224	61,230	119,771	225,726	194,652	75,238	17,710	2,572	0,331	0,074	0,035	0,521	704,085
Pronamp	34,887	72,330	132,438	202,483	153,458	85,812	13,476	3,416	1,004	2,651	7,220	39,891	749,068
Sem Vinc. Espec.	58,133	97,801	181,434	255,057	202,918	125,197	22,378	7,650	8,118	18,181	18,354	92,099	1.087,317
Total Global	99,244	231,361	433,643	683,266	551,028	286,247	53,564	13,638	9,453	20,905	25,609	132,511	2.540,470

Continua

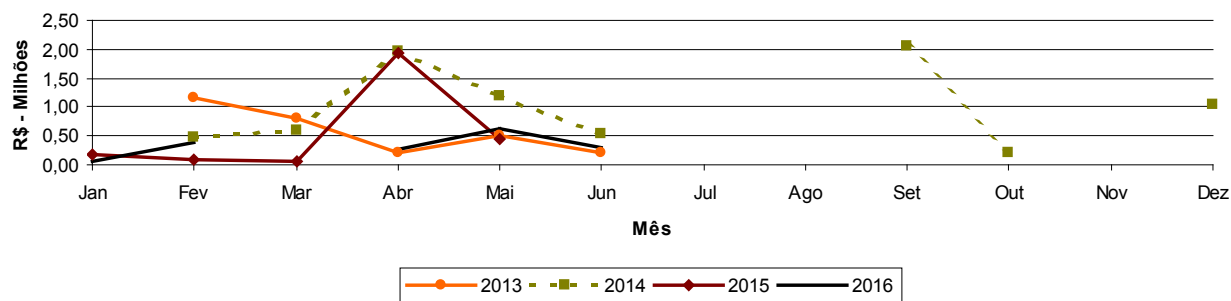


2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,519	33,190	108,016	200,394	214,798	82,834	9,171	2,162	0,279			0,269	654,633
Pronamp	25,770	41,331	99,436	155,551	132,108	63,112	4,369	1,782	0,106			0,731	524,297
Sem Vinc. Espec.	40,912	66,402	167,630	212,106	174,241	110,699	9,869	3,762	1,375	0,881	1,432	1,842	791,152
Total Global	70,201	140,924	375,082	568,051	521,148	256,645	23,409	7,707	1,761	0,881	1,432	2,842	1.970,082
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,704	22,593	118,272	146,622	177,755	107,874							576,820
Pronamp	10,806	42,939	96,693	113,686	108,409	79,536							452,069
Sem Vinc. Espec.	23,625	95,077	162,182	164,163	130,124	107,456							682,627
Total Global	38,135	160,609	377,147	424,471	416,288	294,866							1.711,516

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

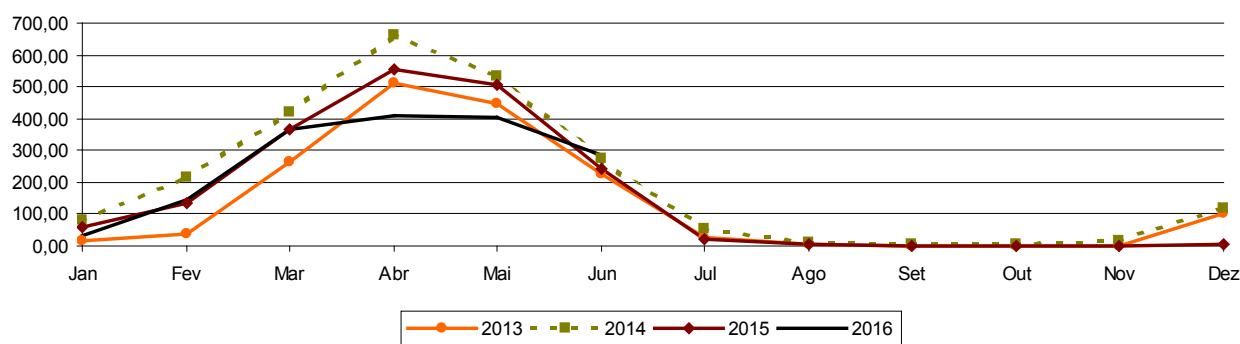
Gráfico 50 –Trigo– Centro-Oeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

Gráfico 51 –Trigo – Sul - Crédito

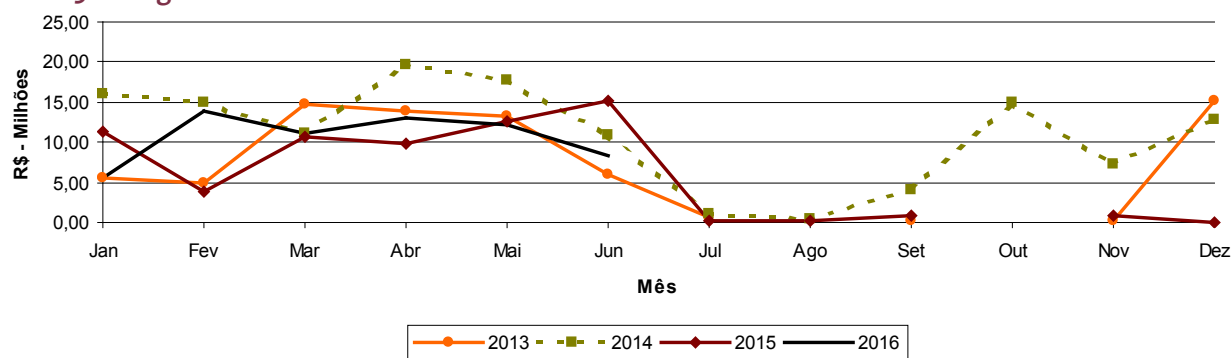


Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.



Gráfico 52 –Trigo – Sudeste - Crédito



Fonte: Bacen

Nota: janeiro/2013 a maio/2016.

A disponibilidade de recursos está compatível com a concentração da produção na Região Sul. A Região

Centro-Oeste e a Região Sudeste são produtoras potenciais de trigo.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2015/16) – JUNHO DE 2016

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Companhia e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2>), constitui um dos produtos de apoio às estimativas de safras. O propósito do monitoramento é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agromômicos e de eventos climáticos recentes, a fim de auxiliar na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, nos capítulos referentes à análise das culturas. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) imagens de satélites da última quinzena (ou semana) e de anos anteriores desse mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)* das lavouras; b) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva; c) dados de campo; e d) mapeamentos das áreas de cultivo.

O monitoramento atual foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês. As culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, feijão segunda e terceira safra, girassol, milho primeira e segunda safras sorgo, trigo, aveia e cevada.

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

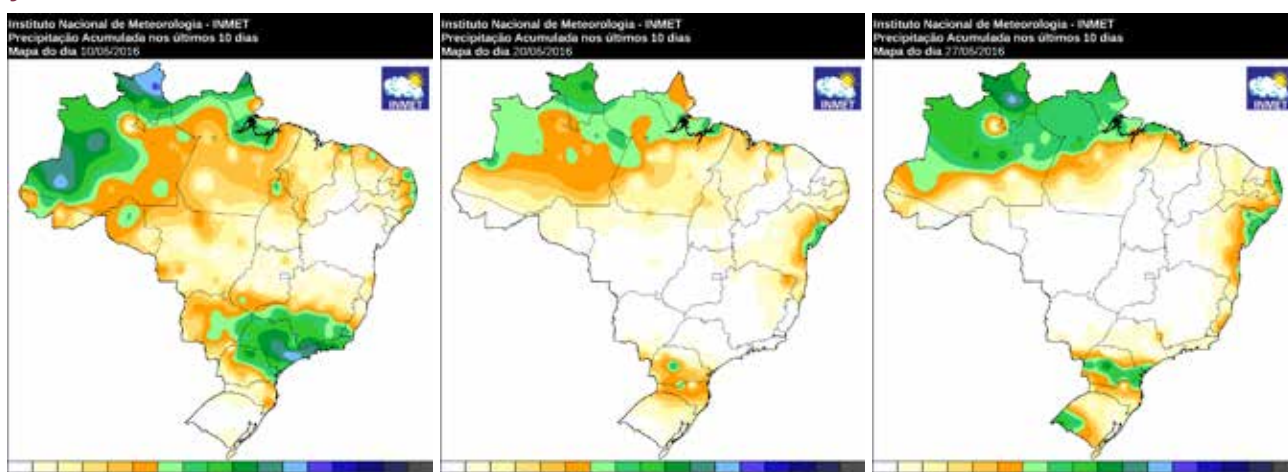
7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE JUNHO/2016²

O centro-sul do Brasil apresentou um forte contraste na distribuição da precipitação ao longo de junho – período de maturação e início da colheita das culturas de segunda safra. Durante os primeiros 10 dias, a precipitação foi suficiente para ultrapassar a média histórica do mês em toda a extensão de São Paulo e Rio de Janeiro, no sul de Minas Gerais, no centro-leste do Mato Grosso do Sul e no norte do Paraná, mas, após esse período, predominaram os dias secos nessas localidades. No Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, e no sul do Paraná, praticamente não houve registro de precipitação nos primeiros dez dias do mês. Nos dias seguintes houve uma retomada das chuvas em algumas áreas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e Paraná, reduzindo o déficit hídrico nessas localidades atingidas pelo veranico no início do mês (Figura 1).

No MATOPIBA a baixa ocorrência de chuvas na região foi coerente com a climatologia de junho que é de pluviometria muito baixa. Porém, em algumas localidades no norte do Tocantins e sul do Maranhão apresentaram precipitação atípica bem acima da média do mês, com volumes que ficaram na faixa entre 30 e 80 mm nos primeiros dez dias.

Na faixa leste da Região Nordeste, junho está entre os mais chuvosos da região, contudo, a precipitação total ficou abaixo da média do período em muitas localidades dos estados de Alagoas, Pernambuco, Sergipe e Bahia. Nas últimas semanas do mês, houve uma maior regularidade nas chuvas com volumes mais expressivos em comparação com os primeiros dez dias do mês em Alagoas, Sergipe e no nordeste da Bahia (Figura 1).

Figura 1 - Chuva acumulada de 1º a 10 de junho (esquerda); de 11 a 20 de junho (meio) e de 17 a 27 de junho de 2016 (direita)



Fonte: Inmet.

Com uma maior frequência de chegada de massas de ar frio atingindo as regiões Sul e Sudeste e a intensificando na queda da temperatura do ar em decorrência dessas massas, o número de geadas em junho foi bem maior que em maio. O mapa da Figura 2 mostra as localidades onde foram observadas ocorrências de geadas e a intensidade predominante durante o mês de junho. O número de ocorrências durante o mês

em cada localidade variou de quatro a oito, na Região Sul, e de um a seis, nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Na Região Sul, a maioria dos registros foi de geadas classificadas como forte, principalmente nas localidades de relevo acentuado, como as serras gaúchas e catarinenses. Também foram observadas cinco ocorrências de geadas fortes em Campos do Jordão, São Paulo.

² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



Figura 2 - Locais de ocorrências de geadas e intensidade em junho de 2016

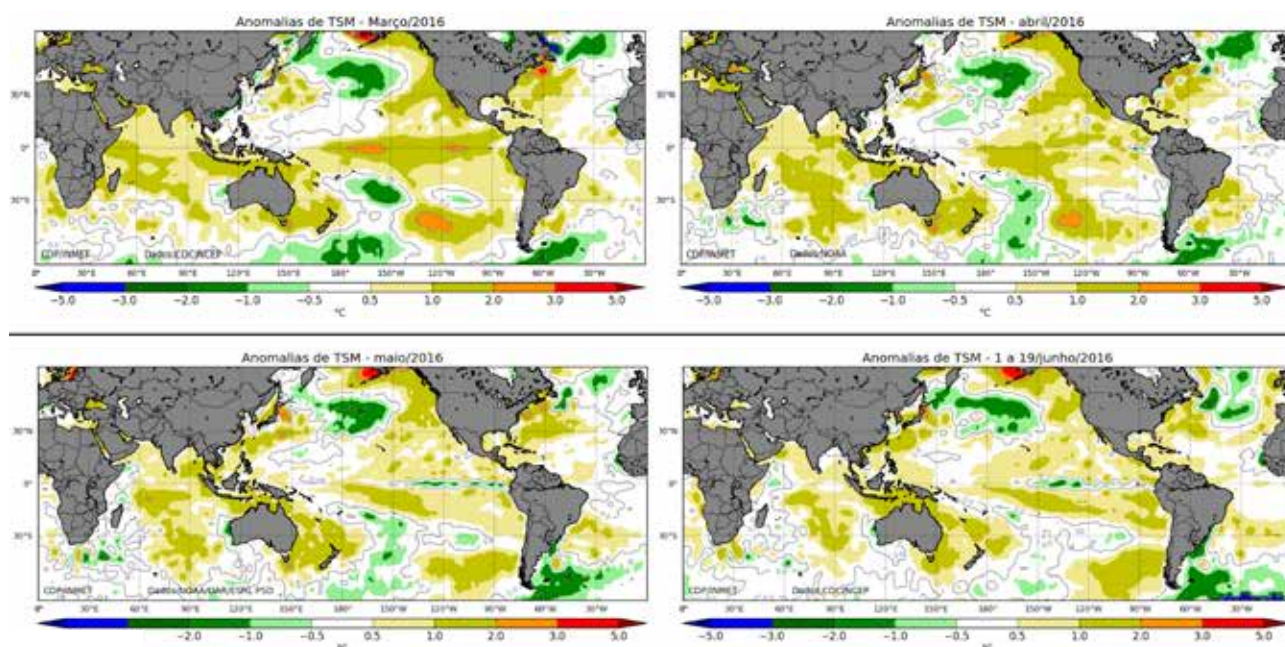


7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS³

As anomalias de temperatura na superfície do mar (TSM) no Oceano Pacífico Tropical no período de março a junho mostram a dissipação do fenômeno El Niño (Figura 3). A tendência é que esse processo de resfriamento continue evoluindo, atingindo um patamar de neutralidade no Pacífico e com possibilidade

de evolução para uma situação de La Niña. Segundo alguns modelos de previsão de TSM, como os do IRI (Research Institute for Climate and Society), há uma forte probabilidade de resfriamento na faixa equatorial do Oceano Pacífico durante o segundo semestre e a configuração de fenômeno La Niña (Gráfico 53).

Figura 3 - Anomalias de TSM de março, abril, maio e junho (1-19) de 2016

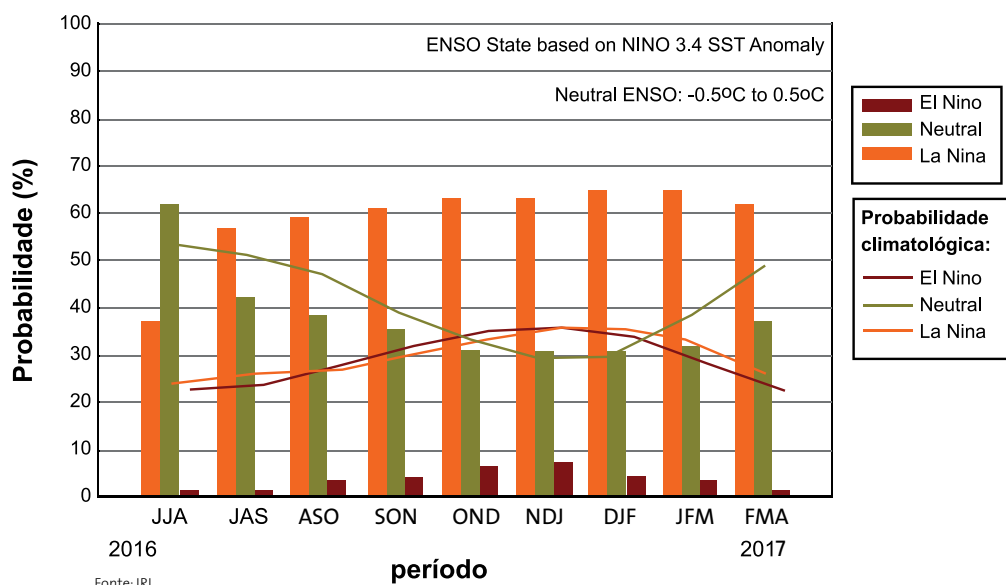


Fonte: CDP/Inmet.

3 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília.



Gráfico 53 - Previsão probabilística de El Niño e/ou La Niña



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O TRIMESTRE JULHO-AGOSTO-SETEMBRO DE 2016⁴

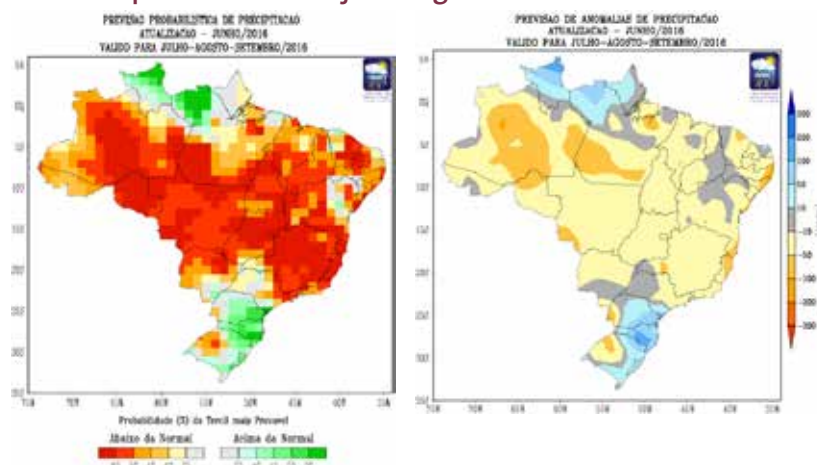
A maioria dos modelos de previsão climática indica que as chuvas na Região Sul devem ficar na faixa normal ou acima no trimestre (Figura 4), porém, a persistência no processo de resfriamento no Oceano Pacífico Tropical concomitantemente à persistência de anomalias negativas próximas ao litoral do Uruguai e Sul do Brasil podem influenciar a precipitação da Região Sul, diminuindo a probabilidade de chuvas acima da média, podendo ocorrer, inclusive, áreas com desvios negativos de chuva no trimestre.

As temperaturas na Região Sul devem ficar predomi-

nantemente da faixa normal, com possibilidade de alguns eventos com queda na temperatura em decorrência da chegada de massas de ar frio, podendo causar geadas, mas como uma frequência menor que em junho.

Em Sergipe, Alagoas e no nordeste da Bahia, a maior probabilidade é de chuvas abaixo da média no trimestre, contudo, os modelos também indicam que o desvio negativo em relação à média histórica não deve ser muito acentuado, podendo ocorrer volumes dentro da faixa normal do trimestre em algumas localidades (Figura 4).

Figura 4 - Previsão probabilística e desvio previsto de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre julho-agosto-setembro/2016



Fonte: Inmet.

⁴ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília



7.4. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi junho de 2016.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- Baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas es-

tão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

Na Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país, predominaram baixas precipitações (Figuras 1 e 5) que favoreceram a maturação e a colheita da segunda safra. Somente ocorreram chuvas significativas no primeiro decêndio de junho em São Paulo Mato Grosso do Sul, regiões do Triângulo e Sul de Minas Gerais. O terceiro decêndio foi o mais seco (Figura 1). No entanto, apesar das condições favoráveis para maturação e colheita, houve prejuízos nessas regiões do Brasil por falta de chuvas em abril e maio.

No Paraná houve áreas produtoras com restrições, principalmente, ao milho segunda safra devido à formação de geadas. Lavouras em frutificação e/ou em locais de baixadas foram mais prejudicadas. As menores temperaturas foram registradas nos dias 12 e 13 de junho, com temperaturas mínimas que chegaram entre -5° no sul do Paraná (cinco negativos) e zero nas áreas ao norte do estado (Figura 6). As lavouras do oeste do estado sofreram maior restrição em relação às do norte devido à ocorrência de temperaturas mais baixas. (Figuras 6 e 7).

Em relação às culturas de inverno da Região Sul, as condições foram favoráveis. As geadas de maior intensidade ocorreram em fases de plantio ou desenvolvimento vegetativo, fases não-suscetíveis. Chuvas reduzidas (Figuras 1 e 5), principalmente, no Rio Grande do Sul favoreceram o avanço do plantio. No entanto, há restrições pontuais na região Noroeste desse estado em área implantadas no final de maio devido à baixa umidade de solo.

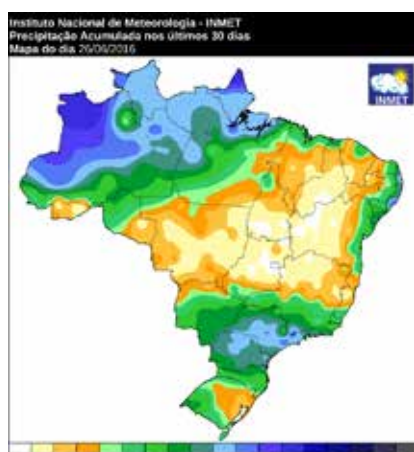
A maior parte da região produtora de milho e feijão localizada em Alagoas, Sergipe e nordeste da Bahia foi favorecida pelas chuvas que se intensificaram a partir do segundo decêndio (Figura 1). O armazenamento hídrico foi maior no final do mês (Figura 9)

7.5. MONITORAMENTO ESPECTRAL

7.5.1. MATO GROSSO

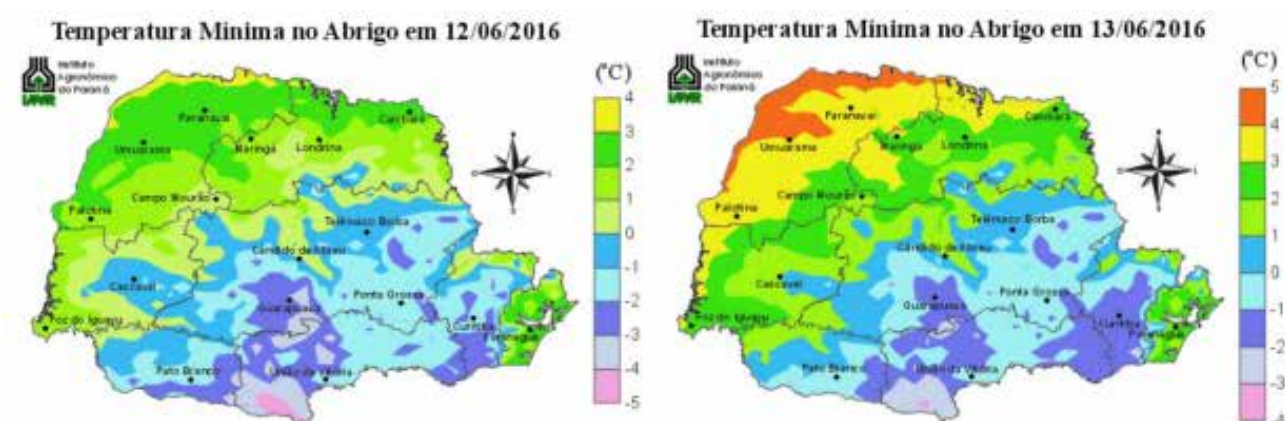


Figura 5 – Precipitação acumulada de em junho/16



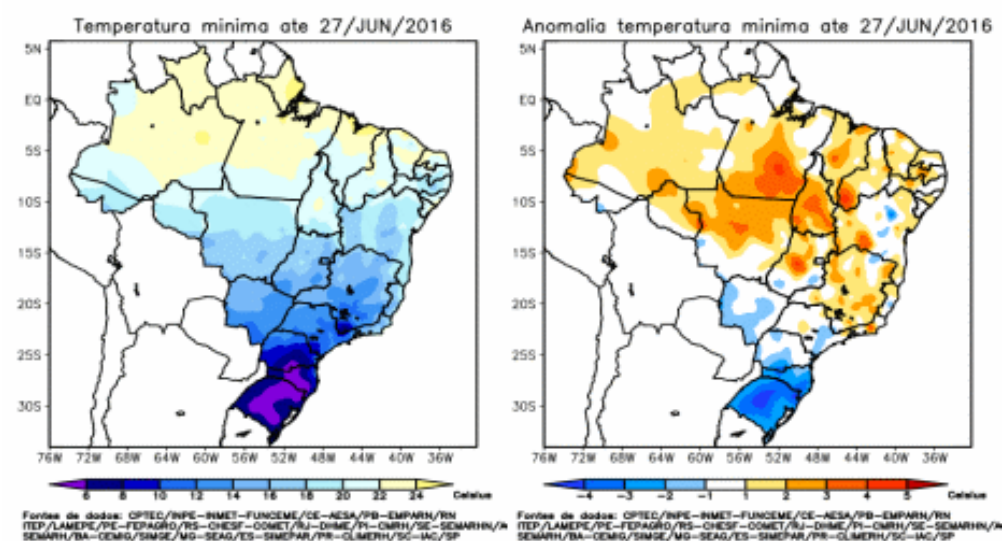
Fonte: Inmet.

Figura 6 – Temperaturas mínimas nos dias 12 e 13 de junho/16



Fonte: IAPAR.

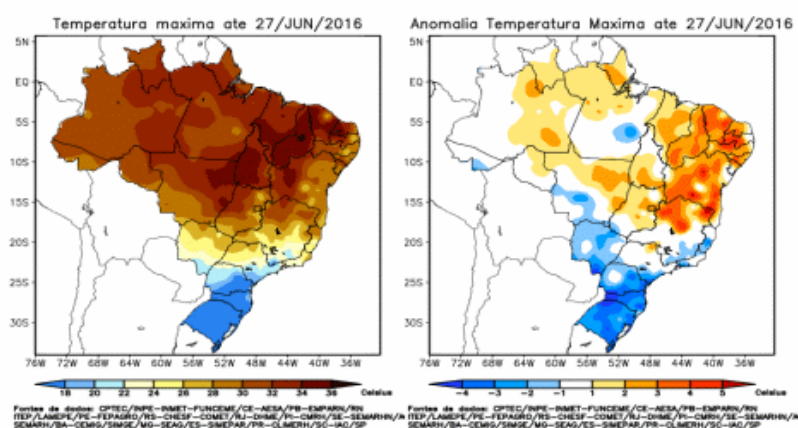
Figura 7 – Temperatura mínima e anomalia da temperatura mínima em junho/2016



Fonte: Cptec.

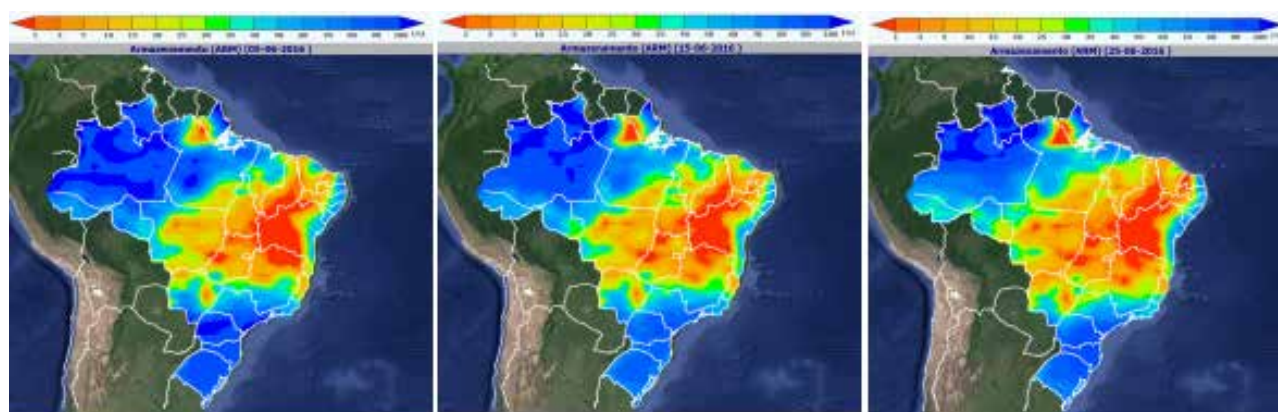


Figura 8 – Temperatura máxima e anomalia da temperatura máxima em junho/2016



Fonte: Cptec.

Figura 9 – Armazenamento hídrico diário dos dias 05, 15 e 25 de junho/16



Fonte: SISDAGRO/Inmet.

O propósito do monitoramento espectral é avaliar o estado atual das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de outros eventuais fatores que influenciam o desenvolvimento dos cultivos, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento, o foco principal são os cultivos de segunda safra e de inverno.

O monitoramento é realizado com base no Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite do período 09 a 24 de junho de 2016 dos respectivos anos safra Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná, Minas Gerais, São Paulo e Maranhão. Três produtos derivados do IV são utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unida-

des de área de plantio pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média dos seis últimos anos nas faixas de baixos, médios e altos valores do índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, e a comparação entre diferentes anos-safra.

No monitoramento, estão sendo analisadas mesor-regiões dos estados mencionados que cobrem juntas mais de 75% do milho segunda safra e do trigo (Tabela 17). Os resultados cobrindo uma maior extensão do ambiente agrícola, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis nos Boletins de Monitoramento Agrícola, divulgados mensalmente no site da Conab.



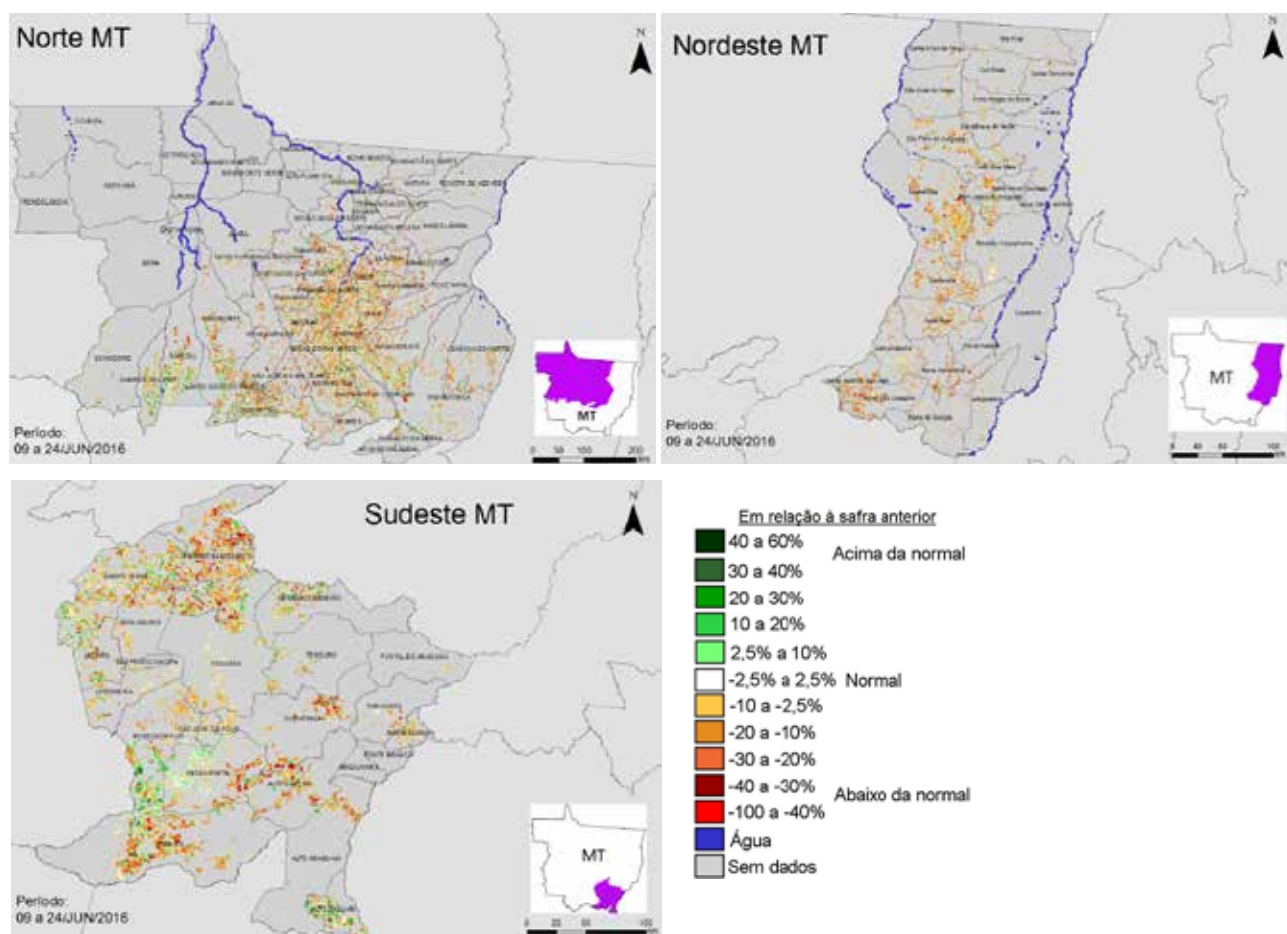
Tabela 17 – Principais mesorregiões produtoras de milho 2ª safra e trigo.

Mesorregião		Área em hectares	
		Milho 2ª (a)	Trigo (b)
1	Norte Mato-grossense - MT	2.359.362	
2	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	1.241.273	9.357
3	Sul Goiano - GO	1.007.967	1.550
4	Oeste Paranaense - PR	737.998	131.437
5	Norte Central Paranaense - PR	533.138	192.153
6	Sudeste Mato-grossense - MT	597.953	
7	Nordeste Mato-grossense - MT	487.184	
8	Centro Ocidental Paranaense - PR	317.256	108.218
9	Norte Pioneiro Paranaense - PR	241.969	153.834
10	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	332.389	371
11	Leste Goiano – GO	185.349	4.448
12	Sul Maranhense - MA	187.266	
13	Assis - SP	174.555	4.018

Fonte: IBGE/Conab

A seguir, consta a análise das condições agrícolas das mesorregiões monitoradas.

Figura 10 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Glam/Inmet.



As cores em amarelo, laranja, e marrom, em maior quantidade nos mapas, mostram onde as atuais lavouras, principalmente do milho segunda safra, apresentam padrão inferior ao ano passado. Pouca disponibilidade hídrica em fases críticas dos cultivos

e antecipação das colheitas são as principais causas desta anomalia negativa. Em branco, estão as áreas com padrão similar ao ano anterior. Em verde, em menor quantidade, são lavouras com padrão superior ao ano de 2015.

Gráfico 54 – Gráficos de quantificação de áreas - Norte-mato-grossense

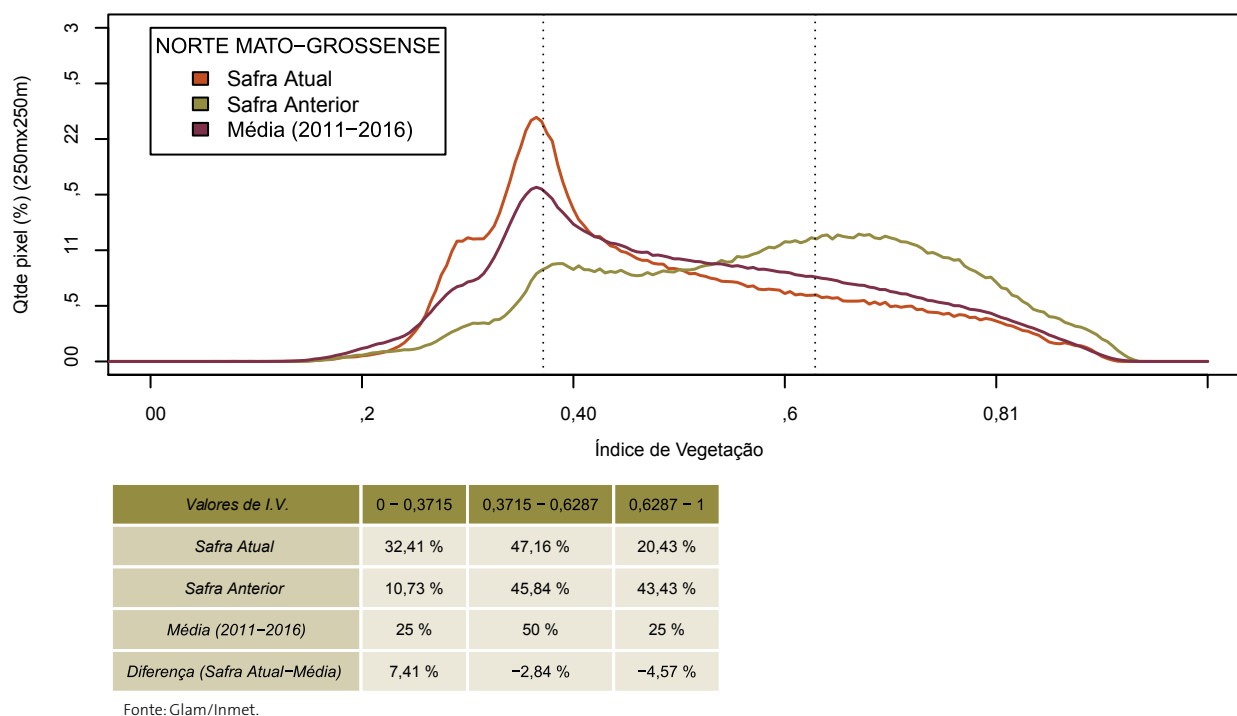


Gráfico 55 – Gráficos de quantificação de áreas - Sudeste-mato-grossense

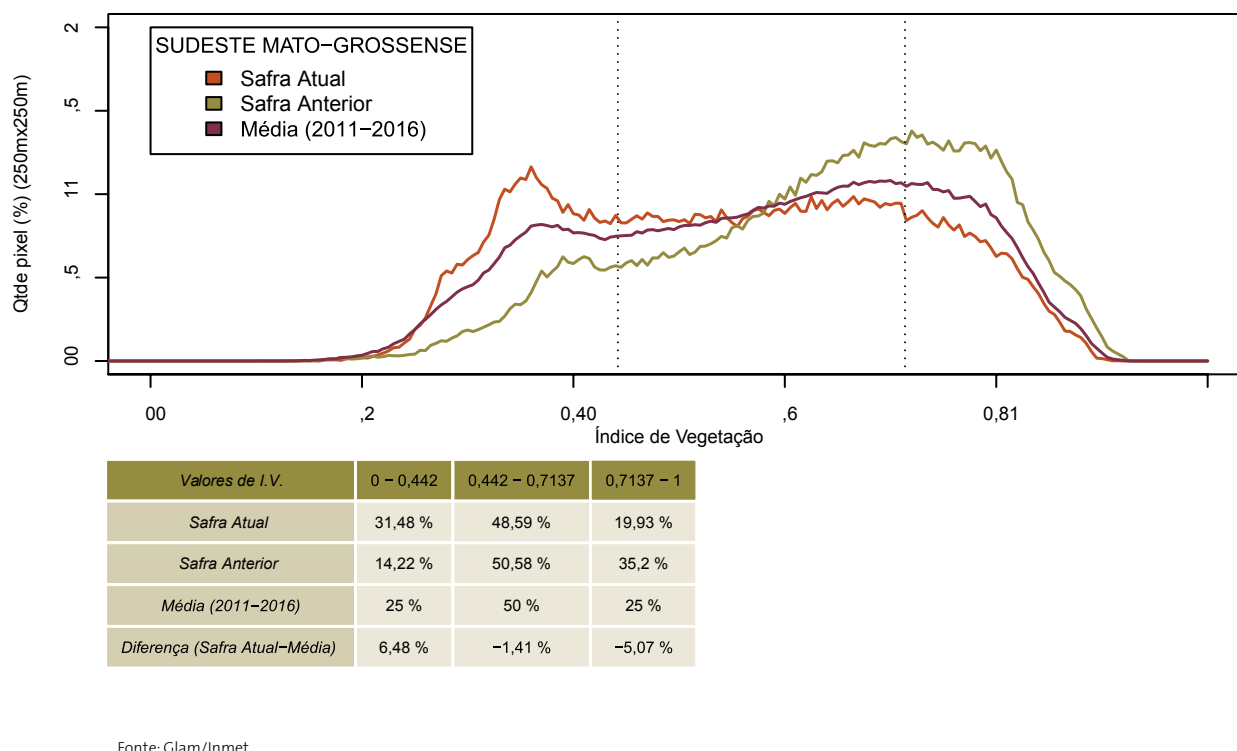
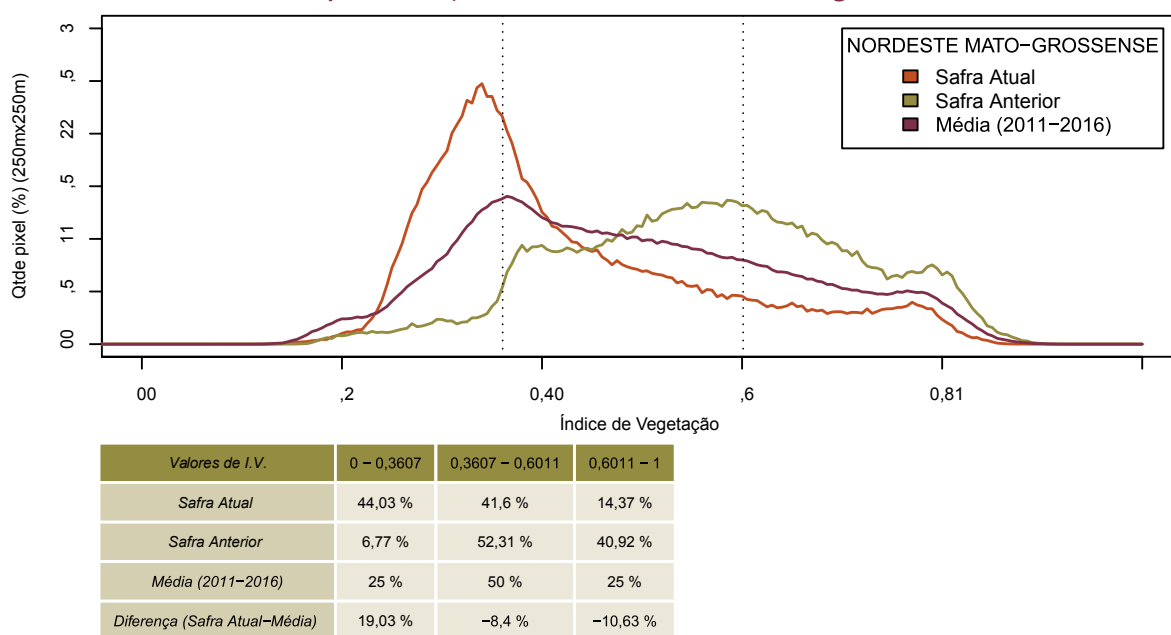


Gráfico 56 – Gráficos de quantificação de áreas - Nordeste-mato-grossense



Fonte: Glam/Inmet.

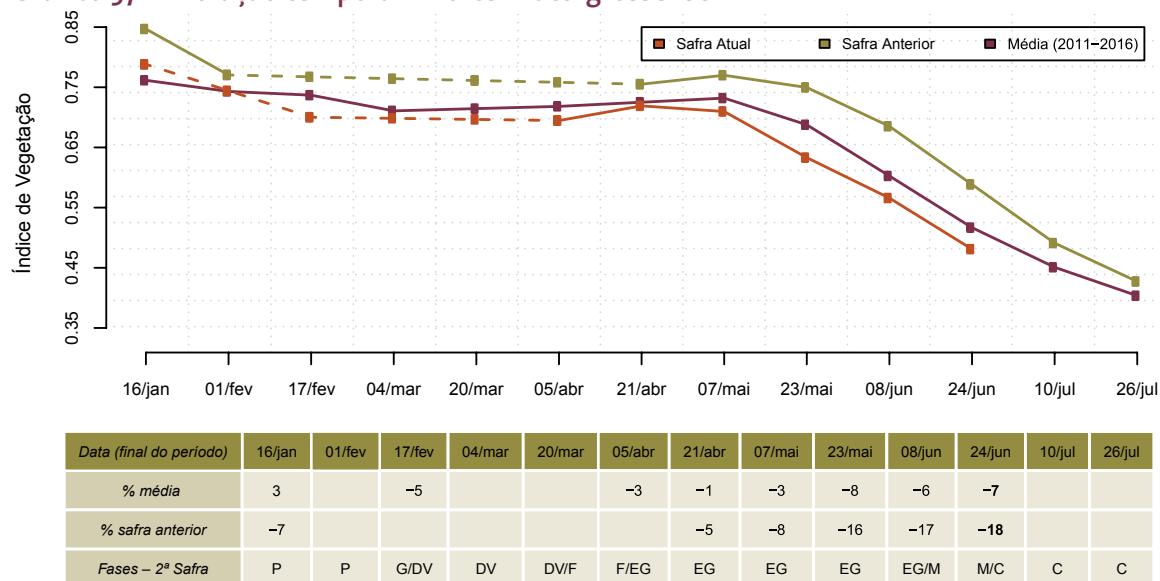
As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram os percentuais de lavouras com médias e altas respostas do IV da seguinte forma: no Norte são 68% da safra atual contra 89% no mesmo período do ano passado; no Nordeste são 56% em 2016 contra 93% em 2015; no Sudeste são 69% agora contra 86% no ano passado. Conclui-se que, em Mato Grosso, a presente safra tem, em relação à safra passada, uma menor quantidade de lavouras respondendo com médios e altos valores de IV. Esta condição decorre do déficit hídrico em fases críticas e do maior percentual de áreas colhidas, em relação ao ano passado, em algumas regiões do estado.

Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam as condições da atual safra nas regiões:

- Norte, 7% abaixo da média dos 6 últimos anos e 18% abaixo da safra anterior;
- Nordeste, 14% abaixo da média dos 6 últimos anos e 25% abaixo da safra anterior;
- Sudeste, 8% abaixo da média dos 6 últimos anos e 13% abaixo da safra anterior.

Os dados mostram que no Nordeste a situação é mais crítica.

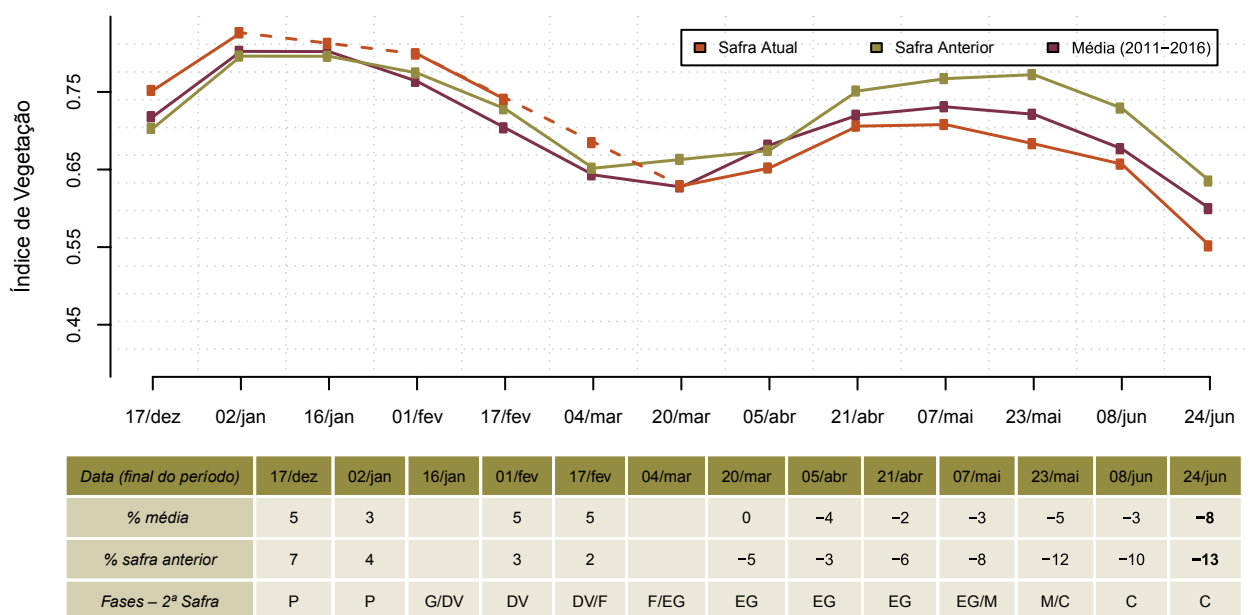
Gráfico 57 – Evolução temporal - Norte-mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

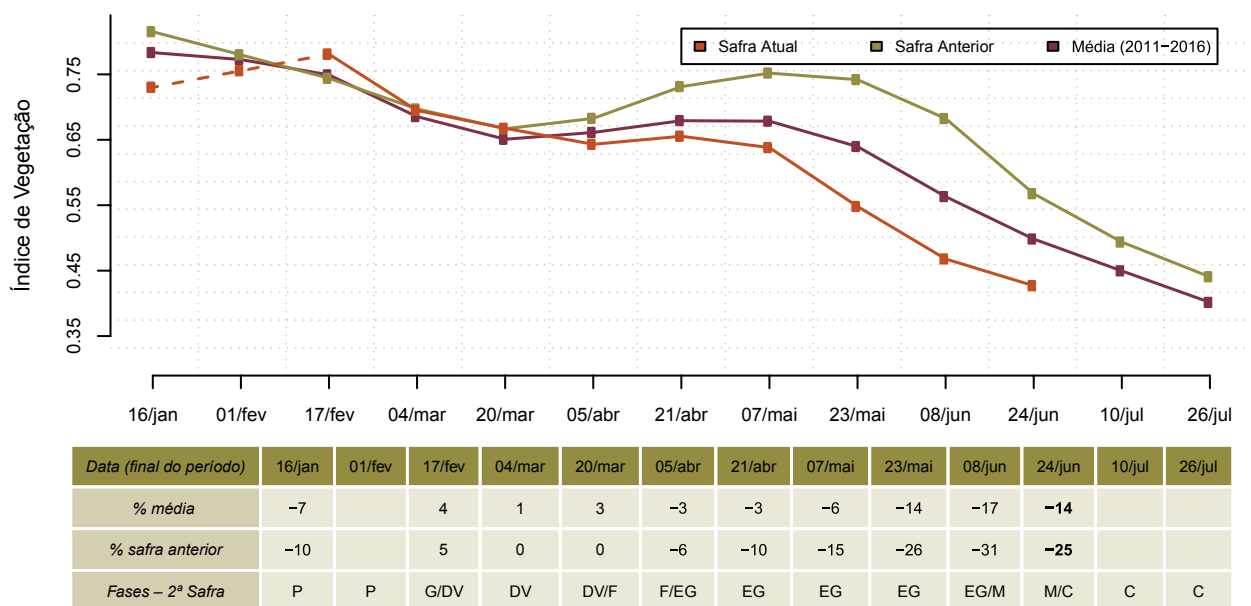


Gráfico 58 – Evolução temporal - Sudeste-mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 59 – Evolução temporal - Nordeste-mato-grossense



Fonte: Projeto Glam

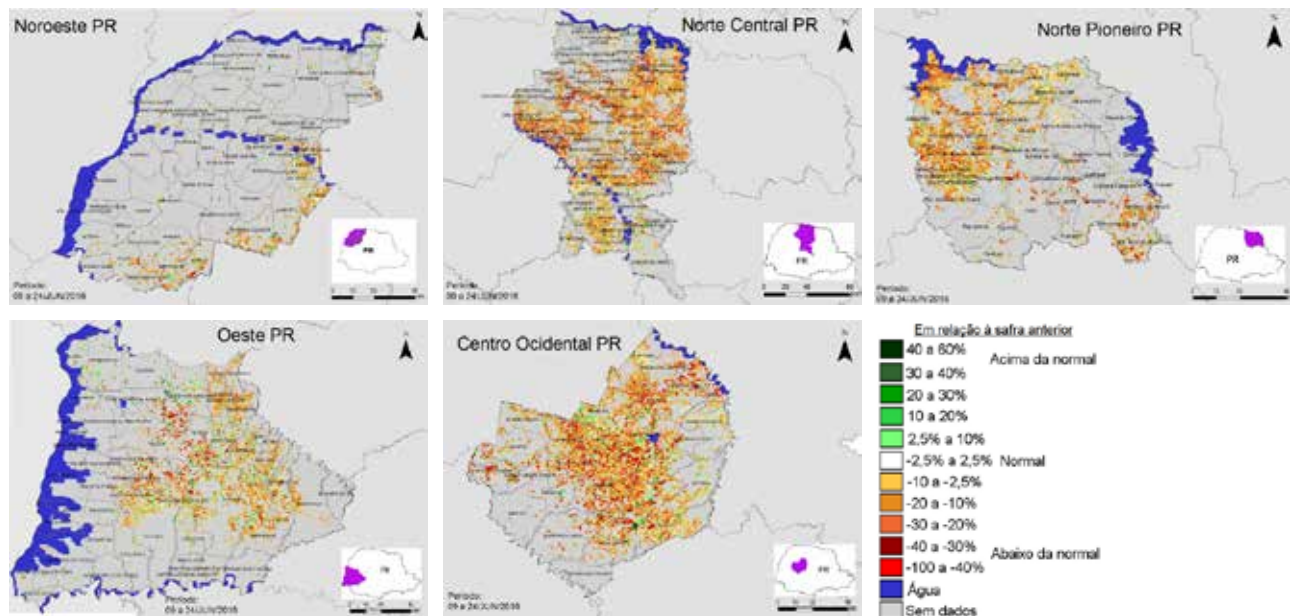
Os gráficos das 3 regiões mostram, pelos baixos valores de IV desde abril, que as lavouras vêm respondendo com atividade fotossintética inferior aos anos-sa-

fra anteriores. Trata-se do reflexo da falta de chuvas em boa parte do estado em período de muita demanda hídrica das atuais lavouras de segunda safra.



7.5.3. PARANÁ

Figura 11 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

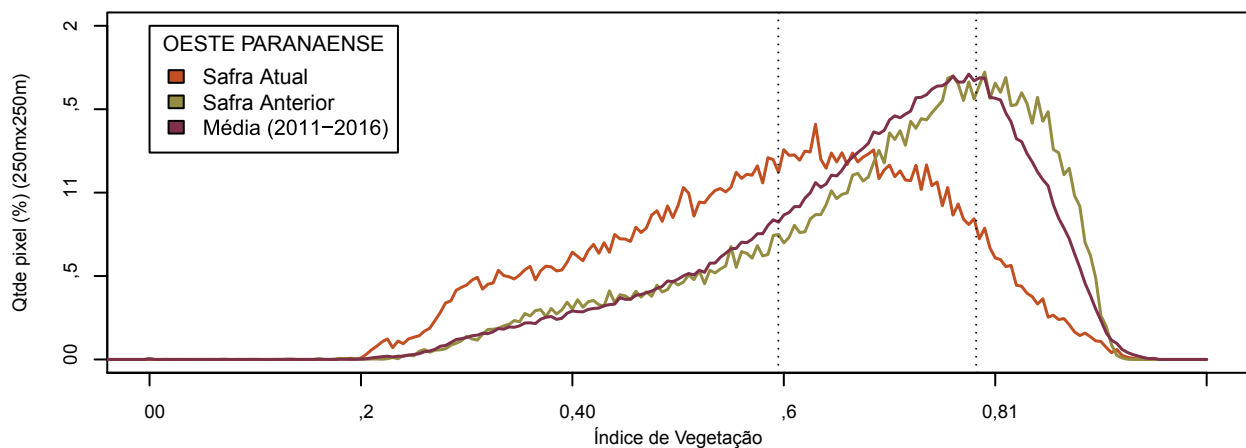


Fonte: Projeto Glam

As áreas com anomalia negativa, mostradas em cores amarelo, marrom e vermelho nos mapas, podem ser de áreas do milho segunda safra que tiveram a colheita antecipada na safra atual. Tais áreas decorrem também de possíveis atrasos no início do plantio do trigo, de geadas em meados de junho e principalmen-

te, pela escassez de chuvas em abril quando as lavouras estavam em fases reprodutivas. As poucas áreas em verde mostram onde o IV das lavouras atuais, inclusive cultivos de inverno, são superiores ao do ano passado.

Gráfico 60 - Quantificação de áreas - Oeste Paranaense

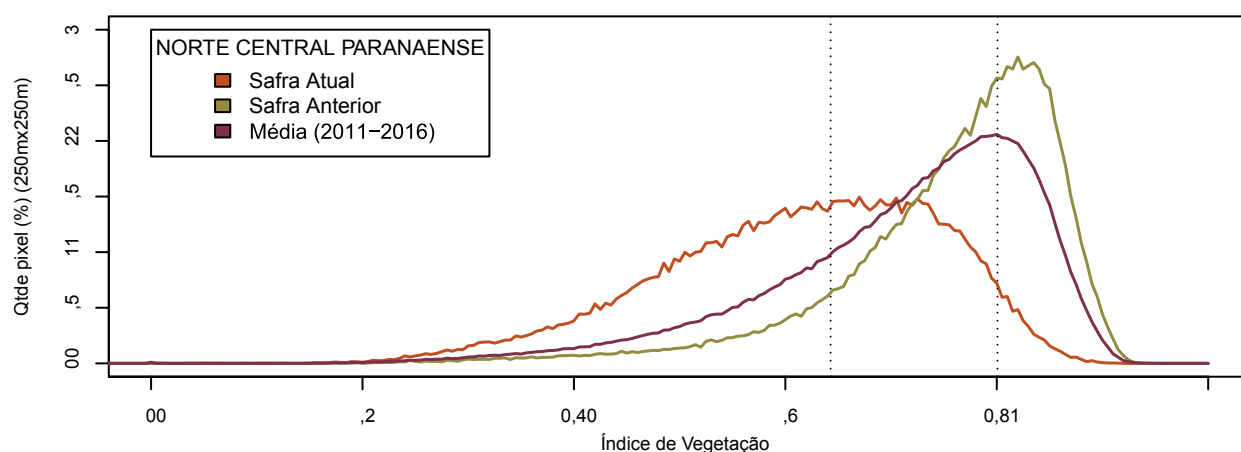


Valores de I.V.	0 - 0,5948	0,5948 - 0,7819	0,7819 - 1
Safra Atual	49,28 %	41,89 %	8,83 %
Safra Anterior	24,35 %	45,27 %	30,37 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	24,28 %	-8,11 %	-16,17 %

Fonte: Projeto Glam.



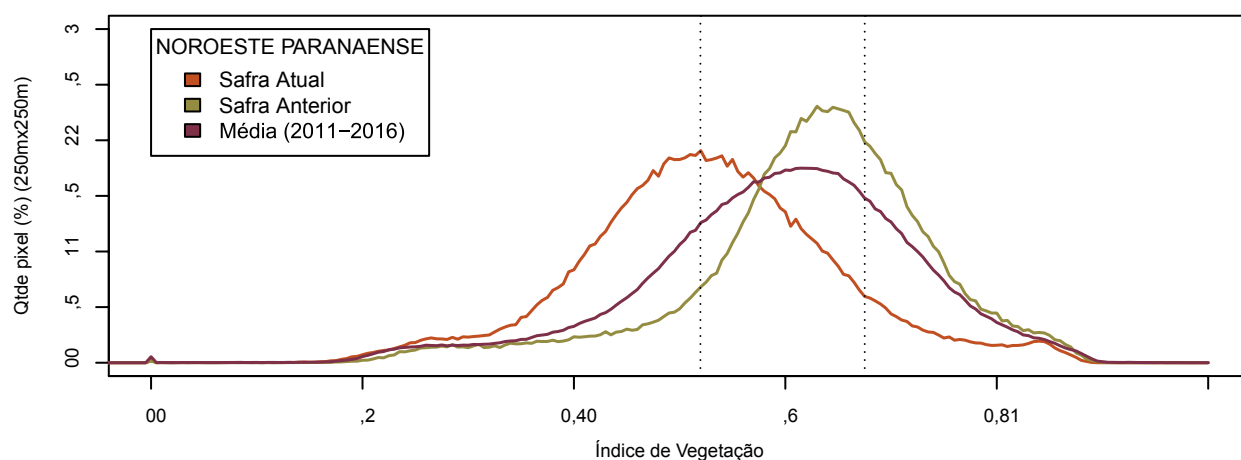
Gráfico 61 - Quantificação de áreas - Norte Central Paranaense



Valores de I.V.	0 – 0,6428	0,6428 – 0,8007	0,8007 – 1
Safra Atual	55,26 %	40,56 %	4,18 %
Safra Anterior	12,69 %	48,08 %	39,22 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	30,26 %	-9,44 %	-20,82 %

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 62 - Quantificação de áreas - Noroeste Paranaense

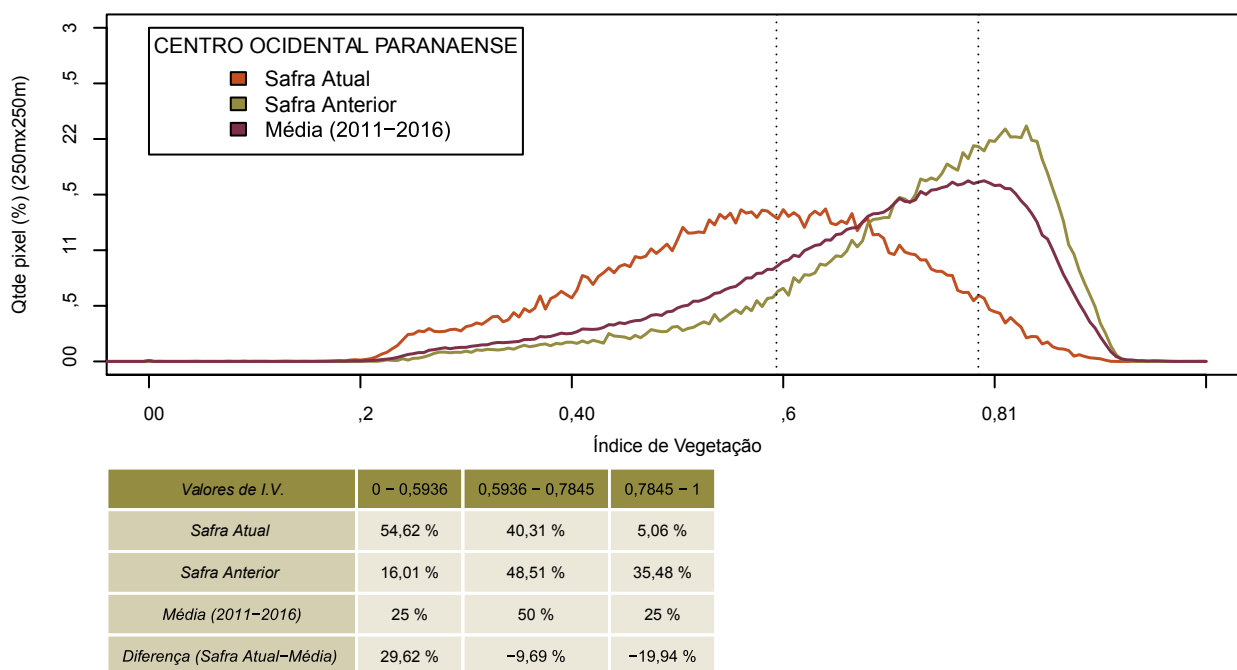


Valores de I.V.	0 – 0,5196	0,5196 – 0,6751	0,6751 – 1
Safra Atual	49,14 %	41,1 %	9,76 %
Safra Anterior	14,55 %	54,22 %	31,23 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	24,14 %	-8,9 %	-15,24 %

Fonte: Projeto Glam.

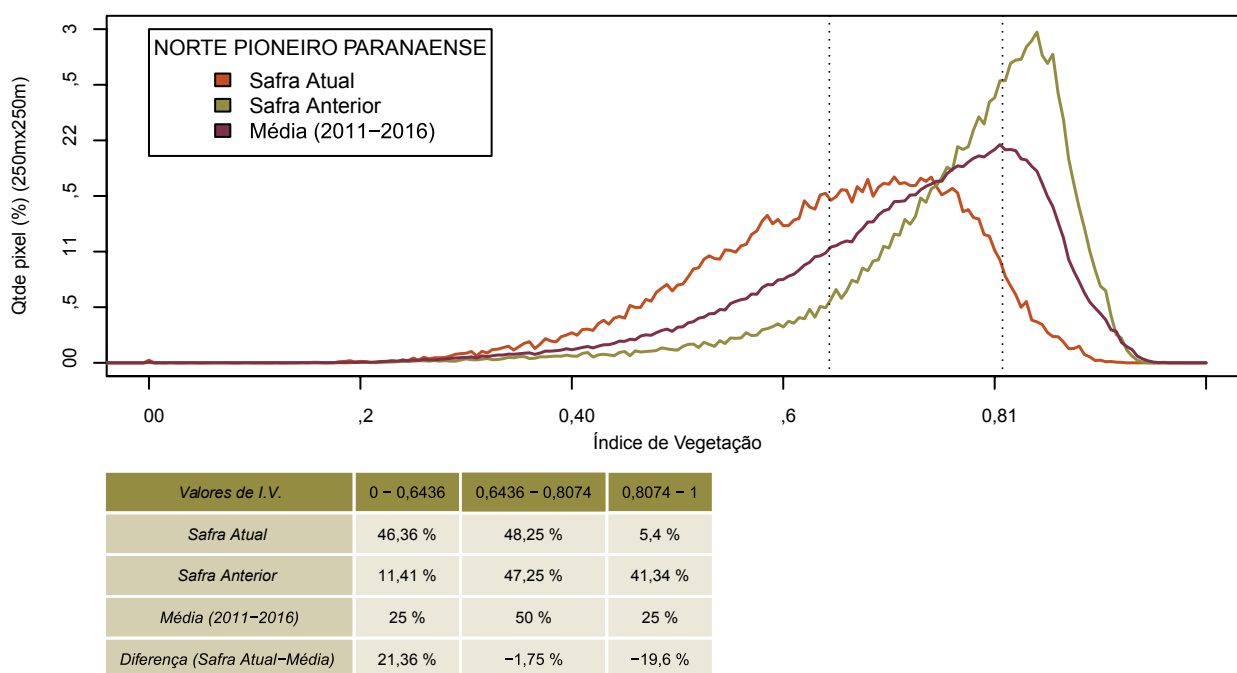


Gráfico 63 - Quantificação de áreas - Centro-Ocidental Paranaense



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 64 - Quantificação de áreas - Norte Pioneiro Paranaense



Fonte: Projeto Glam

O deslocamento dos gráficos em vermelho, para a esquerda, retrata a grande quantidade de áreas agrícolas da atual safra com baixas respostas de IV. As tabelas dos gráficos mostram que os percentuais de lavouras com médias e altas respostas de IV são os seguintes: a) no Oeste são 51% na atual safra contra 76% na safra passada; b) no Norte Central são 45% neste

ano contra 87% no ano passado; c) no Centro Ocidental são 45% em 2016 contra 84% em 2015 e; d) no Norte Pioneiro são 54% na atual safra contra 89% na safra anterior; f) no Noroeste são 60% na presente safra contra 79% no ano passado. Os complementos destes percentuais são áreas com baixas respostas de IV.



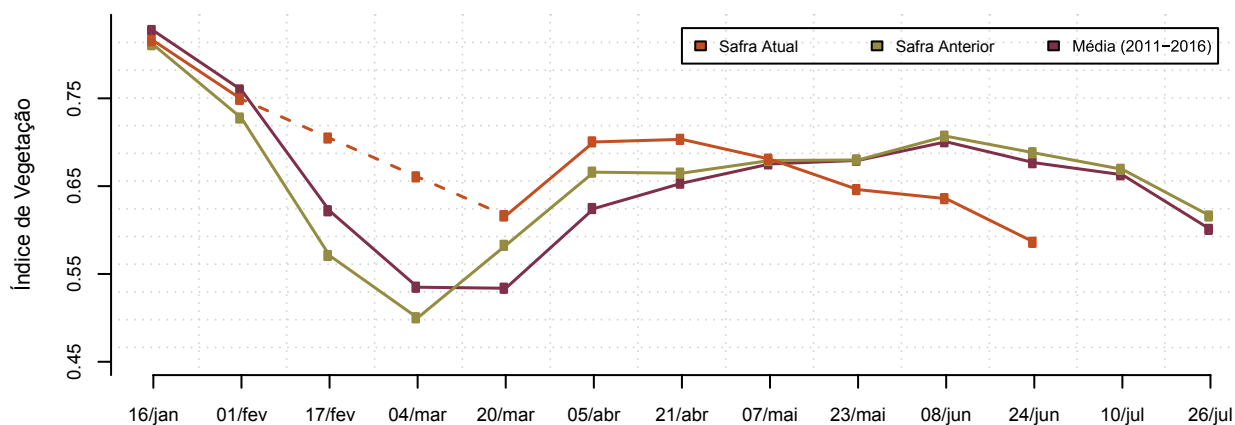
Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam as condições da atual safra nas regiões:

- Oeste: 13% abaixo da média dos 6 últimos anos e 15% abaixo da safra anterior;
- Norte Central: 14% abaixo da média dos 6 últimos

anos e 19% abaixo da safra anterior;

- Centro Ocidental: 16% abaixo da média dos 6 últimos anos e 20% abaixo da safra anterior.
- Norte Pioneiro: 10 abaixo da média dos 6 últimos anos e 16% abaixo da safra anterior.
- Noroeste: 12% abaixo da média dos 6 últimos anos e 15% abaixo da safra anterior..

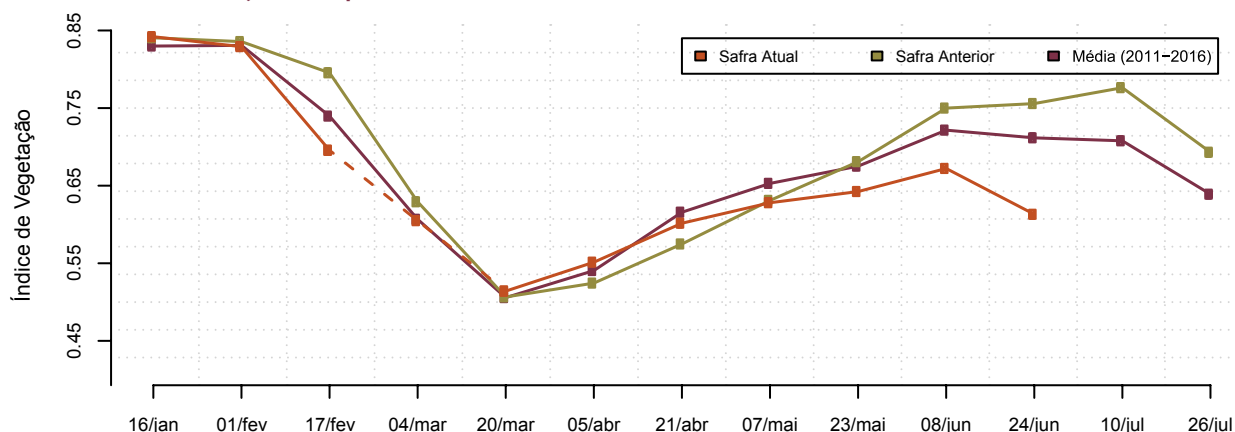
Gráfico 65 - Evolução temporal - Oeste Paranaense



Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul
% média	-1	-1			15	12	8	1	-5	-9	-13		
% safra anterior	1	3			6	5	6	0	-5	-10	-15		
Fases - 2ª Safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 66 - Evolução temporal - Norte Central Paranaense

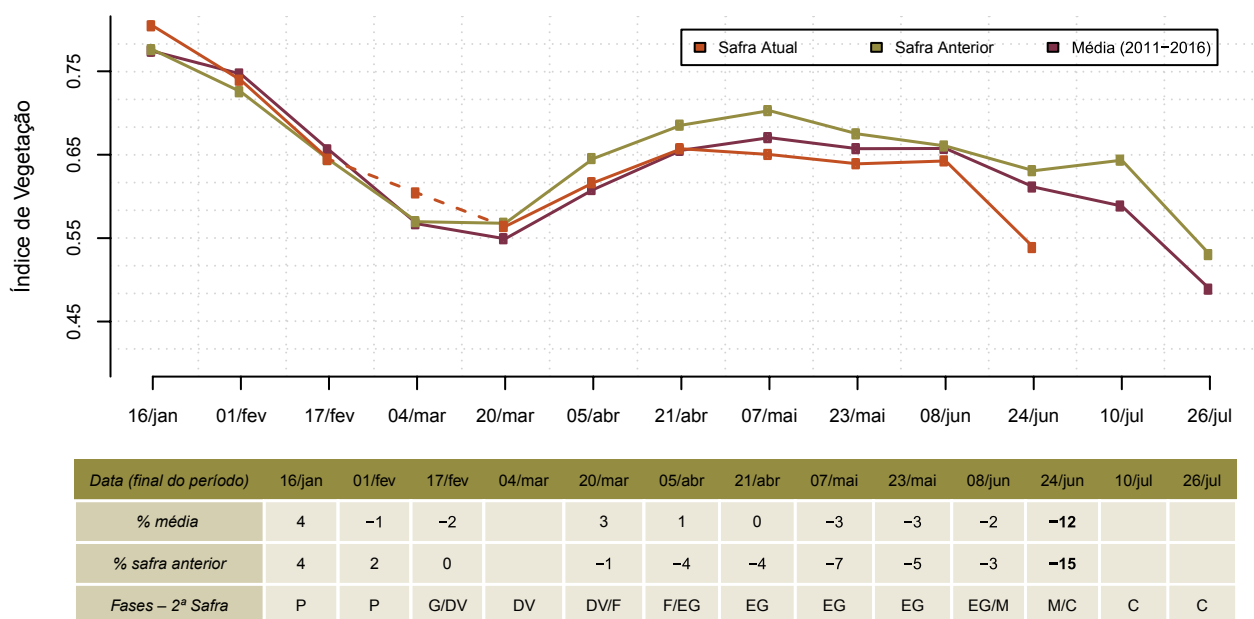


Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul
% média	1	0	-6		2	2	-2	-4	-5	-7	-14		
% safra anterior	0	-1	-13		1	5	5	0	-6	-10	-19		
Fases - 2ª Safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam

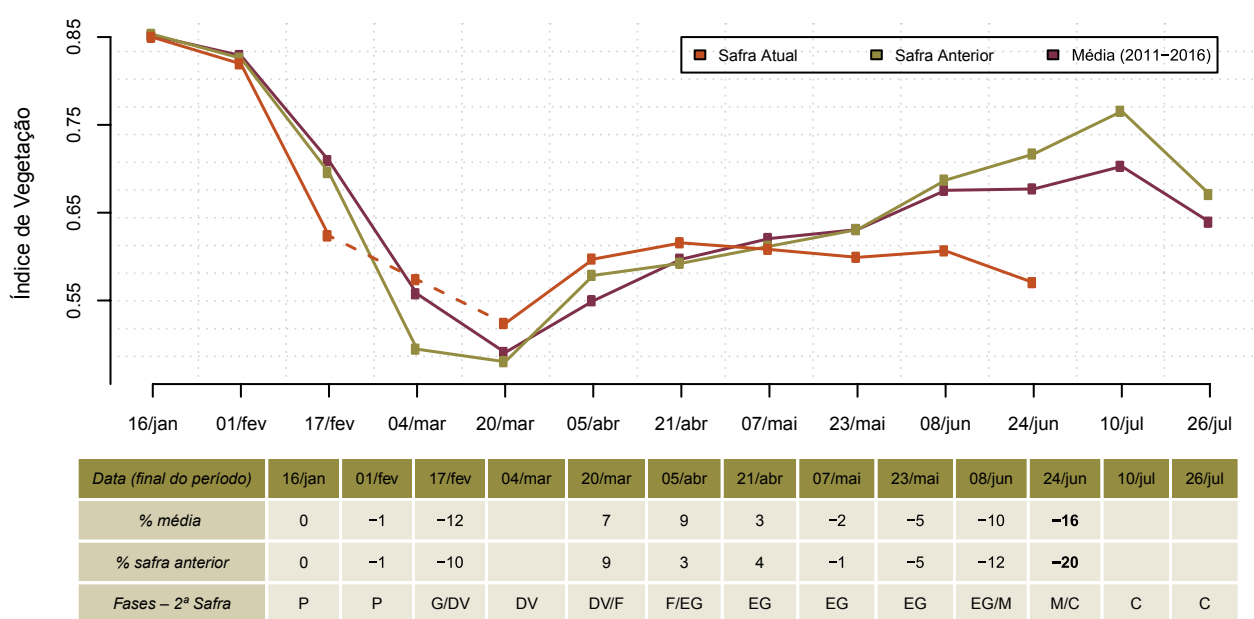


Gráfico 67 - Evolução temporal - Noroeste Paranaense



Fonte: Projeto Glam.

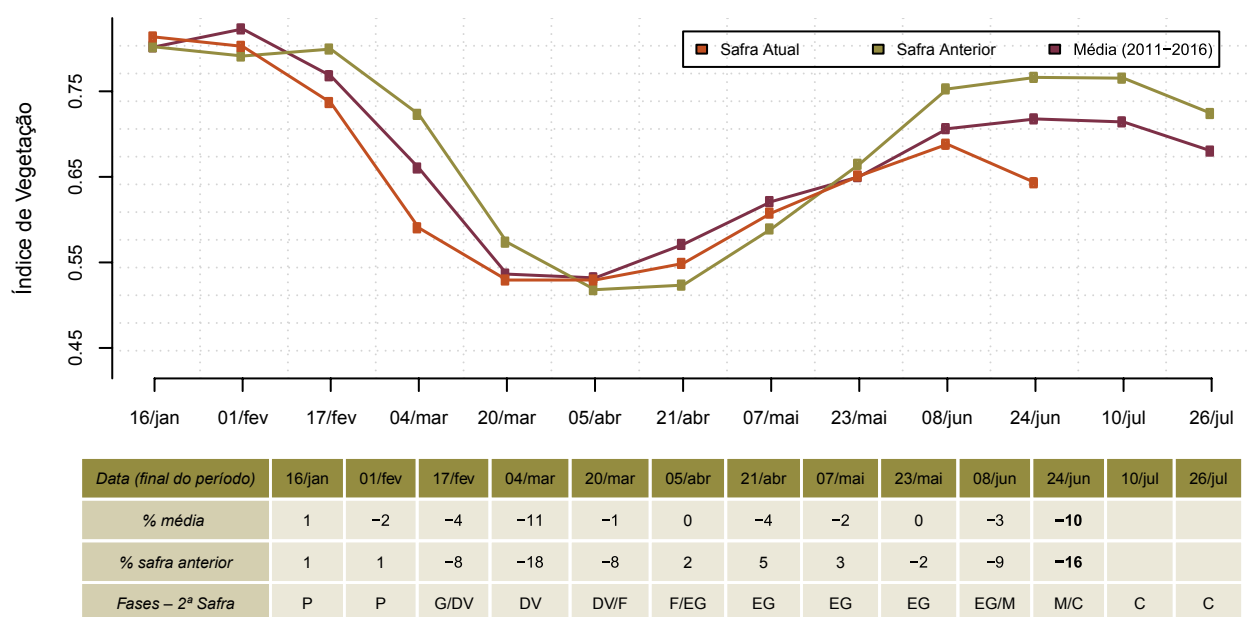
Gráfico 68 - Evolução temporal - Centro-Occidental Paranaense



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 69 - Evolução temporal - Norte-Pioneiro Paranaense



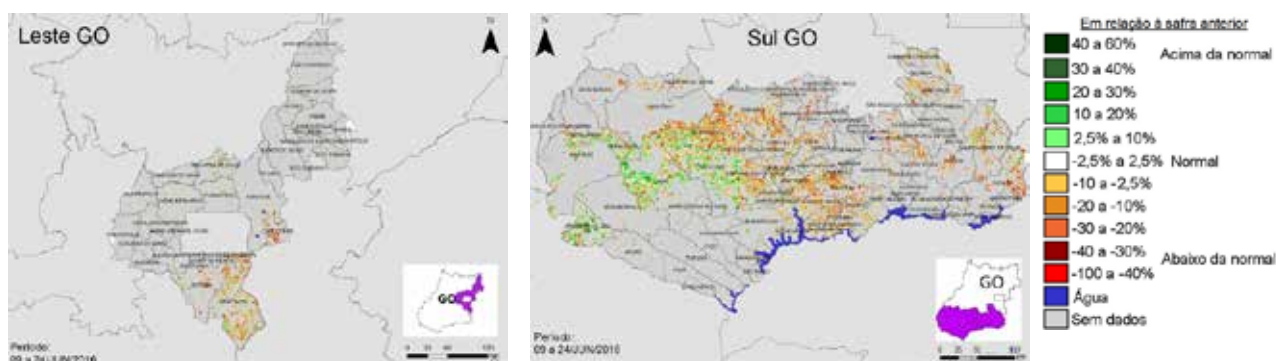
Fonte: Projeto Glam

Os últimos trechos das linhas vermelhas nos gráficos acima em declínio, ou tendendo a inclinação negativa, mostram a redução na atividade fotossintética das lavouras atuais. Isso é resultado da falta de chuva em abril que afetou cultivos de segunda safra em de-

envolvimento e atrasou o plantio do trigo. Além disso, há relação também com a maturação/colheita antecipada da parte dos cultivos de segunda safra e aos efeitos das geadas ocorridas em meados de junho.

7.5.4. Goiás

Figura 12 - Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

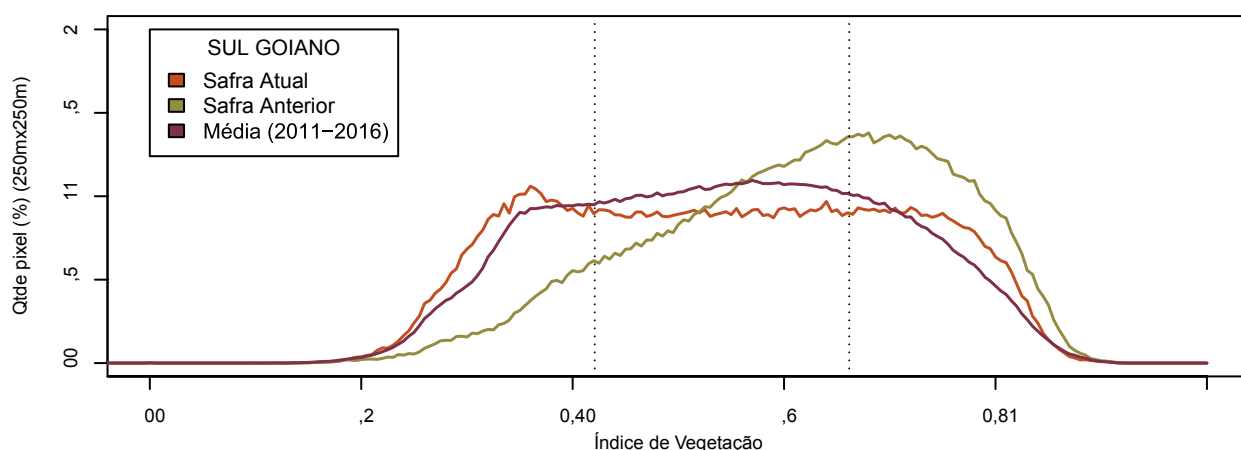


O predomínio das cores amarelo, marrom e vermelho mostra que as áreas agrícolas deste ano apresentam padrão de desenvolvimento inferior ao ano passado. A escassez de chuvas é a principal causa desta anomalia negativa. As lavouras de milho segunda safra plantadas fora da janela ideal de semeadura são as áreas mais penalizadas. Áreas em branco estão com padrão similar à safra passada. Em verde, em menor quantidade, estão as lavouras com resposta de IV acima do ano anterior. Essas áreas, com maior ocor-

rência na parte oeste da região Sul, devem estar relacionadas: a) ao milho segunda safra plantado mais tarde, fora da janela de plantio e em defasagem em relação ao ano passado e que, apesar de pequeno porte, ainda realiza atividade de fotossíntese, porém com baixo potencial de produtividade; b) ao sorgo, em fase menos adiantada e que também apresenta resposta de IV superior à do ano passado.



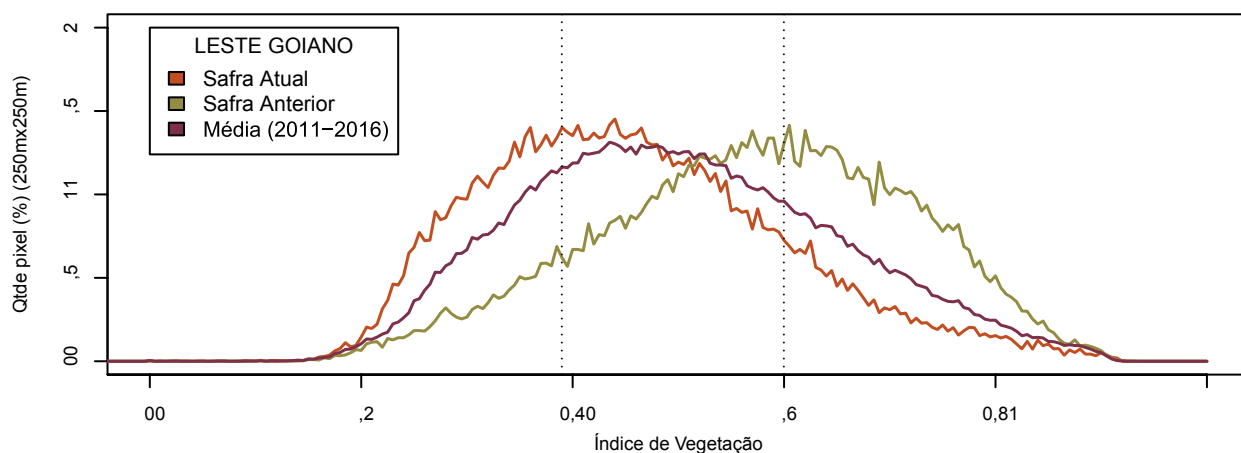
Gráfico 70 - Quantificação de áreas - Sul goiano



Valores de I.V.	0 – 0,4209	0,4209 – 0,6616	0,6616 – 1
Safra Atual	28,54 %	43,42 %	28,04 %
Safra Anterior	11 %	47,85 %	41,16 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	3,54 %	-6,58 %	3,04 %

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 71 - Quantificação de áreas - Leste goiano



Valores de I.V.	0 – 0,3897	0,3897 – 0,5998	0,5998 – 1
Safra Atual	35,56 %	48,66 %	15,78 %
Safra Anterior	12,58 %	43,66 %	43,76 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	10,56 %	-1,34 %	-9,22 %

Fonte: Projeto Glam.

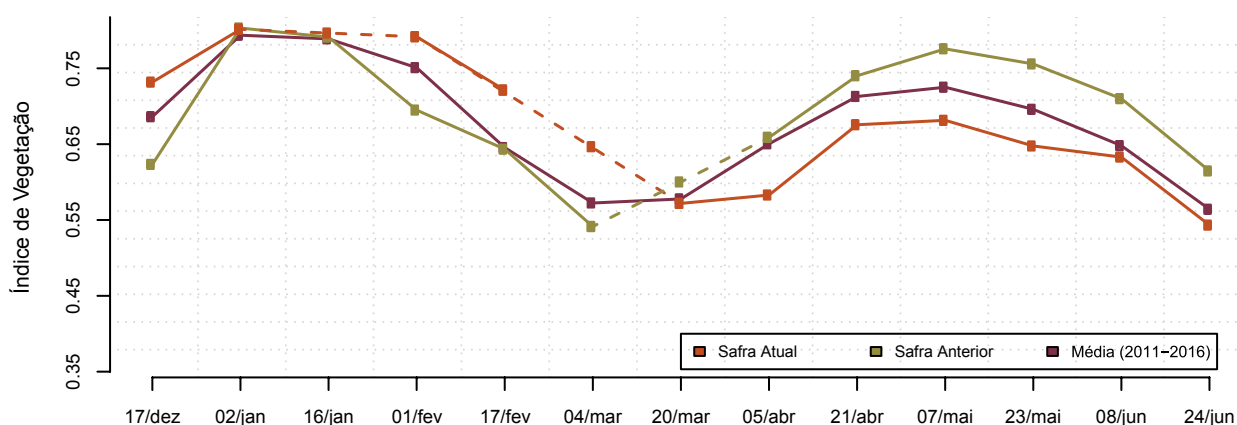
As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram, que no Sul Goiano, a atual safra tem 71% de suas lavouras com médias e altas respostas de IV contra 89% no mesmo período do ano passado. E no Leste são 64% da atual safra contra 87% no mesmo período do ano anterior. Consequentemente, a safra atual tem, nas duas regiões, mais lavouras em baixo padrão que a safra passada teve no mesmo período. Em síntese,

os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam as condições da atual safra nas regiões:

- Sul, 2% abaixo da média dos 6 últimos anos e 11% abaixo da safra passada.
- Leste, 6% abaixo da média dos 6 últimos anos e 17% abaixo da safra passada.



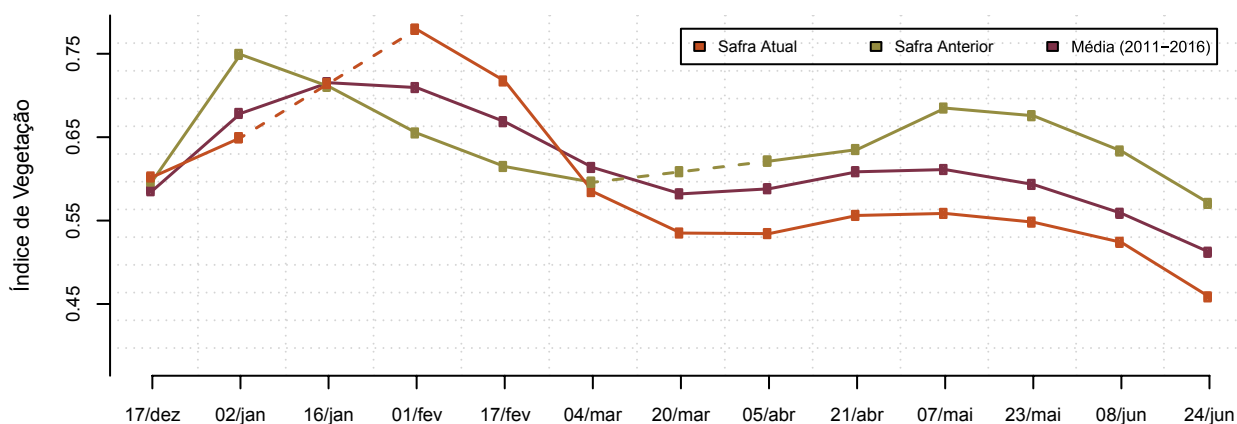
Gráfico 72 - Evolução temporal - Sul goiano



Data (final do período)	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun
% média	7	1		5	12		-1	-10	-5	-6	-7	-2	-4
% safra anterior	17	0		14	12			-12	-9	-12	-14	-11	-12
Fases - 2ª Safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 73 - Evolução temporal - Leste goiano



Data (final do período)	17/dez	02/jan	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun
% média	3	-4		10	7	-5	-8	-9	-9	-9	-8	-6	-10
% safra anterior	1	-13		19	17	-2		-14	-12	-18	-19	-17	-20
Fases - 2ª Safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam.

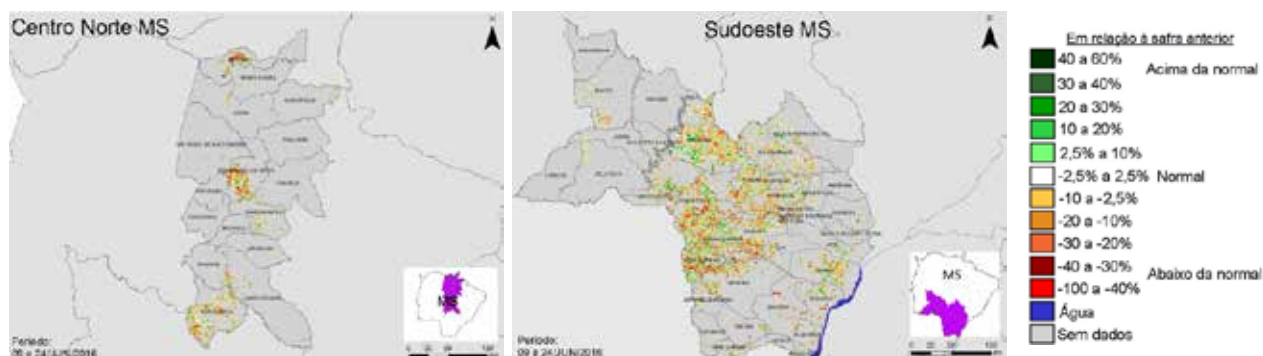
Nos gráficos acima, o traçado da linha vermelha abaixo dos anos anteriores, desde março, mostra forte redução do padrão de desenvolvimento das lavouras

da atual safra, principalmente, do milho de segunda safra. Isso é reflexo da falta de chuva em período de grande demanda de água pelas plantações.



7.5.5. MATO GROSSO DO SUL

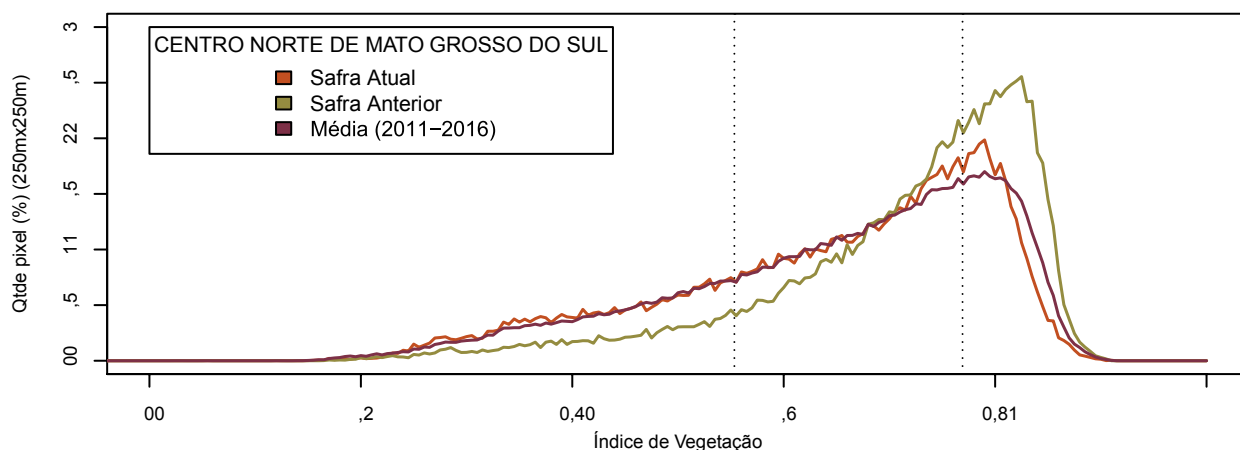
Figura 13 - Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Nos mapas as áreas em amarelo, marrom e vermelho, em maior quantidade, indicam onde as atuais lavouras respondem com IV inferior ao ano passado. Essa condição decorre da escassez de chuvas e das temperaturas elevadas em grande parte do estado. As estia-

gens ocorreram principalmente em abril, período em que os cultivos estavam em fases reprodutivas e, por isso, em forte demanda por água. As áreas em verde mostram onde os cultivos de 2ª safra estão, no momento, com IV superior ao ano passado.

Gráfico 74 - Quantificação de áreas - Centro-Norte do Mato Grosso do Sul

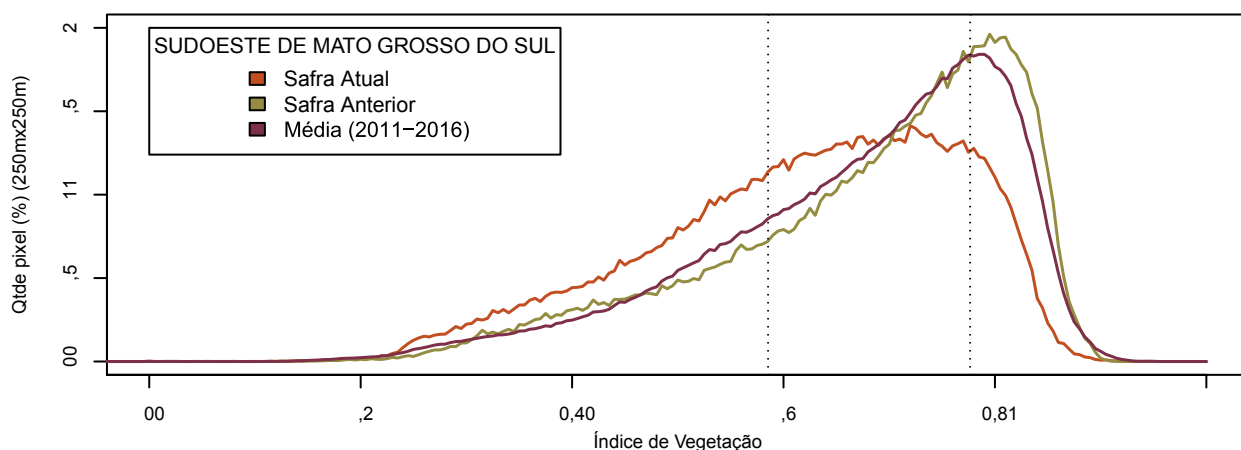


Valores de I.V.	0 - 0,5533	0,5533 - 0,7692	0,7692 - 1
Safra Atual	25,92 %	51,24 %	22,84 %
Safra Anterior	12,09 %	48,25 %	39,66 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	0,92 %	1,24 %	-2,16 %

Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 75 - Quantificação de áreas - Sudoeste do Mato Grosso do Sul



Valores de I.V.	0 - 0,5854	0,5854 - 0,7765	0,7765 - 1
Safra Atual	37,77 %	49,34 %	12,89 %
Safra Anterior	23,48 %	47,5 %	29,02 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	12,77 %	-0,66 %	-12,11 %

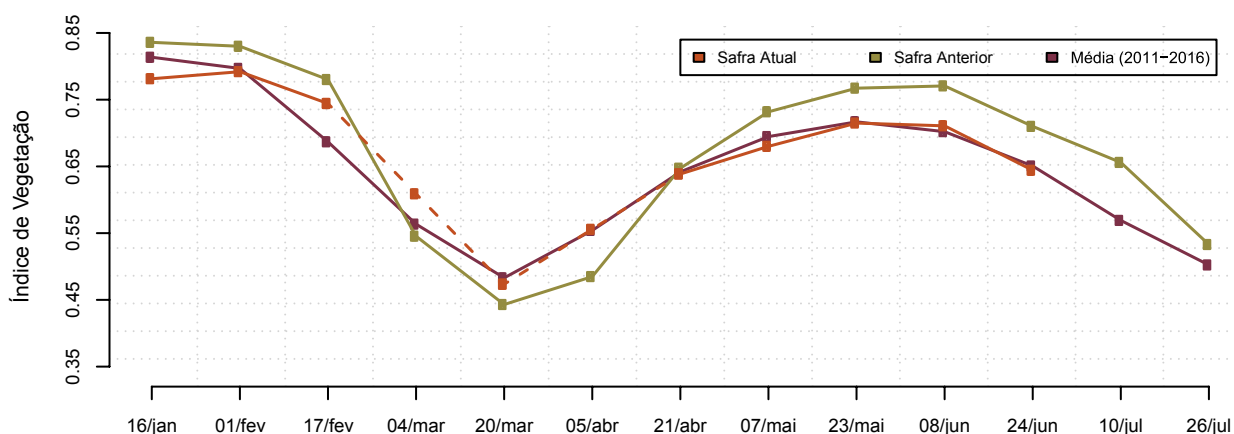
Fonte: Projeto Glam

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que: no Sudoeste a safra atual tem 62% de suas lavouras com médios e altos valores de IV contra 77% no mesmo período do ano passado e; no Centro Norte os correspondentes percentuais são 74% da safra atual contra 88% da safra passada. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de

valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam as condições da atual safra nas regiões:

- Sudoeste: 8% abaixo da média dos 6 últimos anos e 9% abaixo da safra passada.
- Centro Norte: 1% abaixo da média dos 6 últimos anos e 9% abaixo da safra passada.

Gráfico 76 - Evolução temporal - Centro-Norte do Mato Grosso do Sul

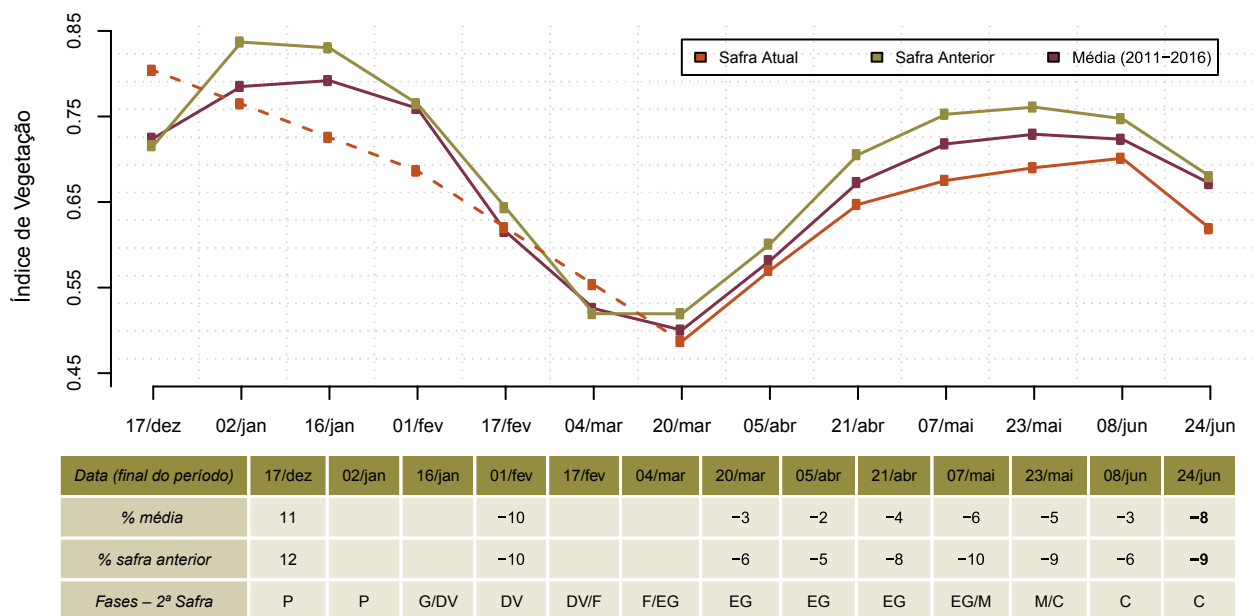


Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul
% média	-4	-1	8		-2		-1	-2	0	1	-1		
% safra anterior	-7	-5	-5		7		-1	-7	-7	-8	-9		
Fases - 2ª Safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 77 - Evolução temporal - Sudoeste do Mato Grosso do Sul



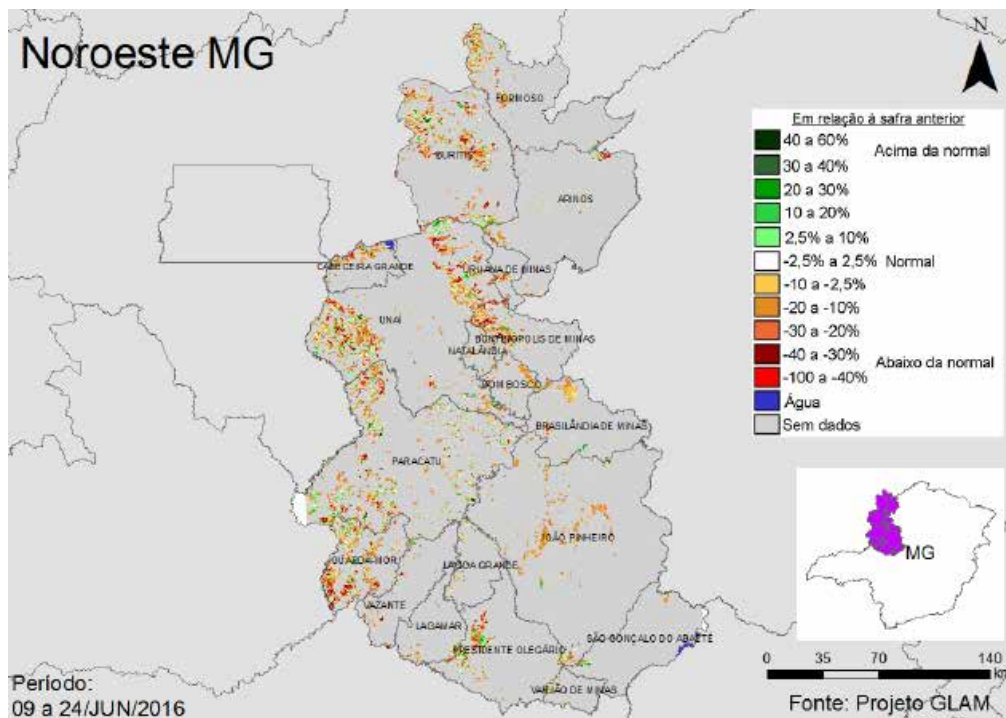
Fonte: Projeto Glam

Os traçados dos últimos trechos da linha vermelha, abaixo do ano anterior, desde de abril, mostram que a atual safra tem comportamento inferior ao da safra passada. No Sudoeste a situação foi ainda mais nega-

tiva, ficando, inclusive, abaixo da média dos 6 últimos anos. A falta de chuvas, principalmente em abril, afetou o desenvolvimento dos cultivos de segunda safra.

7.5.6. MINAS GERAIS

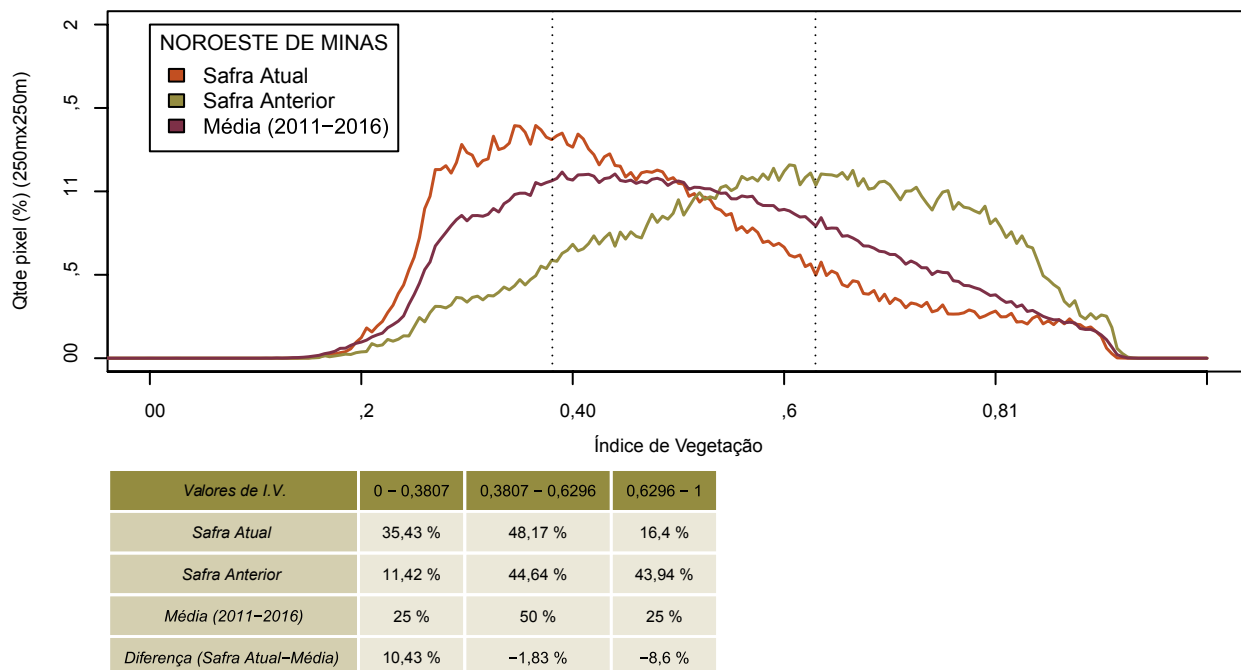
Figura 14 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



O mapa mostra predomínio de áreas em amarelo, laranja e marrom. São lavouras da atual safra com anomalia negativa em relação ao ano passado. A falta de chuva é a principal causa desta redução do padrão de

desenvolvimento em 2016. Em verde, são cultivos de segunda safra menos afetados pela estiagem, inclusive cultivos irrigados.

Gráfico 78 - Quantificação de áreas - Noroeste Minas Gerais

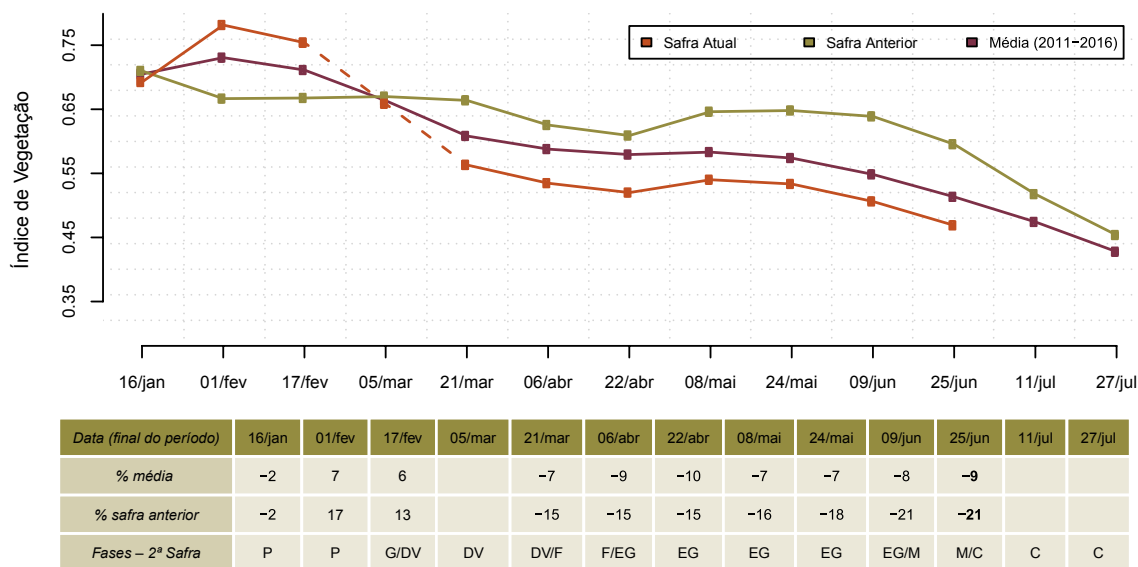


Fonte: Projeto Glam.

No gráfico acima a linha vermelha mais deslocada para a esquerda em relação às demais indica que a atual safra tem uma maior quantidade de lavouras com baixas respostas de IV em comparação aos outros anos safra. Em termos percentuais de lavouras com médios e altos valores de IV a tabela mostra que

a atual safra tem 65% contra 89% da safra passada no mesmo período. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam as condições da atual safra: 9% abaixo da média dos 6 últimos anos e 21% abaixo da safra passada.

Gráfico 79 - Evolução temporal - Noroeste Minas Gerais



Fonte: Projeto Glam.

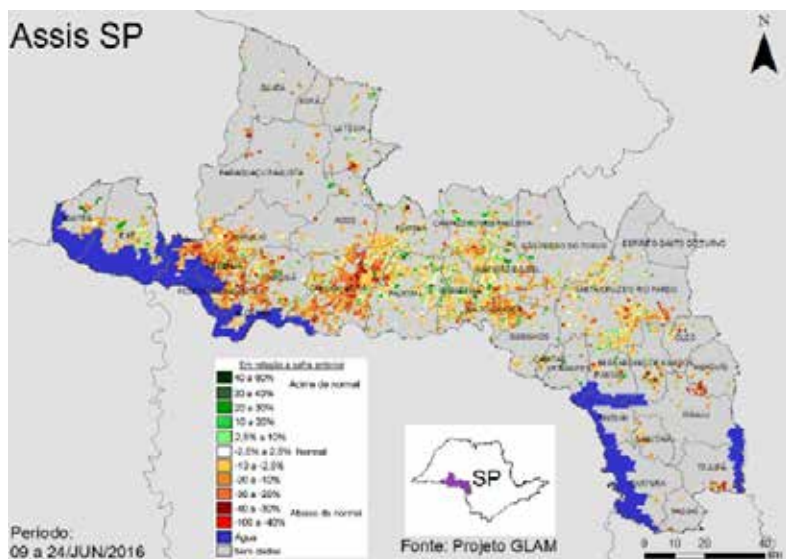


No gráfico acima, o traçado da linha vermelha, abaixo das demais desde março, mostra que, no geral, as la-

vouras da presente safra apresentaram atividade de fotossíntese inferior aos demais anos safra.

7.5.7. SÃO PAULO

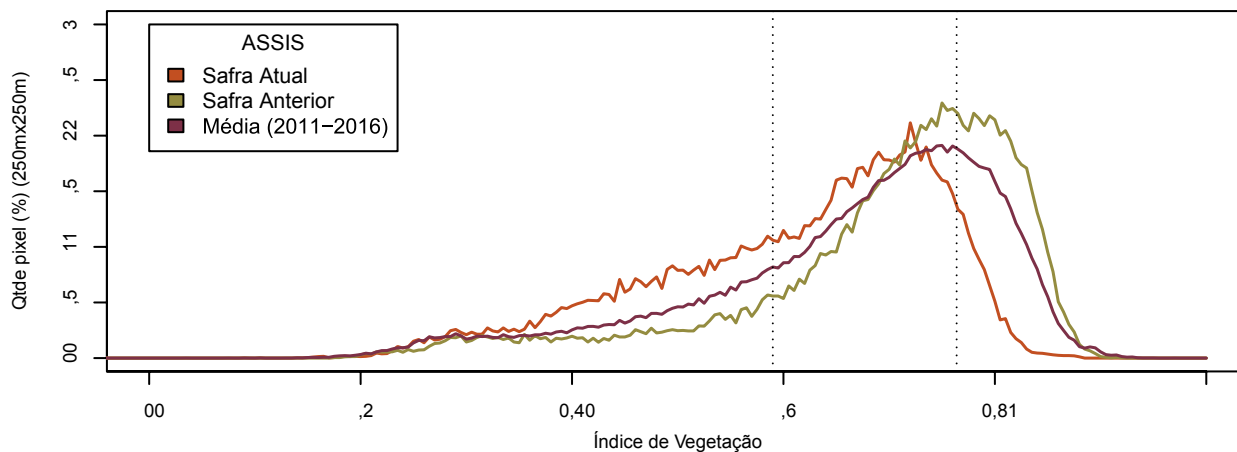
Figura 15 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



O mapa mostra um pequeno predomínio de áreas em amarelo, laranja e marrom. Essas áreas são lavouras da safra atual com anomalia negativa em relação ao ano passado. O clima um pouco desfavorável, falta de chuvas em abril, foi a principal causa das baixas respostas de IV nestas áreas. Eventualmente, geadas

em meados de junho podem também ter provocado queda do IV, assim como, a antecipação da maturação e da colheita do milho segunda safra. Em branco são cultivos com padrão semelhante à safra passada. Em verde são lavouras de segunda safra menos afetadas pela estiagem e, até mesmo, áreas irrigadas.

Gráfico 8o - Quantificação de área - Assis SP



Valores de I.V.	0 – 0,5899	0,5899 – 0,7638	0,7638 – 1
Safra Atual	37,83 %	53,98 %	8,2 %
Safra Anterior	16,52 %	49,3 %	34,17 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	12,83 %	3,98 %	-16,8 %

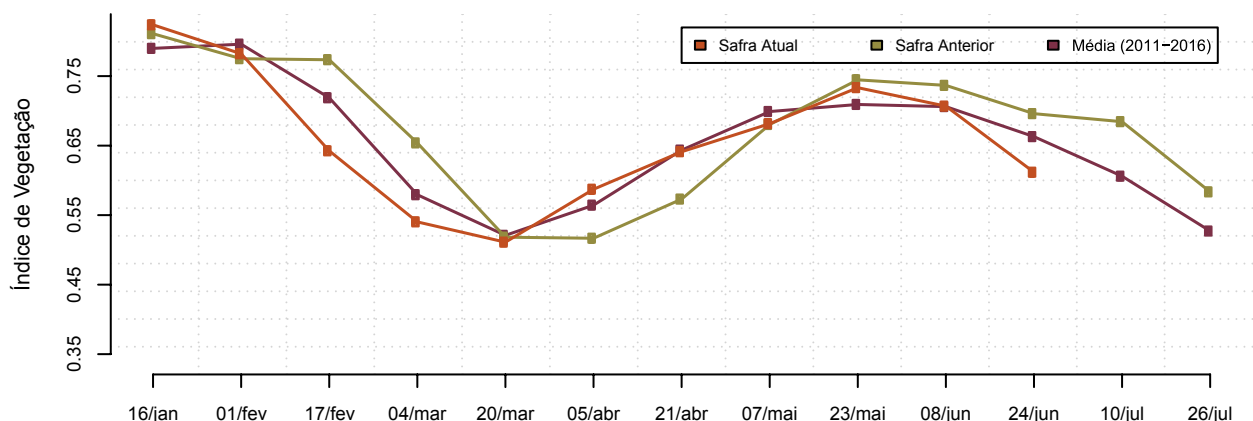
Fonte: Projeto Glam.



A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 62% de suas lavouras com médios e altos valores de IV contra 83% da safra passada. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas

as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam as condições da atual safra: 8% abaixo da média dos 6 últimos anos e 12% abaixo da safra passada.

Gráfico 81 - Evolução temporal - Assis SP



Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul
% média	4	-2	-11	-7	-2	4	0	-3	3	0	-8		
% safra anterior	2	1	-17	-17	-1	14	12	0	-2	-4	-12		
Fases – 2ª Safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

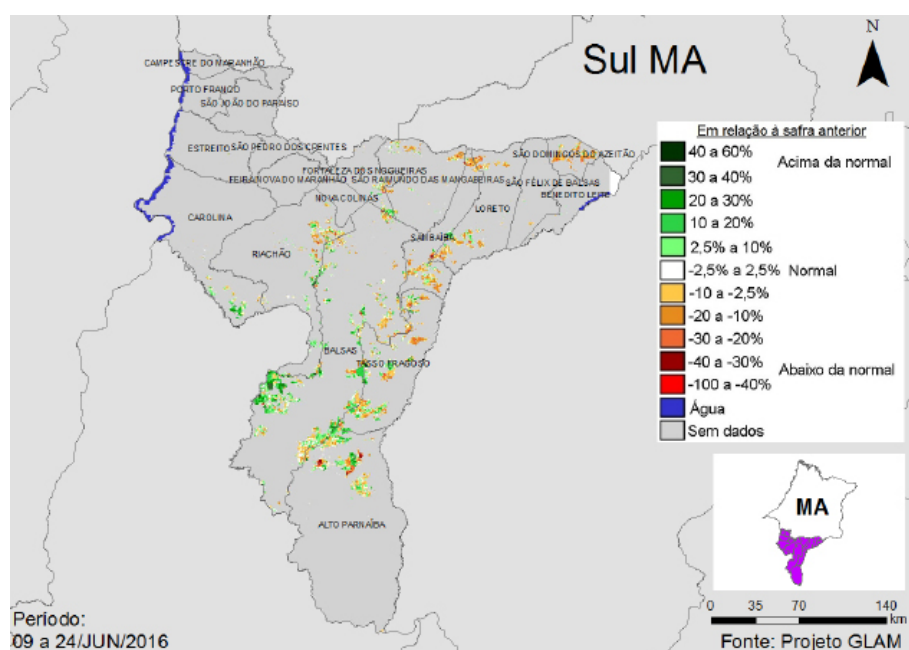
Fonte: Projeto Glam

O traçado da linha vermelha no gráfico acima mostra que a atual safra teve padrão de desenvolvimento melhor que no ano anterior no período de meados de março a meados de abril. A partir de maio e, principal-

mente agora em junho, a queda do IV foi forte, tendo como causas a falta de chuvas e, eventualmente, a ocorrência de geadas e a antecipação da colheita do milho segunda safra.

7.5.8. MARANHÃO

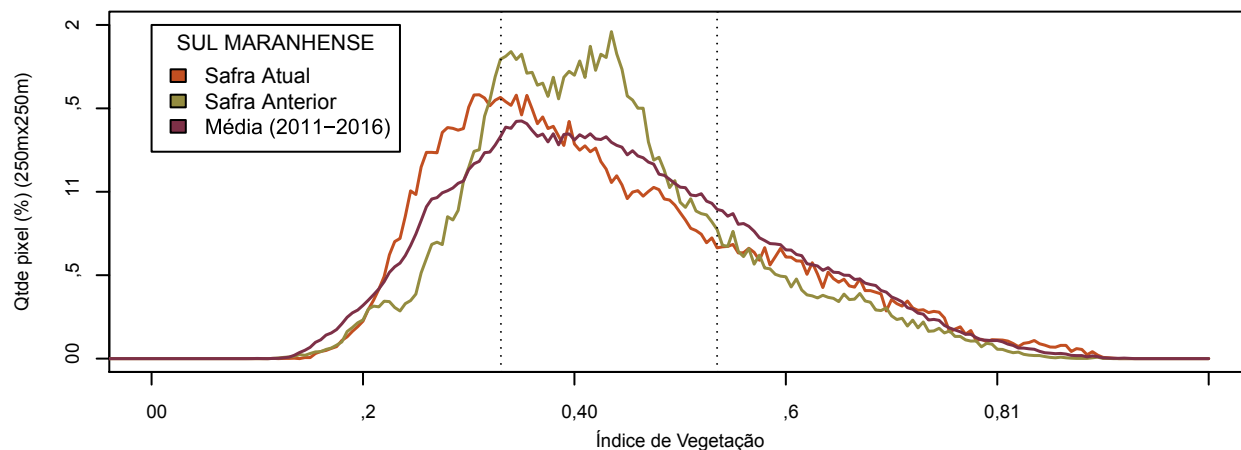
Figura 16 - Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



O mapa mostra equivalência entre a quantidade de áreas com anomalia positiva (em verde) e com anomalia negativa (em amarelo, laranja e marrom). Estas últimas podem ser lavouras de segunda safra afetadas

pelas longas estiagens no estado, em fases reprodutivas dos cultivos. Em verde são lavouras menos afetadas pela estiagem e, eventualmente, áreas irrigadas.

Gráfico 82 - Quantificação de área - Sul Maranhense



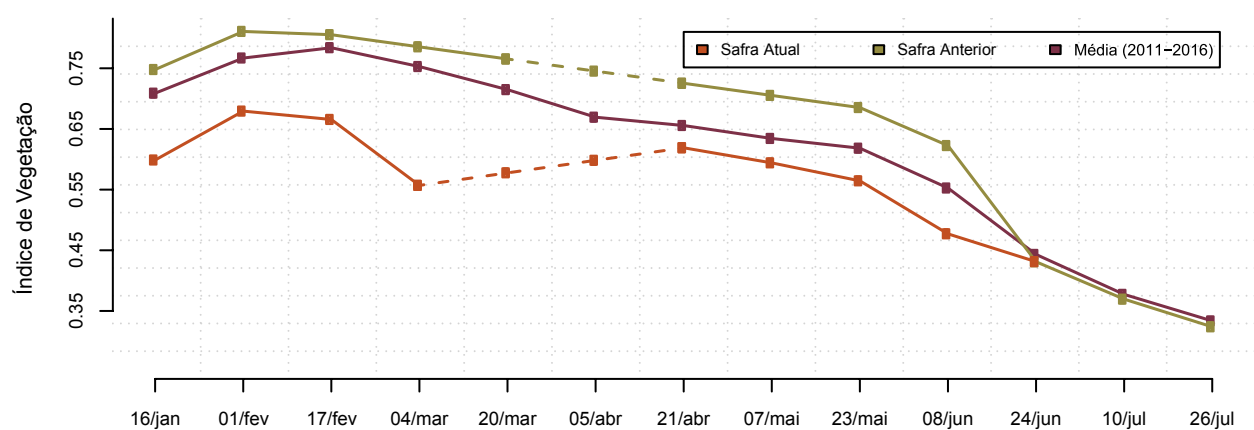
Valores de I.V.	0 - 0,3305	0,3305 - 0,535	0,535 - 1
Safra Atual	30,26 %	46,39 %	23,35 %
Safra Anterior	21,66 %	60 %	18,34 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	5,26 %	-3,61 %	-1,65 %

Fonte: Projeto Glam.

A tabela do gráfico de quantificação de áreas mostra que a atual safra tem 70% de suas lavouras com médios e altos valores de IV contra 78% da safra passada. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas

as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam as condições da atual safra: 3% abaixo da média dos 6 últimos anos e situação semelhante à safra passada.

Gráfico 83 - Evolução temporal - Sul Maranhense



Data (final do período)	16/jan	01/fev	17/fev	04/mar	20/mar	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul
% média	-16	-11	-15	-26			-6	-6	-9	-14	-3		
% safra anterior	-20	-16	-17	-29			-15	-16	-18	-23	0		
Fases - 2ª Safra	P	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam.



No gráfico, o traçado da linha vermelha, abaixo das demais desde janeiro, mostra que no geral, as lavou-

ras da presente safra, vem apresentando comportamento inferior aos demais anos safra.





8. ANÁLISE DAS CULTURAS

8.1 CULTURAS DE VERÃO

8.1.1. ALGODÃO

O décimo levantamento confirma a redução na área plantada de 1,8% na temporada 2015/16, atingindo 958,4 mil hectares, comparada com 976,2 mil hectares do exercício anterior. Caso se confirme a produtividade de 3.626 kg/ha, a produção nacional de algodão em caroço deverá atingir 3.475,4 mil toneladas, representando um decréscimo de 11,1% em relação à safra anterior.

Em Mato Grosso a primeira safra de algodão em caroço já começou a ser colhida 4% das áreas, ainda que a passos lentos, já que a maior concentração dos trabalhos de colheita ficará julho, assim como o algodão segunda safra. As áreas localizadas majoritariamente nas regiões oeste a sudeste do estado já estão desseccadas. Há relatos de ocorrência de ataques de pragas, tal como o bicudo do algodoeiro que está sob controle. Em relação à produtividade do algodoeiro, estima-se um rendimento de 3.829 kg/ha, leve queda de 6,5% em relação ao ano passado, devido ao stress hídrico enfrentado durante a safra.

Na região oeste da Bahia a colheita atingiu 28%. Estima-se que 21 mil hectares da área estejam sendo cultivadas em sucessão à soja irrigada, sob o pivô central, com a estimativa de produtividade de 2.700 kg/ha de caroço. A estiagem que vem ocorrendo desde fevereiro influenciou negativamente o crescimento vegetativo dos algodoeiros, é possível encontrar plan-

tas secas no campo.

Atualmente 28% do algodão está colhido no estado. Em safras normais seriam de 5 a 10%. Ocorre que por conta da estiagem o produtor de algodão antecipou a aplicação do desfolhante para diminuir as perdas. A estimativa é que 50 a 60% da pluma de algodão produzida na Bahia vá para a exportação. Com o tempo muito seco, o vento prejudica a qualidade da pluma, pois traz muita poeira.

Na região centro-sul do estado a produtividade do algodoeiro foi afetada negativamente pela estiagem iniciada em fevereiro. A falta de chuvas compromete ainda a qualidade da fibra e eleva a participação relativa do custo de produção. Percebeu-se a redução de áreas de sequeiro e aumento de áreas irrigadas. A redução do sequeiro foi fomentada pelas adversidades climáticas enfrentadas em safras passadas.

Devido ao aumento da área irrigada e redução da área de sequeiro a produtividade de algodão em caroço aumentou de 30 @/ha na safra 2014/15 para 115 @/ha, nesta safra.

Em Mato Grosso do Sul a safra atual houve redução da área plantada com a cultura no estado em decorrência da substituição pela cultura da soja. De acordo com informações coletadas, esse evento ocorreu em decorrência dos bons preços praticados no mercado para o grão, além do elevado custo de produção do algodão em função da alta do dólar, além das condições de comercialização desfavoráveis para o produto. A área com a cultura para esta safra deve ser de aproximadamente 29,5 mil hectares, redução de 5,1% em relação à área da safra anterior. Já a produtividade estimada é atualmente de 4.230 kg/ha, redução de aproximadamente 6% em relação à safra 2014/15, e redução de 0,3% em relação ao levantamento anterior.

Na região centro sul do estado apenas nos municípios de Aral Moreira e Sidrolândia planta-se a cultura. Nestes dois municípios o plantio ocorreu mais cedo em comparação ao norte do estado em decorrência do vazio sanitário e também porque as precipitações se estabilizaram em meados de outubro e novembro. Em Sidrolândia a cultura está em processo de maturação e o excesso de chuva ocorrido no final do ano de 2015 e início 2016 vão reduzir a expectativa de produtividade. Em Aral Moreira a cultura está toda colhida e a produtividade foi muito aquém do esperado, em decorrência do apodrecimento das maçãs.

No norte do estado, onde há a maior área cultivada, a cultura está em processo de maturação, com aproximadamente 200 dias de idade. Como o algodão é uma cultura que não se desenvolve bem em períodos

de alta nebulosidade e chuvosos (o que ocorreu na região em janeiro), as plantas ficaram comprometidas, porém como o ciclo da cultura é longo, espera-se que haja recuperação sem grandes problemas de quebras de produtividade. A partir do final de fevereiro houve dias sem chuvas no norte do estado, os produtores aproveitaram para entrar com o maquinário na lavoura, fazendo as aplicações necessárias para o controle das pragas iniciais, tais como percevejos, pulgões, bicudo e lagartas *Lepidopteras*.

O estresse hídrico que acometeu a cultura durante abril tem ocasionado redução da produtividade. Além da falta de chuvas, as temperaturas estiveram muito altas na região norte, dificultando a planta a manter o turgor e realizar a fotossíntese, processos fundamentais para o alcance de produtividades satisfatórias.

Atualmente o clima está favorável para a cultura do algodão. As chuvas intercaladas com períodos de insolação são ideais para o adequado crescimento e desenvolvimento da cultura, de forma que, se mantendo estas condições, a tendência é que haja recuperação parcial das plantas em decorrência do estresse hídrico que acometeu a cultura nas fases iniciais de desenvolvimento.

As principais pragas que acometem a cultura atualmente são as típicas de período da seca, tais como *Helicoverpa armigera*, lagarta das maçãs, *Spodoptera frugiperda*, ácaro rajado (*Tetranychus urticae*) e mosca-branca (*Bemisia tabaci*). Ressalta-se que o bicudo do algodoeiro (*Anthonomus grandis*), o qual foi uma praga importante nas safras anteriores está sob controle, graças à conscientização dos produtores e à adoção de práticas de manejo inovadoras de controle do coleóptero, como as aplicações em Ultra Baixo Volume (UBV). Há de se ressaltar que o uso do inseticida Malathion tem sido eficiente no controle do bicudo do algodoeiro, mas tende a causar desequilíbrio por não ser seletivo e controlar inimigos naturais. De forma que tem sido observado um aumento do ataque de ácaro rajado atualmente na cultura, o que é atípico na região.

No início de abril foi aplicado reguladores de crescimento para travar o desenvolvimento da planta, forçar a maturação e uniformizar a cultura, com o planejamento de colher o algodão a partir do final de junho até meados de agosto.

Os produtores têm reclamado do câmbio, pois enquanto os insumos tiveram alta de aproximadamente 40%, os preços pagos aos produtores tiveram reajuste de apenas 20% em comparação à safra 2014/15. Ainda há pouco produto comercializado pelos produtores, pois a venda para o mercado externo permanece parada, de forma que estima-se que apenas 25% do



produto já foi comercializado a um preço médio de R\$ 77,00 a arroba.

Em Goiás foram constatados ataques de *Helicoverpa armigera* em lavouras de Cristalina e Luziânia, fazendo necessário lançar mão de controle químico, as perdas decorrentes desta praga ainda não foram quantificadas. O bicudo está com a população em níveis baixos. A produtividade em Mineiros (GO) deve ficar entre 180 a 200@/ha devido à falta de chuvas que ocorreram na fase reprodutiva da planta.

Na região sul do estado as áreas semeadas tarde foram as que mais foram afetadas, e quem conseguiu fazer o plantio mais cedo está tendo menos perda no rendimento. Lavouras um pouco mais tardias foram mais afetadas com porte baixo das plantas e com pouca produção. De uma forma geral, a falta de chuvas por mais de 25 dias também ocasionou abortamento de flores e redução do porte da planta em grande parte das lavouras de algodão. Houve a redução da quantidade ideal de capulhos e maçãs. O baixo desenvolvimento das plantas interferiu na data e dosagens de aplicação de reguladores de crescimento. Com as chuvas posteriores (mesmo que escassas) o produtor optou pela emissão de novos ponteiros que dirimisse um pouco na questão de produção. O número baixo de capulhos por planta refletirá em menores produtividades. Plantas que deveriam ter um número de capulhos igual a 8 só possuem 4.

Em Chapadão do Céu a estiagem ocorrida em abril não provocou quebras no algodão primeira safra, trazendo uma pequena quebra no algodão segunda safra (que é mais representativa) dentro dos quase 10 mil hectares cultivados na região. A colheita está prevista para a segunda quinzena de julho.

No Maranhão a cultura se beneficiou com boas chuvas no período da semeadura, ocorridas entre o dia 20 de dezembro e 5 de janeiro. De forma pontual, no município de Alto Parnaíba, o excesso de chuvas em janeiro retardou o desenvolvimento da cultura.

Não foi registado grandes problemas com a lagarta *Helicoverpa Armigera* ou bicudo do algodoeiro. Espera-se que a produtividade seja semelhante a obtida na safra anterior. De forma geral, as fazendas fazem o beneficiamento do algodão, separando a pluma do caroço (8% de impureza, 40% de pluma e 52% de caroço).

Em Minas Gerais estima-se um crescimento de 4,3% na área de algodão, que deve passar de 18,8 mil hectares em 2015, para 19,6 mil hectares na safra atual, somando-se os plantios da safra de verão e da safrinha nas diversas regiões produtoras – Noroeste, Alto Parnaíba, Triângulo Mineiro e Norte de Minas.

Predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas no Norte de Minas a cotonicultura ainda é explorada, também, por agricultores familiares.

O plantio foi iniciado em dezembro, mas a maior concentração ocorreu em fevereiro. As lavouras de verão encontram-se em fase de maturação e início de colheita e o estágio da safrinha em fase de frutificação.

Se confirmada a expectativa de que a produtividade se mantenha em torno de uma média de 3,724 kg/ha, a produção poderá atingir 73 mil toneladas de algodão em caroço, sendo 29,2 mil toneladas de pluma e 43,8 mil toneladas de caroço, representando um crescimento de 7,8% relativamente à safra anterior.

Em Tocantins, com aproximadamente 25% das lavouras já colhidas e 75% em período de maturação, confirma-se a expectativa de queda na produtividade e a consequente redução significativa na produção em relação à safra anterior. A perspectiva é que este resultado negativo sofra evolução, baseada nas consequências que as severas irregularidades climáticas registradas durante todo período vegetativo da cultura.

No Piauí o algodão encontra-se em fase inicial de colheita, com cerca de 20% da área colhida. A cultura apresentou redução de 48,9% na produtividade em relação à safra anterior. Atualmente a expectativa é de uma produtividade de 1,808 kg/ha, a redução é em decorrência das adversidades climáticas.

No Ceará o cultivo do algodão é mais expressivo na região do Sertão Central. O cultivo foi realizado em janeiro, março e abril, e a colheita inicia-se em junho e segue até agosto, onde se concentra a maior parte das áreas a serem colhidas. A maior parte das lavouras semeadas em janeiro foram perdidas.

As lavouras que sobreviveram aos longos períodos de veranicos se encontram em estágio de frutificação (13,96%), maturação (84,83%) e colhido (1,21%). Em Quixadá os 100 hectares previstos inicialmente não foram semeados devido ao receio dos agricultores da região em semear suas lavouras em virtude da previsão de mais um ano de seca, além do fato do governo do estado não distribuir mais sementes da espécie. Em anos de seca os produtores preferem se concentrar em culturas alimentícias para garantir sua subsistência.

Não há concessão de crédito de custeio para os agricultores da região, em virtude dos seguidos anos de seca. Com isso, os agentes financeiros não liberam esses empréstimos devido à falta de garantias.

Na Paraíba o interesse pela cultura está limitado a



Em Alagoas um fator interessante que ocorre com essa cultura é que as áreas nas quais, tradicionalmente, se plantava bastante o algodão, como boa parte do

A área plantada diminuiu consideravelmente, principalmente pelo fato de os preços não serem compensadores, haja vista ainda persistir a presença da praga do bicudo, sem que tenham assistência técnica para orientação necessária ao controle dessa praga. Outro fato que desestimula é o alto custo de produção da cultura em função da baixíssima produtividade.

Legenda
Algodão

□ Baixa produção, s/ cultivo ou fora de temporada
 ■ Favorável

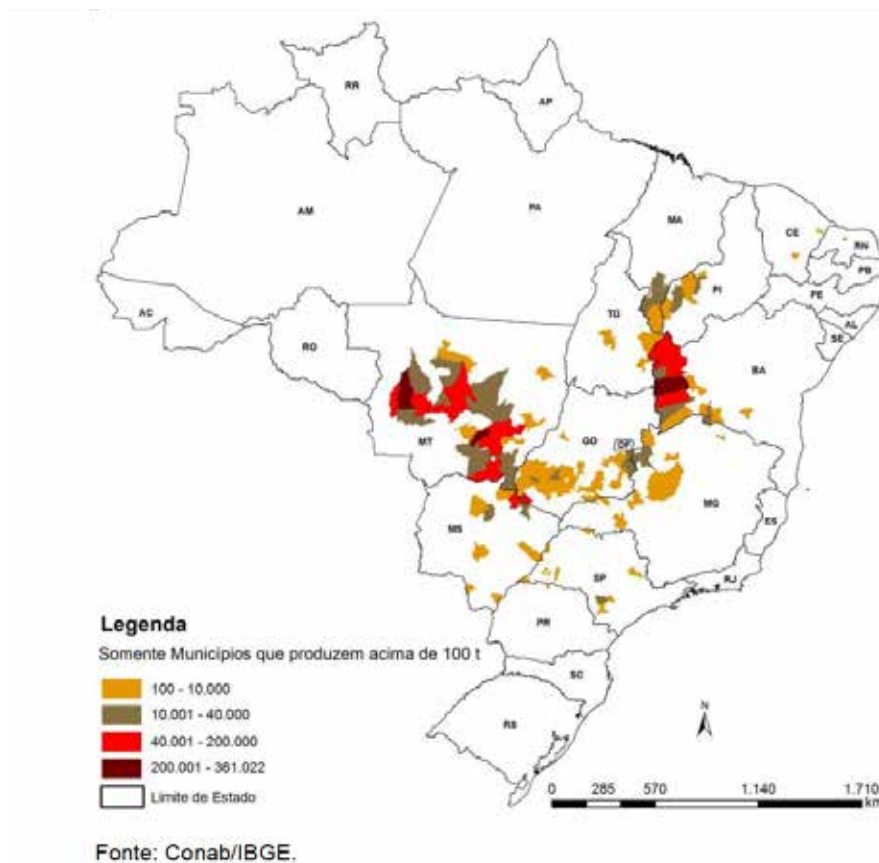
Nota: O resultado desse monitoramento considera apenas as condições para a fase predominante da cultura no período analisado.

Quadro 1 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em junho.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão			- leste do TO (M) - sul do MA (M) - sudoeste do PI (M) - oeste e centro-sul da BA (M) - Triângulo e noroeste de MG (C) - centro-norte e leste do MS (M/C) - todo estado do MT (1ª e 2ª safra) (M/C) - sul de GO (1ª e 2ª safra) (M/C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Figura 18 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 18 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,3	(5,2)	3.830	3.432	(10,4)	29,5	25,0	(15,3)
TO	7,7	7,3	(5,1)	3.830	3.432	(10,4)	29,5	25,0	(15,3)
NORDESTE	317,8	269,8	(15,1)	3.851	3.187	(17,2)	1.223,7	859,9	(29,7)
MA	21,4	20,9	(2,3)	3.984	3.949	(0,9)	85,3	82,5	(3,3)
PI	14,2	5,5	(61,5)	3.536	1.808	(48,9)	50,2	9,9	(80,3)
CE	0,4	0,3	(25,0)	306	561	83,3	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	4.500	4.000	(11,1)	1,4	1,2	(14,3)
PB	0,2	0,2	-	1.210	1.060	(12,4)	0,2	0,2	-
PE	0,1	-	(100,0)	512	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	-	(100,0)	490	495	1,0	-	-	-
BA	281,1	242,6	(13,7)	3.836	3.157	(17,7)	1.086,4	765,9	(29,5)
CENTRO-OESTE	627,6	656,6	4,6	4.106	3.810	(7,2)	2.576,8	2.501,5	(2,9)
MT	562,7	597,6	6,2	4.095	3.829	(6,5)	2.304,3	2.288,2	(0,7)
MS	31,1	29,5	(5,1)	4.500	4.230	(6,0)	140,0	124,8	(10,9)
GO	33,8	29,5	(12,7)	3.919	3.000	(23,4)	132,5	88,5	(33,2)
SUDESTE	22,2	23,8	7,2	3.574	3.655	2,3	79,4	87,0	9,6
MG	18,8	19,6	4,3	3.600	3.724	3,4	67,7	73,0	7,8
SP	3,4	4,2	23,5	3.432	3.334	(2,9)	11,7	14,0	19,7
SUL	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
PR	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
NORTE/NORDESTE	325,5	277,1	(14,9)	3.850	3.194	(17,0)	1.253,2	884,9	(29,4)
CENTRO-SUL	650,7	681,3	4,7	4.085	3.802	(6,9)	2.658,2	2.590,5	(2,5)
BRASIL	976,2	958,4	(1,8)	4.007	3.626	(9,5)	3.911,4	3.475,4	(11,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Tabela 19- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,3	(5,2)	1.532	1.370	(10,6)	11,8	10,0	(15,3)
TO	7,7	7,3	(5,1)	1.532	1.373	(10,4)	11,8	10,0	(15,3)
NORDESTE	317,8	269,8	(15,1)	1.540	1.275	(17,2)	489,4	344,1	(29,7)
MA	21,4	20,9	(2,3)	1.594	1.580	(0,9)	34,1	33,0	(3,2)
PI	14,2	5,5	(61,5)	1.414	723	(48,9)	20,1	4,0	(80,1)
CE	0,4	0,3	(25,0)	107	196	83,2	-	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.710	1.520	(11,1)	0,5	0,5	-
PB	0,2	0,2	-	424	371	(12,5)	0,1	0,1	-
PE	0,1	-	(100,0)	179	-	(100,0)	-	-	-
AL	0,1	-	(100,0)	172	-	(100,0)	-	-	-
BA	281,1	242,6	(13,7)	1.546	1.263	(18,3)	434,6	306,4	(29,5)
CENTRO-OESTE	627,6	656,6	4,6	1.640	1.522	(7,2)	1.029,2	999,5	(2,9)
MT	562,7	597,6	6,2	1.638	1.532	(6,5)	921,7	915,3	(0,7)
MS	31,1	29,5	(5,1)	1.778	1.671	(6,0)	55,3	49,3	(10,8)
GO	33,8	29,5	(12,7)	1.544	1.182	(23,4)	52,2	34,9	(33,1)
SUDESTE	22,2	23,8	7,2	1.428	1.458	2,1	31,7	34,7	9,5
MG	18,8	19,6	4,3	1.440	1.490	3,5	27,1	29,2	7,7
SP	3,4	4,2	23,5	1.356	1.317	(2,9)	4,6	5,5	19,6
SUL	0,9	0,9	-	778	778	-	0,7	0,7	-
PR	0,9	0,9	-	828	828	-	0,7	0,7	-
NORTE/NORDESTE	325,5	277,1	(14,9)	1.540	1.278	(17,0)	501,2	354,1	(29,3)
CENTRO-SUL	650,7	681,3	4,7	1.631	1.519	(6,9)	1.061,6	1.034,9	(2,5)
BRASIL	976,2	958,4	(1,8)	1.601	1.449	(9,5)	1.562,8	1.389,0	(11,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.

Tabela 20 - Comparativo de área, produtividade e produção - Carão de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (f)	(f/e)
NORTE	7,7	7,3	(5,2)	2.298	2.059	(10,4)	17,7	15,0	(15,3)
TO	7,7	7,3	(5,1)	2.298	2.059	(10,4)	17,7	15,0	(15,3)
NORDESTE	317,8	269,8	(15,1)	2.311	1.913	(17,2)	734,3	515,9	(29,7)
MA	21,4	20,9	(2,3)	2.390	2.369	(0,9)	51,2	49,5	(3,3)
PI	14,2	5,5	(61,5)	2.122	1.085	(48,9)	30,1	6,0	(80,1)
CE	0,4	0,3	(25,0)	199	365	83,4	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	2.790	2.480	(11,1)	0,9	0,7	(22,2)
PB	0,2	0,2	-	787	689	(12,5)	0,1	0,1	-
PE	0,1	-	(100,0)	333	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	-	(100,0)	319	-	(100,0)	-	-	-
BA	281,1	242,6	(13,7)	2.319	1.894	(18,3)	651,8	459,5	(29,5)
CENTRO-OESTE	627,6	656,6	4,6	2.466	2.288	(7,2)	1.547,6	1.502,0	(2,9)
MT	562,7	597,6	6,2	2.457	2.297	(6,5)	1.382,6	1.372,9	(0,7)
MS	31,1	29,5	(5,1)	2.723	2.559	(6,0)	84,7	75,5	(10,9)
GO	33,8	29,5	(12,7)	2.375	1.818	(23,5)	80,3	53,6	(33,3)
SUDESTE	22,2	23,8	7,2	2.147	2.196	2,3	47,7	52,3	9,6
MG	18,8	19,6	4,3	2.160	2.234	3,4	40,6	43,8	7,9
SP	3,4	4,2	23,5	2.076	2.017	(2,8)	7,1	8,5	19,7
SUL	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
PR	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	325,5	277,1	(14,9)	2.310	1.916	(17,1)	752,0	530,9	(29,4)
CENTRO-SUL	650,7	681,3	4,7	2.453	2.283	(6,9)	1.596,6	1.555,5	(2,6)
BRASIL	976,2	958,4	(1,8)	2.406	2.177	(9,5)	2.348,6	2.086,4	(11,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Quadro 2 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) significantes mudanças ocorreram no quadro de oferta e demanda relativamente ao ano safra 2015/16 e para a previsão de 2016/17. De acordo com o relatório semanal, de 28 de junho de 2016, a produção mundial de pluma na safra 2015/16 deverá ser de 21.740 mil toneladas e de 23.730 mil toneladas para a safra 2016/17. Esses números, em comparação à safra 2014/15, indicam redução de 16,76% e 12,97%, respectivamente. Uma avaliação dos cinco maiores produtores mundiais, ou seja, Índia, China, USA, Paquistão e Brasil, nesta ordem, demonstra que todos eles reduzirão sua produção de algodão, fato explicado pelo grande volume de estoque mundial que se manteve em crescimento até a safra 2014/15.

O consumo mundial, segundo o comitê deverá ser de

23.630 mil toneladas em 2015/16 e 23.660 mil toneladas em 2016/17. Esses números indicam decréscimo no consumo global de 2,68% e 2,55%, respectivamente, em comparação à safra 2014/15. A menor demanda mundial se justifica pela menor procura chinesa e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão, dentre as fibras sintéticas. Em valores absolutos, a retração do consumo total será de 650 mil de toneladas de pluma em 2015/16.

Posto esses números, cabe aqui destacar que a produção mundial total estimada, para a safra 2015/16, será inferior ao consumo mundial em 1.890 mil toneladas, ou seja, menor em,8%, fato que não ocorre desde a safra 2009/10. É necessário lembrar que o título de maior consumidor mundial de algodão continua com a China. Estima-se que aquele país irá consumir de



7.080 mil toneladas de pluma da safra 2015/16, seguido da Índia com 5.230 mil toneladas e Paquistão com 2.190 mil toneladas.

Posto essas alterações é imperioso enfatizar que o menor volume de produção mundial contribuirá para uma redução de 8,5% nos estoques mundiais de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 20.390 mil

toneladas, contra 22.284 mil toneladas em 2014/15. Dessa maneira, a relação estoque versus consumo, no período, passa a ser de 86,29% em 2015/16, contra 91,32% na safra 2014/15. Contudo, é necessário lembrar que cerca de 58,66% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados apenas na China, contra 57,78% da safra anterior.

Panorama nacional

O décimo levantamento de avaliação da safra 2015/16, elaborado pela Conab, aponta redução de 11,1% na produção de pluma em comparação com 2014/15. A esse movimento de queda na produção reflete a grande valorização do dólar frente ao real em 2015 e início de 2016 e queda da produtividade trazida por problemas climáticos. Apesar da moeda estadunidense apreciada permitir que o excedente da produção de pluma não consumida pela indústria doméstica seja exportado a preços mais remuneradores, eleva com intensidade o custo dos insumos importados que, representam, aproximadamente, segundo as estimativas mais recentes da Conab, 55% do custo total. Dessa maneira, o saldo dessa operação traz pouco ou nenhum incremento na remuneração do cotonicultor.

Além disso, a redução da atividade econômica brasileira é refletida diretamente nos investimentos da indústria têxtil, que segue reduzindo seu consumo, ora

estimado em 720 mil toneladas para a safra 2015/16. Cabe ainda indicar outros indicadores da redução que indicam tão forte redução no consumo nacional de pluma, segundo pesquisa industrial realizada pelo IBGE, a variação percentual acumulada da produção física de produtos têxteis nos últimos 12 meses indica redução de 17,4%.

O total das exportações brasileiras de algodão em 2015 foi de 834,3 mil toneladas, ou seja, montante 11,14% superior ao volume exportado em 2014, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Tal excedente poderia ter sido consumido no mercado interno se não fosse a retração da atividade econômica no Brasil e, por conseguinte, do consumo da indústria têxtil nacional. Em princípio, para 2016, a Conab mantém uma estimativa de embarque de 740 mil toneladas para o mercado externo.

Configuração do quadro de oferta e demanda

Diante do cenário apresentado, a Conab projeta a seguinte configuração para 2016: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) de 1.389 toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.460 mil toneladas. Portanto, a previsão de estoque de passagem para o encer-

ramento de 2016 passa a ser de 298 mil toneladas de pluma, quantidade suficiente para suprir e abastecer a indústria nacional, bem como, honrar compromissos pelo curto período de aproximadamente dois meses e meio.



Tabela 21 - Algodão - Oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO (mil t.)	2011	2012	2013	2014	2015 (1)	2016 (2)
O F E R T A (1+2+3)	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.758,0
1. Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0
2. Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.389,0
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	1.034,9
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	354,1
3. Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	20,0
4. D E M A N D A (5+6)	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.460,0
5. Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	720,0
6. Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	740,0
7. Estoque Final (1-4)	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	298,0
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	2,4

Fonte: Conab.

8.1.2. AMENDOIM

8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

Tabela 22 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

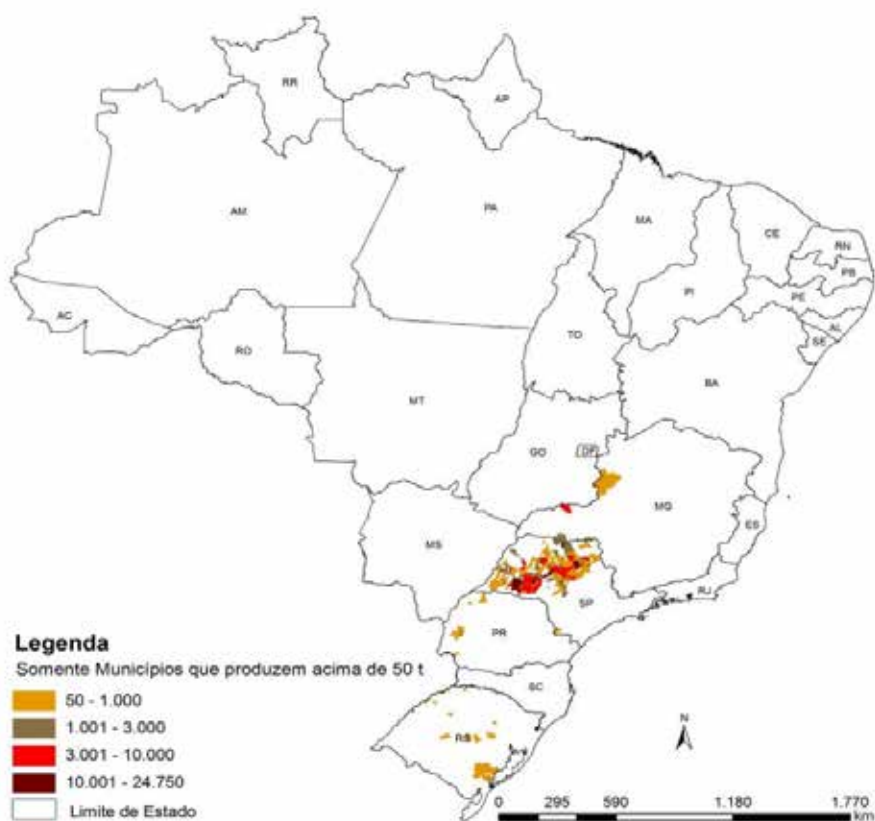
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	92,5	105,1	13,6	3.315	3.543	6,9	306,6	372,4	21,5
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	3.800	13,8	9,0	7,6	(15,6)
SP	89,8	103,1	14,8	3.314	3.538	6,8	297,6	364,8	22,6
SUL	5,2	5,2	-	2.429	3.144	29,4	12,7	16,4	29,1
PR	2,2	1,8	(18,2)	2.400	2.659	10,8	5,3	4,8	(9,4)
RS	3,0	3,4	13,3	2.450	3.400	38,8	7,4	11,6	56,8
CENTRO-SUL	97,7	110,3	12,9	3.268	3.524	7,9	319,3	388,8	21,8
BRASIL	97,7	110,3	12,9	3.268	3.524	7,9	319,3	388,8	21,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Figura 19 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases*



8.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
TO												
Nordeste												
CE												
PB												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
Sudeste												
SP												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



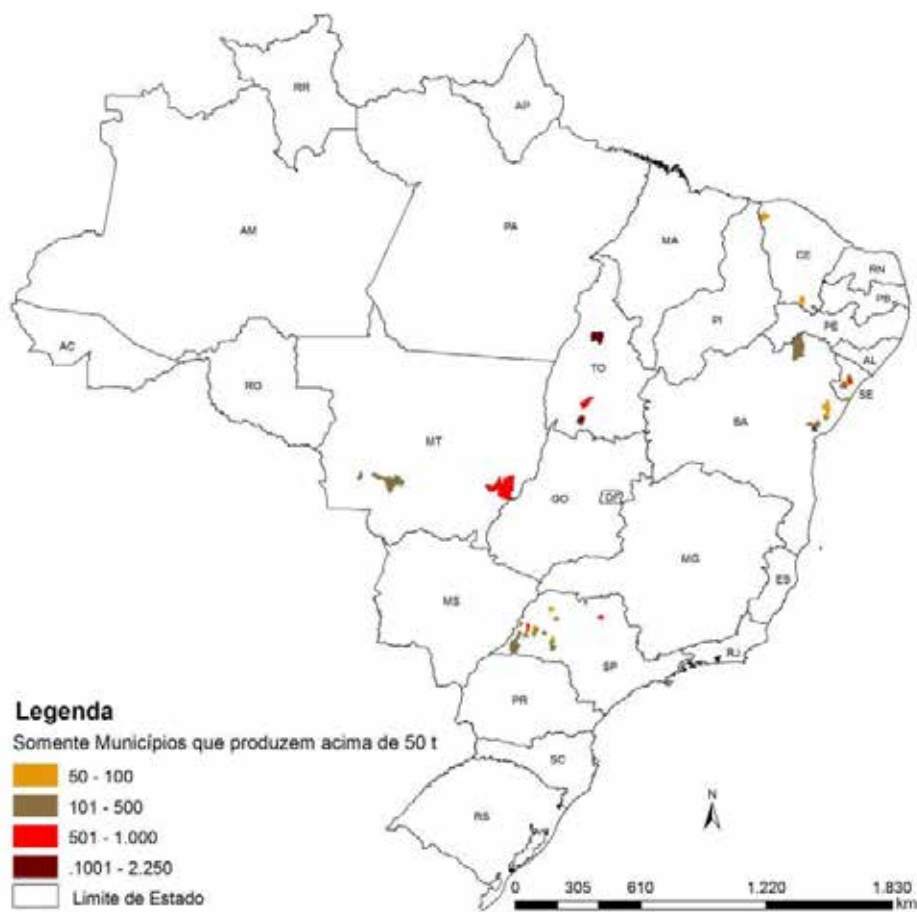
Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,4	(41,7)	3.873	2.400	(38,0)	9,3	3,4	(63,4)
TO	2,4	1,4	(42,0)	3.873	2.400	(38,0)	9,3	3,4	(63,4)
NORDESTE	3,3	3,6	9,1	1.156	1.031	(10,9)	3,9	3,7	(5,1)
CE	0,4	0,3	(25,0)	662	368	(44,4)	0,3	0,1	(66,7)
PB	0,3	0,7	133,0	609	804	32,0	0,2	0,6	200,0
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	5,3	5,6	5,7	2.615	2.478	(5,2)	13,9	13,9	-
SP	5,3	5,6	5,7	2.615	2.478	(5,2)	13,9	13,9	-
NORTE/NORDESTE	5,7	5,0	(12,3)	1.886	2.299	21,9	13,2	7,1	(46,2)
CENTRO-SUL	5,5	5,8	5,5	2.587	2.511	(2,9)	14,3	14,3	-
BRASIL	11,2	10,8	(3,6)	2.441	2.403	(1,5)	27,5	21,4	(22,2)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Julho/2016.

Figura 20 - Mapa da produção agrícola - amendoim segunda safra

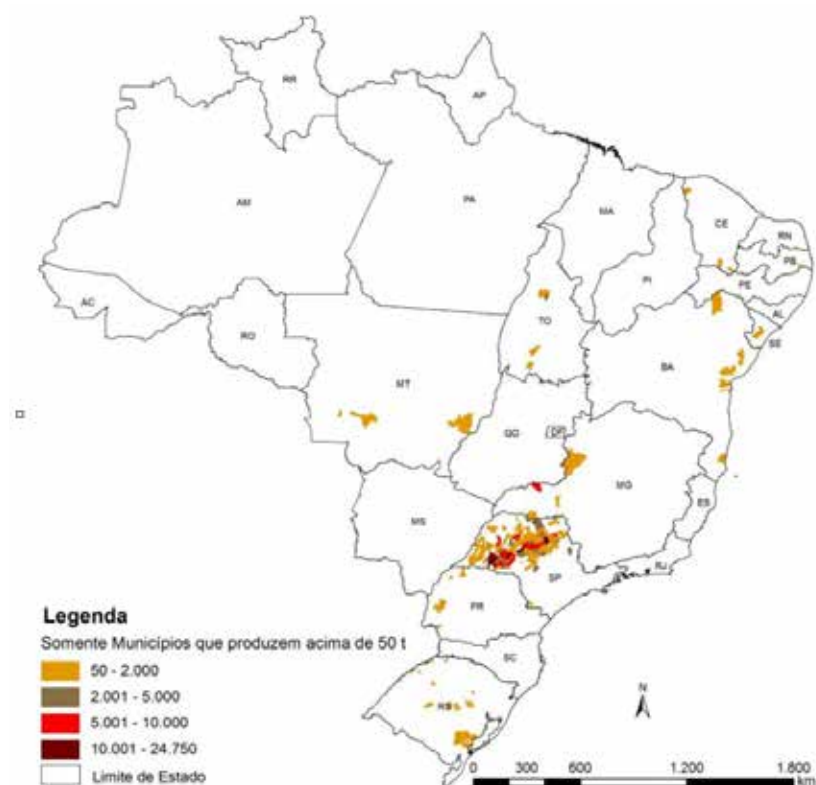


Fonte: Conab/IBGE.



8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 21 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2,4	1,4	(41,7)	3.873	2.400	(38,0)	9,3	3,4	(63,4)
TO	2,4	1,4	(41,7)	3.873	2.400	(38,0)	9,3	3,4	(63,4)
NORDESTE	3,3	3,6	9,1	1.156	1.031	(10,9)	3,9	3,7	(5,1)
CE	0,4	0,3	(25,0)	662	368	(44,4)	0,3	0,1	(66,7)
PB	0,3	0,7	133,3	609	804	32,0	0,2	0,6	200,0
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
MT	0,2	0,2	-	1.848	2.195	18,8	0,4	0,4	-
SUDESTE	97,8	110,7	13,2	3.277	3.489	6,5	320,5	386,3	20,5
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	3.800	13,8	9,0	7,6	(15,6)
SP	95,1	108,7	14,3	3.275	3.483	6,4	311,5	378,7	21,6
SUL	5,2	5,2	-	2.429	3.144	29,4	12,7	16,4	29,1
PR	2,2	1,8	(18,2)	2.400	2.659	10,8	5,3	4,8	(9,4)
RS	3,0	3,4	13,3	2.450	3.400	38,8	7,4	11,6	56,8
NORTE/NORDESTE	5,7	5,0	(12,3)	2.300	1.414	(38,5)	13,2	7,1	(46,2)
CENTRO-SUL	103,2	116,1	12,5	3.231	3.471	7,4	333,6	403,1	20,8
BRASIL	108,9	121,1	11,2	3.183	3.386	6,4	346,8	410,2	18,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



8.1.3. ARROZ

A safra 2015/16 de arroz indica redução de 15,8% na produção em relação à safra 2014/15. Isso se deve à redução da área plantada, menos 13,9% e da produtividade média nacional, que será 2,2% inferior em relação à safra passada.

No Rio Grande do Sul a safra 2015/16 está encerrada. Foram semeados 1,08 milhão de hectares, incluindo a área perdida, que não foi ressemeada. Isso significa 3,9% a menos do que a safra passada. Os dados do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), que considera área colhida, indicam que foram colhidas 1,05 milhão de hectares.

A estimativa de produtividade decresceu significativamente no decorrer da colheita. A estimativa é que, considerando a área plantada, a produtividade da atual safra seja de 6.800 kg/ha, 11,7% inferior à safra passada. O principal motivo para esta redução foi o atraso no plantio das lavouras que retardaram o ciclo, saindo do período ideal recomendado e afetou o desenvolvimento das lavouras. É primaz destacar que na metodologia de levantamento de safra da Conab é utilizada a área total semeada e não somente a área remanescente após as perdas.

Com isso, a produção total de arroz no Rio Grande do Sul, na safra 2015/16, será de 7,3 milhões de toneladas, 15,2% inferior à safra passada.

Em Santa Catarina a safra de arroz 2015/16 encontra-se concluída e as últimas lavouras de rebrota, também conhecida como soca, foram colhidas no final de maio. A área destinada à cultura do arroz reduziu 0,3% nesta safra, em relação à safra passada.

O clima quente no final de agosto possibilitou que muitos agricultores antecipessem a semeadura do arroz. Assim, as primeiras lavouras colhidas apresentaram rendimento bem abaixo do esperado. Já as lavouras semeadas mais tarde apresentaram rendimentos satisfatórios, com qualidade de grão superior às primeiras áreas semeadas, pois no restante do ciclo da cultura as condições climáticas foram favoráveis para o desenvolvimento das plantas.

A produtividade média do estado aumentou em relação ao levantamento anterior devido a ajustes feitos pelos informantes. Entretanto, a produtividade média reduziu 0,2% em relação à safra passada, ficando em 7.139 kg/ha. Essa redução na produtividade ocorreu, principalmente devido a fatores climáticos observados no norte do estado, como excesso de chuvas no início do desenvolvimento, resultando na necessidade de replantio de algumas lavouras e grande quantidade

de dias com baixa luminosidade durante a fase vegetativa das plantas.

Nesta safra foram observadas duas situações distintas no estado. Os municípios do norte apresentaram queda na produtividade e a qualidade dos grãos colhidos, com baixo rendimento na indústria e muitos grãos gessados, resultado, além das condições climáticas, dos ataques de pragas e doenças no final do ciclo. Já na região sul, maior produtora do estado, observou-se aumento de produtividade em relação à safra passada e boa qualidade dos grãos colhidos.

Assim, a produção total de arroz em Santa Catarina será de 1,05 milhão de toneladas, 0,5% inferior à safra passada.

No Paraná há os dois sistemas de cultivo de arroz: sequeiro e irrigado. O arroz de sequeiro é uma cultura de subsistência, cultivada, muitas vezes, entre fileiras de culturas perenes como o café, com tendência de queda na área plantada e caracterizada por não receberem tratamentos culturais adequados, às vezes, nem adubação. O arroz de sequeiro está com a colheita finalizada. Na região oeste o plantio é “pulverizado” em pequenas propriedades, sendo mais utilizado para subsistência e a área foi colhida. Na região centro-sul a cultura de sequeiro é de total subsistência, com tendência a acabar. A área plantada diminui a cada ano e pode ser ainda menor que a declarada, em todas as regiões visitadas.

Já o arroz irrigado no Paraná concentra-se no noroeste, especificamente na região de Querência do Norte. A área da cultura atingiu 19,6 hectares no estado e foi completamente colhida. O arroz irrigado da região de Umuarama tem 90% da área do roteiro nas proximidades do rio Ivaí. Também para essa cultura as áreas ainda são remanescentes de regiões de várzea e devem desaparecer, permanecendo apenas as áreas de cultivo em canteiros autorizados. A produtividade média dessa lavoura é de 5.794 kg/ha. Em relação à última safra houve redução da produtividade em 23,9% devido ao excesso de chuvas e alagamentos de áreas.

Em média, a área cultivada com arroz no Paraná é 3,7% menor do que a safra passada e a produtividade 17,7% menor. Com isso, a produção total no estado será 20,7% menor do que a safra passada, atingindo 125,6 mil toneladas.

No Maranhão serão cultivados 178 mil hectares de arroz, 49,1% a menos do que a safra 2014/15 e produtividade média de 1.430 kg/ha, 0,8% superior à safra passada.



Há inúmeras variações de cultivos de arroz em solo maranhense, desde alta tecnologia até cultivos de subsistência. No mesmo sentido há variações de calendário de plantio, o que determina lavouras em variados estádios de desenvolvimento.

As lavouras do sul do estado vêm sistematicamente sendo substituídas por outras culturas e pela pecuária de corte que trazem maior rentabilidade financeira, considerando o custo de produção e a baixa perspectiva de comercialização. A redução de área nesta região apresentou um índice de aproximadamente 37,2% em relação à safra anterior, com redução de 6,2% na produtividade.

No município de São Mateus existe plantio irrigado. O plantio de sequeiro apresenta produtividade de 1.387 kg/ha, enquanto o plantio irrigado espera-se uma produtividade de 4.500 kg/ha, para fins de comparação. Na maioria dos municípios a colheita está concluída.

Mais uma vez os técnicos que realizaram o trabalho de campo puderam confirmar junto aos informantes e agricultores a acentuada queda no plantio de arroz no Maranhão e sua substituição por outras culturas. Dentre as causas mais recorrentes temos a baixa rentabilidade econômica, causada pelo alto custo de produção em relação a outras culturas, a distribuição atrasada de sementes, por parte do governo e a oferta de arroz no mercado, advindo de outros estados. Na região sul do estado o arroz de sequeiro vem sendo sistematicamente substituída por outras culturas mais rentáveis ou pela pecuária de corte.

Desta forma, a produção total da lavoura de arroz no Maranhão será de 254,5 mil toneladas, 48,7% menor do que a safra passada.

Com mais de 95% da colheita concluída em Tocantins, as estimativas de queda nos números da cultura do arroz foram confirmadas. Das regiões visitadas, somente algumas lavouras localizadas no norte do estado não efetivaram suas colheitas. Na região sul do estado foi a que obteve a maior redução da produção, seguida da região norte.

Com relação ao arroz irrigado, lavouras localizadas basicamente na região sudoeste do estado, os números da área plantada são positivos, com crescimento em relação à safra 2014/15. Com a efetivação da colheita verifica-se que os números da produção nesta safra foram positivos, apesar da ocorrência de irregularidades de crédito, climáticas e fitossanitárias.

No geral, o aumento de 4,1% na área plantada compensou a redução de 1,8% na produtividade, fazendo com que houvesse aumento na produção total do ar-

roz em Tocantins, chegando a 618,5 mil toneladas.

Uma parte do arroz produzido em Rondônia é comercializado em mercados fora do estado, como Rio Branco (AC), Boa Vista (RR), Manaus (AM) e parte da Bolívia. O plantio dessa cultura, fortemente incentivado pela iniciativa privada, aconteceu com atraso devido às chuvas que começaram também mais tarde. Os 39,4 mil hectares plantados encontram-se em fase final de colheita, com produtividade média de 2.732 kg/ha, atingindo uma produção total de 107,6 mil toneladas.

Em Rondônia existe por parte de alguns cerealistas o incentivo e intercâmbio com produtores, sendo que os cerealistas, muitas vezes, financiam as lavouras ou entregam insumos e em troca, o produtor garante a entrega da sua produção.

Algumas lavouras tiveram ataques do fungo de brusone do arroz (*Pyricularia grisea*; *Pyricularia oryzae*) que é um fungo patógeno vegetal que causa uma importante doença que afeta a planta do arroz. O ataque do fungo da brusone do arroz foi e está sendo considerado os maiores males que afetaram essa lavoura na safra 2015/16. Alguns produtores de Rondônia ao observar essa infestação, de imediato fizeram pulverizações com até 3 repetições durante o ciclo, para obter a sua erradicação. Os produtores que tiveram que fazer essas aplicações oneraram sobremaneira seus custos. Em relação ao nono levantamento obteve-se uma informação de ajuste de área, indicando que nesta safra a área plantada foi de 42,6 mil hectares, 3,8% menor do que a safra passada. No mesmo sentido, houve ajuste na produtividade, que no atual levantamento indica que as lavouras de arroz em Rondônia obtiveram rendimento médio de 3.423 kg/ha, 19,7% superior à safra 2014/15. Esse aumento de área e produtividade se deu em função da entrada de novas áreas que eram de pousio ou pastagem, além de aplicação de novas tecnologias.

No Ceará, em grande parte da área destinada ao plantio de arroz, o preparo do solo é mecanizado, enquanto que o plantio é realizado manualmente e semeado em covas. Em Lavras da Mangabeira o preparo do solo para a cultura se inicia em novembro e dezembro, onde fazem o manejo para controlar a tiririca (*Cyperus rotundus*), principal erva daninha da cultura na região. Normalmente as lavouras são implantadas em áreas de várzea, de vertissolos e baixios, observados nas cidades de Iguatu, Acopiara, Missão Velha e Lavras da Mangabeira.

A cultura sofre estresse hídrico causado por veranicos em quase toda as regiões do estado, onde a cultura é explorada e alguns produtores realizam irrigações complementares para evitar perdas. Em Juazeiro do



Norte, devido às condições climáticas desfavoráveis, (36 dias de veranico de fevereiro a março, seguidos de períodos superiores a 15 dias sem chuvas) as perdas de produção nas lavouras são enormes, pois não foi possível realizar irrigações de salvamento (ou complementares) em decorrência da baixa recarga dos açudes causada pelo escasso regime pluviométrico. Muitas lavouras da região foram perdidas e tiveram como destinação à pastagem ou simplesmente foram abandonadas.

Foi relatado o ataque da lagarta curuquerê (*Mocis Latipes*) no município de Lavras da Mangabeira, Missão Velha e Viçosa do Ceará. A cidade de Viçosa do Ceará, localizada na Serra da Ibiapaba, é a que possui a maior estimativa de área plantada.

No Ceará são estimados o plantio de 4,6 mil hectares de arroz, com produtividade média de 653 kg/ha e produção total de 3 mil toneladas. As lavouras estão no final do ciclo ou já colhidas.

Na Bahia a cultura do arroz é tradicionalmente cultivada nas áreas recém-abertas devido, principalmente, à sua tolerância à acidez. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. Estima-se que sejam cultivados 7,8 mil hectares, com expectativa de produtividade em 510 kg/ha. Comparando-se às estimativas da safra passada, com a expectativa da safra atual há redução de 8,3% na área cultivada. A produção esperada é de 4 mil toneladas, ante aos 6,9 mil hectares na safra passada.

O plantio da cultura do arroz em Sergipe já iniciou em alguns municípios e se estenderá até fevereiro do ano seguinte. A pequena quantidade de máquinas disponíveis é o principal motivo que leva ao escalonado do plantio no estado, pois se tratam, em sua grande maioria, de agricultores familiares.

O incentivo do governo estadual se dá, também, através de distribuição de sementes. Na safra anterior foram distribuídas 400 toneladas de sementes de arroz aos rizicultores na região do Baixo São Francisco, no leste do estado, onde é cultivado o produto. As máquinas são disponibilizadas tanto para o plantio quanto para a colheita da cultura. Por se tratar de perímetros irrigados, a regularidade ou a falta de chuvas não influenciará decisivamente na produtividade final do grão. Os agricultores poderão ter algumas dificuldades em relação a Brusone, doença que aparece com o aumento da temperatura e umidade.

A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) realizou a aquisição de novas bombas de irrigação e a manutenção das já existentes no perímetro irrigado, fato que está ani-

mando os agricultores. O elevado preço do produto e os reparos realizados nos perímetros de irrigação poderão ser decisivo para o aumento da área plantada na presente safra.

Com isso, destaca-se que há perspectiva de aumento da produtividade média no estado o que impactará na produção total. Como a safra está muito no início, nos próximos levantamentos haverá uma maior aproximação dos dados.

A safra de arroz está finalizada no Mato Grosso. No atual levantamento de safra confirma o recuo de área plantada de arroz em Mato Grosso, finalizando a safra 2015/16 em 126,6 mil hectares, 32,7% inferior à safra anterior. Soma-se à esse fator, a baixa produtividade média, 2.876 kg/ha, inferior em 11,7%, resultando em uma produção total inferior à safra anterior.

O maior impacto na produtividade é em decorrência da estiagem nas regiões produtoras, fato que ocasionou, além da baixa produção, redução no rendimento e qualidade do arroz.

Em Mato Grosso do Sul a safra da cultura do arroz está finalizada. Durante o ciclo da cultura foram registrados problemas graves em consequência do excesso de chuvas que atingiram o estado no período de janeiro a março, provocando redução significativa na produtividade, com perdas de algumas áreas por alagamento.

O atraso na conclusão do plantio devido, alagamento das áreas, provocado pelo excesso de chuvas ocasionando perdas relevantes nas áreas sujeitas a alagamentos e, em consequência do excesso de umidade e baixa luminosidade, houve o aparecimento de várias doenças fúngicas, diminuindo as produtividades dos principais municípios produtores do estado.

A área cultivada, da safra atual, diminuiu 22,7% quando comparada com a safra passada, chegando a 14 mil hectares. Com relação à produtividade as perdas também foram significativas, sendo estimada em 21,1% quando comparada com a safra anterior, chegando a 4.860 kg/ha. A produção do grão no estado será de 68 mil toneladas, significativamente inferior à safra passada, que foi de 111,5 mil toneladas. O volume é relativamente pequeno e comercializado regionalmente, imediatamente após a colheita.

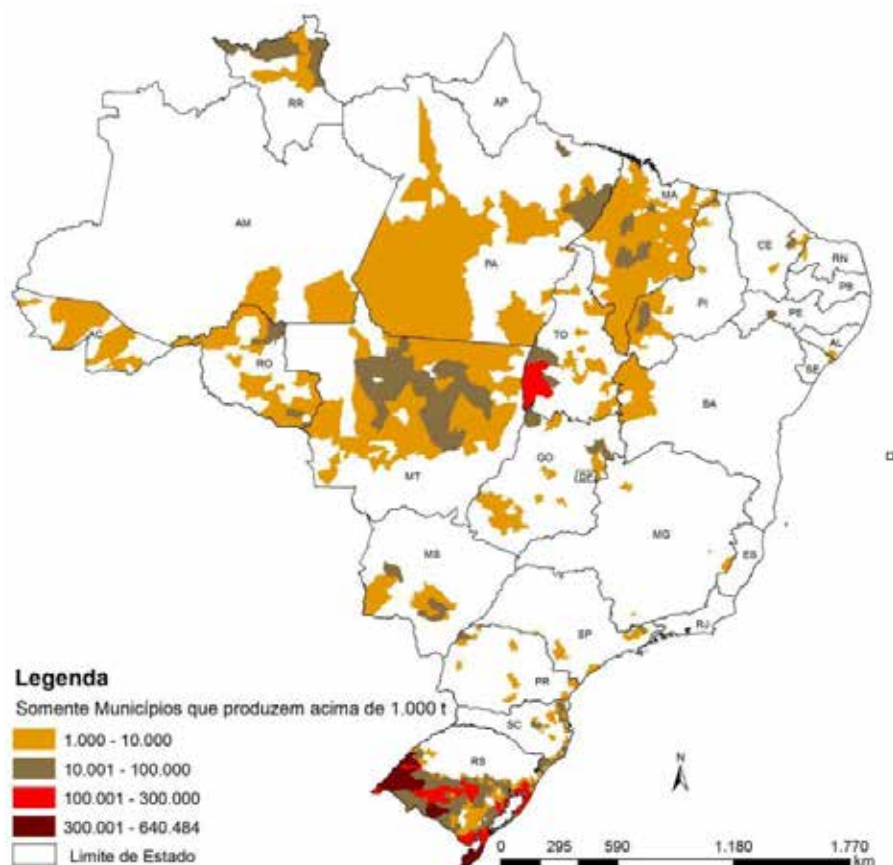
A área de plantio de arroz em Minas Gerais segue em tendência de queda, apresentando redução de 30,8% quando comparada com a safra anterior, passando de 12 mil hectares para 8,3 mil hectares em face da baixa competitividade em relação a outras culturas, da vulnerabilidade aos riscos climáticos e de restrições ao



cultivo em áreas de várzea. O plantio foi realizado em novembro e dezembro. O clima favoreceu o desenvolvimento das lavouras, ao contrário de anos anteriores. Com isso, a produtividade está estimada em 2.400

kg/ha, 14,3% maior do que a safra 2014/15. A produção deverá ficar em 19,9 mil toneladas, 21% inferior à safra 2014/15. Estima-se que a colheita está finalizada..

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 25 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	261,7	260,6	(0,4)	3.797	3.867	1,9	993,6	1.007,8	1,4
RR	12,0	8,6	(28,3)	6.500	7.000	7,7	78,0	60,2	(22,8)
RO	44,3	42,6	(3,8)	2.859	3.423	19,7	126,7	145,8	15,1
AC	6,7	5,1	(24,0)	1.143	1.353	18,4	7,7	6,9	(10,4)
AM	3,4	1,9	(44,1)	2.189	2.290	4,6	7,4	4,4	(40,5)
AP	1,9	1,5	(21,0)	865	918	6,1	1,6	1,4	(12,5)
PA	65,9	68,2	3,5	2.537	2.502	(1,4)	167,2	170,6	2,0
TO	127,5	132,7	4,1	4.745	4.661	(1,8)	605,0	618,5	2,2
NORDESTE	476,6	280,6	(41,1)	1.440	1.344	(6,7)	686,3	377,2	(45,0)
MA	349,8	178,0	(49,1)	1.418	1.430	0,8	496,0	254,5	(48,7)
PI	95,1	79,1	(16,8)	1.184	755	(36,2)	112,6	59,7	(47,0)
CE	12,5	4,6	(63,0)	1.436	653	(54,5)	18,0	3,0	(83,3)
RN	0,9	1,0	11,1	2.590	2.922	12,8	2,3	2,9	26,1
PB	0,9	0,8	(11,0)	53	242	356,6	-	0,2	-
PE	0,2	0,3	50,0	4.500	4.500	-	0,9	1,4	55,6
AL	2,7	3,0	11,0	5.720	5.720	-	15,4	17,2	11,7
SE	6,0	6,0	-	5.700	5.720	0,4	34,2	34,3	0,3
BA	8,5	7,8	(8,3)	812	510	(37,2)	6,9	4,0	(42,0)
CENTRO-OESTE	234,2	166,6	(28,9)	3.582	3.203	(10,6)	838,9	533,5	(36,4)
MT	188,1	126,6	(32,7)	3.257	2.876	(11,7)	612,6	364,1	(40,6)
MS	18,1	14,0	(22,7)	6.160	4.860	(21,1)	111,5	68,0	(39,0)
GO	28,0	26,0	(7,1)	4.100	3.900	(4,9)	114,8	101,4	(11,7)
SUDESTE	27,4	18,8	(31,4)	2.796	3.114	11,4	76,6	58,6	(23,5)
MG	12,0	8,3	(30,8)	2.100	2.300	9,5	25,2	19,1	(24,2)
ES	0,3	0,2	(33,0)	2.237	2.480	10,9	0,7	0,5	(28,6)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.403	3.667	52,6	1,2	1,1	(8,3)
SP	14,6	10,0	(31,6)	3.393	3.785	11,6	49,5	37,9	(23,4)
SUL	1.295,2	1.249,6	(3,5)	7.598	6.798	(10,5)	9.840,7	8.494,7	(13,7)
PR	27,2	26,2	(3,7)	5.825	4.792	(17,7)	158,4	125,6	(20,7)
SC	147,9	147,4	(0,3)	7.150	7.139	(0,2)	1.057,5	1.052,3	(0,5)
RS	1.120,1	1.076,0	(3,9)	7.700	6.800	(11,7)	8.624,8	7.316,8	(15,2)
NORTE/NORDESTE	738,3	541,2	(26,7)	2.275	2.559	12,5	1.679,9	1.385,0	(17,6)
CENTRO-SUL	1.556,8	1.435,0	(7,8)	6.909	6.332	(8,4)	10.756,2	9.086,8	(15,5)
BRASIL	2.295,1	1.976,2	(13,9)	5.419	5.299	(2,2)	12.436,1	10.471,8	(15,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Junho/2016.



Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em junho de 2016, foram importadas 72,0 mil toneladas de arroz, sendo apenas 0,7 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 05 de junho, não foram disponibilizados os dados referentes ao mês de julho e por esse

motivo, o mês de junho é a *proxy* utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma expansão do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em junho de 2015, essas aquisições foram de 37,3 mil toneladas, sendo 30,2 mil provenientes de outros países não pertencen-



tes ao Mercosul.

Acerca das exportações, estas tiveram uma expansão, passando de 49,7 mil toneladas em junho/2015 para 109,8 mil toneladas em junho/2016. Mais especificamente sobre as compras de arroz importado ao longo do mês de abril, o Paraguai, já consolidado como maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 36,7 mil toneladas de arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 320,92 por tonelada, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US\$ 481,35 por tonelada. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado em sua maioria para os mercados de São Paulo e Minas Gerais.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado no período comercial 2015/16, já consolidado, de março de 2015 a fevereiro de 2016, observou-se um superávit acumulado no montante de 858,8 mil toneladas, volume 125% superior à safra anterior.

Para a safra 2014/15 e 2015/16, o consumo é estimado em 11,5 milhões de toneladas, em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Finalmente, para a próxima safra brasi-

leira de arroz 2015/16, a projeção média da produção deverá ser 15,8% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 10.471,8 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao excesso de chuva que ocorreu no período de plantio e ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando uma redução da tecnologia empregada.

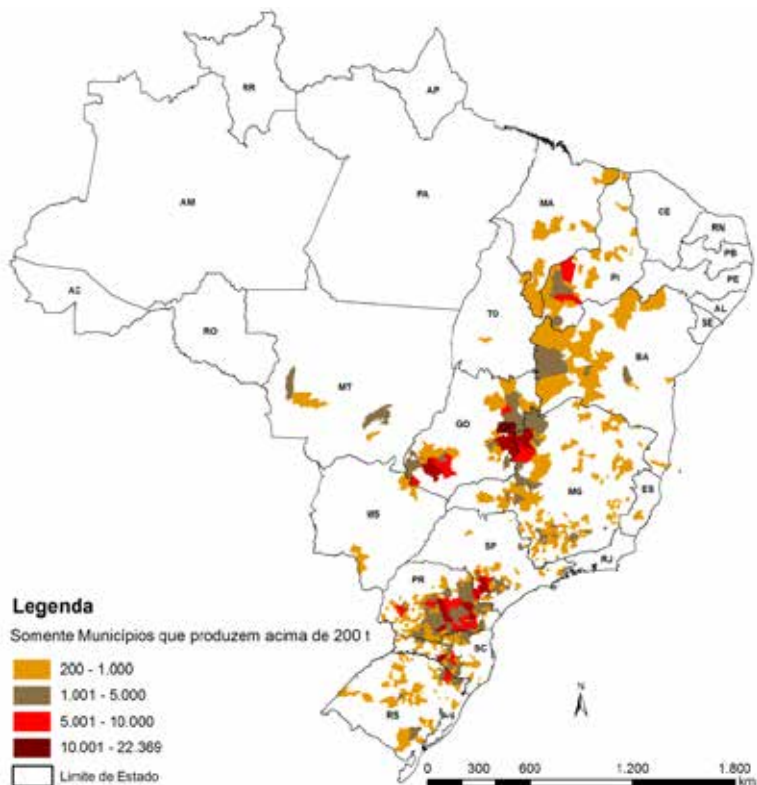
Ainda sobre a projeção de mercado para a comercialização da safra 2015/16, esperam-se um aumento no volume importado, principalmente produto proveniente do Paraguai e da Argentina, e uma leve redução no montante exportado em face do provável preço interno atrativo no segundo semestre de 2016. Com isso, projeta-se um déficit de 200 mil toneladas na balança comercial do arroz.

Por último, destaca-se a consolidação em 962,9 mil toneladas do estoque de passagem da safra 2014/15. Ressalta-se que, do montante total, 97,9 mil toneladas se encontravam em posse da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) no dia 29 de fevereiro de 2016 e 864,9 mil nos estoques privados na mesma data segundo o levantamento de estoques privados realizado pela Conab.

8.1.4. FEIJÃO

8.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE..



Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	4,6	(4,2)	707	718	1,6	3,4	3,3	(2,9)
TO	4,8	4,6	(4,2)	707	718	1,6	3,4	3,3	(2,9)
NORDESTE	484,5	415,5	(14,2)	460	255	(44,5)	223,1	106,1	(52,4)
MA	38,6	27,1	(29,9)	464	429	(7,5)	17,9	11,6	(35,2)
PI	211,3	211,5	0,1	356	139	(61,0)	75,2	29,4	(60,9)
BA	234,6	176,9	(24,6)	554	368	(33,6)	130,0	65,1	(49,9)
CENTRO-OESTE	74,9	70,6	(5,7)	1.997	2.133	6,8	149,6	150,6	0,7
MT	10,8	5,9	(45,3)	1.570	1.132	(27,9)	17,0	6,7	(60,6)
MS	0,7	0,6	(14,3)	2.000	1.800	(10,0)	1,4	1,1	(21,4)
GO	51,3	52,0	1,4	2.098	2.400	14,4	107,6	124,8	16,0
DF	12,1	12,1	-	1.949	1.490	(23,6)	23,6	18,0	(23,7)
SUDESTE	208,1	202,3	(2,8)	1.286	1.561	21,3	267,7	315,8	18,0
MG	159,1	146,6	(7,9)	1.033	1.306	26,4	164,4	191,5	16,5
ES	6,0	5,1	(15,0)	687	1.229	78,9	4,1	6,3	53,7
RJ	0,7	0,6	(14,3)	917	1.063	15,9	0,6	0,6	-
SP	42,3	50,0	18,2	2.331	2.348	0,7	98,6	117,4	19,1
SUL	280,9	270,9	(3,6)	1.737	1.680	(3,3)	487,8	455,0	(6,7)
PR	192,7	181,4	(5,9)	1.707	1.575	(7,7)	328,9	285,7	(13,1)
SC	52,7	46,0	(12,7)	1.950	1.870	(4,1)	102,8	86,0	(16,3)
RS	35,5	43,5	22,5	1.580	1.915	21,2	56,1	83,3	48,5
NORTE/NORDESTE	489,3	420,1	(14,1)	463	260	(43,7)	226,5	109,4	(51,7)
CENTRO-SUL	563,9	543,8	(3,6)	1.605	1.694	5,6	905,1	921,4	1,8
BRASIL	1.053,2	963,9	(8,5)	1.074	1.069	(0,5)	1.131,6	1.030,8	(8,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão primeira safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	0,9	1.252	1,1
TO	0,9	1.252	1,1
NORDESTE	48,4	695	33,6
BA	48,4	695	33,6
CENTRO-OESTE	65,3	2.231	145,6
MT	1,9	1.872	3,5
MS	0,6	1.800	1,1
GO	52,0	2.400	124,8
DF	10,8	1.500	16,2
SUDESTE	198,0	1.577	312,2
MG	144,4	1.316	190,0
ES	3,6	1.330	4,8
SP	50,0	2.348	117,4
SUL	96,0	1.791	171,9
PR	56,1	1.601	89,8
SC	29,9	1.944	58,1
RS	10,0	2.400	24,0
NORTE/NORDESTE	49,3	705	34,7
CENTRO-SUL	359,3	1.753	629,7
BRASIL	408,6	1.626	664,4

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Julho/2016.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	1,2	1.480	1,8
DF	1,2	1.480	1,8
SUDESTE	3,7	816	3,0
MG	1,6	570	0,9
ES	1,5	980	1,5
RJ	0,6	1.063	0,6
SUL	174,9	1.618	283,1
PR	125,3	1.563	195,9
SC	16,1	1.731	27,9
RS	33,5	1.770	59,3
CENTRO-SUL	179,8	1.601	287,9
BRASIL	179,8	1.601	287,9

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	3,7	586	2,2
TO	3,7	586	2,2
NORDESTE	367,0	197	72,5
MA	27,1	429	11,6
PI	211,5	139	29,4
BA	128,4	245	31,5
CENTRO-OESTE	4,0	800	3,2
MT	4,0	800	3,2
SUDESTE	0,6	900	0,5
MG	0,6	900	0,5
NORTE/NORDESTE	370,7	201	74,7
CENTRO-SUL	4,6	813	3,7
BRASIL	375,3	209	78,4

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Julho/2016.

8.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

A área de feijão segunda safra está estimada para este décimo levantamento em 1.283,7 mil de hectares, o que configura um acréscimo de 2,6% em relação à safra passada.

No Paraná a colheita do feijão segunda safra está concluída, a produtividade foi reduzida em 18,4%, que foi de 1.517 kg/ha obtido na safra anterior, enquanto a qualidade do grão também sofreu prejuízos devido às condições climáticas adversas (estiagem, excesso de chuvas e geada). A área plantada para essa segunda safra é de 209,1 mil hectares, incremento de 0,5% em relação à safra passada, que foi de 208,1 mil hectares, produção de 317,2 mil toneladas, incremento de 3,4% em relação à safra passada, que foi de 306,9 mil toneladas. O destaque fitossanitário foi para a ocorrência da mosca branca, que nesta safra teve maior expressão, podendo tornar-se uma praga de maior prejuízo à cultura.

No Rio Grande do Sul a colheita do feijão segunda safra encontra-se encerrada. Está previsto o cultivo de 24,4 mil hectares, aumento de 20,2% em relação à safra anterior, que deverão render 1.588 kg/ha, ou seja, redução de 6,8%, com a produção saindo de 34,6 mil toneladas na safra 2014/15, para 38,7 mil toneladas, ou seja, aumento de 11,8%.

No Distrito Federal, na safra atual, a área semeada com feijão segunda safra foi de 900 hectares, semelhante à cultivada no ano passado. A produtividade média obtida foi de 2.055 kg/ha, ante 2.000 kg/ha da safra passada, o que poderá resultar em uma produção de 1.8 mil toneladas, semelhante a oferta do exer-

cício anterior. Os altos preços de mercado não foram atrativos suficientes para estimular o crescimento da área de plantio do feijão segunda safra. A incidência de mosca-branca, praticamente inibe o plantio do feijão da segunda safra em diversas áreas do Distrito Federal. A colheita está praticamente concluída. A separação em cores e preto segue a ordem de 90% e 10%, respectivamente.

Em Mato Grosso a colheita da segunda safra do feijão caupi e carioca está finalizada. Os números referentes à área e produtividade foram revistos para baixo em ambas variedades. A área total de feijão no referido ciclo saiu de 199,2 mil hectares na safra 2014/15 para 154,5 mil hectares na atual, queda de 22,4%, puxada principalmente pela variedade carioca. A redução de área deveu-se à competição de espaço com o milho segunda safra, cuja remuneração é mais atrativa que o feijão, mesmo este estando com uma cotação de preço elevada. O rendimento da lavoura da variedade carioca foi a mais afetada pela estiagem, registrando 868 kg/ha, ante aos 1.822 kg/ha na safra anterior, queda de 52,4%, além da baixa qualidade do grão que, apesar disso, já foi todo comercializado no estado. Na variedade caupi o decréscimo foi menos acentuado, 37%, com rendimento no atual levantamento em 756 kg/ha, comparando-se com os 1.202 kg/ha registrados na safra 2014/15. Apesar da queda não houve perda na qualidade do produto. A comercialização da variedade está em torno de 90%. Com a expressiva redução da área e produtividade a produção total do feijão segunda safra será 52,6% menor, registrando 155,6 mil toneladas no período 2015/16. A atual conjuntura de baixa oferta resultou em altas expressivas de preço.



Em Mato Grosso do Sul a cultura do feijão segunda safra é pouco expressiva no estado, com aproximadamente 14 mil hectares de área cultivada para esta safra, apresenta redução na área de aproximadamente 12,5% em relação à safra passada. Esta redução ocorre devido a fatores como escassez de crédito de custeio, frustração de safras e instabilidade do mercado, principalmente no período de colheita. A produção encontra-se concentrada principalmente nos municípios de Caarapó, Sidrolândia, Bonito e Maracaju. A produtividade esperada está sendo estimada em torno de 1.440 kg/ha, com redução de aproximadamente 10% em relação à safra anterior, devido às condições climáticas desfavoráveis, seca e geada. Esta redução ocorre em função da estiagem prolongada durante abril, que atingiu as áreas produtoras. Na região de Nova Andradina, Bataiporã e Taquarussu o plantio ocorre antecipadamente em relação às outras áreas e a estiagem atingiu as lavouras em período reprodutivo. No entanto, houve o replantio de grande parte da área perdida, o que atrasou um pouco o calendário da cultura, mas proporcionou a melhoria da produtividade na região. As fases atuais em que se encontram as lavouras variam de floração a maturação, predominando a fase de frutificação/maturação, visto que, em alguns municípios a colheita encontra-se na fase inicial. O produto obtido é destinado ao mercado regional e ao estado vizinho, Paraná e São Paulo.

Em Goiás poucas áreas de feijão segunda safra estão com resultados ruins, algumas áreas que já colheram não obtiveram bons preços pagos ao produtor, feijão com nota abaixo de 8. Ocorreram chuvas no período de maturação, o que promoveu escurecimento e queda de qualidade do grão colhido. Segundo produtores de feijão entrevistados, estes não foram agraciados com os bons preços praticados no mercado, dispondo de pouco produto de alta qualidade. O atual levantamento aponta para o crescimento da área de plantio de 123,5%, passando de 13,2 mil hectares em 2014/15, para 29,5 mil hectares na presente safra. Em outras regiões algumas áreas já foram prejudicadas pela estiagem, a produtividade ficou comprometida em virtude disso, as populações de mosca-branca (principal praga da cultura), mantiveram-se em níveis baixos. Apesar dos preços atraentes a produtividade ainda não é a esperada, que é de 1.500 kg/ha, decréscimo de 23,4% em relação à safra anterior, que foi de 1.957 kg/ha.

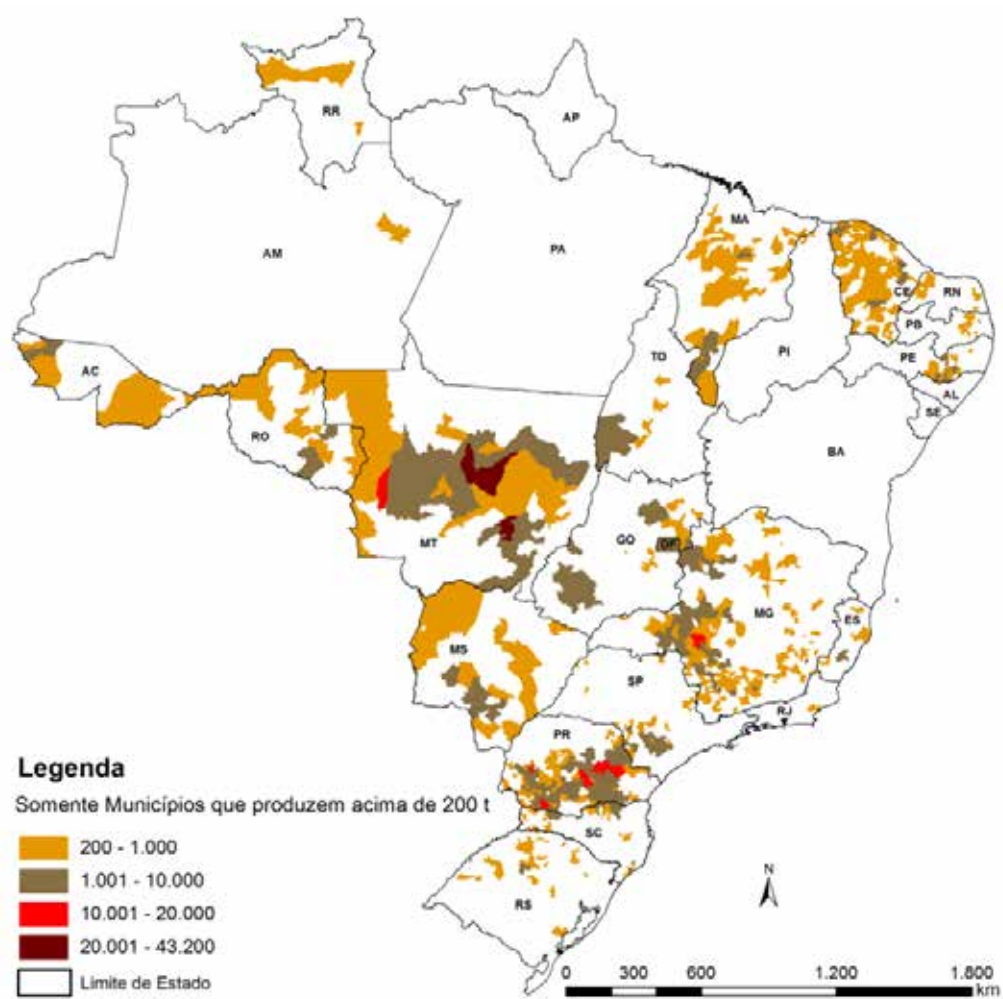
Em Minas Gerais o atual levantamento aponta para o crescimento da área de plantio de feijão segunda safra na ordem de 12,2%, passando de 105,9 mil hectares em 2014/15, para 118,8 mil hectares na presente safra. Este incremento se deve aos preços de mercado que se encontram bastante atraentes. Nas regiões que vêm enfrentando problemas mais sérios com o controle de pragas e doenças, no entanto, pode ocorrer,

inclusive, uma retração, seja pelo receio do risco, seja pela proibição do plantio nesta época, como é o caso de municípios do noroeste, na área de abrangência da legislação do vazio sanitário. O plantio teve início em fevereiro e se estendeu até o final de abril. As lavouras podem ser encontradas em seus mais diversos estágios, assim distribuídas: floração 10%; frutificação 20%; maturação 30% e colhidas 40%. Com a completa ausência de chuvas ao longo de abril e maio, aliada ao tempo seco e quente, já há confirmação de quebra de produtividade, no momento, estimada em 1.350 kg/ha, redução de 9,2%, quando comparada com a safra anterior. Dessa forma, a produção poderá alcançar 160,4 mil toneladas, representando redução de 1,8% em relação à safra passada.

Em Santa Catarina a colheita encontra-se finalizada, os produtores se concentram na comercialização do produto, cujos preços apresentaram forte alta nas últimas semanas, alcançando valores expressivos para o feijão preto e o carioca. As cotações refletem a realidade da baixa oferta do produto no mercado interno, causada pelo contínuo recuo da área plantada, quebra de safra e baixos estoques, principalmente. A safra atual foi marcada por problemas climáticos durante a implantação da cultura, entre janeiro e fevereiro, nas principais regiões produtoras. O excesso de chuva atrapalhou a semeadura e tratamentos culturais nas fases iniciais de desenvolvimento. Geadas ocorridas em abril afetaram algumas lavouras distribuídas no oeste e norte, principalmente. Com a intensificação do frio entre o final de maio e boa parte de junho, áreas produtoras no sul do estado também foram atingidas pela formação de geadas, afetando parte da produção. Apesar das cotações elevadas, muitos produtores já haviam comercializado boa parte do produto anteriormente, principalmente o feijão-carioca, por ser mais suscetível à perda de qualidade quando armazenado (perda de cor). Os que ainda possuem o produto, principalmente o preto, apostam que as cotações possam melhorar em virtude da baixa oferta. Contudo, com uma possível entrada de produto importado, os preços podem sofrer um arrefecimento nos próximos dias. Mesmo com as instabilidades climáticas ocorridas durante o ciclo da cultura, estima-se incremento na produtividade de 2,2% em relação à última safra, que foi de 1.800 kg/ha e nesta, está estimado em 1.839 kg/ha. Retração da área para 17,4 mil hectares, 13,9% menor em relação à safra de 2014/15, que foi de 20,2 mil toneladas.



Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE..



Legenda
Feijão 2º

□ Baixa produção, s/ cultivo ou fora de temporada

■ Favorável

[illegible]

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 2ª safra			- leste, oeste e centro do MA (M/C) - extremo norte e sudeste do PI (C) - todo estado do CE (C) - oeste do RN (C) - Agreste do RN (M/C) - Sertão da PB (C) - Agreste da PB (M/C) - Sertão de PE (C) - oeste, norte e leste de MG (C) - norte e sul de SP (C) - sudoeste do MS (C) - norte, nordeste e sudeste do MT (C) - oeste, leste e sul de GO (C)	



Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,4	43,9	(16,2)	823	816	(0,8)	43,1	35,9	(16,7)
RR	2,7	2,7	-	711	731	2,8	1,9	2,0	5,3
RO	22,0	20,2	(8,2)	759	882	16,2	16,7	17,8	6,6
AC	7,5	7,7	2,7	622	595	(4,3)	4,7	4,6	(2,1)
AM	5,5	4,1	(25,5)	1.170	927	(20,8)	6,4	3,8	(40,6)
AP	1,3	1,3	-	920	846	(8,0)	1,2	1,1	(8,3)
TO	13,4	7,9	(41,0)	910	830	(8,8)	12,2	6,6	(45,9)
NORDESTE	657,3	648,5	(1,3)	216	226	4,7	142,0	146,5	3,2
MA	55,0	47,8	(13,1)	566	536	(5,3)	31,1	25,6	(17,7)
PI	3,1	3,0	(3,2)	632	545	(13,8)	2,0	1,6	(20,0)
CE	393,8	368,4	(6,4)	192	199	3,6	75,6	73,3	(3,0)
RN	31,6	32,7	3,5	171	246	43,9	5,4	8,0	48,1
PB	58,6	85,0	45,0	166	307	84,9	9,7	26,1	169,1
PE	115,2	111,6	(3,1)	158	107	(32,3)	18,2	11,9	(34,6)
CENTRO-OESTE	229,3	198,9	(13,3)	1.663	1.115	(32,9)	381,3	221,9	(41,8)
MT	199,2	154,5	(22,4)	1.647	1.007	(38,9)	328,1	155,6	(52,6)
MS	16,0	14,0	(12,5)	1.600	1.440	(10,0)	25,6	20,2	(21,1)
GO	13,2	29,5	123,5	1.957	1.500	(23,4)	25,8	44,3	71,7
DF	0,9	0,9	-	2.000	2.055	2,8	1,8	1,8	-
SUDESTE	130,9	141,5	8,1	1.560	1.407	(9,9)	204,2	199,1	(2,5)
MG	105,9	118,8	12,2	1.487	1.350	(9,2)	157,5	160,4	1,8
ES	8,4	5,4	(35,7)	1.120	840	(25,0)	9,4	4,5	(52,1)
RJ	1,0	1,0	-	948	958	1,1	0,9	1,0	11,1
SP	15,6	16,3	4,5	2.334	2.034	(12,9)	36,4	33,2	(8,8)
SUL	248,6	250,9	0,9	1.841	1.546	(16,0)	457,6	387,9	(15,2)
PR	208,1	209,1	0,5	1.858	1.517	(18,4)	386,6	317,2	(18,0)
SC	20,2	17,4	(13,9)	1.800	1.839	2,2	36,4	32,0	(12,1)
RS	20,3	24,4	20,2	1.703	1.588	(6,8)	34,6	38,7	11,8
NORTE/NORDESTE	709,7	692,4	(2,4)	261	264	1,0	185,1	182,4	(1,5)
CENTRO-SUL	608,8	591,3	(2,9)	1.713	1.368	(20,2)	1.043,1	808,9	(22,5)
BRASIL	1.318,5	1.283,7	(2,6)	932	772	(17,1)	1.228,2	991,3	(19,3)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORDESTE	1,0	375	0,4
PB	1,0	375	0,4
CENTRO-OESTE	0,1	1.910	0,2
DF	0,1	1.910	0,2
SUDESTE	5,1	824	4,3
MG	2,0	740	1,5
ES	2,1	840	1,8
RJ	1,0	958	1,0
SUL	112,9	1.568	177,0
PR	75,0	1.520	114,0
SC	13,5	1.800	24,3
RS	24,4	1.588	38,7
CENTRO-SUL	118,1	1.536	181,5
BRASIL	119,1	1.527	181,9

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Julho/2016.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	43,9	816	35,9
RR	2,7	731	2,0
RO	20,2	882	17,8
AC	7,7	595	4,6
AM	4,1	927	3,8
AP	1,3	846	1,1
TO	7,9	830	6,6
NORDESTE	37,2	406	15,1
MA	0,5	400	0,2
CE	7,5	372	2,8
PB	23,1	494	11,4
PE	6,1	116	0,7
CENTRO-OESTE	61,3	1.318	80,8
MT	17,0	868	14,7
MS	14,0	1.440	20,2
GO	29,5	1.500	44,3
DF	0,8	2.055	1,6
SUDESTE	136,4	1.428	194,8
MG	116,8	1.360	158,9
ES	3,3	820	2,7
SP	16,3	2.034	33,2
SUL	138,0	1.529	210,9
PR	134,1	1.516	203,2
SC	3,9	1.982	7,7
NORTE/NORDESTE	81,1	628	51,0
CENTRO-SUL	335,7	1.449	486,5
BRASIL	416,8	1.290	537,5

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORDESTE	610,3	215	131,0
MA	47,3	537	25,4
PI	3,0	545	1,6
CE	360,9	195	70,5
RN	32,7	246	8,0
PB	60,9	235	14,3
PE	105,5	106	11,2
CENTRO-OESTE	137,5	1.025	140,9
MT	137,5	1.025	140,9
NORTE/NORDESTE	610,3	215	131,0
CENTRO-SUL	137,5	1.025	140,9
BRASIL	747,8	364	271,9

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Julho/2016.

8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra a área estimada para este décimo levantamento é de 577,5 mil de hectares, o que configura um decréscimo de 13,6% em relação à safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 674,9 mil toneladas e 20,6% menor que a última temporada.

As áreas de feijão terceira safra não são significativas no Paraná, haja vista que sua produção é muito pequena, pois apresenta uma produção estimada de aproximadamente 5 mil toneladas, porém, devido às geadas ocorridas em junho, esta produção estimada reduziu para 3,2 mil toneladas. Há registros de perdas de 1.800 hectares na região de Jacarezinho. Acredita-se, ainda, que algumas áreas terão perdas de 100%. A área plantada está 11% colhida, enquanto que o produto foi 9,9% comercializado. A área estimada para plantio é de 5,1 mil hectares, o que configura acréscimo de 4,1% em relação à safra passada. A produção está estimada em 3,2 mil toneladas, 30,41% menor que a última temporada.

No Distrito Federal, os dados revelados neste décimo levantamento da safra 2015/16 estima recuo de 3,1% na área cultivada em comparação à safra 2014/15, ficando ao redor dos 3,1 mil hectares. A produtividade média poderá atingir 2.780 kg/ha, ante aos 3.209 kg/ha obtidos na safra passada, o que resultará em uma oferta próxima a 8,6 mil toneladas, inferior em 16,5% à oferta do exercício 2014/15. Os níveis dos reservatórios de água estão abaixo da média histórica, dificultado o funcionamento dos pivôs. Ressalte-se que o cultivo do feijão terceira safra no Distrito Federal é realizado em sua totalidade através de irrigação. Segundo os técnicos contatados, são necessários 500

mm de lâmina d'água nos reservatórios para o funcionamento dos pivôs. Atualmente não chega a 100 mm. Tal situação tem levado os produtores a optarem pela paralisação dos pivôs, evitando custos com energia, mão de obra etc. Ressalte-se que entre 30% a 40% dos pivôs na região agrícola do Distrito Federal encontram nesta condição. O plantio foi concluído em obediência ao vazio sanitário, vigente a partir do dia 05 de setembro de 2014 conforme a Instrução Normativa nº 15, publicada em junho de 2014, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Durante o período de vigência do vazio sanitário, os produtores devem eliminar qualquer planta viva da cultura do feijoeiro comum. Dessa forma, os produtores terão tempo suficiente para finalizar a colheita até a data que começa a vigorar o vazio sanitário. O vazio sanitário tem sua importância para que o ciclo de reprodução da mosca-branca seja quebrado. Mais de 84% do feijão cultivado na região são do tipo “cores”, que agrega valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional. Os 16% restantes estão distribuídos entre feijão caupi e preto, correspondendo a 10 % e 6% respectivamente.

Em Mato Grosso as áreas de pivô com plantio do feijão terceira safra não aumentou, registrando 30,7 mil hectares, redução de 60% em relação à safra 2014/15. A redução expressiva da área, apesar dos bons preços pelo feijão, pode ser explicada pela incidência de doenças de solo, causados por nematoides, principalmente nas áreas de irrigação por pivô. Portanto, os produtores optaram por plantar principalmente sementes de



milho, a fim de rotacionar a cultura na área irrigada.

Na Bahia os plantios ocupam 90% da área esperada. A estimativa de produção é de 160,8 mil toneladas em 208,8 mil hectares. A expectativa é que a produção reduza em 1,5% em relação à safra passada. Com o atraso nas chuvas esperava-se grande retração da intenção de plantio, no entanto, a alta dos preços do grão no mercado regional estimulou o investimento na implantação das lavouras de feijão. Espera-se produtividade de 770 kg/ha, valor próximo à safra passada. Algumas áreas de agricultores familiares, que há algumas safras vinham plantando milho solteiro, retornaram com o cultivo consorciado de milho com feijão. O território com maior destaque é o Semiárido Nordeste II, com 90.600 hectares, o que corresponde a 47,4% da área de plantio na mesorregião Nordeste. A estimativa de cultivo no estado é de 17,6 mil hectares e produção de 10 mil toneladas. Apesar de ter uma área pouco representativa, o feijão macaçar apresenta importante fonte alimentar na Região Nordeste, sendo cultivada em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializadas em mercados locais. O feijão macaçar se destaca pela sua maior resistência ao déficit hídrico quando comparada ao feijão cores. A estimativa de produção é de 4.200 toneladas, e até junho os plantios ainda não haviam iniciado devido aos baixos índices pluviométricos. O plantio do feijão de inverno ou terceira safra ocorre no territórios do Piemonte da Diamantina, Piemonte do Itapicuru e Piemonte do Paraguaçu, e está sendo aguardado com boas expectativas pelos produtores da região. Os plantios ocupam 80% da área esperada. A estimativa de produção é de 5.800 toneladas em 10.636 hectares. A expectativa é que a produção do feijão macaçar seja aproximadamente a mesma que a obtida na safra anterior, devido à manutenção da área plantada e não se ter ainda indicativo de diferença de produtividade. Espera-se uma produtividade de 9 sc/ha.

Em Goiás a cultura está com estágio fenológico variando desde desenvolvimento vegetativo até início de granação. Com o estande dentro dos padrões desejáveis espera-se uma produtividade satisfatória na ordem de 2.800 kg/ha na região leste do estado. O clima apresenta-se favorável ao bom desenvolvimento

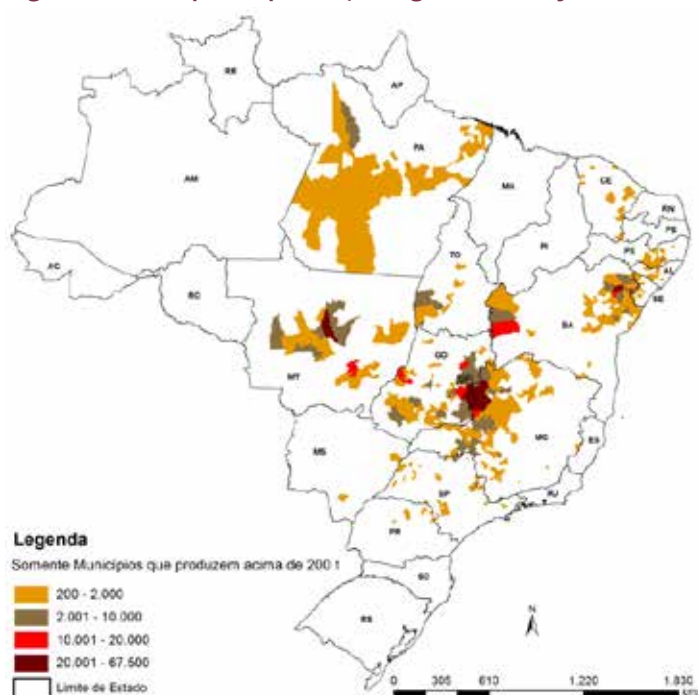
da cultura, que por ser irrigada, não vem sofrendo com o déficit hídrico. Porém o baixo volume de chuvas fez que os reservatórios dos irrigantes fiquem abaixo dos níveis, o que leva a acreditar em baixa oferta de água, principalmente no município de Formosa, onde 285 hectares não foram semeados por escassez de água. Nas demais regiões do estado a maioria dos municípios a cultura encontra-se em fase vegetativa e em boas condições fitossanitárias, porém, às custas de constantes controles químicos, principalmente contra a mosca-branca (*Bemisia tabaci*). No leste de Goiás, representado pelo município de Cristalina, os produtores aguardam outorga de utilização da água nos sistemas de pivô central para o plantio. As emissões de outorgas dependem de estudo prévio de órgão estadual das bacias. Além deste fator, outros dois fatores são impeditivos, no momento, para os irrigantes, que é o custo da energia elétrica e a quantidade de água nas barragens, que neste ano parece não serem suficientes para atender a demanda.

Em Minas Gerais, não há, ainda, informações definitivas acerca da intenção de plantio de feijão terceira safra. Neste levantamento, estima-se uma área plantada inferior à safra passada, de 60,3 mil hectares, mas com uma produtividade maior, 6,5% maior. Como consequência, a produção projetada cai para 156,8 mil toneladas, 13,2% menor que a safra passada, que foi de 180,6 mil toneladas.

Feijão total



Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

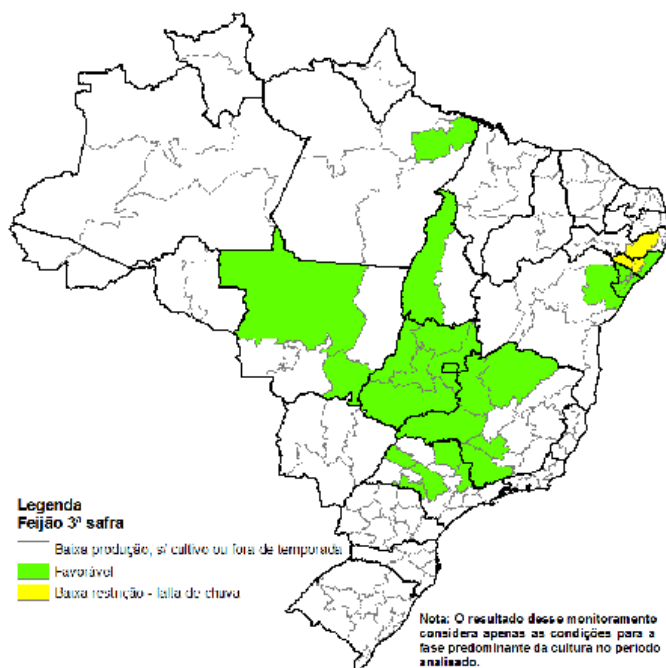
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA												
TO												
Nordeste												
CE												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Figura 27 – Condição hídrica geral em junho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil
- safra 2015/16



Fonte: Conab.

Quadro 10 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em junho.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 3ª safra	- leste de Alagoas (DV/F)- todo estado de SE (DV/F)- nordeste da BA (DV/F)- nordeste do PA (FR)- oeste do TO - irrigado (DV/F)- norte, oeste e sul de MG - irrigado (F) - norte, sul, centro e oeste de SP - irrigado (F)- norte e sudeste do MT - irrigado (F)- todo estado de GO - irrigado (F)- DF - irrigado (F)			- agreste de PE (DV/F)- Sertão e Agreste de AL (DV/F)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	0,2	3.000	0,6
DF	0,2	3.000	0,6
CENTRO-SUL	0,2	3.000	0,6
BRASIL	0,2	3.000	0,6

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Julho/2016.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	13,8	1.292	17,8
PA	7,9	651	5,1
TO	5,9	2.150	12,7
NORDESTE	338,1	664	224,3
PE	88,0	450	39,6
AL	30,4	464	14,1
SE	28,5	695	19,8
BA	191,2	789	150,8
CENTRO-OESTE	74,0	2.714	200,8
MT	30,7	2.603	79,9
MS	0,4	1.380	0,6
GO	40,3	2.800	112,8
DF	2,6	2.900	7,5
SUDESTE	73,4	2.565	188,3
MG	60,3	2.600	156,8
SP	13,1	2.404	31,5
SUL	5,1	625	3,2
PR	5,1	625	3,2
NORTE/NORDESTE	351,9	688	242,1
CENTRO-SUL	152,5	2.572	392,3
BRASIL	504,4	1.258	634,4

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	30,9	39,1	26,5	805	937	16,4	24,9	36,6	47,0
PA	28,0	33,2	18,6	728	721	(1,0)	20,4	23,9	17,2
TO	2,9	5,9	103,4	1.546	2.150	39,1	4,5	12,7	182,2
NORDESTE	423,5	385,4	(9,0)	685	635	(7,3)	290,1	244,9	(15,6)
CE	10,3	4,7	(54,0)	1.109	400	(63,9)	11,4	1,9	(83,3)
PE	122,1	105,3	(13,8)	540	428	(20,7)	65,9	45,1	(31,6)
AL	47,0	38,1	(18,9)	520	454	(12,7)	24,4	17,3	(29,1)
SE	31,5	28,5	(9,6)	701	695	(0,9)	22,1	19,8	(10,4)
BA	212,6	208,8	(1,8)	782	770	(1,5)	166,3	160,8	(3,3)
CENTRO-OESTE	116,9	74,5	(36,3)	2.627	2.710	3,2	307,2	201,9	(34,3)
MT	76,8	30,7	(60,0)	2.449	2.603	6,3	188,1	79,9	(57,5)
MS	0,4	0,4	-	1.380	1.380	-	0,6	0,6	-
GO	36,5	40,3	10,4	2.965	2.800	(5,6)	108,2	112,8	4,3
DF	3,2	3,1	(3,1)	3.209	2.780	(13,4)	10,3	8,6	(16,5)
SUDESTE	92,1	73,4	(20,3)	2.627	2.565	(2,4)	234,6	188,3	(19,8)
MG	74,0	60,3	(18,5)	2.576	2.600	(0,9)	190,6	156,8	(17,7)
SP	18,1	13,1	(27,6)	2.441	2.404	1,5	44,2	31,5	(28,7)
SUL	4,9	51,	4,1	947	625	(34,0)	4,6	3,2	(30,4)
PR	4,9	5,1	4,1	947	625	(34,0)	4,6	3,2	(30,4)
NORTE/NORDESTE	454,4	424,5	(6,6)	693	663	(4,4)	315,0	281,5	(10,6)
CENTRO-SUL	213,9	153,0	(28,5)	2.555	2.571	0,6	546,6	393,4	(28,0)
BRASIL	668,3	577,5	(13,6)	1.289	1.169	(9,4)	861,6	674,9	(21,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	25,3	742	18,8
PA	25,3	742	18,8
NORDESTE	47,3	435	20,6
CE	4,7	400	1,9
PE	17,3	317	5,5
AL	7,7	420	3,2
BA	17,6	568	10,0
CENTRO-OESTE	0,3	1.500	0,5
DF	0,3	1.500	0,5
SUDESTE	-	-	-
NORTE/NORDESTE	72,6	542	39,4
CENTRO-SUL	0,3	1.500	0,5
BRASIL	72,9	546	39,8

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Julho/2016.

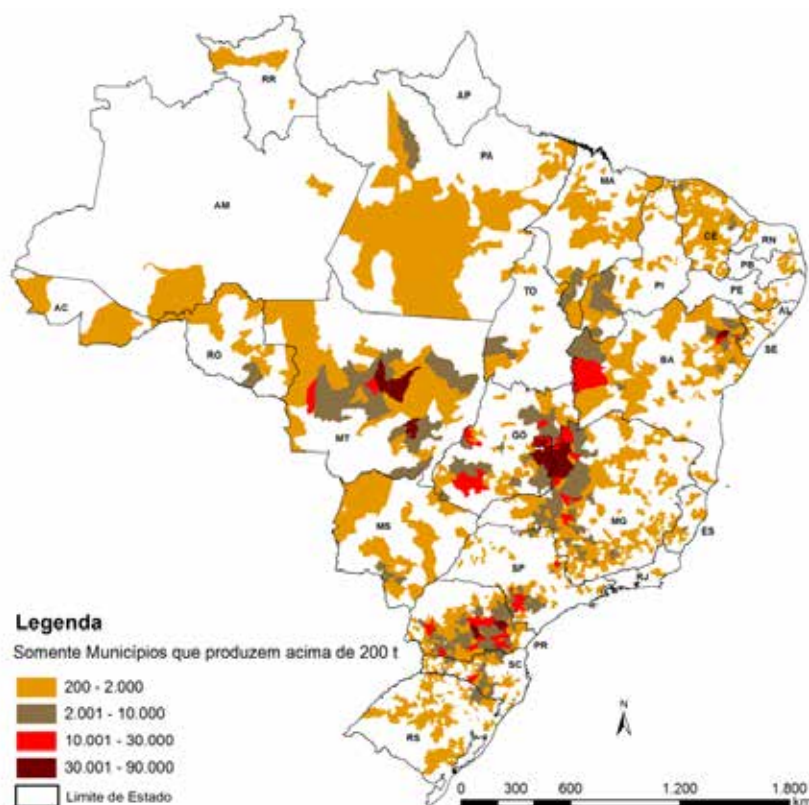


8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras estima-se para esse décimo acompanhamento que a área total de feijão será de 2.825,1 mil hectares, redução de 7,1% em relação à

safrã passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 2.696,7 mil toneladas e 16,3% menor que a última temporada.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	88,1	87,6	(0,6)	810	865	6,8	71,4	75,7	6,0
RR	2,7	2,7	-	704	741	5,3	1,9	2,0	5,3
RO	22,0	20,2	(8,2)	759	881	16,1	16,7	17,8	6,6
AC	7,5	7,7	2,7	627	597	(4,7)	4,7	4,6	(2,1)
AM	5,5	4,1	(25,5)	1.164	927	(20,4)	6,4	3,8	(40,6)
AP	1,3	1,3	-	923	846	(8,3)	1,2	1,1	(8,3)
PA	28,0	33,2	18,6	729	720	(1,2)	20,4	23,9	17,2
TO	21,1	18,4	(12,8)	953	1.223	28,4	20,1	22,5	11,9
NORDESTE	1.565,3	1.449,4	(7,4)	419	343	(18,0)	655,1	497,5	(24,1)
MA	93,6	74,9	(20,0)	524	497	(5,1)	49,0	37,2	(24,1)
PI	214,4	214,5	-	360	145	(59,9)	77,2	31,0	(59,8)
CE	404,1	373,1	(7,7)	215	202	(6,4)	87,0	75,2	(13,6)
RN	31,6	32,7	3,5	171	245	43,2	5,4	8,0	48,1
PB	58,6	85,0	45,1	166	307	85,5	9,7	26,1	169,1
PE	237,3	216,9	(8,6)	354	263	(25,8)	84,1	57,0	(32,2)
AL	47,0	38,1	(18,9)	519	454	(12,5)	24,4	17,3	(29,1)
SE	31,5	28,5	(9,5)	702	695	(1,0)	22,1	19,8	(10,4)
BA	447,2	385,7	(13,8)	662	586	(11,6)	296,2	225,9	(23,7)
CENTRO-OESTE	421,1	344,0	(18,3)	1.990	1.670	(16,1)	838,1	574,4	(31,5)
MT	286,8	191,1	(33,4)	1.859	1.267	(31,8)	533,1	242,2	(54,6)
MS	17,1	15,0	(12,3)	1.614	1.453	(10,0)	27,6	21,8	(21,0)
GO	101,0	121,8	20,6	2.393	2.314	(3,3)	241,7	281,9	16,6
DF	16,2	16,1	(0,6)	2.204	1.770	(19,7)	35,7	28,5	(20,2)
SUDESTE	431,1	417,2	(3,2)	1.639	1.685	2,8	706,7	703,0	0,5
MG	339,0	325,7	(3,9)	1.512	1.562	3,3	512,4	508,6	0,7
ES	14,4	10,5	(27,1)	938	1.029	9,7	13,5	10,8	(20,0)
RJ	1,7	1,6	(5,9)	941	1.000	6,3	1,6	1,6	-
SP	76,0	79,4	4,5	2.358	2.292	(2,8)	179,2	182,0	1,6
SUL	534,4	526,9	(1,4)	1.778	1.606	(9,7)	950,0	846,1	(10,9)
PR	405,7	395,6	(2,5)	1.775	1.532	(13,7)	720,2	606,1	(15,8)
SC	72,9	63,4	(13,0)	1.908	1.861	(2,5)	139,1	118,0	(15,2)
RS	55,8	67,9	21,7	1.625	1.797	10,5	90,7	122,0	34,5
NORTE/NORDESTE	1.653,4	1.537,0	(7,0)	439	373	(15,1)	726,5	573,2	(21,1)
CENTRO-SUL	1.386,6	1.288,1	(7,1)	1.799	1.649	(8,4)	2.494,8	2.123,5	(14,9)
BRASIL	3.040,0	2.825,1	(7,1)	1.060	955	(9,9)	3.221,3	2.696,7	(16,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.

8.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

Feijão comum cores

Na avaliação de safras realizadas pela Conab em meados de maio de 2016, projetava-se uma colheita de 2.925,7 mil toneladas, uma das menores registradas no país. Nesta última pesquisa, realizada em meados de junho, a situação ficou ainda pior, esse número recuou para 2.696,7 mil toneladas.

A terceira safra, ou safra de inverno, semeada a partir de março começou a ser colhida no final de junho. Trata-se de uma safra plantada no Centro Oeste e Sudeste, sob pivôs. Já na Região Nordeste a cultura é condu-

zida em regime de sequeiro e altamente suscetível à quebra por falta de chuva.

A região nordeste da Bahia é um forte polo produtor, representando, junto com Alagoas e Sergipe, cerca de 25% da produção prevista para a safra de inverno. Normalmente as lavouras são prejudicadas pelo clima e está sendo implementada com certa morosidade devido ao atraso das chuvas.

Em que pese à motivação dos agricultores dados aos



atrativos preços praticados no mercado, alguns fatores impediram o avanço da área a ser plantada, dentre eles: capacidade hídrica, custo elevado de produção (energia, semente cara e escassa), mosca-branca e doenças de solo (nematóides), notadamente no Mato Grosso. Nesse estado, parte da área anteriormente cultivada com o feijão carioca provavelmente será ocupada com outras culturas, dentre elas o feijão caupi e milho semente.

A quase totalidade do produto ofertado no mercado é basicamente de feijão comum carioca, vez que no segundo semestre o plantio de feijão comum preto é inexpressivo, limitando-se a um pequeno percentual conduzido sob pivôs e algumas áreas plantadas na região de Garanhuns (PE).

Os elevados preços praticados no mercado certamente vão prejudicar a cadeia produtiva do feijão, forçando ainda mais a redução do consumo desse produto de fundamental importância na dieta do brasileiro. Assim, é bem provável que tal alta venha a ser repassada ao varejo, lembrando que nos atuais patamares de preços os consumidores mudam as suas preferên-

Feijão comum preto

Os preços que estavam estáveis, desde de janeiro deste ano, apresentaram, posteriormente, altas consecutivas ocasionadas pelo clima adverso verificado no Paraná e também pelo forte aumento de preços registrados no grupo carioca.

No Paraná, a safra está praticamente concluída, e a partir deste mês o país passa a depender de importações, principalmente da Argentina, maior fornecedor.

A expectativa é de preços elevados, fato que normalmente acontece neste período quando o produto nacional foi praticamente consumido e o Brasil passando a depender de feijão novo proveniente de outros países.

Cabe mencionar que a safra Argentina está no início

cias para outros produtos como: batata, macarrão, frango, etc., cujas ofertas nas redes de supermercados estão com valores mais atrativos.

Doravante, para uma melhor avaliação na formação do preço, a atenção estará voltada para o clima na região nordeste da Bahia que, apesar do atraso no plantio, apresenta até o momento, chuvas normais, bem como do volume a ser colhido nas áreas irrigadas.

O mercado deve continuar firme, com um ritmo mais intenso nas vendas. Muitas empresas empacotadoras estão saindo do mercado ou até mesmo reduzindo acentuadamente as compras, adquirindo apenas o suficiente para saldar compromissos.

Em suma, a retração do plantio nas duas primeiras safras, aliada aos problemas de ordem climática, resultaram num quadro de suprimento bastante apertado, mantendo os preços em patamares bastante elevados. Todavia, é difícil estimar até onde eles poderão chegar, devido às dificuldades que as indústrias vão encontrar para repassar esses valores ao setor varejista e este, aos consumidores.

de colheita e do volume a ser produzido cerca de 70% será de feijão comum preto e entre 10.000 e 15.000 toneladas de feijão comum branco destinados ao Brasil.

Para a temporada 2015/16, computando as três safras, a estimativa da Conab chega à produção de 2.696,7 mil toneladas, o que representa variação negativa de 16,3% em relação à safra anterior. A previsão é de que cerca de 511 mil toneladas do grão deixem de ser colhidas neste ano, aproximadamente dois meses de consumo. Tal comportamento deve-se à perda de área no campo para a soja e o milho e, principalmente, das condições climáticas adversas. O consumidor está apreensivo com os atuais preços do grão que estão aparecendo nas gôndolas dos supermercados. Ingrediente preferido pelos brasileiros, o qual está muito caro.

Tabela 39 - Suprimento - feijão comum cores, preto e caubi

Ano-safra	Estoque inicial	Produção nacional	Imp.	Suprimento	Consumo aparente	Exp.	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	321,3	3.917,1	3.500	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.221,3	156,7	3.681,8	3.350	122,6	209,2
2015/16*	209,2	2.696,7	250,0	3.155,3	2.900	120,0	135,9

Fonte: Conab/Secex

(*) Dados estimados em junho de 2016



8.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, líder na produção nacional de girassol, a colheita da lavoura começou em junho e já tem 15% das áreas colhidas. Devido à produção estar concentrada em poucas propriedades, os trabalhos de campo deverão encerrar-se até a primeira semana de julho. Com os primeiros talhões colhidos percebeu-se que a cultura do girassol foi a única beneficiada pela estiagem que assolou Mato Grosso. Houve aumento na expectativa de produtividade da lavoura, registrando 1.633 kg/ha no décimo levantamento, 21,1% superior à safra passada, que foi de 1.348 kg/ha. Apesar da boa produtividade, haverá uma redução significativa de área na ordem de 75,1%, saindo de 86,4 mil hectares, para 21,5 mil hectares em relação à temporada 2014/15, devido à destinação de áreas para o cultivo do milho segunda safra, fato que reduzirá a produção da oleaginosa para 35.1 mil toneladas, ante às 116,5 toneladas vistas na safra anterior, redução de 69,9% no período.

O clima adverso em Goiás afetou a produtividade do girassol devido ao déficit hídrico no momento de formação dos capítulos, levando ao surgimento de inflorescências menores, com sementes menores e grande quantidade murchas, reduzindo, portanto, o rendimento. A cultura do girassol já está em início da fase reprodutiva, com capítulos menores que o padrão normal, que é reflexo do déficit hídrico, isto possivelmente implicará na queda de produtividade. A estiagem em abril, ocorrida em Goiás, comprometeu o desenvolvimento do capítulo da planta, onde

desenvolve-se os grãos. Em contato com os técnicos da principal empresa esmagadora do produto em Goiás, eles nos informaram que em algumas áreas do sudoeste goiano nem foi estimada a produtividade das áreas que já estão sendo colhidas neste final de junho. Não sabem se os produtores conseguirão honrar os contratos, pois a estimativa é que fique abaixo de 20 sc/ha para algumas áreas. Algumas áreas já estão sendo colhidas, porém com péssimos rendimentos, segundo as fontes, estima-se em torno de 20 sacas/hectare nas melhores áreas, enquanto que áreas piores estão colhendo em torno de 10 sc/ha. Assim, a área plantada com o girassol ficou em 14 mil hectares, incremento de 89,2% em relação à safra anterior, que foi de 7,4 mil hectares, a produção ficou em 16,8 mil toneladas, acréscimo de 63,1% em relação à safra 2014/15, que foi de 10,3 mil toneladas, retração na produtividade de 13,4%, saindo de 1.386 kg/ha na safra passada, para 1.200 kg/ha na atual safra.

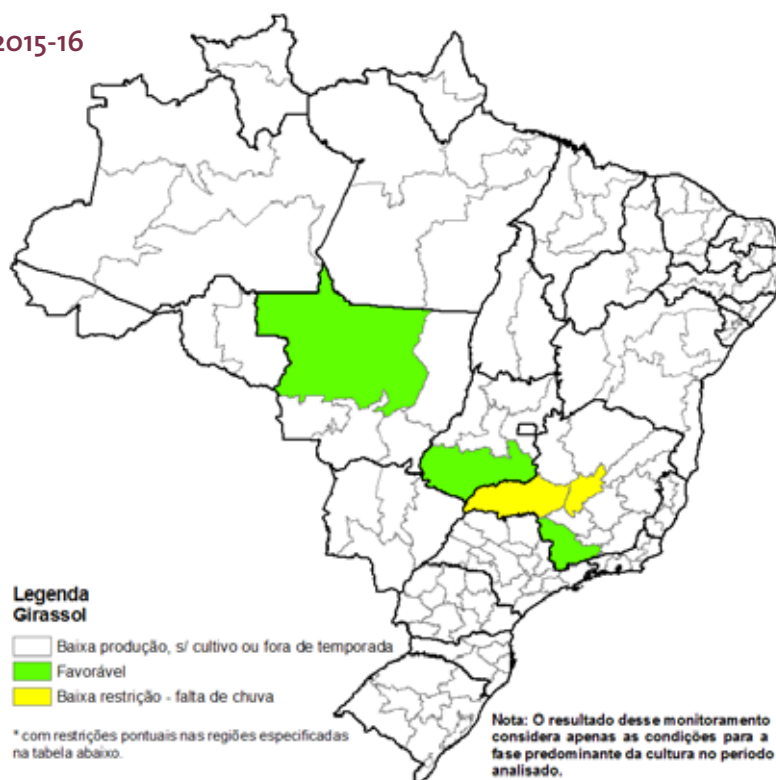
Em Minas Gerais o presente levantamento sinaliza tendência de redução de 39,3% na área de plantio, passando de 14 mil hectares em 2015, para 8,5 mil hectares na safra atual. Assim, a produtividade média esperada é de 1.350 kg/ha, representando queda de 7,8% em relação à safra anterior. Todavia, a produção pode atingir 11,5 mil toneladas, 43,9% abaixo da safra passada, que chegou a 20,5 mil toneladas. O plantio normalmente ocorre em março e abril, com previsão de colheita entre julho e agosto. Lavouras já plantadas encontram-se em fase de floração e frutificação..

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Figura 30 – Condição hídrica geral em julho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil

- Safra 2015-16



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 11 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em junho.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Girassol	- sul de MG (FR), exceto regiões pontuais		- norte de MT (M/C) - sul de GO (M/C)	- Triângulo e centro de MG (FR) - regiões pontuais do sul de MG (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	94,2	35,8	(62,0)	1.352	1.463	8,2	127,4	52,4	(58,9)
MT	86,4	21,5	(75,1)	1.348	1.633	21,1	116,5	35,1	(69,9)
MS	0,4	0,3	(25,0)	1.500	1.500	-	0,6	0,5	(16,7)
GO	7,4	14,0	89,2	1.386	1.200	(13,4)	10,3	16,8	63,1
SUDESTE	14,0	8,5	(39,3)	1.465	1.350	(7,8)	20,5	11,5	(43,9)
MG	14,0	8,5	(39,3)	1.465	1.350	(7,8)	20,5	11,5	(43,9)
SUL	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
RS	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
CENTRO-SUL	111,5	47,6	(57,3)	1.374	1.434	4,4	153,2	68,3	(55,4)
BRASIL	111,5	47,6	(57,3)	1.374	1.434	4,4	153,2	68,3	(55,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
Sul												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2015/16 de mamona é de redução de área, alcançando 65,4 mil hectares, que representa decréscimo de 20,3% em relação à safra passada, que foi de 82,1 mil hectares.

Para a Bahia a estimativa de produção é de 32,5 mil toneladas em 56,1 mil hectares, e até junho as plantas encontram-se em fase de maturação. O início da colheita está previsto para os próximos meses. A produtividade esperada é de 579 kg/ha, que representa perda 9,5% em relação à safra 2014/15. Por sua rusticidade, quando comparada aos demais grãos, os impactos da falta de chuvas foram menores. Informante da Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiatel), elucidam que a grande quantidade de chuvas em janeiro e a estiagem nos meses seguintes dificultaram o plantio da cultura. Estimava-se inicialmente a intenção de plantio de 116 mil hectares, no entanto, somente cerca de 56,1 mil hectares foram cultivados, redução de cerca 20%. Nas microrregiões de Jacobina e Senhor do Bonfim a referida cultura apresenta melhor desenvolvimento vegetativo, sendo esperado a produtividade de 700 kg/ha.

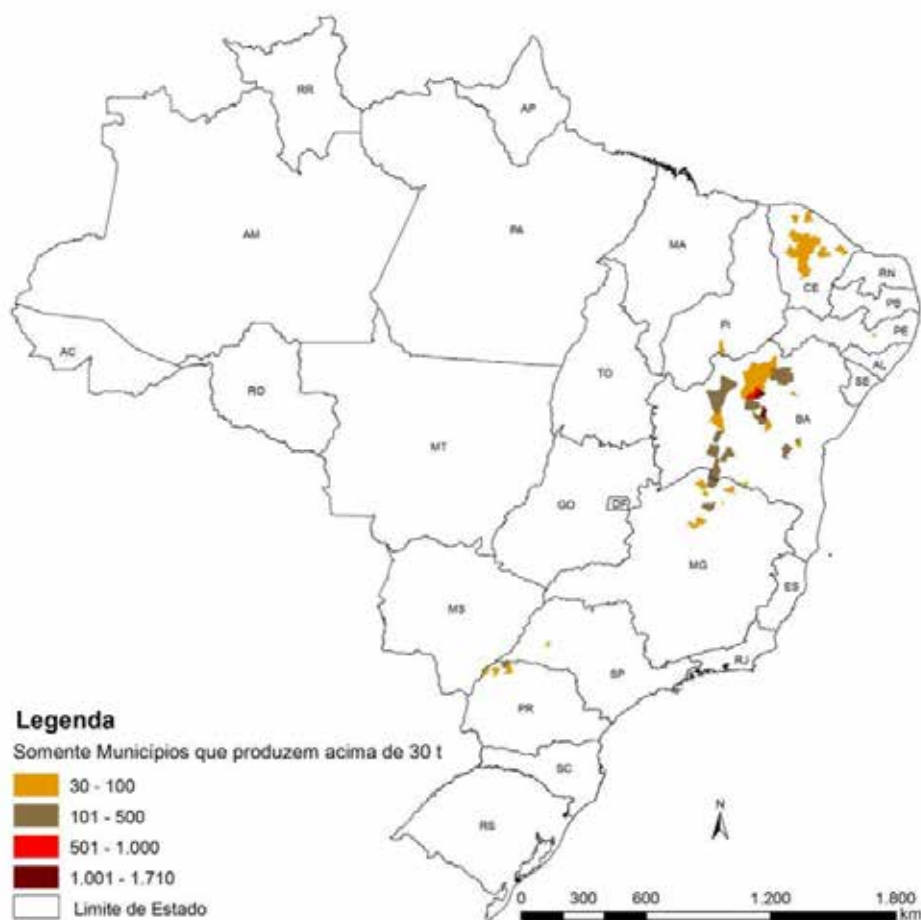
No Ceará foram semeados 4.874 hectares nos municípios da pesquisa dos 6.590 hectares previstos inicialmente, representando 73,96% da área estimada. Esta diminuição de área da cultura está relacionada com a exigência de tratamentos culturais, como calagem e adubação, que os produtores da região não possuem

domínio da técnica e com as condições climáticas desfavoráveis, o que leva os mesmos a se concentrar no plantio de espécies alimentícias. As sementes são geralmente doadas pelo Governo Estadual e distribuídas pela Ematerce. Cada agricultor pode receber quantidade suficiente para cultivar até 10 hectares. Em Quixadá, a empresa de extensão rural está com dificuldades para distribuir essas sementes, pois os produtores estão deixando de plantar. A razão para isso é que a Petrobras está deixando de ajudar no preparo do terreno, através da cessão de tratores para o preparo do solo. A cidade que possui maior área estimada é Tauá, com 1.436 hectares da cultura. O plantio foi realizado de janeiro a abril. A cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo (2,72%), floração (1,74%), frutificação (64,51%) e maturação (31,04%).

Em Minas Gerais o plantio de mamona, restrito basicamente ao Norte de Minas, segue em tendência de retração, em face dos fracos resultados alcançados nas últimas safras, somados às dificuldades e baixos preços de comercialização. A área deve ficar em torno de 0,4 mil hectares, queda de 50% em relação à safra anterior. A produtividade média está estimada em 920 kg/ha, podendo ainda ser reavaliada com a colheita, já que houve período de estiagem entre dezembro e janeiro na região produtora. As lavouras se encontram em fase de maturação. Estima-se uma produção de 0,4 mil toneladas, incremento de 100% em relação à safra anterior, que ficou em 0,2 mil toneladas.



Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	81,3	65,0	(20,0)	576	520	(9,7)	46,8	33,8	(27,8)
PI	0,6	0,6	-	506	500	(1,2)	0,3	0,3	-
CE	9,0	8,3	(7,8)	156	123	(21,2)	1,4	1,0	(28,6)
PE	1,6	-	(100,0)	142	-	(100,0)	0,2	-	(100,0)
BA	70,1	56,1	(20,0)	640	579	(9,5)	44,9	32,5	(27,6)
SUDESTE	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
MG	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
NORTE/NORDESTE	81,3	65,0	(20,0)	576	520	(9,7)	46,8	33,8	(27,8)
CENTRO-SUL	0,8	0,4	(50,0)	306	920	200,7	0,2	0,4	100,0
BRASIL	82,1	65,4	(20,3)	573	522	(8,8)	47,0	34,2	(27,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PE												
BA												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.7. MILHO

8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

No décimo levantamento a área com milho primeira safra apresentou redução de 11,4%, atingindo 5.440,9 mil hectares quando comparada com a safra passada, 6.142,3 mil hectares. A produtividade estimada é de 4.794 kg/ha.

Em Minas Gerais o plantio de milho primeira safra, apresentou queda de 18,1% em relação à safra anterior, passando de 1.022,4 mil hectares para 837,4 mil hectares. Os custos de produção sofreram aumento substancial, devido a isso, os produtores enfrentaram dificuldades para obtenção de financiamento, e como as perspectivas eram mais favoráveis para o mercado de soja, os produtores acabaram optando por aumentar o plantio de soja na safra de verão. Com o atraso das chuvas, o plantio foi iniciado mais cedo apenas em áreas de pivô, concentrando-se notadamente novembro e finalizado em dezembro.

Registros de ataques de lagartas, apesar das chuvas, e também de doenças fúngicas como a *phaeosphaeria*, mas a estiagem ocorrida em meados de janeiro viabilizou a aplicação de inseticidas e fungicidas para controle. O clima quente e úmido favoreceu os ataques de cigarrinhas em lavouras de milho na região noroeste, com impactos sobre as produtividades, inicialmente estimadas para aquela região. O rendimento médio ainda está estimado conservadoramente, em 6.100 kg/ha, 14,2% acima da safra anterior, que foi prejudi-

cada pela estiagem. Dessa forma, estima-se retração de 6,4% na produção, que deverá cair de 5.459,6 mil toneladas, para 5.108,1 mil toneladas.

No Paraná a comercialização do milho primeira safra atinge 94,1% da produção estadual. Foi registrada redução de área de 23,7% em relação à safra passada. Este fato ocorreu porque os produtores optaram por plantar soja devido aos bons preços do grão. A forte diminuição da área plantada contribuiu para a escassez do produto e aumento dos preços.

Em Santa Catarina a cultura encontra-se praticamente toda colhida, restando pequenas áreas que devem ser destinadas ao consumo local na propriedade. As produtividades permaneceram dentro das estimativas divulgadas no levantamento anterior, com leves alterações em algumas praças, devendo resultar em aproximadamente 7.330 kg/ha. Desta forma, a produção total deve ser mantida dentro das últimas previsões, evidenciando sua redução em relação ao ocorrido nas safras passadas, causado, principalmente, pelo recuo da área plantada, revertida para plantio da soja.

Os preços continuaram em elevação desde o último levantamento, perdendo força nos últimos dias de junho, influenciado, entre outros, pelo avanço da colheita no Centro-Oeste e Paraná, os quais passaram a ofertar mais produto no mercado. Também ajudou



na queda dos preços a melhoria das perspectivas de safra dos Estados Unidos. Isso, entre outros, afetou a velocidade das negociações por parte dos produtores, muitos dos quais já haviam aproveitado a boa fase dos preços para vender parte de sua produção.

Devido ao recuo na área plantada com o cereal, nas últimas safras, tornando Santa Catarina deficitária em relação ao seu consumo, principalmente do setor produtivo de carnes, a Fecoagro, juntamente com o governo estadual, cooperativas e agroindústrias lançaram programa de incentivo ao plantio de milho, no esforço de tentar aumentar a produção do grão para a próxima safra. O programa tem como principais atrativos a garantia de preço mínimo e fornecimento de insumos, os quais podem ser pagos no momento da colheita. A proposta visa ampliar a área do estado em aproximadamente 100 mil hectares.

Em São Paulo esta cultura encerra a safra 2015/16 com uma redução de 2,2% na área plantada, que caiu de 392,6 para 384 mil hectares. Essa queda deu-se, sobretudo, em razão de grande parte do segmento produtor ter migrado para a soja, em face dos excelentes preços pagos àquela leguminosa no momento da tomada de decisão pelo plantio (intenção). Entretanto houve um crescimento na produtividade de 4%, que subiu de 5.889 kg/ha para 6.122 kg/ha. Esse acréscimo ocorreu em razão das ótimas condições climáticas ocorridas durante todo o período de desenvolvimento desta cultura.

Em Tocantins do total da área cultivada no estado, somente as lavouras localizadas na região Norte não concluíram sua colheita. Nessa região 64,6% já foi colhido e 35,4% encontra-se em estágio de maturação. Apesar do crescimento de 16,2% da área plantada, motivada principalmente pela substituição de áreas de soja, a produção deverá sofrer redução de aproximadamente 15,7%, influenciada pela queda estimada de 27,4% na produtividade, provocada, principalmente, pelas irregularidades climáticas ocorridas durante todo o ciclo da cultura.

No Ceará o milho é a principal cultura de sequeiro do estado, possuindo a maior área de plantio dentre as culturas. O plantio foi realizado de janeiro a abril, sendo 54,2% da área cultivada em janeiro, reflexo do bom regime de chuvas do período. As lavouras se encontram nos seguintes estádios fenológicos: frutificação (3,9%), maturação (35,12%) e colheita (60,98%).

A maioria das lavouras se encontram em condições regulares a ruins, devido a sucessivos veranicos ocorrerem em praticamente todos os estádios de desenvolvimento da cultura, afetando a produtividade desta. Em muitas regiões produtoras, o acumulado de

chuvas não supera a demanda hídrica mínima da espécie, de 500 mm por ciclo. As plantas se encontram com porte baixo, folhas mal desenvolvidas e, devido ao estresse hídrico, pendoando precocemente. Muitas áreas estão apresentando espigas mal granadas e pequenas.

A colheita do grão está sendo realizada desde abril e se estenderá até setembro. As áreas que serão colhidas até setembro são aquelas que foram replantadas em março e abril e sobreviveram aos longos períodos sem chuvas.

Muitas áreas foram completamente perdidas e serviram de pasto para os animais ou para a produção de silagem. Algumas áreas estão sendo colhidas cedo devido ao pendoamento antecipado e, consequentemente, à produção precoce. As pragas que afetaram a cultura foram a lagarta do cartucho (*Spodoptera frugiperda*) e a lagarta curuquerê (*Mocis latipes*), ambas presentes em grande parte das áreas cultivadas e apresentando um ataque moderado a severo. O controle dessas lagartas é basicamente químico.

No Distrito Federal a colheita do milho primeira safra já foi concluída, ocorrendo fora do calendário previsto, ocasionado, sobretudo, pelo retardamento do período de semeadura. A produtividade média obtida foi de 6.740 kg/ha, inferior à registrada na safra 2014/15 que foi de 7.326 kg/ha, resultando, portanto, uma produção de 180,6 mil toneladas, 8% inferior à produção da temporada 2014/15. As condições climáticas adversas, ocorridas ao longo do ciclo da cultura, foram prejudiciais ao seu desenvolvimento, provocando recuos de produtividade e consequentemente na produção.

Em Rondônia em anos anteriores o governo do estado fazia entrega de sementes selecionadas através da Emater. Isso não acontece mais. Hoje essas lavouras acontecem entre os pequenos produtores e são de pequenas áreas. Esse é um dos motivos que faz decair de ano para ano a sua produção. Alguns produtores iniciaram as suas plantações com sementes selecionadas adquiridas em casas de lavouras e sementes que foram guardadas da safra anterior. É uma cultura típica realizada em pequenas propriedades. Esse milho é para uso exclusivo para alimentar os animais nas propriedades e alguns o vendem em feiras locais como milho verde para consumo humano. As fases dessa lavoura estão todas concluídas. Muitas propriedades pequenas fazem a dobra no próprio pé para a sua secagem natural e o colhem na medida de suas necessidades nas propriedades. As primeiras lavouras colhidas não foram de espigas com boa formação de grãos e apresentaram como qualidade, 60% como bom e 40% como regular.



Dentre os cereais mais cultivados no Brasil o milho é o mais expressivo. Por suas características fisiológicas a cultura do milho tem alto potencial produtivo, atingindo produtividade superior a 16 t/ha. No entanto, a média nacional de produtividade é baixa, cerca de 4.417 kg/ha. No Acre a cultura é a mais expressiva dentre as culturas de grãos, no entanto, a média de produtividade é inferior à média nacional.

Dentre os fatores para a baixa produtividade incluem-se a falta de cultivares recomendadas para o Acre, utilização de tecnologias para a maximização da produção, pouca utilização de insumos (calcário, fertilizantes, e defensivos agrícolas), tratamentos culturais, rotação de cultura e, políticas públicas de incentivo à produção agrícola. A área plantada de milho primeira safra 2015/16 foi de aproximadamente 39,6 mil hectares, produção obtida de 98,2 mil toneladas e rendimento médio de 2.481 kg/ha. A colheita do milho no Acre foi finalizada em maio 100% da área colhida.

Na Paraíba, com um plantio na ordem de 84,2 mil hectares, parte das lavouras encontram-se no estágio de maturação, aguardando a secagem natural para a colheita. Em outra região do estado as lavouras apresentam semelhantes estágios fenológicos, entre a germinação e a frutificação, estimando-se produtividades reduzidas em decorrência de condições adversas em boa parte das áreas. Cabe destacar que a existência de pequenas áreas plantadas com elevado padrão tecnológico, notadamente nos municípios de Mulungu e Gurinhém, apresentando resultados em torno de 4.500 kg/ha, elevam a média da produtividade da cultura.

No agreste de Pernambuco, da mesma forma como ocorre o início do plantio do feijão, se inicia o plantio do milho, com exceção dos municípios situados em áreas de transição entre as regiões do agreste e ser-

tão, onde as lavouras estão no estágio de maturação, as quais em face da incidência de irregularidades nas precipitações pluviométricas, tiveram uma quebra de 77% na produção. Já as lavouras que foram semeadas nos meses de abril a início de junho é esperada uma quebra de 35% no rendimento médio. No sertão o veranico ocorrido no final do ciclo de desenvolvimento dessas culturas, nas principais regiões produtoras, impactou severamente na fase final do enchimento de grãos. De um modo geral, as perdas ocorridas foram de 90% para o feijão e entre 90 e 100% para o milho. As regiões que apresentaram as maiores perdas foram Salgueiro e Petrolina, e as que tiveram menores índices de perda foram Afogados da Ingazeira, Ouricuri e Araripina. As precipitações acumuladas na região, desde o início do ano, variaram de 200 a 350 mm até o momento, sendo a quantidade normal para este período em torno de 600 mm.

De um modo geral as áreas tiveram significativamente reduzidos o potencial de produção em decorrência da falta de chuvas. Observou-se plantas com baixa estatura e pouca massa vegetativa, consequentemente espigas e vagens leves. Não houve comercialização de grãos colhidos, e os poucos colhidos foram aproveitados nas propriedades para o fornecimento aos animais.

No Rio de Janeiro a cultura foi totalmente colhida. Para esta safra o milho total registrou queda nas áreas plantadas em torno de 23,1% em relação à safra anterior, e também uma possível queda no rendimento médio em relação à mesma safra. Os motivos para tal redução são vários: falta de chuva no início do plantio, substituição de culturas; produtores migrando para o cultivo de olericulturas e bovinocultura (houve perda de áreas para pastagem).

Nos demais estados produtores a cultura encontra-se fora de temporada.



Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

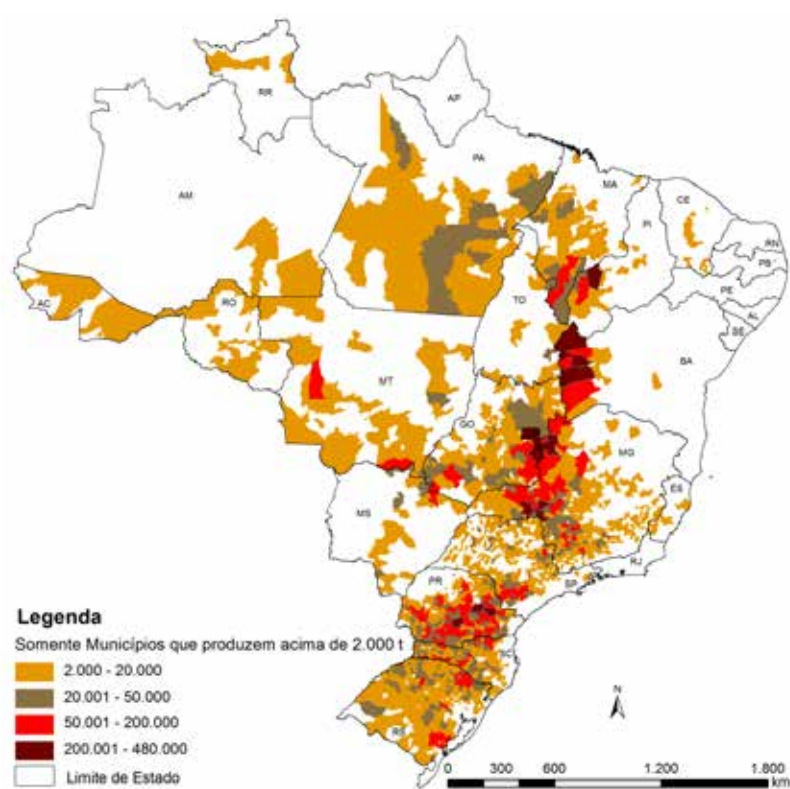
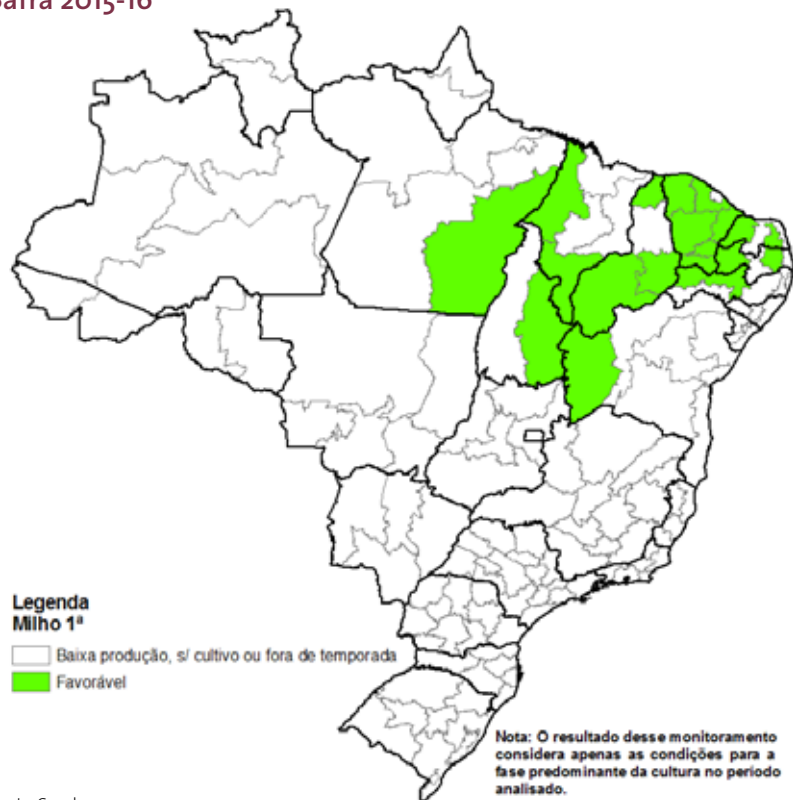


Figura 33 – Condição hídrica geral em junho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015-16



Fonte: Conab.



Quadro 14 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em junho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra			- sudeste do PA (C) - leste de TO (C) - oeste e sul do MA (C) - extremo norte e sudeste do PI (C) - sudoeste do PI (C) - todo estado do CE (M/C) - oeste do RN (M/C) - Agreste do RN (M) - Sertão de PE (M/C) - Sertão da PB (M/C) - Agreste da PB (M) - oeste da BA (C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(ef)	(g)	(f/e)
NORTE	393,8	372,2	(5,5)	3.239	3.142	(3,0)	1.275,5	1.169,6	(8,3)
RR	6,2	4,6	(25,2)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	46,0	38,6	(16,1)	2.174	2.654	22,1	100,0	102,4	2,4
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.442	4,7	96,3	96,7	0,4
AM	15,5	5,4	(65,2)	2.540	2.515	(1,0)	39,4	13,6	(65,5)
AP	1,8	1,8	-	907	902	(0,6)	1,6	1,6	-
PA	218,7	207,5	(5,1)	3.232	3.252	0,6	706,8	674,8	(4,5)
TO	64,3	74,7	16,2	4.914	3.567	(27,4)	316,0	266,5	(15,7)
NORDESTE	2.056,5	1.887,4	(8,2)	2.165	1.574	(27,3)	4.452,9	2.970,1	(33,3)
MA	380,1	272,2	(28,4)	2.500	2.666	6,6	950,3	725,7	(23,6)
PI	380,5	471,0	23,8	2.495	1.490	(40,3)	949,3	701,8	(26,1)
CE	480,6	459,9	(4,3)	315	480	52,4	151,4	220,8	45,8
RN	25,9	32,3	24,7	288	343	19,1	7,5	11,1	48,0
PB	62,9	84,2	33,9	322	497	54,3	20,3	41,8	105,9
PE	214,7	195,4	(9,0)	271	199	(26,6)	58,2	38,9	(33,2)
BA	511,8	372,4	(27,2)	4.525	3.303	(27,0)	2.315,9	1.230,0	(46,9)
CENTRO-OESTE	361,6	337,0	(6,8)	6.930	7.577	9,3	2.506,0	2.553,2	1,9
MT	63,6	47,8	(24,8)	7.205	6.417	(10,9)	458,2	306,7	(33,1)
MS	20,5	16,0	(22,0)	8.500	9.000	5,9	174,3	144,0	(17,4)
GO	250,7	246,4	(1,7)	6.690	7.800	16,6	1.677,2	1.921,9	14,6
DF	26,8	26,8	-	7.326	6.740	(8,0)	196,3	180,6	(8,0)
SUDESTE	1.435,4	1.236,8	(13,8)	5.436	6.067	11,6	7.802,1	7.504,1	(3,8)
MG	1.022,4	837,4	(18,1)	5.340	6.100	14,2	5.459,6	5.108,1	(6,4)
ES	17,8	13,4	(24,7)	1.363	2.984	118,9	24,3	40,0	64,6
RJ	2,6	2,0	(23,0)	2.394	2.600	8,6	6,2	5,2	(16,1)
SP	392,6	384,0	(2,2)	5.889	6.122	4,0	2.312,0	2.350,8	1,7
SUL	1.895,0	1.606,9	(15,2)	7.412	7.400	(0,2)	14.045,5	11.890,8	(15,3)
PR	542,5	413,9	(23,7)	8.633	7.939	(8,0)	4.683,4	3.286,0	(29,8)
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.330	(5,4)	3.189,1	2.712,1	(15,0)
RS	941,0	823,0	(12,5)	6.560	7.160	9,1	6.173,0	5.892,7	(4,5)
NORTE/NORDESTE	2.450,3	2.259,6	(7,8)	2.338	1.832	(21,6)	5.728,4	4.139,7	(27,7)
CENTRO-SUL	3.692,0	3.180,7	(13,8)	6.596	6.900	4,6	24.353,6	21.948,1	(9,9)
BRASIL	6.142,3	5.440,3	(11,4)	4.898	4.795	(2,1)	30.082,0	26.087,8	(13,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.



Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

8.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A área plantada prevista para esta temporada deverá apresentar incremento de 7,7% em relação à safra passada. O clima foi o grande responsável pelo baixo desempenho da lavoura em todo o país, causando forte impacto na produção total.

Os trabalhos de colheita do milho estão avançados,

atingindo 15% da área em Mato Grosso. A produtividade estimada no décimo levantamento ficou em 4.398 kg/ha, rendimento 27,5% inferior ao registrado na safra passada, por conta da estiagem. Tal circunstância climática permite que o processo de colheita aconteça de forma mais ágil na atual safra, devido ao maquinário abranger uma área maior para atingir sua



capacidade de armazenagem, ocasião diferente de uma safra com produtividade normal do milho. Outro aspecto relevante para os trabalhos de colheita, são os relatos que em praticamente todas as regiões, principalmente no Vale do Araguaia e Alto Xingu, não haverá colheita de boa parte das áreas plantadas, devido aos severos danos causados pela estiagem, que impossibilitou o pleno desenvolvimento do milharal e consequente produção de grãos nas espigas, que servirão apenas de cobertura vegetal para o solo. Os sucessivos acontecimentos podem encurtar a janela de colheita de milho na safra 2015/16. Estima-se que praticamente toda a produção do cereal deve ser colhida até o início de agosto.

No atual contexto de oferta limitada do milho, cujo nível de comercialização futura chega próximo dos 70%, combinado à qualidade inferior de boa parte da produção com grãos avariados, que não atende às especificações de exportação, diversas hipóteses acerca da comercialização do milho são levantadas, que variam desde o wash-out (contratos cancelados com pagamento de multa calculada na diferença de preço do milho futuro e disponível) até a simples renegociação de contratos com os produtores, com prorrogação de entrega do cereal para safra 2016/17. As tradings estão tratando as ocorrências caso a caso, evitando colocar aqueles produtores que realmente não têm condições de entregar a quantidade de produto acordada, ficando em situação delicada. Em relação à área dedicada ao cereal constatou-se um incremento de 6,1%, se comparado à última safra.

No Paraná foi iniciada a colheita da segunda safra de milho, visto que, do total da área plantada, 10% está colhida. As geadas ocorridas em junho atingiram as lavouras, principalmente nos locais de baixadas e nos locais mais altos. No Paraná, aproximadamente 38% das lavouras encontravam-se na fase de maturação e 3% na fase de floração, que são as fases onde a cultura é suscetível à geada. Devido a este evento estima-se redução de 11,4% na produtividade da cultura, enquanto que a produção, que era estimada em 12,8 mil toneladas em maio, foi reduzida para aproximadamente 11,4 mil toneladas em junho.

Destaca-se ainda que, além da geada, a produtividade do milho também foi afetada pela estiagem ocorrida em abril. Informações mais precisas sobre a real perda da produtividade serão obtidas com o avanço da colheita. Algumas tradings cancelaram contratos de intenção de exportação de milho. Algumas cooperativas deste roteiro relataram que não puderam cancelar suas exportações, pois tratam-se de negociações já concretizadas a sua recompra seria muito onerosa.

Em Mato Grosso do Sul os dados obtidos confirmam

a tendência de queda na produtividade, já constatada. As fases do milho segunda safra variam desde a maturação até o início de colheita. Apesar do retorno das precipitações durante maio em todas as regiões produtoras, a falta de umidade nos solos e altas temperaturas que ocorreram em abril atingiram as lavouras em fases críticas de desenvolvimento. Já são observadas em diversas áreas, e de modo frequente, lavouras com plantas mal desenvolvidas e de menor porte, com espigas menores e mal granadas, indicativos reais das quebras de produtividades relatadas em praticamente todos os municípios levantados. Somando a isso, em meados de junho foram registradas baixas temperaturas em toda região central e sul do estado, o que agrava o quadro de perdas já instalado, uma vez que afeta muitas áreas em plena fase de granação. Na quinzena final de junho teve início a colheita de algumas áreas nos diversos municípios do estado, atingindo até o momento aproximadamente 4% da área cultivada. Porém foi constatada, de modo geral, alta umidade nos grãos colhidos, acima de 26%, o que justifica o baixo percentual de áreas colhidas, em função das baixas temperaturas com umidade ainda disponível no solo, que faz a planta alongar o ciclo e a espiga perca umidade mais lentamente.

Quanto às pragas e doenças são observadas em todas as regiões lavouras com ataques de média intensidade de lagartas do cartucho e percevejos. Na região norte do estado são constatadas algumas lavouras com sintomas de mancha branca.

Até o momento estima-se que os negócios antecipados de milho safra 2015/16 estão por volta de 45% da produção esperada. Esse patamar de negócios é atribuído às incertezas climáticas para a produção e diferença de valores entre o mercado futuro e o mercado disponível. Com o início da colheita no país, a pressão por produto foi reduzida, ocasionando o recuo dos preços. Atualmente o preço praticado vem oscilando entre R\$ 34,00 e R\$ 36,00 por saca de 60 quilos para o produto disponível. As perdas de produtividade, causadas pelos fatores climáticos adversos, geram certo desconforto por parte dos fornecedores que se sentem preocupados com o possível não cumprimento dos contratos de entrega de produtos fechados no início da safra. No entanto, são estimados poucos produtores nesta situação, uma vez que o limite de liberação deste tipo de crédito é cercado de cuidados, garantias e parâmetros de limitação por parte das cooperativas e revendas que os prestam, além disso, os produtores têm relação de dependência dos serviços destas instituições, baseada em estreita relação de confiança, que uma vez quebrada, pode trazer consequências muito negativas aos produtores, referente ao fornecimento de insumos e serviços.



Em relação à safra 2014/15, a área cultivada sofreu um acréscimo de 3,1%, devendo atingir em torno de 1.665 mil hectares e a produtividade média redução de 25,3%, devendo atingir no máximo 4.110 kg/ha em média. A produção total fica em aproximadamente 6,8 milhões de toneladas, 23% inferior à safra passada. Em Goiás o clima foi o grande fator limitante da cultura do milho safrinha, levando a perdas de 100% em algumas lavouras, o que fez com que alguns municípios goianos decretar estado de emergência. Há algumas exceções de produtores que semearam mais cedo em áreas de soja super precoce e feijão, cujas produtividades foram satisfatórias. Mas a grande maioria que estendeu o tempo de plantio tendo perdas com o início da colheita.

No sudoeste goiano a colheita encontra-se em torno de 10 a 15%, com rendimento médio razoável, girando entre 70 a 120 sc/ha, porém este dado é muito inicial. Na maioria dos municípios mantemos as produtividades relatadas no décimo levantamento, com atenção especial para a região leste em que as médias foram ainda mais reduzidas. Nota-se que as lavouras possuem uma falta de padrão e uniformidade nas espigas, dentro de uma mesma área, apesar do alto padrão genético dos materiais utilizados na safrinha, aliás, materiais com bom padrão genético.

Ocorreu que muitos produtores utilizaram materiais que não são indicados para plantio da safrinha, não possuindo informações das embalagens das sementes e nem mesmo com orientação técnica a respeito, este fato que motivou por parte da seguradora o indeferimento dos pedidos dos produtores quanto ao pagamento do seguro.

Nota-se que o grão nesta colheita está mais leve, com baixo peso específico, este fato foi mencionado mencionamos na conjuntura anterior, quando citamos o grão “isoporizado”. Além deste fator nota-se também em decorrência da estiagem, a falta de sincronismo entre a emissão do pendão e da parte feminina na espiga de milho. Plantas em média com 50 cm passaram rapidamente para a fase reprodutiva, emitindo pendão, nestas áreas a perda representa cerca de 100%, fato constante em muitos municípios goianos, dando um aspecto que alguns técnicos vulgarmente denominam “lavouras de abacaxi”.

Outro fator que contribuiu para o baixo rendimento do milho segunda safra foi a redução do número de aplicações ou mesmo abandono das áreas por causa da principal praga: lagarta do cartucho (*Spodoptera frugiperda*), portanto observou-se ataques de pragas em plantas de tamanho reduzido.

Em São Paulo, o milho sofreu com a forte estiagem

que se abateu sobre o estado, desde o final de março até início de junho. Já em meados de junho ocorreram chuvas em praticamente todo o estado paulista, que trouxeram alívio àquelas lavouras plantadas mais tardiamente, mais notadamente nas regiões Norte/Noroeste. Na primeira quinzena de junho, nas maiores regiões produtoras do estado, localizadas ao sul do estado paulista, houve a forte incidência de geadas, a qual afetou o milho em plena fase de espigamento/emborrachamento, acarretando com isso, significativa quebra na produtividade. Esse fenômeno congela as folhas das plantas, que para de realizar a fotossíntese e morre. Como consequência, a espiga não evolui mais e, às vezes nem produz mais grãos ou produz grãos sem peso. É esperado que na média do estado a quebra na produtividade do milho safrinha pode chegar a 40,1%.

Em face dos preços remuneradores do produto houve forte tendência de ampliação da área de cultivo de milho segunda safra em Minas Gerais. No presente levantamento foi estimado crescimento de 43,8% da área, passando de 255,2 mil hectares em 2015, para 367 mil hectares na safra atual. O plantio teve início em fevereiro, mas muitos produtores ainda estenderam o plantio até o final de março, motivados pela continuidade das chuvas e pelo estímulo dos preços. No entanto, a estiagem que se seguiu ao longo de abril, notadamente nas regiões que concentram as maiores produções do estado, Alto Paranaíba (20,65%), Noroeste (37,34%) e Triângulo (32,56%) totalizando 90,55% da produção, vem causando sérias preocupações quanto a dimensão das perdas, e a produtividade média esperada já foi reavaliada para 2.605 kg/ha, ou 52,7% menor que a safra anterior. Dessa forma, a produção deverá atingir 956 mil toneladas, 31,9% abaixo da safra passada. As lavouras se encontram em fase de frutificação, maturação e início de colheita.

Em Sergipe os agricultores se apressaram para iniciar o plantio de milho e a área destinada para esse produto já foi toda semeada, já que há preocupação com o encurtamento da estação chuvosa, uma vez que o ciclo da cultura do milho é maior. Os agricultores chegaram a semear os grãos mesmo com o solo sem as condições ideais de umidade, quando a estação chuvosa ainda não havia começado.

O aumento da área plantada de milho pode ser ainda maior do que o informado no presente levantamento, visto que a falta e irregularidade das chuvas atrapalhou o planejamento dos agricultores sergipanos. A área plantada de milho cresce anualmente no estado, ganhando espaço não somente das áreas plantadas de feijão, como também de outras culturas, sejam eles permanentes ou temporários.



A manutenção dos preços é o principal atrativo para o aumento na área plantada de milho, assim como os bons rendimentos do milho transgênico. A facilidade nos tratos culturais e a resistência ao ataque de pragas do milho transgênico também são variáveis importantes e que ajudam a aumentar a área plantada dessa cultura. O grão de milho é mais resistente e pode ser armazenado por alguns anos sem ter perda significativa na qualidade, o que não acontece com o grão do feijão. O aumento dos preços dos insumos poderá ser um futuro empecilho para a expansão da cultura.

Existe uma preocupação em relação ao plantio de milho no estado, pois a monocultura desse grão pode gerar alguns prejuízos relacionados ao ataque de pragas e doenças no futuro. Segundo os técnicos das empresas de milho transgênico, os agricultores não estão deixando a área de escape exigida pelas empresas produtoras das sementes.

Em Rondônia esse produto deveria ter iniciado sua fase de plantio em janeiro. Essa lavoura é plantada no final da colheita e na mesma área da soja. Como as chuvas não aconteceram como em anos anteriores, elas tiveram um atraso, começando em outubro, que também começou o plantio da soja, fez que essa lavoura atrasasse também o início do seu plantio. Na medida em que vão colhendo a soja, ocupam parte dessas áreas com outras culturas, principalmente o milho. Após colhida a soja, além do milho segunda safra, também aproveitam algumas dessas áreas para o cultivo de milheto, girassol, sorgo, o capim *Brachiaria ruscisenses* e alguns deixam em pousio. Muitas lavouras sentiram a falta das chuvas, principalmente nas fases da formação de grãos, onde grande parte das lavouras deverão ser afetadas na sua produtividade. A colheita ainda não foi iniciada. Essa queda não deverá ser maior, porque no município de Vilhena, que é o maior produtor, as chuvas aconteceram com relativa intensidade beneficiando estas. Alguns outros municípios fora da região do Cone Sul, e que possuem grandes confinamentos de gado, também cultivaram lavouras com milho da segunda safra esperam obter uma boa produtividade com boa produção para alimentar seus animais confinados e até venderem seu excedente, uma vez que fizeram correções do solo

com calcário e as chuvas que foram mais regulares. O sistema de plantio utilizado é todo direto e sua semente é 50% híbrida dupla e 50% de híbrida simples.

Em Tocantins a severa adversidade climática ocorrida nesta safra foi a principal causa responsável pela redução significativa da área plantada em relação à safra 2014/15. Com o início da colheita verifica-se que os números estimados da produção, já significativamente negativos, poderão sofrer outras quedas, considerando o baixo teor de precipitações ocorridas durante as fases iniciais de desenvolvimento vegetativo em algumas lavouras, comprometendo ainda mais a produtividade já prejudicada.

No Distrito Federal o milho da segunda safra foi fortemente afetado pela seca e a previsão é de uma produção 52,8% menor que a do ano passado. O excesso de chuva durante o plantio e a estiagem em abril, período em que as lavouras encontravam em pleno desenvolvimento vegetativo, foi fator determinante para o recuo da produção regional. Em alguns núcleos rurais do Distrito Federal as perdas podem atingir até 85%. A preocupação é com o cumprimento dos contratos de venda antecipada e o pagamento de dívidas feitas para financiar o plantio.

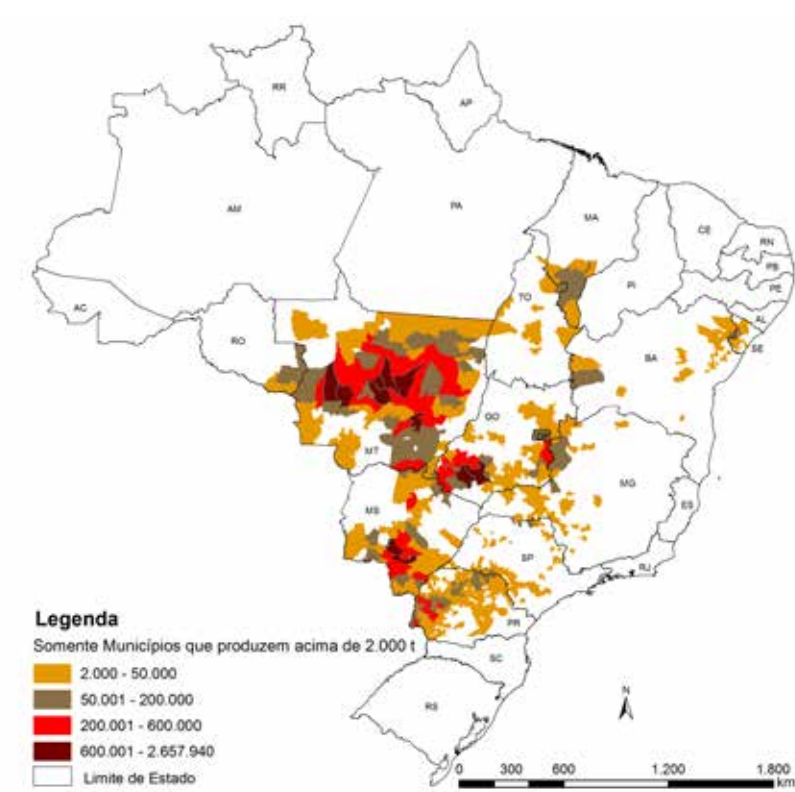
A área plantada com o cereal foi mantida em comparação à safra 2014/15, com 38.442 hectares, com produtividade média estimada até o momento da pesquisa em 4.250 kg/ha, ante os 9.000 kg/ha obtidos na safra passada. O plantio está finalizado e a colheita deve ocorrer entre julho e setembro.

Em Alagoas houve um aumento de área de 8,8% em comparação à safra anterior devido à expectativa de bons preços e à distribuição de sementes pelo governo do estado na quantidade de 400 toneladas para as regiões produtoras.

Até o presente momento não foi constatado presença de praga e na lavoura, embora a Secretaria de Agricultura do Estado, junto com os produtores, venham monitorando a *Helicoverpa armigera*, que, como já foi dito em outros casos, em 2013 prejudicou também a lavoura de milho em diversas regiões do estado..

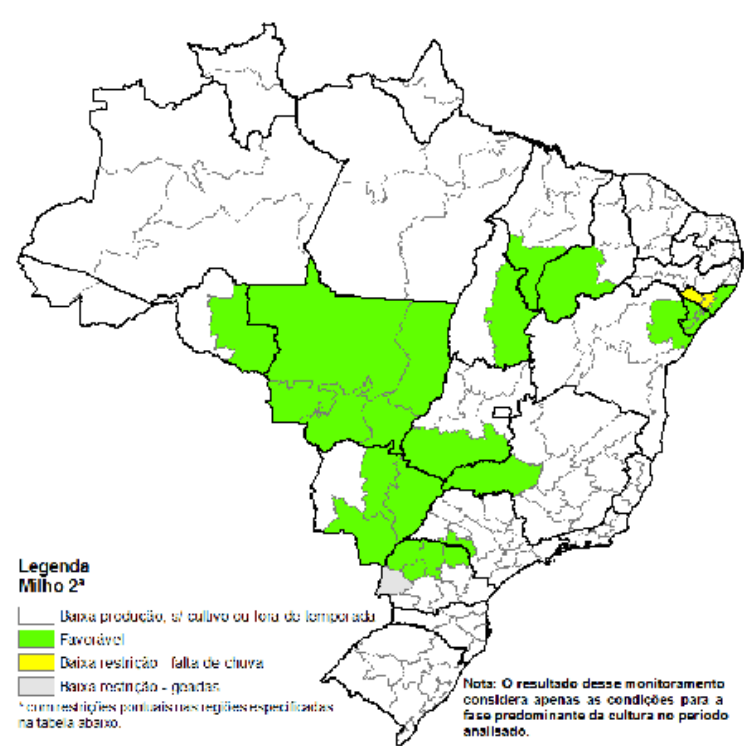


Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 35 – Condição hídrica geral em junho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16



Fonte: Conab.



Quadro 16 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em junho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por geadas	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 2ª safra	-leste de AL (DV) - todo o estado de SE (DV) - nordeste da BA (DV)	- regiões pontuais do sul de SP (FR e M) - oeste do PR (FR e M) - regiões pontuais do norte do PR (FR e M) - regiões pontuais do sudoeste do MS (FR e M)	- leste de RO (C) - leste de TO (M/C) - sul do MA (M/C) - sudoeste do PI (M/C) - Triângulo de MG (M/C) - sul de SP (M/C), exceto regiões pontuais - norte do PR (M/C), exceto regiões pontuais - centro-norte e leste (M/C) - sudoeste do MS (M/C), exceto regiões pontuais - todo estado do MT (M/C)- sul de GO (M/C)	- Sertão e Agreste de AL (DV)

Fonte: Conab.

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



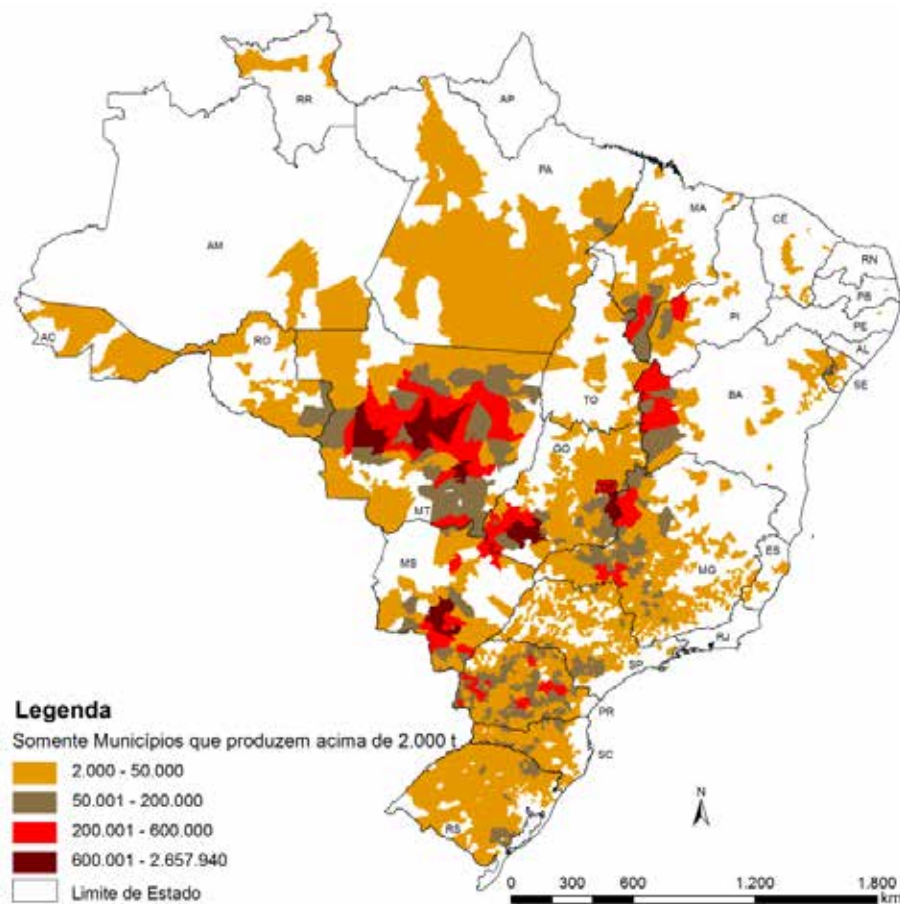
Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	273,5	209,2	(23,5)	4.700	4.018	(14,5)	1.285,6	840,6	(34,6)
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.613	-	551,3	551,3	-
TO	154,0	89,7	(41,8)	4.768	3.226	(32,3)	734,3	289,4	(60,6)
NORDESTE	618,9	566,0	(8,5)	2.893	2.352	(18,7)	1.790,2	1.331,5	(25,6)
MA	134,2	85,9	(36,0)	3.867	1.678	(56,6)	519,0	144,1	(72,2)
PI	25,9	23,4	(9,8)	4.437	2.100	(52,7)	114,9	49,1	(57,3)
AL	30,1	30,0	(0,3)	1.007	938	(6,9)	30,3	28,1	(7,3)
SE	176,2	181,3	2,9	3.794	3.432	(9,5)	668,5	622,2	(6,9)
BA	252,5	245,4	(2,8)	1.812	1.988	9,7	457,5	487,9	6,6
CENTRO-OESTE	6.118,6	6.538,2	6,9	6.060	4.156	(31,4)	37.076,1	27.172,3	(26,7)
MT	3.352,9	3.560,1	6,2	6.056	4.398	(27,4)	20.305,2	15.657,3	(22,9)
MS	1.615,0	1.665,0	3,1	5.640	4.110	(27,1)	9.108,6	6.843,2	(24,9)
GO	1.112,3	1.274,7	14,6	6.578	3.537	(46,2)	7.316,7	4.508,6	(38,4)
DF	38,4	38,4	-	9.000	4.250	(52,8)	345,6	163,2	(52,8)
SUDESTE	625,3	809,5	29,5	5.212	2.823	(45,8)	3.259,1	2.284,9	(29,9)
MG	255,2	367,0	43,8	5.505	2.605	(52,7)	1.404,9	956,0	(32,0)
SP	370,1	442,5	19,6	5.010	3.003	(40,1)	1.854,2	1.328,8	(28,3)
SUL	1.914,3	2.191,5	14,5	5.840	5.213	(10,7)	11.179,5	11.424,3	2,2
PR	1.914,3	2.191,5	14,5	5.840	5.213	(10,7)	11.179,5	11.424,3	2,2
NORTE/NORDESTE	892,4	775,2	(13,1)	3.447	2.802	(18,7)	3.075,8	2.172,1	(29,4)
CENTRO-SUL	8.658,2	9.539,2	10,2	5.950	4.286	(28,0)	51.514,7	40.881,4	(20,6)
BRASIL	9.550,6	10.314,4	8,0	5.716	4.174	(27,0)	54.590,5	43.053,6	(21,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	667,3	581,4	(12,9)	3.838	3.457	(9,9)	2.561,0	2.010,2	(21,5)
RR	6,2	4,6	(25,8)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	165,5	158,1	(4,5)	3.935	4.135	5,1	651,3	653,7	0,4
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.442	4,7	96,3	96,7	0,4
AM	15,5	5,4	(65,2)	2.540	2.515	(1,0)	39,4	13,6	(65,5)
AP	1,8	1,8	-	907	902	(0,6)	1,6	1,6	-
PA	218,7	207,5	(5,1)	3.232	3.252	0,6	706,8	674,8	(4,5)
TO	218,3	164,4	(24,7)	4.811	3.381	(29,7)	1.050,2	555,8	(47,1)
NORDESTE	2.675,4	2.453,4	(8,3)	2.333	1.753	(24,9)	6.243,1	4.301,5	(31,1)
MA	514,3	358,1	(30,4)	2.857	2.429	(15,0)	1.469,2	869,8	(40,8)
PI	406,4	494,4	21,7	2.619	1.519	(42,0)	1.064,3	750,9	(29,4)
CE	480,6	459,9	(4,3)	315	480	52,4	151,4	220,8	45,8
RN	25,9	32,3	24,7	288	343	19,1	7,5	11,1	48,0
PB	62,9	84,2	33,9	322	497	54,3	20,3	41,8	105,9
PE	214,7	195,4	(9,0)	271	199	(26,6)	58,2	38,9	(33,2)
AL	30,1	30,0	(0,3)	1.007	938	(6,9)	30,3	28,1	(7,3)
SE	176,2	181,3	2,9	3.794	3.432	(9,5)	668,5	622,2	(6,9)
BA	764,3	617,8	(19,2)	3.629	2.781	(23,4)	2.773,4	1.717,9	(38,1)
CENTRO-OESTE	6.480,2	6.875,2	6,1	6.108	4.324	(29,2)	39.582,1	29.725,6	(24,9)
MT	3.416,5	3.607,9	5,6	6.077	4.425	(27,2)	20.763,4	15.964,1	(23,1)
MS	1.635,5	1.681,0	2,8	5.676	4.157	(26,8)	9.282,9	6.987,2	(24,7)
GO	1.363,0	1.521,1	11,6	6.599	4.228	(35,9)	8.993,9	6.430,5	(28,5)
DF	65,2	65,2	-	8.312	5.273	(36,6)	541,9	343,8	(36,6)
SUDESTE	2.060,7	2.046,3	(0,7)	5.368	4.784	(10,9)	11.061,2	9.789,1	(11,5)
MG	1.277,6	1.204,4	(5,7)	5.373	5.035	(6,3)	6.864,5	6.064,2	(11,7)
ES	17,8	13,4	(24,7)	1.363	2.984	118,9	24,3	40,0	64,6
RJ	2,6	2,0	(23,1)	2.394	2.600	8,6	6,2	5,2	(16,1)
SP	762,7	826,5	8,4	5.462	4.452	(18,5)	4.166,2	3.679,7	(11,7)
SUL	3.809,3	3.798,4	(0,3)	6.622	6.138	(7,3)	25.225,0	23.315,0	(7,6)
PR	2.456,8	2.605,4	6,0	6.457	5.646	(12,6)	15.862,9	14.710,2	(7,3)
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.330	(5,4)	3.189,1	2.712,1	(15,0)
RS	941,0	823,0	(12,5)	6.560	7.160	9,1	6.173,0	5.892,7	(4,5)
NORTE/NORDESTE	3.342,7	3.034,8	(9,2)	2.634	2.080	(21,0)	8.804,1	6.311,7	(28,3)
CENTRO-SUL	12.350,2	12.719,9	3,0	6.143	4.939	(19,6)	75.868,3	62.829,7	(17,2)
BRASIL	15.692,9	15.754,7	0,4	5.396	4.389	(18,7)	84.672,4	69.141,4	(18,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.

8.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Mercado interno

As cotações do milho em Chicago tiveram, em boa parte em de junho, níveis acima de US\$ 4,00/bushel (US\$ 157,47/t), em função da expectativa de ocorrência de La Niña, onde havia uma projeção de clima seco e quente para junho e julho nos Estados Unidos, o que poderia causar perdas de produtividade na safra 2016/17 estadunidense.

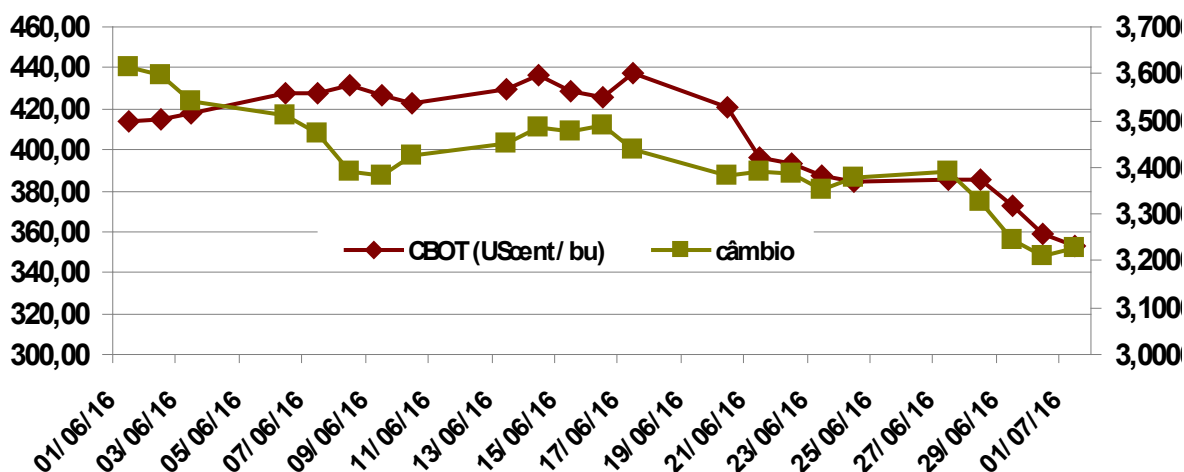
Além disso, o mercado imaginava que em função do alto preço da soja, os produtores norte-americanos reverteriam parte da área de milho em área de soja. Fato que efetivamente ocorreu, porém em níveis pouco significativos, fazendo que as cotações do cereal na bolsa ceddessem.



Somado a isto, a presença de chuvas no final de junho e início de julho depreciou ainda mais os preços

do grão, caindo para abaixo de US\$ 3,60/bushel (US\$ 141,72/t).

Gráfico 84 – Evolução das cotações de milho na Bolsa de Chicago - (USCents/Bu) x dólar



Fonte: CME Group/Bacen

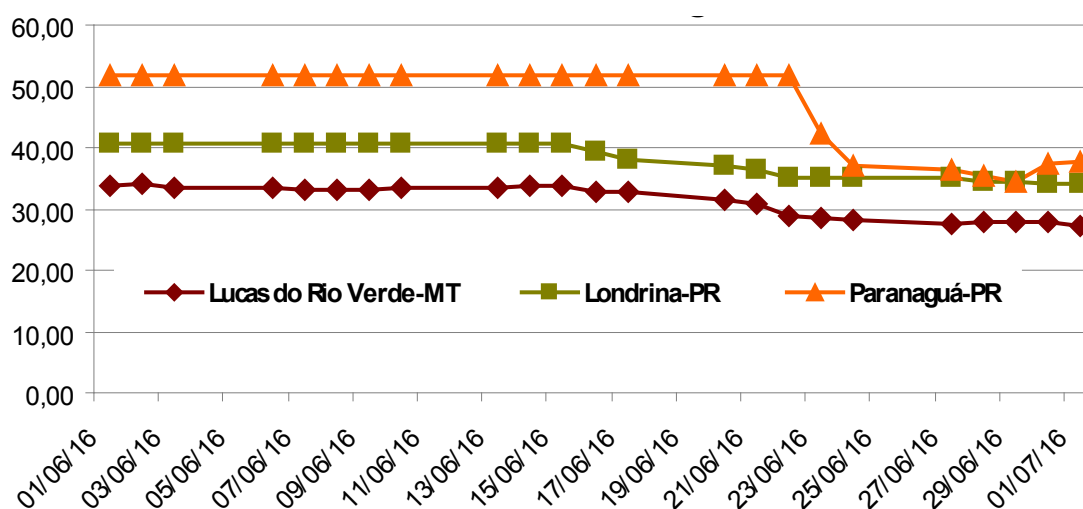
Mercado nacional

A queda nos preços internacionais associada à desvalorização cambial fez que a paridade de exportação reduzisse, justamente em um momento onde já se iniciavam as negociações futuras para a segunda safra 2016/17, na qual as tradings chegaram a fazer ofertas de compra de milho para julho e agosto de 2017 a R\$ 23,00/60kg.

tiva de produção muito abaixo do que se esperava inicialmente, o aumento da oferta interna já pressiona os preços domésticos deixando-os mais próximos da paridade, o que pode interferir na decisão das tradings em realizar a operação de *wash out*, ou seja, retornar o produto negociado com o mercado externo para o mercado interno, mediante pagamento de multa. Neste sentido, acredita-se que muitas tradings deve-

Com o avanço da colheita, mesmo com uma expecta-

Gráfico 85 – Evolução das cotações de milho em Lucas do Rio Verde-MT, Londrina-PR e Paranaguá (PR)



Fonte: Conab



rão cumprir seus contratos, o máximo possível, deixando de cumprir mais precisamente o volume que o produtor não conseguir entregar, devido às perdas nas lavouras. Desta feita, projeta-se mais uma redução no volume de exportação chegando a 22 milhões de toneladas.

Diante do cenário de preços internos muito elevados no início deste ano e pela escassez do milho, muitas granjas, ou reduziram, ou chegaram a parar suas atividades, fato que interfere diretamente no consumo doméstico que deve chegar a 54,7 milhões, ou seja, um número semelhante ao da safra 2013/14.

8.1.8. SOJA

O décimo levantamento da Conab aponta aumento nacional na área plantada de 3,4% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A safra 2015/16 está praticamente finalizada, com exceção de Roraima, onde o calendário agrícola é diferenciado. Os níveis de produtividade alcançado pela safra nacional nesta temporada, ficaram, devido às adversidades climáticas, aquém do esperado, com rendimento médio de 2.876 kg/ha.

O Mato Grosso, maior produtor de soja do país, atingiu, neste exercício, a produtividade de 2.851 kg/ha. Apesar do fim da colheita há alguns meses, a oleaginosa continua contabilizando perdas. O décimo levantamento foi reduzido o rendimento médio para 2.846 kg/ha, justificado pela estiagem e altas temperaturas, que prejudicaram o enchimento dos grãos de soja e, consequentemente, de seu peso final. Tal avaria resultou em lavouras com fenótipo avaliado como bom, mas com baixo rendimento por hectare. Contribuíram também para o baixo rendimento os ataques de pragas, tais como o percevejo e a lagarta, principalmente em municípios da região médio-norte, maior produtora de soja do estado.

No Paraná a colheita da safra 2015/16 já está encerrada e a produtividade alcançada é levemente inferior ao levantamento anterior em função da soja segunda safra. A área da safrinha foi totalmente colhida até 15 de junho em razão do início do vazio sanitário. A produtividade teve perda em algumas regiões devido à forte pressão de doenças fúngicas e ao veranico de abril. Diante do cenário favorável, a comercialização desta safra está estimada em 64% da produção, contra 28% no mesmo período do ano passado. A cultura tem sua última safra devido à Portaria da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab/ PR), a qual proíbe o plantio da segunda safra da cultura a partir de 31 de dezembro.

Apesar de ainda não se ter os números oficiais de importação para junho, informações de mercado indicam que houve um volume razoável de milho importado, inclusive por meio rodoviário dos países vizinhos. Argentina e Paraguai, portanto, foi elevada novamente a projeção de importação para 1,5 milhão de toneladas.

Assim, o estoque final está estimado em 4,5 milhões de toneladas, um volume que significa, praticamente, um mês de consumo.

As estimativas confirmaram a tendência de avanço do plantio de soja em áreas de milho. Mas ressalte-se que, em face da maior dificuldade de obtenção de financiamento na presente safra, bem como de tentar equilibrar as expectativas de rendimento com as estimativas de custos de produção, notadamente em áreas arrendadas, parte das áreas de lavoura branca acabaram migrando para a cana, pastagem, semente de capim ou olerícolas. O plantio de soja está estimado em 1.469,3 mil hectares, 11,4% acima da safra passada, que totalizou 1.319,4 mil hectares.

À semelhança do milho, o plantio da soja atrasou, uma pequena parcela irrigada foi plantada em outubro, mas a concentração maior foi em novembro e a finalização se deu em dezembro. Há registro de casos pontuais de perdas por chuva na colheita, e houve registros de pragas, como lagartas e doenças, notadamente de final de ciclo e ferrugem, com necessidade de pronto controle através de pulverizações com inseticidas e fungicidas, estas ações foram realizadas no início da segunda quinzena de janeiro, aproveitando a estiagem. Estima-se produtividade de 3.206 kg/ha, 20,6% acima da safra passada, que sofreu perdas com estiagem, notadamente nas áreas de plantio de soja precoce. Estima-se um crescimento na ordem de 34,3% na produção, que deve passar de 3.507 mil toneladas para 4.710,6 mil toneladas, confirmando as expectativas iniciais, tanto em termos de produção quanto de qualidade. Colheita encerrada.

Em São Paulo a safra de soja foi excepcional, que teve ganhos tanto de área como produtividade. A área subiu de 796,8 para 857,6 mil hectares, ganho de 7,6%. Tal fato deve-se, sobretudo, à migração de boa parte dos tradicionais produtores de milho, que viram nessa leguminosa, a possibilidade de ganhos expressivos em razão dos ótimos preços praticados pelo mercado. Também houve um ganho expressivo na produtivi-



dade, que passou de 2.970 kg/ha para 3.315 kg/ha, ou seja, crescimento de 11,6%. Esse avanço foi obtido em razão das excelentes condições climáticas observadas durante todo o período de desenvolvimento desta leguminosa.

Em Santa Catarina a colheita das últimas lavouras semeadas na safra normal ocorreu em meados de maio. As lavouras semeadas mais tarde, consideradas como de segunda safra, também se encontram colhidas. De forma geral, a safra foi considerada dentro do normal na maior parte das regiões produtoras. Problemas climáticos ocorridos no início do período de plantio, representados por excesso de chuva, atrapalharam a implantação das lavouras. Deficit hídrico no início do ano, por um período de aproximadamente 20 dias, afetou o potencial produtivo de algumas áreas.

A pressão de doenças, principalmente a ferrugem asiática, foi observada em todas as regiões produtoras, requerendo atenção redobrada por parte do produtor para o seu controle, principalmente nas lavouras semeadas mais tarde e na safrinha, cujo plantio tem sido observado em muitas regiões nos últimos anos, impulsionados pelas boas cotações do grão.

Com os preços em alta, as vendas por parte do produtor registraram bom ritmo desde o início da colheita, boa parte desse volume direcionado para quitar contratos firmados junto às empresas agrícolas, as quais financiaram parte das lavouras com a disponibilização de sementes e insumos.

Os produtores mais capitalizados têm preferido manter seu produto em depósito para negociações futuras, apostando em cotações mais altas na entressafra. Com preços atrativos, já é significativa a procura por contratos futuros junto às empresas, com o objetivo de obter bons preços para a próxima safra. Os resultados da safra atual permaneceram inalterados em relação ao último levantamento, mantendo a produtividade em torno de 3.341 kg/ha.

Em Tocantins, com a colheita finalizada, diagnosticou-se queda elevada na produção e produtividade, diretamente relacionada às condições climáticas durante todo o ciclo, caracterizada por irregularidade e escassez das chuvas, com três períodos de veranicos e temperaturas acima da média para o período, essas situações causadas pelo forte fenômeno El Niño, contribuindo para que, em algumas lavouras, deixassem de ser colhidas em sua totalidade. Todos esses fatores, mesmo com um bom valor de mercado interno do grão, geraram grandes prejuízos por parte dos sojicultores que haviam fechado contratos de entrega do produto, mas com a colheita abaixo do esperado, devido a essas intempéries, não estão conseguindo

cumprir estes contratos.

No Maranhão apenas a região sul foi atingida por adversidade de fatores climáticos, que desfavoreceram o desenvolvimento da cultura. Baixa pluviosidade média, chuvas mal distribuídas de novembro a maio e ataques severos da mosca branca, foram os motivos do fraco desempenho das lavouras. As áreas deverão totalizar redução de aproximadamente 18%, com perdas significativas de mais ou menos 44% na produção, sendo a microrregião de Balsas a mais atingida, com relação à safra anterior. Algumas unidades produtivas nas microrregiões da Serra do Penitente e Gerais de Balsas tiveram precipitações pluviométricas regulares, portanto, livre de perdas significativas.

Os municípios de São Domingos do Azeitão e Pastos Bons ainda não concluíram suas colheitas, principalmente a soja de ciclo mais longo, registrando-se nessas lavouras grãos que não se desenvolveram de forma adequada (planta raquítica), com previsão de péssima produtividade. Nos demais estados a cultura está encerrada e não houve alteração nas estimativas em relação ao levantamento passado.

Em Rondônia a soja está quase toda ela localizada na região sul. São grandes áreas e com uso de alta tecnologia. Na região norte já são encontradas algumas lavouras nos municípios de Porto Velho, Ariquemes, Itapuã do Oeste, Rio Crespo, Alto Paraíso e Machadinho do Oeste. Na parte central do estado, também já estão sendo plantadas algumas lavouras em Alto Alegre dos Parecis, Alvorada do Oeste, São Miguel do Guaporé, Machadinho do Oeste, Cujubim, São Francisco, Seringueiras. O estado possui grandes áreas em pastagens e parte dessas áreas poderão ser transformadas em um futuro próximo em lavouras de soja.

Algumas lavouras em sua fase inicial foram afetadas pela antracnose. O motivo dessa ocorrência são as altas temperaturas aliadas a sua umidade. Como a soja na maior parte é plantada em áreas baixas em relação ao nível do mar, variando de 50 a 120 metros de altitude e aliada ao clima da região da Amazônia que é muito quente, fez que ocorressem ataques de percevejo em algumas lavouras. Como os produtores de soja já possuem tecnologias e acompanhamentos constantes, de imediato começaram a combater essas doenças com aplicação de fungicidas. Grande parte desses produtores tiveram que fazer até três aplicações de fungicidas em suas lavouras. Outros produtores que fizeram seus plantios com a soja precoce tiveram que fazer somente duas aplicações de fungicidas. Essas aplicações normalmente são feitas na pré-florada e na fase inicial de suas lavouras.

Estima-se que somente de 15% a 20% das lavouras



são efetuadas com recursos próprios. O restante das lavouras recebe recursos através de agentes financeiros e/ou empresas fornecedoras de insumos. A soja produzida no estado é quase toda para exportação ao mercado europeu e asiático, por esse motivo ainda é pouco o plantio da soja transgênica. As lavouras de soja transgênica são estimadas em torno de 50% e a maior parte atende ao mercado brasileiro. O sistema de plantio utilizado é todo direto. Suas lavouras estão todas concluídas. As primeiras lavouras plantadas tiveram resultados na qualidade do produto como bom - 70% - e regular - 30% - e sua produtividade teve diminuição de 7% a 9%. Esse resultado foi devido à falta das chuvas no início das lavouras. Tais adversidades, além do fator sanitário, causaram leve redução da produtividade, quando comparada com os níveis da safra passada. Contribuiu para essa redução, além do clima, o atraso na implantação das lavouras, algumas das quais semeadas no limite final do período recomendado.

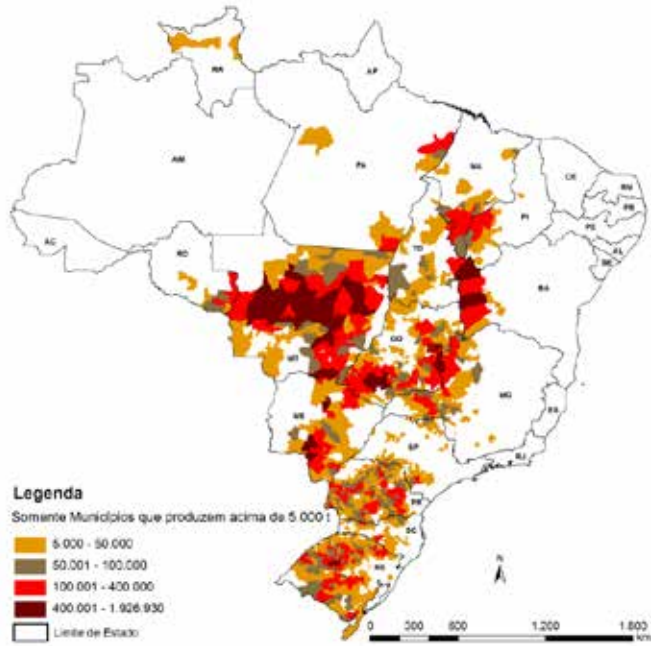
No Distrito Federal a área plantada com soja para a safra 2015/16 foi de 70.000 hectares, superior em 24,8% à cultivada na safra 2014/15. A colheita já foi concluída, favorecida pelo clima seco. Já para o cultivo da soja o clima favorável aliado ao incremento na área plantada foi o grande responsável pelo incremento na produção em 47,3%. A produtividade saiu de 2.600 kg/ha obtida na safra passada para mais de 3.100 kg/ha no presente exercício. Ressalte-se que o grau tecnológico aplicado nas lavouras foi superior ao da safra anterior, alguns insumos básicos apresentaram crescimento nas vendas. Cerca de 90% da soja em grãos haviam sido comercializados, já que os preços no mercado interno estão satisfatórios, motivado pela alta valorização cambial.

Em Roraima o plantio da soja foi finalizado com 75% em maio e 25% em junho. A área de plantio de soja atingiu 24.000 hectares, com 80% em estágio vegetativo e 15% em floração. As condições das lavouras podem ser descritas como 70% boas e 30% regulares, em vista de excesso de chuva em área que foi plantada tardiamente. Mas a expectativa de produtividade ainda está nas 55 sc/ha (3.300 kg/ha), tanto em função da semente como no contexto de previsão climática. Nesse sentido há uma expectativa de produção de 79.200 toneladas, com aumento de 30,4% em relação à safra anterior.

A surpresa para a presente safra foi a presença de gafanhotos, incomum para o plantio do estado, aplicaram inseticida, porém não erradicou a praga. Os agricultores não estimam prejuízos significativos, em vista do inseto não ser tão ágil quanto às lagartas. Apesar de muitos produtores terem reduzido a área de plantio, e, no caso, um dos maiores produtores ter migrado para o algodão transgênico, o estado ainda tem recebido novos produtores, contando ainda com o fato do governo do estado ter recebido da União a transferência de 4 milhões de hectares de terras, viabilizando um programa substancial de regularização fundiária, havendo, então, maior garantia da posse definitiva de propriedades para produtores rurais do estado, facilitando acesso a créditos e, consequente, aumento de produção. A soja é 100% convencional, mas o setor não vê grandes vantagens, já que há um único comprador, portanto, sem concorrência não há preço diferenciado. Mas a vantagem de plantar soja em Roraima é o baixo custo da terra, o setor afirma que os custos de produção se assemelham aos do Mato Grosso. Segundo o Custo de Produção da Conab, o custo variável por saca de 60 quilos é de R\$ 43,81 no Mato Grosso e de R\$ 46,94 em Roraima.



Figura 37 – Mapa da produção agrícola –Soja



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab



Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.441,2	1.559,3	8,2	2.976	2.447	(17,8)	4.289,5	3.815,4	(11,1)
RR	23,8	24,0	0,8	2.685	3.300	22,9	63,9	79,2	23,9
RO	231,5	252,6	9,1	3.166	3.006	(5,1)	732,9	759,3	3,6
PA	336,3	411,7	22,4	3.024	3.137	3,7	1.017,0	1.291,5	27,0
TO	849,6	871,0	2,5	2.914	1.935	(33,6)	2.475,7	1.685,4	(31,9)
NORDESTE	2.845,3	2.878,2	1,2	2.841	1.789	(37,0)	8.084,1	5.148,0	(36,3)
MA	749,6	786,3	4,9	2.761	1.642	(40,5)	2.069,6	1.291,1	(37,6)
PI	673,7	565,0	(16,1)	2.722	1.143	(58,0)	1.833,8	645,8	(64,8)
BA	1.422,0	1.526,9	7,4	2.940	2.103	(28,5)	4.180,7	3.211,1	(23,2)
CENTRO-OESTE	14.616,1	14.925,1	2,1	3.008	2.931	(2,6)	43.968,6	43.738,6	(0,5)
MT	8.934,5	9.140,0	2,3	3.136	2.848	(9,2)	28.018,6	26.030,7	(7,1)
MS	2.300,5	2.430,0	5,6	3.120	2.980	(4,5)	7.177,6	7.241,4	0,9
GO	3.325,0	3.285,1	(1,2)	2.594	3.120	20,3	8.625,1	10.249,5	18,8
DF	56,1	70,0	24,8	2.626	3.100	18,1	147,3	217,0	47,3
SUDESTE	2.116,2	2.326,9	10,0	2.775	3.246	17,0	5.873,5	7.553,5	28,6
MG	1.319,4	1.469,3	11,4	2.658	3.206	20,6	3.507,0	4.710,6	34,3
SP	796,8	857,6	7,6	2.970	3.315	11,6	2.366,5	2.842,9	20,1
SUL	11.074,1	11.538,9	4,2	3.071	3.061	(0,3)	34.012,3	35.318,9	3,8
PR	5.224,8	5.444,8	4,2	3.294	3.119	(5,3)	17.210,5	16.982,3	(1,3)
SC	600,1	639,1	6,5	3.200	3.341	4,4	1.920,3	2.135,2	11,2
RS	5.249,2	5.455,0	3,9	2.835	2.970	4,8	14.881,5	16.201,4	8,9
NORTE/NORDESTE	4.286,5	4.437,5	3,5	2.887	2.020	(30,0)	12.373,6	8.963,4	(27,6)
CENTRO-SUL	27.806,4	28.790,9	3,5	3.016	3.008	(0,2)	83.854,4	86.611,0	3,3
BRASIL	32.092,9	33.228,4	3,5	2.998	2.876	(4,1)	96.228,0	95.574,4	(0,7)

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Julho/2016.

8.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Mercado Internacional

O O Departamento de Agricultura Americano (Usda) divulgou no dia 09 de junho o primeiro quadro de

oferta e demanda mundial, para a safra 2016/17.

Produção mundial

a) Safra mundial

Aquele departamento baixou a produção mundial de soja, safra 2016/17, para 323,7 milhões de toneladas. Tal valor é 0,15% menor que o estimado no último relatório

rio de 2016, ou seja, 3,33% maior ao estimado para a safra 2015/16, de 313,26 milhões de toneladas.

b) Safra dos Estados Unidos

No quadro de oferta dos Estados Unidos não foram observadas mudanças na produção, continuando com o número de 103,42 milhões de toneladas do levantamento do Usda de maio de 2016. Porém, este valor foi estimado levando em consideração possível redução de área para a safra 2016/17, americana, em 1%. Por este motivo o Usda estima uma redução de produção de 3,52% em relação à safra anterior.

Entretanto, no dia 30 de junho de 2016 aquele departamento divulgou que a área americana para a safra 2016/17 terá aumento de 1,25% em relação à safra 2015/16, estimada em 33,87 milhões de hectares. Caso este valor de aumento se concretize e a produtividade norte-americana não seja afetada pelo clima, a produção dos Estados Unidos, para safra 2016/17, pode chegar aos mesmos 106 milhões de toneladas da safra 2015/16.



.c) Safra Brasil

Para a safra 2016/17, igualmente, não houve mudanças de estimativa de produção entre os relatórios de maio

e junho, estimados em 103 milhões de toneladas, valor bastante crível para a próxima safra brasileira.

d) Safra da Argentina

Também na Argentina, nada de mudança entres os relatórios (maio/junho) para a safra 2016/17, continuando com a estimativa de 57 milhões de toneladas,

ou seja, um aumento de 0,88% em relação à safra 2015/16.

Tabela 46 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 mai. (b)	2016/2017 jun.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,93	103,42	103,42	-3,52	-3,29	0,00	0,00
Brasil	97,00	103,00	103,00	6,00	6,19	0,00	0,00
Argentina	56,50	57,00	57,00	0,50	0,88	0,00	0,00
China	11,60	12,20	12,20	0,60	5,17	0,00	0,00
Outros	41,22	48,58	48,08	6,86	16,63	-0,50	-1,03
Total	313,26	324,20	323,70	10,44	3,33	-0,50	-0,15

Fonte: USDA, junho/16

Importação mundial

a) Importação - China

A China é o maior importador de soja do mundo. Em 2015 foi responsável por 64% de todas as importações mundiais. Em segundo lugar vem a União Europeia com 11% das importações mundiais. Para a safra 2016/17 a previsão do Usda é de aumento nas importações chinesas de grãos de soja.

Não houve mudanças no último relatório de maio, com isso, o valor das importações chinesas, estimada para próxima safra é de 4,82%, ou seja, maior que o da safra anterior, passando de 83 milhões para 87 milhões na safra 2016/17.

Tabela 47 - Importação mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 mai. (b)	2016/2017 jun. (c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	83,00	87,00	87,00	4,00	4,82	0,00	0,00
União Europeia	13,20	12,60	12,60	-0,60	-4,55	0,00	0,00
México	3,95	4,00	4,00	0,05	1,27	0,00	0,00
Japão	3,10	3,10	3,10	0,00	0,00	0,00	0,00
outros	27,53	29,32	29,32	1,80	6,52	0,00	0,00
Total	130,78	136,02	136,02	5,25	4,01	0,00	0,00

Fonte: USDA, junho/16

Exportação mundial

a) Exportação Brasil

Para o Brasil, o último relatório de junho demonstra uma expectativa de redução em relação ao último levantamento em 0,83%. Dito departamento estima que na safra 2016/17 a exportação girará em torno de aproximadamente 59,7 milhões de toneladas; valor 1,62% maior que o estimado na safra 2015/16, que foi

de 59,2 milhões de toneladas.

Cabe salientar que a estimativa/Usda, para a safra brasileira de soja, ainda não teve computadas as perdas de produtividade do chamado Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí, Bahia) e Mato Grosso. Desta maneira,



as exportações estimadas para a safra 2015/16 deverão também baixar, apesar das grandiosas exporta-

ções que ocorreram até o momento.

b) Exportações - Estados Unidos

Na safra 2015/16 os Estados Unidos deverão exportar aproximadamente 47,36 milhões de toneladas. Em seu relatório de junho o Usda detectou um pequeno aumento de 1,1% para a safra 2015/16, se comparada ao estimado em junho. As exportações americanas vinham em baixa nos últimos meses, todavia, com o

aumento dos preços internacionais, retomaram suas exportações.

Para a safra 2016/17 a estimativa é que exportem aproximadamente 51,71 milhões de toneladas de soja, ou seja, aumento de 7,96% em relação à safra anterior.

c) Exportações - Argentina

Não obstante ser a Argentina o terceira maior produtor de soja, a maior parte desta safra é esmagada internamente, por este motivo o Usda estima para a safra 2016/17 uma exportação de apenas 10,65 mi-

lhões de toneladas, ou seja, 19,12% da safra, e mesmo com a redução dos impostos para exportações, o Usda estima que a Argentina tenha uma redução de exportação em 6,58% em relação à última safra..

Tabela 48 - Exportação mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 mai. (b)	2016/2017 jun. (c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Brasil	58,75	60,20	59,70	1,45	1,62	-0,50	-0,83
Estados Unidos	47,90	51,30	51,71	3,40	7,96	0,41	0,80
Argentina	11,40	10,65	10,65	-0,75	-6,58	0,00	0,00
Paraguai	4,60	4,75	4,75	0,15	3,26	0,00	0,00
outros	9,39	11,40	10,90	2,02	16,16	-0,50	-4,38
Total	132,04	138,31	137,71	6,27	4,30	-0,59	-0,43

Fonte: USDA, jun/16

Esmagamento mundial

O mundo deve esmagar aproximadamente 288,44 milhões de toneladas de grãos de soja, um aumento de 3,26% em relação à safra passada. Os principais esmagadores mundiais são: a China com 30,16% de

tudo que é esmagado no mundo, em segundo vem os Estados Unidos com 18,06%, a Argentina em terceiro com 15,36%, e finalmente, o Brasil em quarta colocação com 13,86%.

a) Esmagamento - China

Mesmo com pouco aquecimento industrial chinês os esmagamentos de soja, estimados pelo Usda, tiveram

um pequeno crescimento de 6,36%, ficando em 87 milhões de toneladas.

b) Esmagamento - Estados Unidos

Para a safra 2016/17, os esmagamentos americanos são estimados em 52,12 milhões de toneladas; aumento discreto em relação à safra anterior, que foi estima-

da em 51,44 milhões de toneladas.

c) Esmagamento - Argentina

Para a safra 2016/17 os esmagamentos da Argentina foram estimados em 44,3 milhões de toneladas, redução de 3,06% em relação à safra 2015/16, estimada em

45,7 milhões de toneladas.

d) Esmagamento - Brasil

O Brasil é o quarto maior exportador de soja do mundo e, segundo o Departamento de Agricultura Americano, os esmagamentos brasileiros, para a safra

2016/17, deverão ser de 40 milhões de toneladas.



Tabela 49 - Esmagamento mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 mai. (b)	2016/2017 jun. (c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	81,80	87,00	87,00	5,20	6,36	0,00	0,00
Estados Unidos	51,44	52,12	52,12	0,68	1,32	0,00	0,00
Argentina	45,70	44,30	44,30	-1,40	-3,06	0,00	0,00
Brasil	40,00	40,00	40,00	0,00	0,00	0,00	0,00
outros	60,39	64,97	65,02	4,63	7,67	0,05	0,08
Total	279,33	288,39	288,44	9,11	3,26	0,05	0,02

Fonte: USDA, jun/16

Estoques mundiais

Os estoques mundiais, estimados para a safra 2016/17, ficaram em 66,31 milhões de toneladas, ou seja, uma redução de 8,27% em relação à safra anterior, porém,

estes estoques ainda são considerados os mais amplos, historicamente.

a) Estoque Estados Unidos

O fato mais importante deste relatório vem dos estoques de passagem americanos. Para a safra 2015/16 o Usda estima uma redução desses estoques, passando de 12,11 milhões de toneladas para 7,06 milhões de to-

neladas na safra 2016/17. Apesar da redução, os estoques estimados para a safra 2016/17 estão acima da média dos últimos anos..

Tabela 50 - Estoque final mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 mai. (b)	2016/2017 jun. (c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Argentina	27,02	24,45	24,67	-2,35	-8,70	0,22	0,89
Brasil	15,05	16,30	15,55	0,50	3,32	-0,75	-4,60
China	16,23	14,68	14,48	-1,75	-10,78	-0,20	-1,36
Estados Unidos	10,07	8,29	7,06	-3,01	-29,86	-1,23	-14,78
outros	3,91	4,48	4,54	0,63	16,05	0,06	1,25
Total	72,29	68,21	66,31	-5,98	-8,27	-1,90	-2,79

Fonte: USDA, jun/16

Preços internacionais

Após a divulgação do quadro de oferta e demanda, mundial, os preços internacionais começaram a disparar, devido, essencialmente, aos seguintes fatores:

- 1- Queda na produção norte-americana da safra 2016/17, estimada em 103,42 milhões de toneladas;
- 2- Queda dos estoques de passagem americanos (-29,86%) e mundiais (-8,27%) para a safra 2016/17;
- 3- Aumento das estimativas dos esmagamentos (1,32%) e exportações (7,96%) dos Estados Unidos para a safra 2016/17;
- 4- Aumento para a safra 2016/17 dos esmagamentos

(6,36%) e importações (4,82%) chinesas;

5- Especulação quanto aos problemas que podem ocorrer no decorrer da safra americana devido ao La Niña.

Com isso, os preços internacionais que vinham sendo cotados em valores menores que no mesmo período do ano anterior, em junho sofreram uma forte alta e chegaram a ser cotados, em média, a US\$ 1.146,34,00/Bu.

No último dia de junho os preços internacionais estavam cotados em US\$ 1.175,00/Bu.



Tabela 51 – Preços médios internacionais da soja

meses	2015	2016	%
JAN	1000,55	879,13	-12,14
FEV	993,38	871,24	-12,30
MAR	978,58	889,7	-9,08
ABR	972,01	962,79	-0,95
MAI	956,21	1146,34	19,88
JUN	965,78		
JUL	1014,67		
AGO	945,12		
SET	880,33		
OUT	891		
NOV	868,65		
DEZ	879,63		

Fonte: CBOT

Gráfico 86 – Preços internacionais 2015/16 (FOB) - Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT)



Fonte: US Cents/bu

Plantio de soja Norte-Americano

O Usda divulgou que, até o dia 27 de junho de 2016, aproximadamente 95% da área estimada para a safra 2016/17, nos Estados Unidos já haviam sido plantadas. No mesmo período do exercício anterior, o valor estimado da área plantada para a safra 2015/16 foi de 88%. Já a média dos últimos cinco anos foi estimada em 91%.

Segundo, ainda, aquele Departamento, a área plantada até o momento encontra-se com o percentual de 91% em estágio fenológico de emergência e 9% de floração. No mesmo período do exercício anterior, o valor

estimado foi de 7% em estágio de floração. Já a média dos últimos 5 anos é estimada em 7%.

Ao contrário do que se havia conjecturado pelo mercado, a safra americana está em bom estado produtivo, com valores estimados em: 12% excelente, 61% boas, 22% regular, 4% ruins e 1% muito ruim. Em junho de 2015 estes valores eram 11% excelente, 52% boas, 28% regular, 7% ruins e 2% muito ruim. Dessa forma, segundo o Usda, as condições das lavouras americanas estão bem melhores que no ano anterior.



Tabela 52 -Progresso das áreas de soja americana - safra 2015/16

Porcentagem de plantas (em 18 Estados Americano*)					
Safra	26/jun/15	19/jun/16	26/jun/16	Média dos últimos 5 anos	
2016/2017	88%	89%	95%	91%	
Porcentagem de plantas em Floração (em 18 Estados Americano*)					
Safra	26/jun/15	19/jun/16	26/jun/16	Média dos últimos 5 anos	
2016/2017	7%	0%	9%	7%	
Porcentagem das condições de área plantada (em 18 Estados Americano*)					
Safra	Muito ruim	Ruim	Regular	Boa	Excelente
2016/2017	1%	4%	22%	61%	12%
2015/2016	2%	7%	28%	52%	11%

Fonte: USDA

Nota: **Estes 18 estados equivalem a 95% da área de 2015

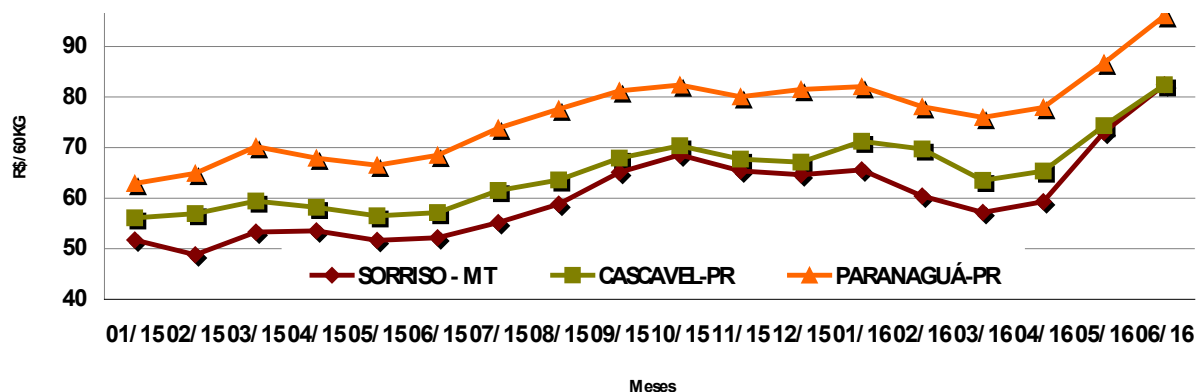
Mercado nacional

A Secretaria de Comércio Exterior (Secex) estima que para junho as exportações brasileiras de soja em grãos chegaram a 7,76 milhões de toneladas. Dessa maneira, as exportações de soja somadas do ano de 2016 estão estimadas em 38,57 milhões de toneladas. Este valor é 20% maior que do mesmo período do ano de 2015, onde foram estimadas em 32,24 milhões de toneladas. Como os preços internacionais estão em alta e o dólar em média cotado próximo de R\$ 3,42 reais, e com pouco produto internamente, os preços pagos ao agricul-

tor (no disponível) em junho estão em média 57,94% maiores que no mesmo período do ano anterior em Sorriso (MT) e em Cascavel (PR) 44,28%.

Há pouco produto disponível no mercado interno e com os preços de paridade de exportações em alta, os preços nacionais alcançaram o maior patamar, historicamente. Estes valores devem continuar em alta, já que os preços internacionais provavelmente continuam a impulsionar os já altos preços internos.

Gráfico 87 - Soja - Preços médios mensais pagos ao produtor- R\$/60kg



Fonte: Conab



O consumo interno deverá dar uma pequena redução em relação ao estimado no ano de 2015, todavia, mesmo assim, ainda deverá ser maior que 42,5 milhões de toneladas, ainda dentro de uma estimativa de esmagamento satisfatório para a produção de óleo e farelo.

8.1.9.SORGO

O clima adverso em Goiás foi o grande fator limitante da cultura do sorgo, embora esta cultura seja mais tolerante ao déficit hídrico que o milho, as perdas estão presentes, pois foi semeada mais tarde, e as altas temperaturas também comprometeram, causando abortamento. Com a estiagem em Goiás, o enchimento dos grãos no cacho ficou comprometido. Alguns apontam como opção, a destinação da lavoura para ensilagem. As plantas apresentam baixo porte com pequeno volume nos cachos. Falta de chuvas comprometeram a fase reprodutiva de grãos. Foram mais de 25 dias sem chuvas na maioria dos municípios goianos. Assim como o milho safrinha, o sorgo foi prejudicado com a estiagem, principalmente de 15 de abril até o dia 10 de maio. Alguns municípios projetam perdas em torno de 50%. A cultura encontra-se em grande parte na fase de maturação. A colheita deve iniciar-se após o término da colheita do milho safrinha.

Em Mato Grosso a cultura já começou a ser colhida na região oeste do estado, nas demais regiões a cultura encontra-se em fase de frutificação, com a concentração das áreas plantadas na região médio-norte. A área dedicada à cultura na safra 2015/16 foi 21,3% inferior ao registrado na última safra, devido à preferência do produtor pelo plantio do milho, cuja remuneração é mais atrativa. Com isso, houve alocação de espaço entre as culturas mencionadas. Já em relação à produtividade, os números apontam uma queda de rendimento de 19,8% em relação à safra 2014/15, mesmo o sorgo sendo uma cultura resistente ao período de poucas chuvas.

Em Minas Gerais o plantio de sorgo, na safra de verão, representa 3,2% da área total de cultivo no estado e tem uma participação ainda menor no tocante à produção (2%), visto que se concentra, basicamente,

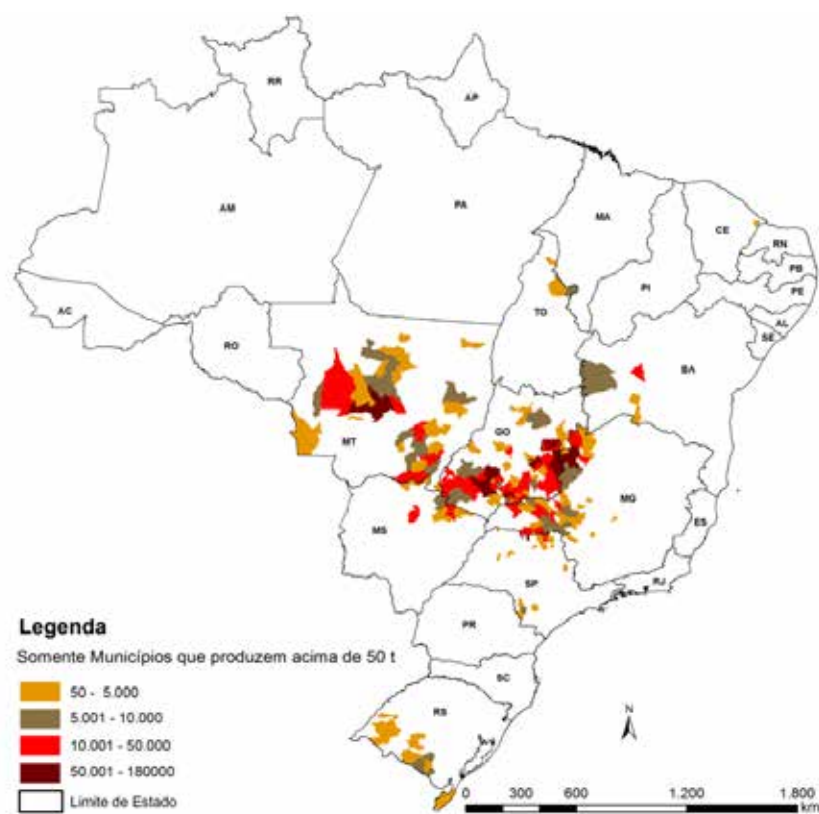
Já os estoques de passagem estão entre os mais baixos historicamente, estimados em apenas 450 mil toneladas, por isso, as importações são estimadas em 700 mil toneladas como forma de balancear a pouca oferta interna.

no Norte de Minas, e com baixas produtividades, em razão de um histórico de escassez de chuvas. A produção de sorgo no estado, portanto, pautam-se principalmente nas decisões de plantio dos produtores no período de safrinha. O plantio teve início em fevereiro e se estendeu até março. As estimativas sinalizam que o plantio de sorgo no estado deve ter redução em torno de 6,8%, passando de 160,6 mil hectares para 149,6 mil hectares, em razão da expressiva ampliação da área de milho segunda safra, cujos preços se apresentam bastante remuneradores. Com produtividade média de 2.649 kg/ha, 28,4% aquém do rendimento alcançado na safra anterior, que foi altamente favorecida pelas chuvas ocorridas ao longo do primeiro semestre de 2015, a produção poderá alcançar 396,3 mil toneladas, 33,3% abaixo do montante alcançado na safra anterior.

Na Bahia a estimativa de produção é que sejam cultivados 88,4 mil hectares, com produtividade estimada em 1.006 quilos por hectare. Essa cultura é plantada na mesma área logo após a realização da colheita da soja. As áreas de sequeiro sofreram com a estiagem, tendo redução na produtividade. Estima-se a produtividade de 30 sc/ha nas áreas de sequeiro (21.000 hectares) e 80 sc/ha nas áreas irrigadas (1.000 hectares). Comparando-se as estimativas da safra passada com a safra atual há aumento de 1 % na área cultivada. A produção esperada é de 88,9 toneladas, retração de 22,8 % em relação à safra passada. O sorgo possui exigência hídrica menor em relação ao milho e feijão e por isso torna-se uma boa alternativa para a região de Irecê, que possui baixa pluviosidade. Segundo técnicos da Bahiater, a estimativa elevada em relação à safra anterior se explica pela expectativa que o produtor tinha em um bom regime de chuvas para esse ano.

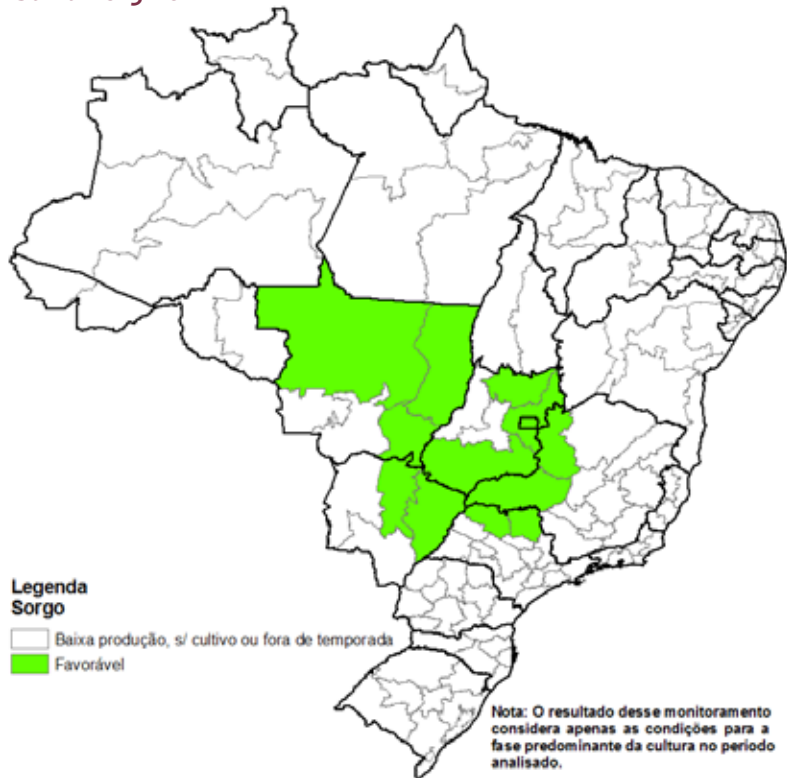


Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 39 – Condição hídrica geral em junho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/16



Fonte: Conab..



Quadro 19 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em junho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo			- Triângulo e noroeste de MG (C) - norte de SP (M/C) - norte do centro-norte e leste do MS (M/C) - norte e sudeste de MT (C) - norte, leste e sul de GO (C)- DF (C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais

Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			1/12 a 20/032			0/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	NovD	ez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	JulA	go	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.



Tabela 53 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	21,4	23,7	10,7	1.849	1.534	(17,0)	39,6	36,4	(8,1)
TO	21,4	23,7	10,7	1.849	1.534	(17,0)	39,6	36,4	(8,1)
NORDESTE	155,7	97,1	(37,6)	871	994	14,1	135,6	96,5	(28,8)
PI	6,2	2,8	(54,6)	2.548	1.789	(29,8)	15,8	5,0	(68,4)
CE	0,7	0,7	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	(10,0)
RN	0,6	0,4	(33,0)	1.522	1.224	(19,6)	0,9	0,5	(44,4)
PB	-	0,3	-	-	1.200	-	-	0,4	-
PE	6,2	4,5	(27,5)	430	167	(61,2)	2,7	0,8	(70,4)
BA	142,0	88,4	(37,8)	811	1.006	24,0	115,2	88,9	(22,8)
CENTRO-OESTE	360,6	302,4	(16,1)	3.356	2.580	(23,1)	1.210,1	780,2	(35,5)
MT	111,7	87,9	(21,3)	2.610	2.093	(19,8)	291,5	184,0	(36,9)
MS	13,0	9,8	(24,6)	3.700	2.990	(19,2)	48,1	29,3	(39,1)
GO	232,6	201,4	(13,4)	3.661	2.741	(25,1)	851,5	552,0	(35,2)
DF	3,3	3,3	-	5.763	4.500	(21,9)	19,0	14,9	(21,6)
SUDESTE	174,4	162,4	(6,9)	3.696	2.704	(26,8)	644,5	439,2	(31,9)
MG	160,6	149,6	(6,8)	3.700	2.649	(28,4)	594,2	396,3	(33,3)
SP	13,8	12,8	(7,2)	3.645	3.351	(8,1)	50,3	42,9	(14,7)
SUL	10,5	9,0	(14,3)	2.426	2.929	20,7	25,5	26,4	3,5
RS	10,5	9,0	(14,7)	2.426	2.929	20,7	25,5	26,4	3,5
NORTE/NORDESTE	177,1	120,8	(31,8)	989	1.100	11,2	175,2	132,9	(24,1)
CENTRO-SUL	545,5	473,8	(13,1)	3.447	2.629	(23,7)	1.880,1	1.245,8	(33,7)
BRASIL	722,6	594,6	(17,7)	2.844	2.318	(18,5)	2.055,3	1.378,7	(32,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.

8.2 CULTURAS DE INVERNO

8.2.1. AVEIA

O cultivo da aveia vem expandindo ano após ano. Na safra que se inicia, a expectativa é de que haja um incremento de 42,3% na área plantada, atingindo 269,6 mil hectares. Se houver a recuperação da produtividade, que foi fortemente afetada na safra passada, a produção será de 685,9 mil toneladas.

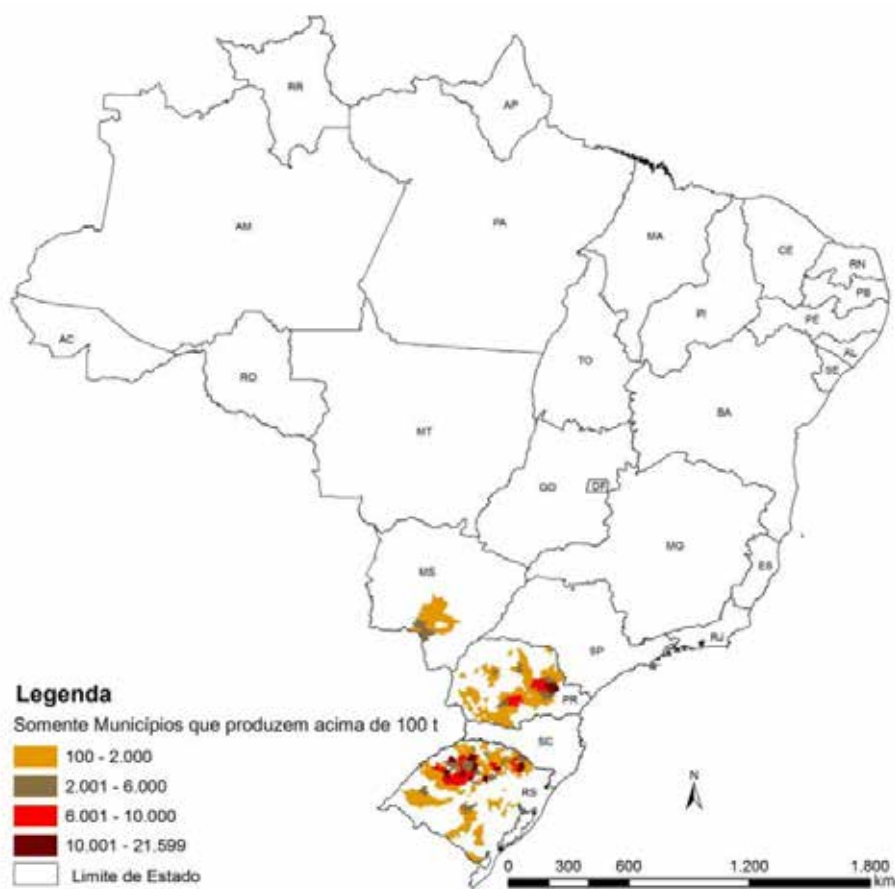
O plantio da aveia branca no Paraná está 77% realizado e observa-se incremento de área de 1,5% em relação à safra anterior. As baixas temperaturas e as geadas não afetaram as lavouras que estavam em fase inicial de desenvolvimento. As lavouras atualmente estão em desenvolvimento vegetativo e em boas condições. Houve incremento na área plantada no município de Castro. Ainda assim, quase metade da área é utilizada como forragem. Dentre os cereais de

inverno, a aveia branca é a única cultura que foi completamente semeada até o mês de junho no Centro Oriental Paranaense.

A área semeada com aveia branca no Rio Grande do Sul terá o maior incremento dentre as culturas de inverno podendo chegar a 197,6 mil hectares. As duas últimas safras frustradas de trigo motivam os agricultores a plantar Aveia, além da instalação de agroindústria que terá como matéria-prima principal a aveia. A semeadura está na fase final, decorrendo praticamente dentro da normalidade, com relatos de problemas de estande ocasionados pela falta de umidade no solo em algumas regiões. A produção total deverá ser de 533,5 mil toneladas, pois a recuperação de produtividade, em relação a safra passada será de 46,7%, pois problemas climáticos afetaram sobremaneira da última safra.



Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



Figura 41 – Condição hídrica geral em junho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab.

Quadro 22 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em junho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Aveia	- noroeste, centro-oeste e sudoeste do RS (G/DV) - norte-central e oeste do PR (DV) - leste e sudoeste do PR (G/DV)		- noroeste, nordeste, centro-oeste e sudoeste do RS (P) - sudeste, centro-sul, sudoeste e leste do PR (P)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 54 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	13,0	13,0	-	1.500	1.500	-	19,5	19,5	-
MS	13,0	13,0	-	1.500	1.500	-	19,5	19,5	-
SUL	176,5	256,6	45,4	1.879	2.597	38,2	331,7	666,4	100,9
PR	58,1	59,0	1,5	1.959	2.252	15,0	113,8	132,9	16,8
RS	118,4	197,6	66,9	1.840	2.700	46,7	217,9	533,5	144,8
CENTRO-SUL	189,5	269,6	42,3	1.853	2.544	37,3	351,2	685,9	95,3
BRASIL	189,5	269,6	42,3	1.853	2.544	37,3	351,2	685,9	95,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.



8.2.2. CANOLA

Segundo Silva e Blochtein¹ (2014) a canola foi desenvolvida por pesquisadores canadenses da Universidade de Manitoba, a partir do melhoramento genético da colza em 1974. O nome canola foi criado em 1978 para distinguir o produto da colza comum, grão que era associado ao consumo animal e que tinha toxicidade conhecida para os seres humanos, devido ao alto teor de ácido erúico e glucosinolatos. A autora afirma ainda, a partir dos dados do USDA, que a canola é a terceira oleaginosa mais produzida mundialmente (14,59%), superada apenas pela palma (34,96%) e soja (26,84%)

A autora afirma ainda que, embora a canola seja uma oleaginosa muito cultivada em outros países, no Brasil a expansão da área de cultivo comercial somente ganhou destaque a partir de 1998. A Conab acompanha essa cultura desde 2009, disponibilizando série histórica com os principais dados desta cultura.

Na atual safra são 45,3 mil hectares, acréscimo de 2% em relação à safra passada. Espera-se, da mesma forma, incremento de 23,2% na produtividade média, impactando positivamente na produção total, que deve ser de 69,2 mil toneladas.

No Paraná estima-se que a área total plantada seja de 6,3 mil hectares. As informações indicam que o plantio está concluído e a redução de área em relação

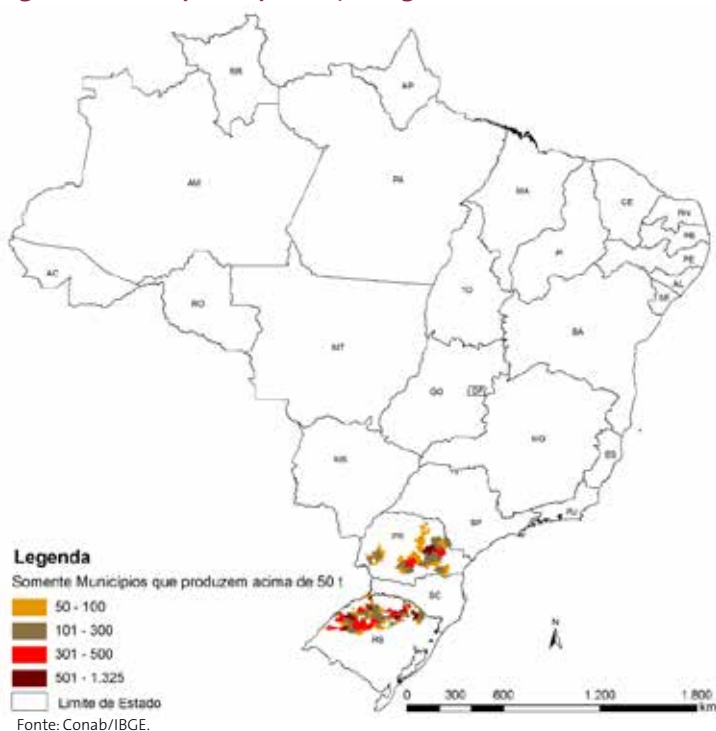
à safra passada é de 20,3%. As baixas temperaturas e as geadas não afetaram as lavouras que estavam em fase inicial de desenvolvimento. As lavouras atualmente estão em desenvolvimento vegetativo e em boas condições.

Na região de Guarapuava, a geada ocorreu quando a cultura estava na fase de floração, motivo pelo qual registrou-se perda de aproximadamente 100 hectares. Nas demais áreas houve perda somente desta primeira florada. Considerando que a canola costuma florir, em média, três vezes antes de entrar em maturação, estima-se que a geada tenha prejudicado a produtividade, a ser conferida nos próximos levantamentos. Dados mais precisos sobre a produtividade da cultura dependerá da qualidade das próximas floradas.

A área cultivada com canola no Rio Grande do Sul deverá crescer 6,8% em relação à safra anterior devido aos bons resultados obtidos e preços remuneradores. O fator limitante continua sendo a disponibilidade de sementes. Espera-se uma produção total de 58,5 mil toneladas de canola.

Portanto, no Brasil, a área de canola deverá ter um incremento de 2% na área plantada e 23,8% na produtividade, proporcionando uma produção total de 69,3 mil toneladas.

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Canola



¹BLOCHTEIN, Betina. A cultura da canola. In: Abelhas na polinização da canola: benefícios ambientais e econômicos. Orgs: WITTER, Sídia; NUNES-SILVA, Patrícia; BLOCHTEIN, Betina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 71 p.



Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 55 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	44,4	45,3	2,0	1.236	1.528	23,6	54,9	69,2	26,0
PR	7,9	6,3	(20,3)	1.403	1.699	21,1	11,1	10,7	(3,6)
RS	36,5	39,0	6,8	1.200	1.500	25,0	43,8	58,5	33,6
CENTRO-SUL	44,4	45,3	2,0	1.236	1.528	23,6	54,9	69,2	26,0
BRASIL	44,4	45,3	2,0	1.236	1.528	23,6	54,9	69,2	26,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.

8.2.3. CENTEIO

A cada ano os relatos indicam uma maior dificuldade de se encontrar informações sobre as lavouras de centeio, que geralmente são plantadas na Região Sul do Brasil.

No Paraná as informações são que 61% dos mil hectares estão plantados. Essa área representa 16,7% menos do que a safra anterior. Espera-se, no entanto, um incremento de 29,7% na produtividade, chegando a 2.451 kg/ha, com isso a produção total será de 2,5 mil toneladas. A cultura ainda está na fase de plantio, com 61% da área já plantada e, assim como os demais cereais de inverno, o plantio está atrasado devido à

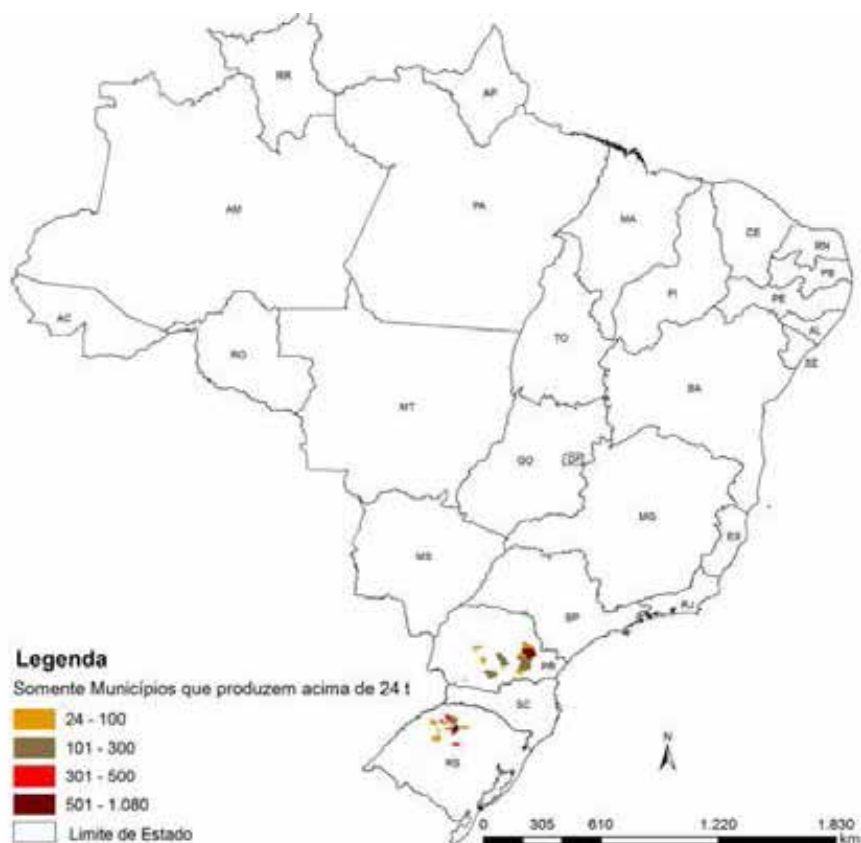
chuva ocorrida em junho. Há relatos de falta de disponibilidade de sementes o que justifica, em parte, a redução da área.

No Rio Grande do Sul não há informações conclusivas sobre área, produtividade e produção. Nos próximos levantamentos acredita-se que se tenha mais informações sobre a cultura.

No Brasil a produção total do centeio deverá ser de 3,9 mil toneladas, com produtividade média de 2.600 kg/ha em uma área de 1,5 mil hectares, o que representa 11,8% a menos do que a safra anterior.



Figura 43 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Tabela 56 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,7	1,5	(11,8)	1.706	2.600	52,4	2,9	3,9	34,5
PR	1,2	1,0	(16,7)	1.890	2.451	29,7	2,3	2,5	8,7
RS	0,5	0,5	-	1.200	2.700	125,0	0,6	1,4	133,3
CENTRO-SUL	1,7	1,5	(11,8)	1.706	2.600	52,4	2,9	3,9	34,5
BRASIL	1,7	1,5	(11,8)	1.706	2.600	52,4	2,9	3,9	34,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.



8.2.4. CEVADA

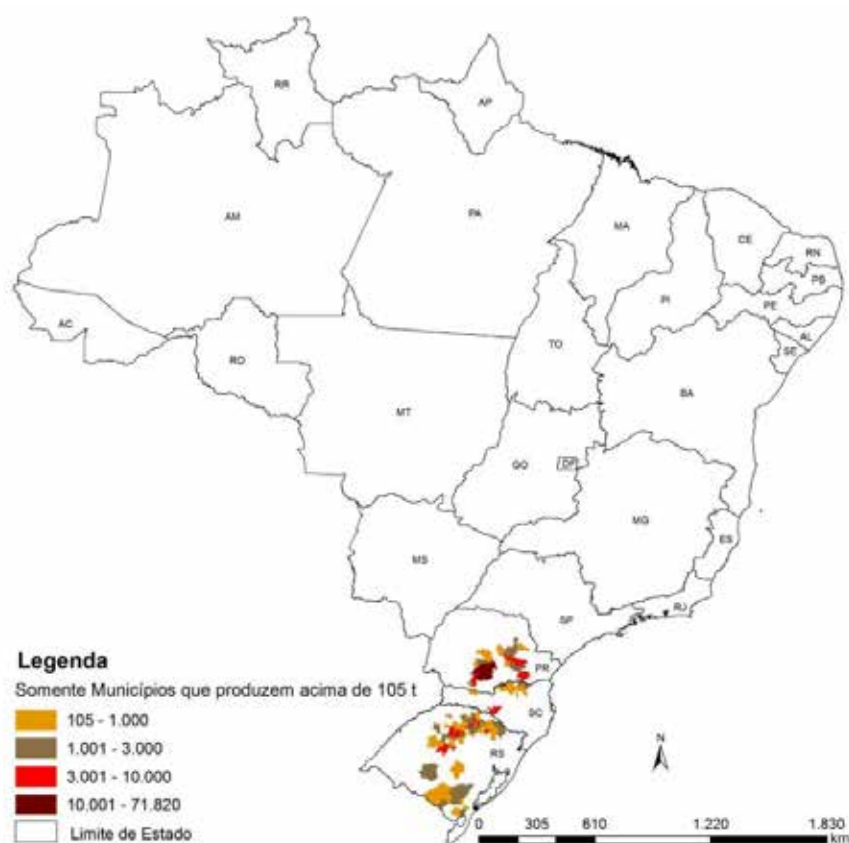
A cevada terá nova investida da indústria cervejeira que pretende fomentar a produção no Rio Grande do Sul e alcançar uma área de 51,8 mil hectares, 4,6% maior do que a safra passada. A semeadura atingiu 90% da área prevista e a falta de umidade no solo é o principal problema. Há aceitação dos produtores pelo fato de que o produto que não serve para produção de malte pode ser usado para fabricação de ração por apresentar alto teor de proteína. Além disso, o atrelamento ao preço do milho, que está em alta, estimula os produtores a plantar cevada. A produtividade esperada é de 2.700 kg/ha, 80% superior à safra anterior, que foi fortemente afetada pelos fatores climáticos. Com isso a expectativa que a produção total seja de 139,9 mil toneladas.

No Paraná, apesar de ter havido aumento na intenção de plantio em relação ao levantamento anterior, a área plantada ainda será 19,8% menor que a área da safra passada. A estimativa é que a produtividade seja superior à da safra anterior em 7,6%, pois ocorram

chuvas durante a colheita da última safra de cevada no Paraná. Comparativamente, as lavouras do Paraná sofreram menos com o clima do que as lavouras do Rio Grande do Sul, na safra passada. Por isso o incremento de produtividade será menor. O plantio deverá ser finalizado na metade do mês de julho.

Devido ao excesso de frio desde o início de junho e as chuvas ocorridas no final do mesmo mês, houve um atraso no plantio de cevada em pelo menos 10 dias em Santa Catarina. O resultado é que apenas 30% das lavouras semeadas até o final do período, ante 50% na mesma época da safra passada. Como esta cultura, geralmente é fomentada por contrato de compra entre produtores e cervejeiras, na safra atual apenas uma cooperativa está fomentando o plantio de 1,3 ha no município de Campos Novos e região. A produtividade esperada é de 3.769 kg/ha, muito superior à safra passada que sofreu com as intempéries climáticas. A produção total em solo catarinense será de 4,9 mil toneladas..

Figura 44 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab

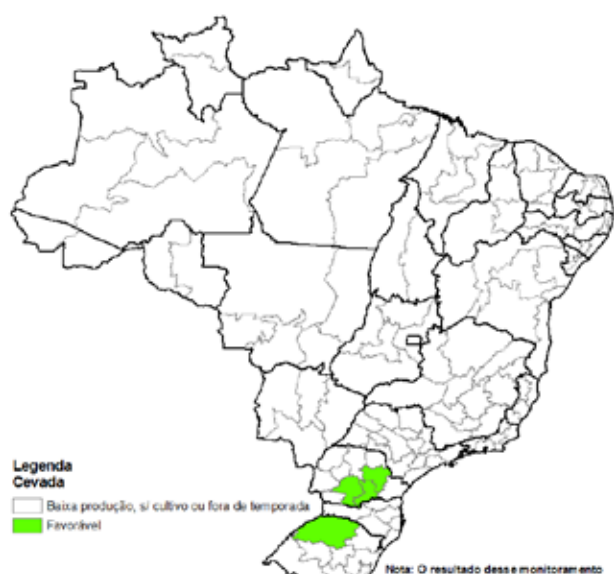
Tabela 57 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,4	93,2	(9,0)	2.568	3.262	27,0	263,0	304,0	15,6
PR	50,1	40,1	(20,0)	3.689	3.971	7,6	184,8	159,2	(13,9)
SC	2,8	1,3	(53,6)	1.380	3.769	173,1	3,9	4,9	25,6
RS	49,5	51,8	4,6	1.500	2.700	80,0	74,3	139,9	88,3
CENTRO-SUL	102,4	93,2	(9,0)	2.568	3.262	27,0	263,0	304,0	15,6
BRASIL	102,4	93,2	(9,0)	2.568	3.262	27,0	263,0	304,0	15,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.

Figura 45 – Condição hídrica geral em junho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015-16



Fonte: Conab..

Quadro 26 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em junho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Cevada	- noroeste do RS (G/DV) - leste do PR (G/DV)		- noroeste do RS (P) - sudeste, centro-sul e leste do PR (P)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



8.2.5. TRIGO

Segundo dados do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos (Usda)², o trigo (*Triticum aestivum* L.) é a cultura mais plantada no mundo. Em termos de produção, estima-se que a produção mundial seja de 2,7 bilhões de toneladas.

A cultura do trigo era caracterizada historicamente como cultura de inverno e era produzida quase que exclusivamente na Região Sul do Brasil. Através da pesquisa para melhoramento genético, as plantações de trigo espalharam-se por outras regiões do Brasil, como o Centro-Oeste e Sudeste.

O comportamento climático irregular no decorrer dos últimos anos vem sendo fundamental na tomada de decisão do agricultor em investir nas lavouras de trigo. A produção do trigo no Brasil deverá ter acréscimo de 13,5% em relação à safra passada, atingindo 6,28 milhões de toneladas. O principal motivo é a recuperação da produtividade, que deve ser significativamente superior à safra anterior.

No Paraná o plantio do trigo encontra-se 85% concluído e, em relação à safra anterior, à redução de área cultivada é de 15,4% devido, principalmente, à preferência dos produtores em plantar a segunda safra de milho por conta do preço atrativo. As expectativas de produtividade são positivas, esperando-se atingir 3.030 kg/ha, 20,9% maior do que a safra passada.

Até o momento o clima está favorável à cultura, que não foi prejudicada pela geada ocorrida em junho por estar no estágio de desenvolvimento vegetativo, fase em que a cultura é menos suscetível à geada.

Nas regiões de Campo Mourão e Ivaiporã, o plantio foi atrasado em função da estiagem ocorrida no mês de abril. Nas regiões de Guarapuava e Ponta Grossa, o plantio está atrasado devido às condições meteorológicas desfavoráveis. Os dias chuvosos de junho atrasaram as operações agrícolas. Outro fator que tem influenciado a postergação do plantio é a perspectiva da ocorrência de geadas no final do inverno. Isso faz com que alguns produtores atrasem o plantio propositalmente por medo da lavoura ser atingida por geada na época da floração. Na região oeste do Paraná, o plantio está mais adiantado devido ao seu clima mais quente.

No Rio Grande do Sul não se pode definir a área que será semeada com 100% de segurança, pois o plantio se estende até julho na região Nordeste do Estado. A implantação da lavoura dessa safra teve início em maio de forma um tanto tímida.

(2) página 5

A semeadura ultrapassou 70% do total estimado, com relatos de problemas de germinação e estande desuniforme por conta da baixa umidade do solo. O Rio Grande do Sul ficou por mais de trinta dias sem a ocorrência de precipitações nas regiões produtoras de trigo. Faltou semente em quase todas as regiões produtoras e algumas cooperativas foram buscar o insumo no Paraná e em São Paulo, mesmo assim não foram suficientes para completar a semeadura ou para ressemeadura em áreas prejudicadas pela má qualidade das sementes disponíveis.

Há pendências da safra passada que impedem o avanço do plantio, principalmente entraves burocráticos dos produtores que sofreram com perdas e tiveram que acionar o seguro agrícola.

As estimativas iniciais de área cultivada com trigo nessa safra indicam redução de 11,2% e ficará em 765 mil hectares. Considerando as enormes perdas na safra anterior, onde as produtividades ficaram muito baixas, espera-se a recuperação desse índice, chegando a 2.725 kg/ha. Com isso espera-se que a produção total seja 42,4% maior do que a safra anterior, estimada em 2,1 milhões de toneladas.

No atual levantamento foi possível concluir que a queda na área semeada será menor do que vinha sendo noticiado e deve ficar em 9,8% a menos do que a safra anterior, ficando em 776,9 mil hectares.

Outra questão relevante e esperada para a próxima safra é a recuperação da produtividade, fortemente prejudicada na safra passada por conta de problemas climáticos enfrentados durante todo o ciclo. Atualmente a estimativa é de que se atinja 2.700 kg/ha, o que compensará a redução de área e se alcançará uma produção 43,3% superior à safra anterior chegando a 2,1 milhões de toneladas.

Devido ao resultado negativo da safra passada em Santa Catarina, causado pelas más condições climáticas ocorridas durante praticamente todo o ciclo da cultura, como excesso de chuva durante o plantio e colheita e geadas nas fases reprodutivas, há tendência de redução de 16,9% da área plantada na safra atual. O plantio, cujo período recomendado iniciou em meados de junho, encontra-se atrasado em decorrência das chuvas ocorridas a partir daquela época em boa parte das regiões produtoras. Ainda, a expectativa de formação de geadas durante o mês de setembro, como informado por muitos técnicos, baseado em estudos climáticos, fez com que muitos produtores postergassem o plantio para evitar que lavouras em estágio suscetível, como florescimento e formação de



grãos, coincidam com o evento climático.

Apesar da redução da área, há possibilidade de recuperação da produção total e qualidade da safra atual, haja vista que as condições climáticas previstas são dentro da normalidade, tanto em relação às temperaturas quanto às chuvas.

Espera-se a recuperação na produtividade média, que deve ficar em 3.178 kg/ha e que, com isso, recupere a produção total no estado, que deve ficar em 165,3 mil toneladas.

Devido aos problemas climáticos ocorridos na safra passada, parte da produção de semente também foi afetada, fazendo com que muitas empresas que produzem sua própria semente tivessem que buscar o insumo em outros estados, como o PR e RS, para atender seus produtores.

A intenção de plantio de trigo no Mato Grosso do Sul tende a um aumento da área cultivada em relação à safra passada, 6,7%, podendo atingir em torno de 16 mil hectares. A cultura encontra-se em fase de desenvolvimento vegetativo, mais precisamente no final do perfilhamento e em pleno alongamento/emborrachamento. Para esta safra espera-se que sejam colhidos 2.100 kg/ha, índice 5% superior à safra passada. Com isso a produção total será de 33,6 mil toneladas, 12% superior à safra 2015.

A produção de trigo no Brasil central, Goiás e Distrito Federal, não está implantada e por isso os dados ainda são da safra anterior. A competitividade de outras culturas como o feijão e o milho farão com que os produtores optem pela a mais lucrativa.

O levantamento realizado em campo no Distrito Federal revela que a área plantada com trigo de 1,1 mil hectares ante os 1,6 mil na safra passada. A produtividade média estimada será de 6.000 kg/ha resultando uma produção de 6,6 mil toneladas.

O plantio de trigo irrigado no Distrito Federal começou no início de maio e a previsão é que se finalize ainda esse mês. Segundo informações, são vários os

fatores que contribuíram para recuo da área plantada como: a falta de chuva que limitou a água para irrigação, produtores que arrendaram área para plantio de hortaliças e a opção pelo plantio do feijão, devido ao bom preço do momento.

O plantio do trigo em Minas Gerais está mais atrasado este ano, em razão da falta de chuvas e das altas temperaturas registradas em de abril. Dessa forma, as lavouras foram implantadas em sua maior parte a partir de maio e se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo. As informações a respeito do plantio de trigo irrigado nas regiões do Noroeste de Minas e Alto Paranaíba ainda carecem de consistência, uma vez que os produtores reclamaram muito de problemas de comercialização e também devido à indisponibilidade de água para suprir a necessidade da planta. Espera-se a consolidação da área plantada no próximo levantamento, porém a expectativa é que haja redução de 10,7% na área plantada. A redução é atribuída às condições climáticas desfavoráveis e ao crescimento significativo da área plantada com milho segunda safra na região, tendo em vista a sua melhor cotação.

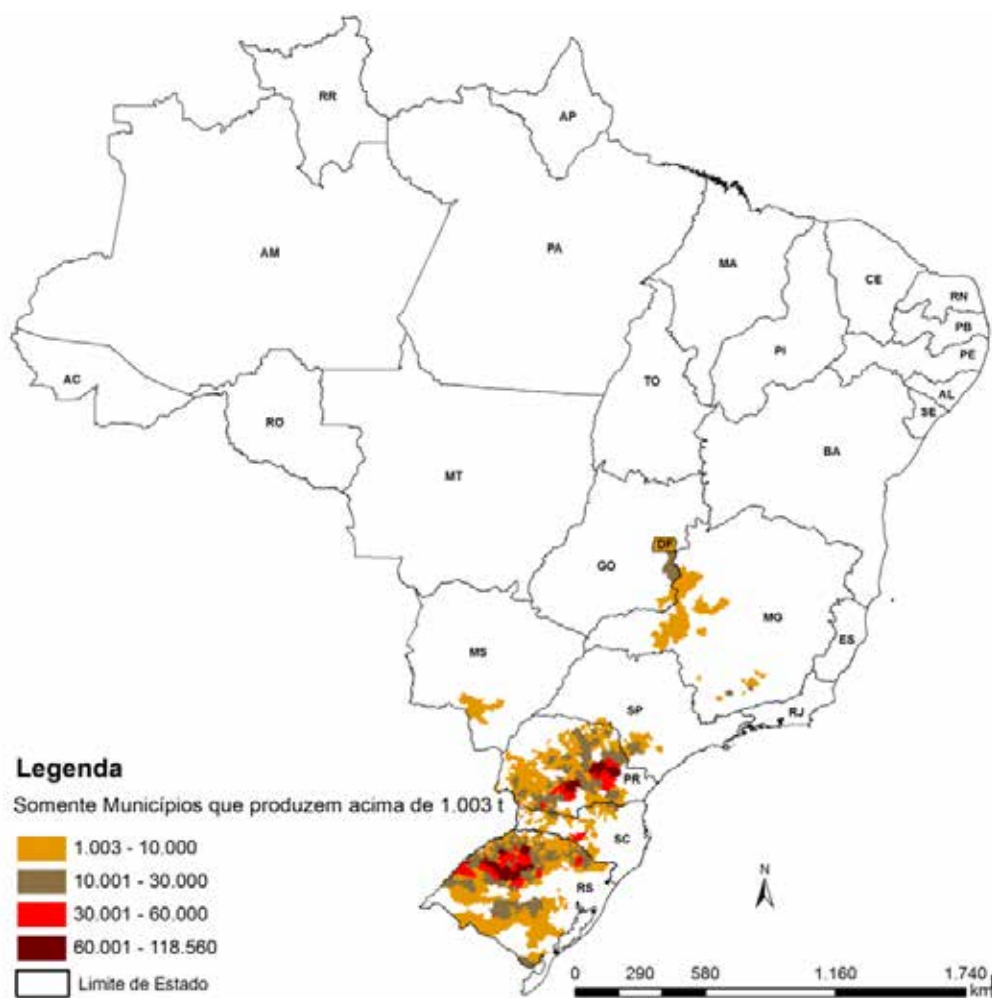
Há indicação de redução na produtividade média, estimando-se que seja 2,7% menor do que a safra passada. Com a redução de área e produtividade a redução da produção total deverá ser de 13,1%, alcançando 212,9 mil toneladas, contra as 245,1 mil toneladas registradas no ano anterior.

Conforme informações do estado de São Paulo a cultura do trigo está 100% plantada. Pode-se verificar uma redução pequena de 0,9% na área plantada em relação ao ano anterior e deve ficar 252,9 mil hectares. Entre os motivos alegados está a competitividade do milho da segunda que segue em alta, por exemplo.

O clima frio e a geada da primeira quinzena de junho em São Paulo não comprometeram as lavouras plantadas com este cereal de inverno, uma vez que o trigo já se encontra em plena fase de desenvolvimento vegetativo, não afetando, desta forma, o desempenho das lavouras.



Figura 46 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

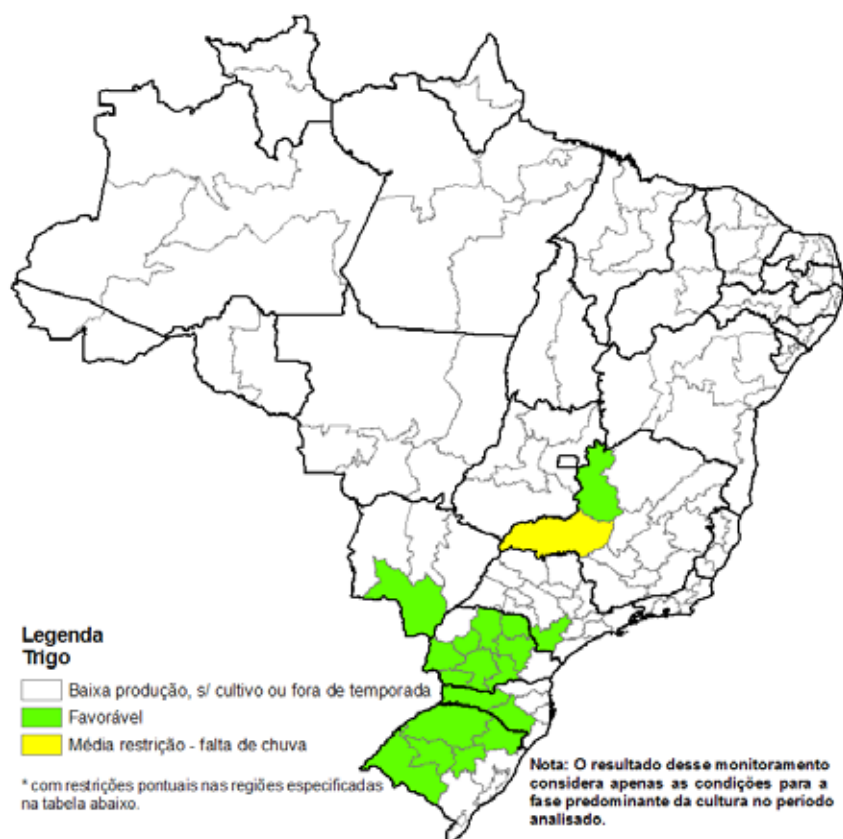
Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.



Figura 47 – Condição hídrica geral em junho para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil



Fonte: Conab..

Quadro 28 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em junho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo	- noroeste de MG (FR) (irrigado) - sudoeste do MS (DV/F) - sul de SP (DV) - norte e oeste do PR (DV) - leste e sudoeste do PR (G/DV) - oeste de SC (G/DV) - noroeste, centro e sudoeste do RS (G/DV)		-- leste e sudoeste do PR (P) - centro-sul e sudeste do PR (P) - noroeste, nordeste, centro e sudoeste do RS (P) - oeste e sul de SC (P)	- Triângulo de MG (FR) - regiões pontuais do noroeste do RS (G/DV)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Tabela 57 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	26,2	31,4	19,8	3.363	3.640	8,2	88,1	114,3	29,7
MS	15,0	16,0	6,7	2.000	2.100	5,0	30,0	33,6	12,0
GO	9,6	14,3	49,0	5.054	5.182	2,5	48,5	74,1	52,8
DF	1,6	1,1	(31,3)	6.000	6.000	-	9,6	6,6	(31,3)
SUDESTE	156,4	146,9	(6,1)	3.247	3.171	(2,3)	507,8	465,8	(8,3)
MG	82,2	73,4	(10,7)	2.982	2.900	(2,7)	245,1	212,9	(13,1)
SP	74,2	73,5	(0,9)	3.541	3.441	(2,8)	262,7	252,9	(3,7)
SUL	2.266,2	1.964,7	(13,3)	2.179	2.904	33,3	4.939,0	5.704,6	15,5
PR	1.339,9	1.133,8	(15,4)	2.506	3.030	20,9	3.357,8	3.435,4	2,3
SC	65,0	54,0	(16,9)	1.800	3.178	76,6	117,0	171,6	46,7
RS	861,3	776,9	(9,8)	1.700	2.700	58,8	1.464,2	2.097,6	43,3
CENTRO-SUL	2.448,8	2.143,0	(12,5)	2.260	2.933	29,8	5.534,9	6.284,7	13,5
BRASIL	2.448,8	2.143,0	(12,5)	2.260	2.933	29,8	5.534,9	6.284,7	13,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Julho/2016.

8.2.5. OFERTA E DEMANDA

AA produção de trigo no Brasil, estimada pela Conab em 6,28 milhões de toneladas ante aos 5,88 milhões de toneladas na estimativa anterior deverá ser 13,5% maior que o volume produzido em 2015/16, de 5,53 milhões. Confirmando-se esse volume de produção a safra será recorde no país. Além de ascendente, espera-se uma colheita com qualidade superior à obtida no ano anterior, muito prejudicada pela ocorrência do fenômeno El Niño, excessivamente chuvoso, principalmente no Rio Grande do Sul, que afetou também o Uruguai e Argentina.

A safra 2016/17 poderá equivaler a 59,7% da demanda brasileira de trigo em grão, favorecendo, dessa forma, o desempenho da indústria moageira nacional com matéria-prima de qualidade superior e, espera-se, isenta de micotoxinas, devido ao clima favorável para esse cereal, dessa vez, com a ocorrência do fenômeno La Niña, com clima comprovadamente favorável à produção de trigo no Brasil e Argentina.

A oferta de trigo no Mercosul será ampla, estimando-se que a produção na Argentina evolua de 11,3 para 14,5 milhões de toneladas, suprimindo o mercado com trigo de boa qualidade. Com isso, aquele país será superavitário em 8 milhões de toneladas, exigindo, assim, a continuidade de seu bom desempenho exportador, como já se observa recentemente.

Maior oferta de trigo no Mercosul, podendo elevar-se a 23 milhões de toneladas, frente a um consumo de 17,6 milhões de toneladas, sinaliza a possibilidade de menores preços da matéria-prima, reduzindo os ele-

vados custos da indústria de moagem e favorecendo o consumidor final.

O ano safra 2015/16, que se finda em julho, poderá ter importação de 5,35 milhões de toneladas, maior em 0,43% a do período 2014/15 e 23,5% menor que a do período 2012/13, com 7 milhões de toneladas importadas.

Entre agosto 2015 e maio de 2016 a importação brasileira, de acordo com a Secex, foi de 4,37 milhões de toneladas, ao custo total de US\$ 1.002,6 milhões. O trigo de origem argentino, maio, participou com 64,4% do total; o paraguaio, com 17,8%; o uruguaio, com 9,1%; o estadunidense, com 8% e o canadense, com 0,6%.

Quanto às exportações, nesse período negociou-se com o exterior 1,05 milhão de toneladas. O Vietnã adquiriu 32% do total; Filipinas 28,3%; Colômbia 12,4%; Tailândia 10,5%; Equador 5,9%; e Indonésia e Israel 5,1%, por país. Essas operações foram favorecidas pelos baixos preços do petróleo que reduziu os valores dos fretes internacionais, assim como, pelos menores preços do trigo de uma safra com menor qualidade.

Devido à fraca demanda interna de farinha de trigo para consumo industrial, a previsão da moagem em 2015/16 foi reduzida para 10 milhões de toneladas, ante aos 10,2 milhões no período anterior. Prevê-se, para 2016/17, o início do período de recuperação da moagem de trigo, impulsionado, inicialmente, por maior disponibilidade de matéria-prima a menores preços internos.



Constata-se que o estoque final da safra 2015/16 será menor que o volume exigido para um mês de consumo, devido à reduzida produção física, além da qualidade comprometida pelo excesso de chuva.

Em 2016/17 estima-se menor volume de exportação de 800 mil toneladas, basicamente do Rio Grande do Sul, devido à melhor qualidade que se espera da produção, tornando a matéria-prima mais cara e, dessa forma, menos competitiva para os padrões dos importadores asiáticos. Esse volume de exportação

equivale ao excedente de produção, que necessita ser comercializado para fora do Rio Grande do Sul.

De maneira similar ao ano anterior, o estoque final em 2016/17 também será pequeno, mas superior a um mês de consumo, em torno de 1 milhão de toneladas.

A demanda interna de trigo em grão no país deverá ser de 10,5 milhões de toneladas, incluindo trigo para sementes e a moagem estimada em 10,2 milhões de toneladas, 2% maior que a do ano 2015/16.

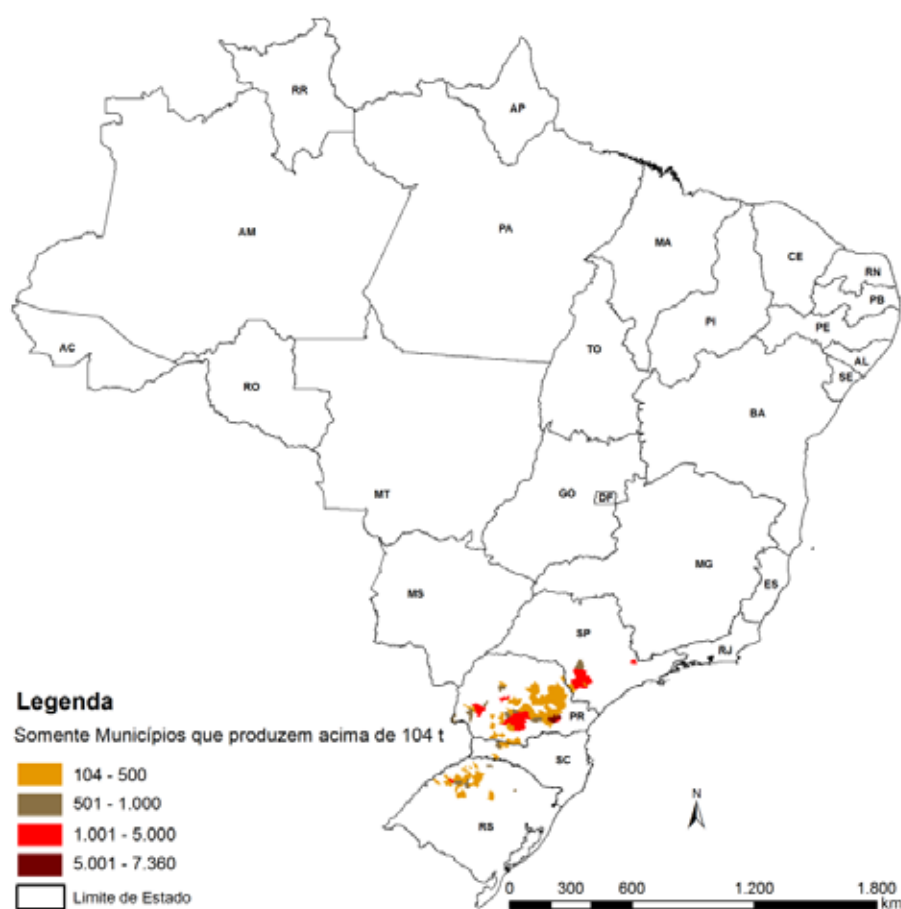
8.2.6. TRITICALE

A dificuldade de informações relatadas na cultura do centeio serve para o triticale. Segundo o levantamento realizado esta cultura terá aumento de 2,8% na área plantada, impulsionado pelo aumento em São Paulo. No Paraná haverá redução na área plantada enquanto no Rio Grande do Sul e Santa Catarina a área será a mesma, quando se compara com a safra passada. No que se refere a produtividade, espera-se recuperação dos índices, sendo a exceção o estado de São Paulo, onde a produtividade será 14,9% inferior a safra 2015.

Por fim, a produção total de triticale no Brasil será de 60,7 mil toneladas, 6,7% superior à safra passada.

As áreas no Paraná são pequenas, plantadas para atender alguma demanda específica para panificação ou para fabricação de ração animal. O plantio está 59% realizado no Estado e as lavouras estão em boas condições, na fase de desenvolvimento vegetativo. O clima seco e temperaturas mais baixas estão beneficiando as lavouras.

Figura 48 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 29 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

Tabela 58 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	4,3	7,0	62,8	3.140	2.671	(14,9)	13,5	18,7	38,5
SP	4,3	7,0	62,8	3.133	2.670	(14,8)	13,5	18,7	38,5
SUL	17,2	15,1	(12,2)	2.523	2.781	10,2	43,4	42,0	(3,2)
PR	10,9	8,8	(19,3)	2.829	2.875	1,6	30,8	25,3	(17,9)
SC	0,6	0,6	-	1.870	2.146	14,8	1,1	1,3	18,2
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.700	34,0	11,5	15,4	33,9
CENTRO-SUL	21,5	22,1	2,8	2.647	2.747	3,8	56,9	60,7	6,7
BRASIL	21,5	22,1	2,8	2.647	2.747	3,8	56,9	60,7	6,7

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Julho/2016.





9. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

Tabela 59 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.389,0	20,0	1.758,1	720,0	740,0	298,1
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.505,0	1.362,1	953,0
	2015/16	953,0	10.471,8	1.300,0	12.724,8	11.500,0	1.100,0	124,8
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.221,3	156,7	3.681,8	3.350,0	122,6	209,2
	2015/16	209,2	2.696,7	250,0	3.155,9	2.900,0	120,0	135,9
Milho	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	49.029,3	9.311,9	5.419,2
	2011/12	5.419,2	72.979,5	774,0	79.172,7	52.425,2	22.313,7	4.433,8
	2012/13	4.433,8	81.505,7	911,4	86.850,9	54.113,8	26.174,1	6.563,0
	2013/14	6.563,0	80.051,7	790,7	87.405,4	54.645,1	20.924,8	11.835,5
	2014/15	11.835,5	84.672,4	316,1	96.824,0	56.145,0	30.172,3	10.506,7
	2015/16	10.506,7	69.141,4	1.500,0	81.148,1	54.679,0	22.000,0	4.469,1
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,2	42.791,9	740,1
	2013/14	740,1	86.120,8	578,7	87.439,6	40.200,0	45.692,0	1.547,6
	2014/15	1.547,6	96.228,0	324,1	98.099,7	42.850,0	54.324,0	925,7
	2015/16	925,7	95.574,4	700,0	97.200,1	42.500,0	54.250,0	450,1
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.415,0	1,0	31.251,3	15.500,0	15.200,0	551,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,2	8.327,7	6.359,2	1.669,9	298,6
	2015/16	298,6	7.702,5	40,0	8.041,1	6.380,0	1.400,0	261,1
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.613,7	1.680,5	1.274,6
	2015	1.274,6	5.534,9	5.352,0	12.161,5	10.367,3	1.050,5	743,7
	2016	743,7	6.284,7	5.300,0	12.328,4	10.518,0	800,0	1.010,4

Notas: Estimativa em julho de 2016 / Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

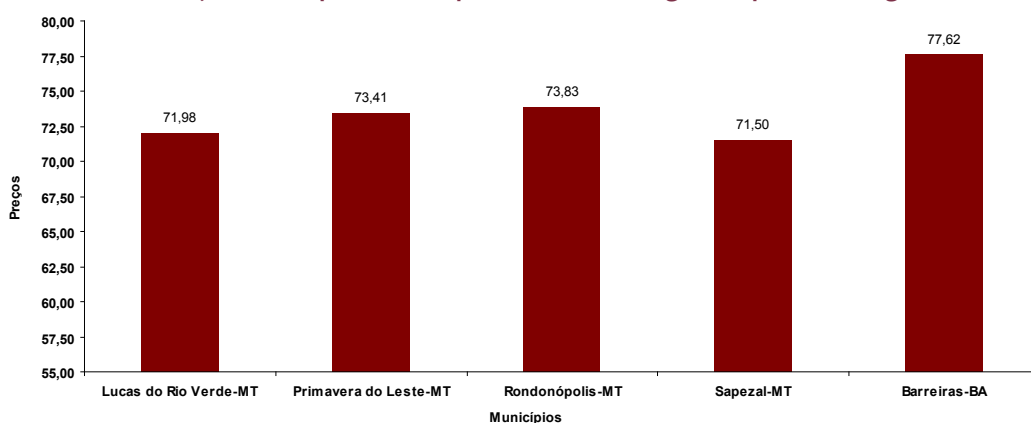
Fonte: Conab.





10. PREÇOS

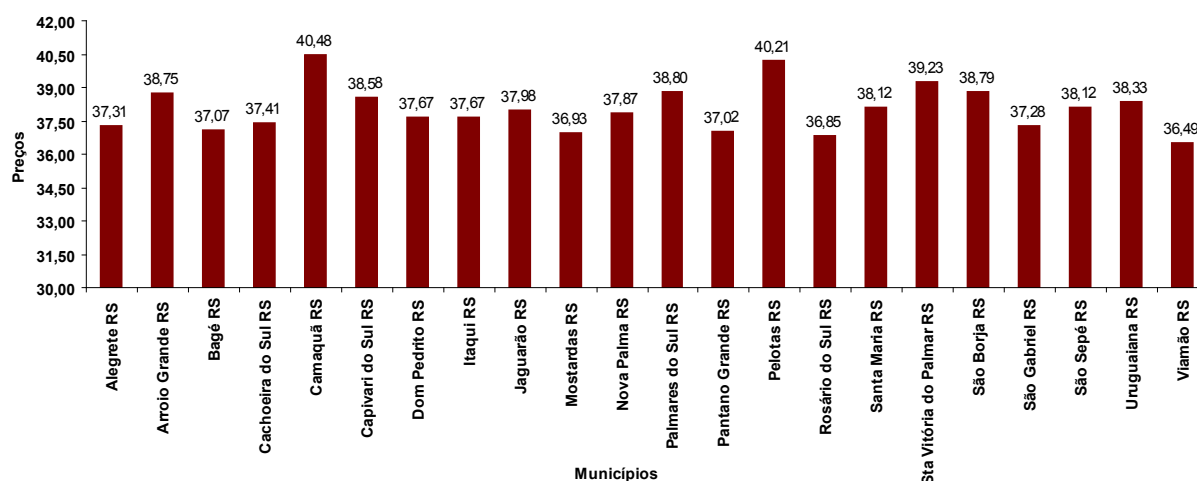
Gráfico 88 - Preço médio por município - MT e BA (algodão pluma 15 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a amaio 2016

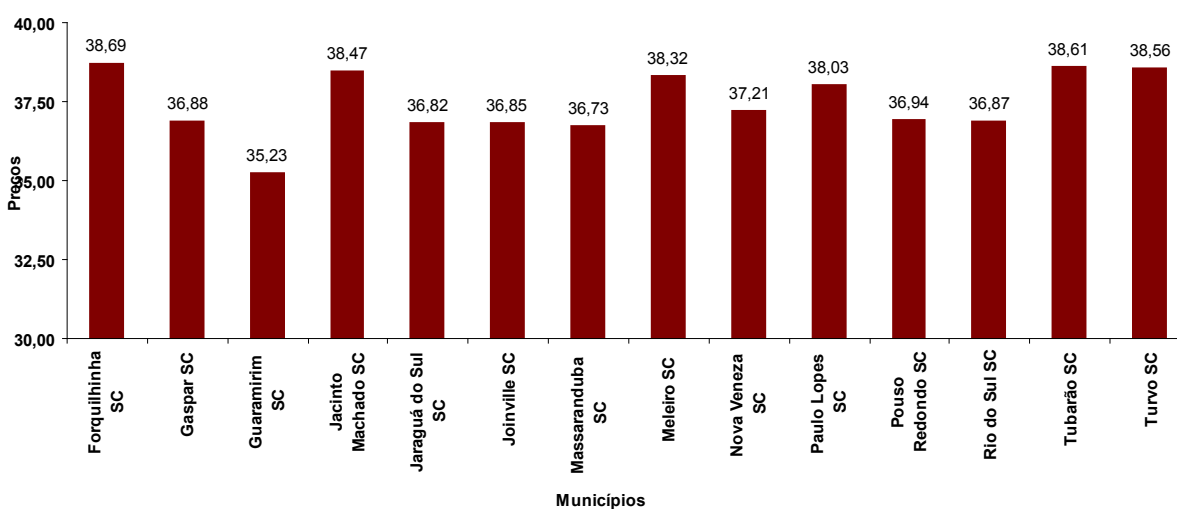
Gráfico 89 -Preço médio por município - RS (arroz longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a amaio 2016

Gráfico 90 - Preço médio por município - SC (arroz - longo fino em casca 50 kg)

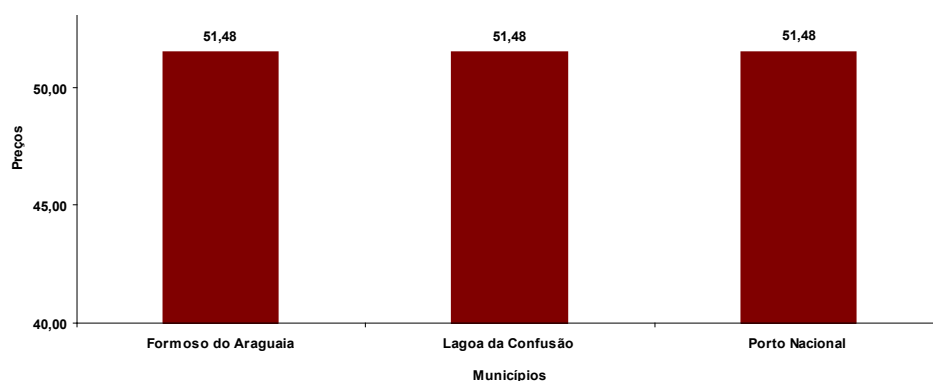


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a amaio 2016



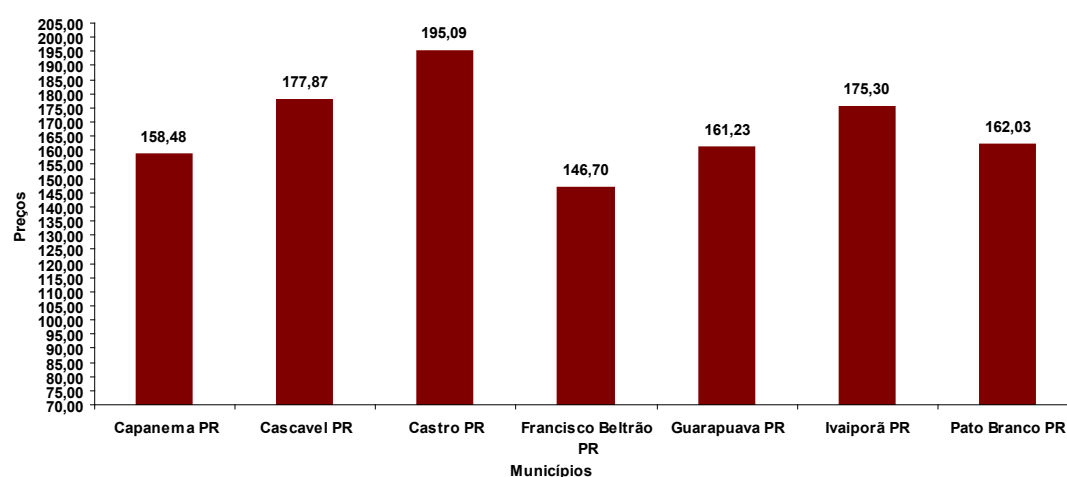
Gráfico g1 -Preço médio por município - TO (arroz - longo fino em casca 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

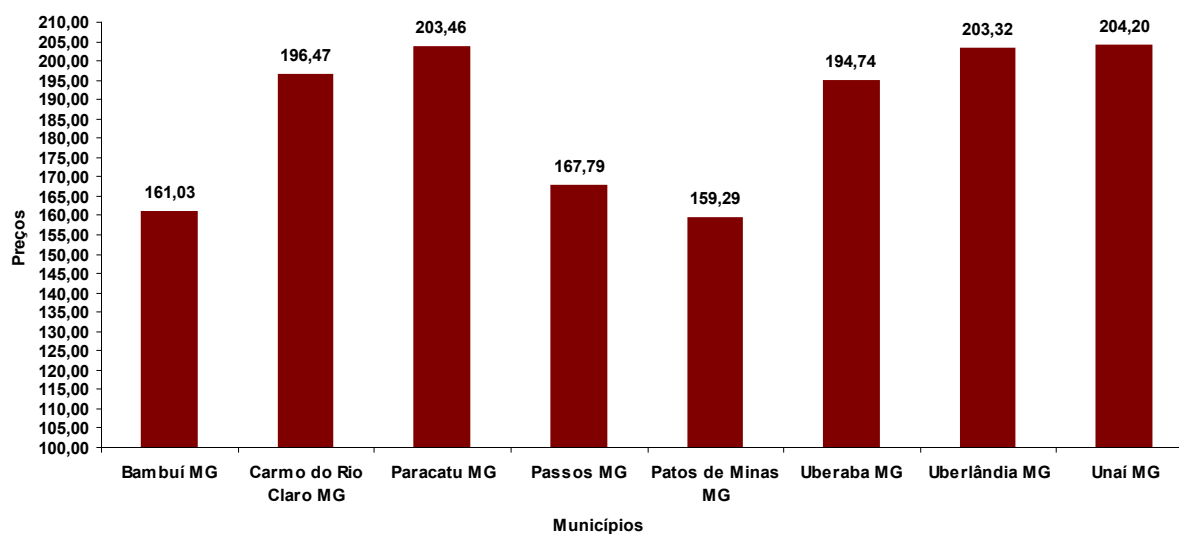
Gráfico g2 -Preço médio por município - PR (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico g3 -Preço médio por município - MG (feijão cores 60kg)

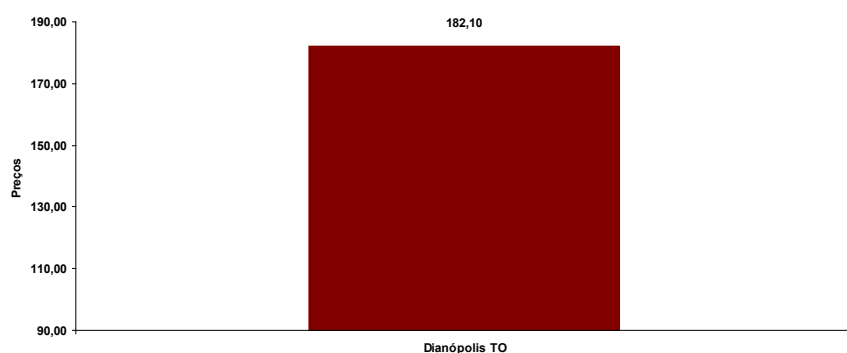


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



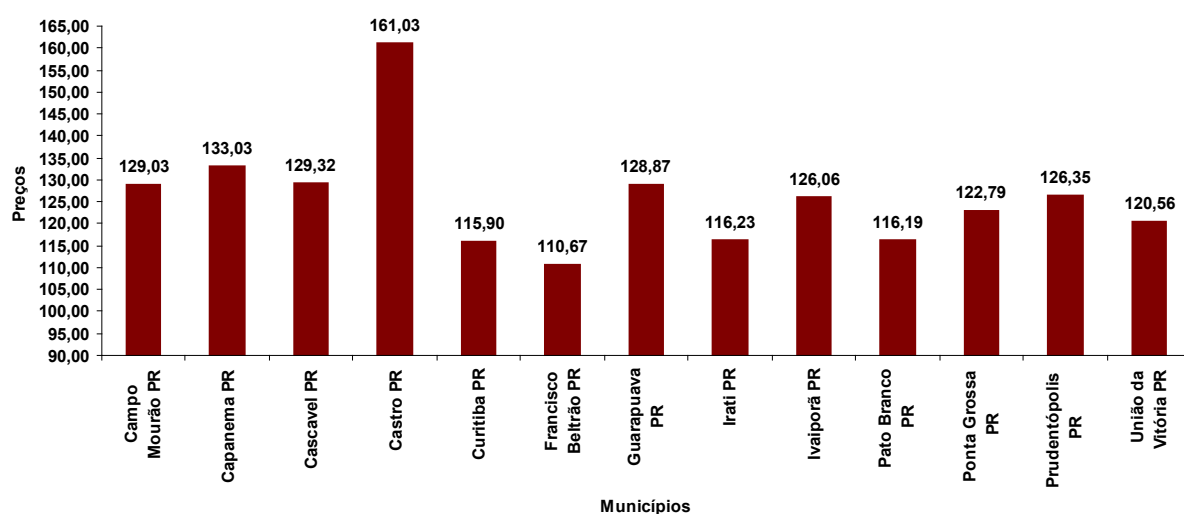
Gráfico 94 - Preço médio por município - TO (feijão cores 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

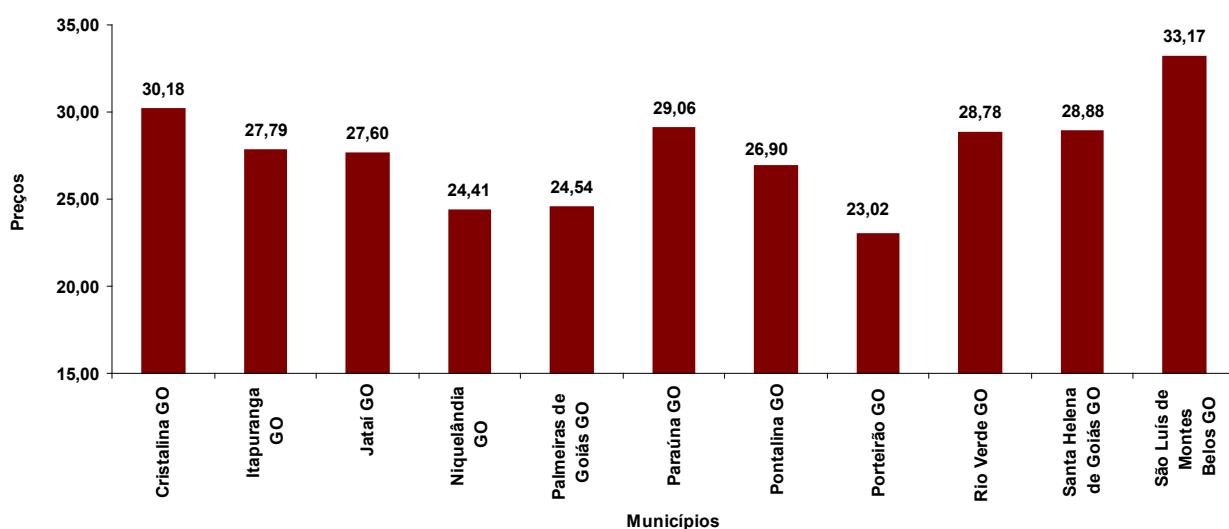
Gráfico 95 - Preço médio por município - PR (feijão preto 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico 96 - Preço médio por município - GO (milho 60 kg)

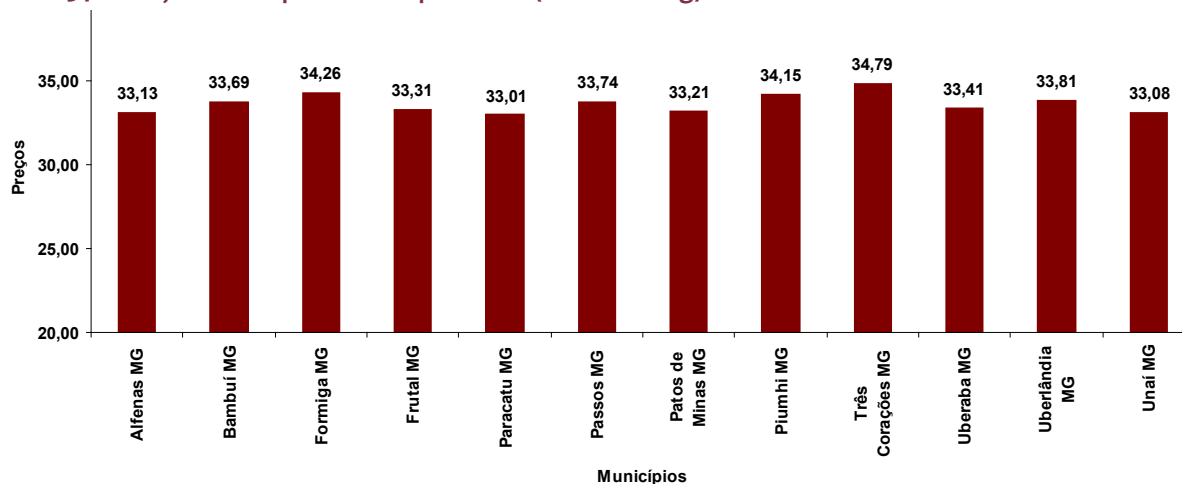


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



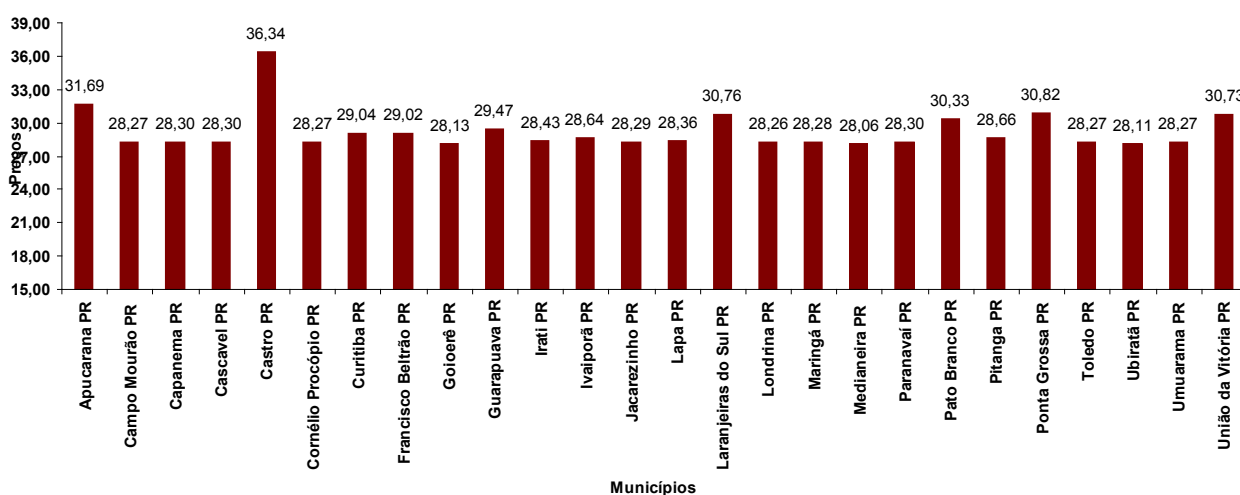
Gráfico 97 - Preço médio por município - MG (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

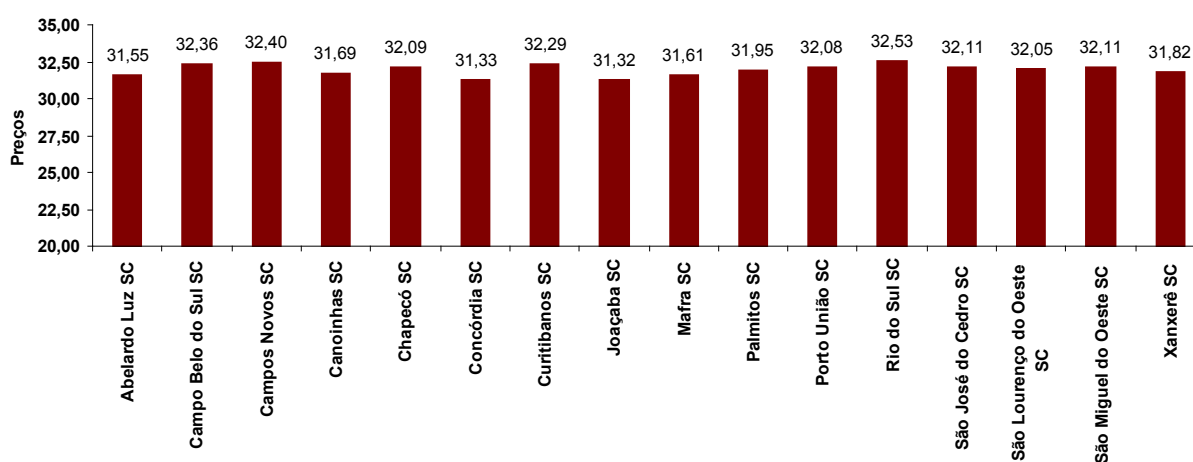
Gráfico 98 - Preço médio por município - PR (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico 99 - Preço médio por município - SC (milho 60 kg)

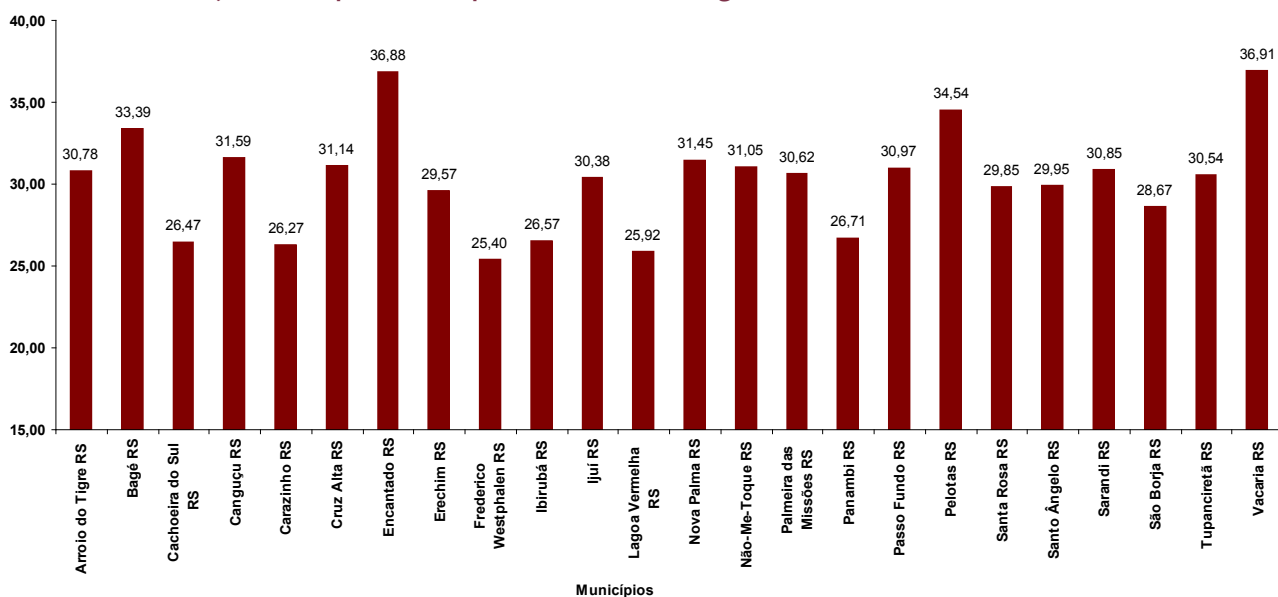


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



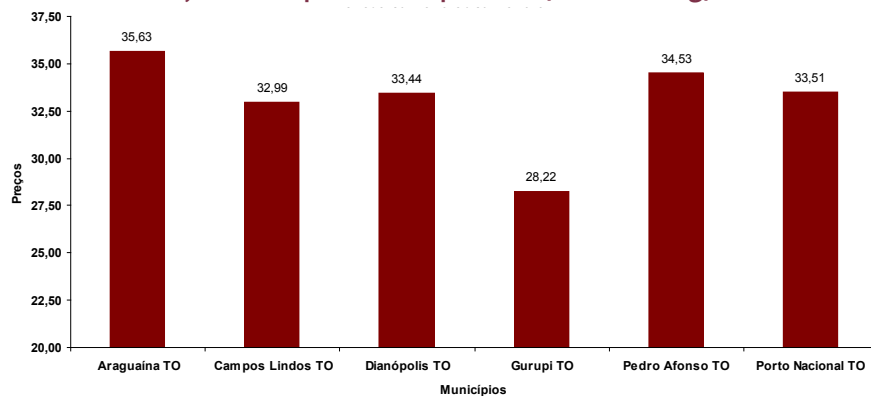
Gráfico 100 - Preço médio por município - RS (milho 60 kg)



Fonte: Conab

Nota: Maio 2015 a maio 2016

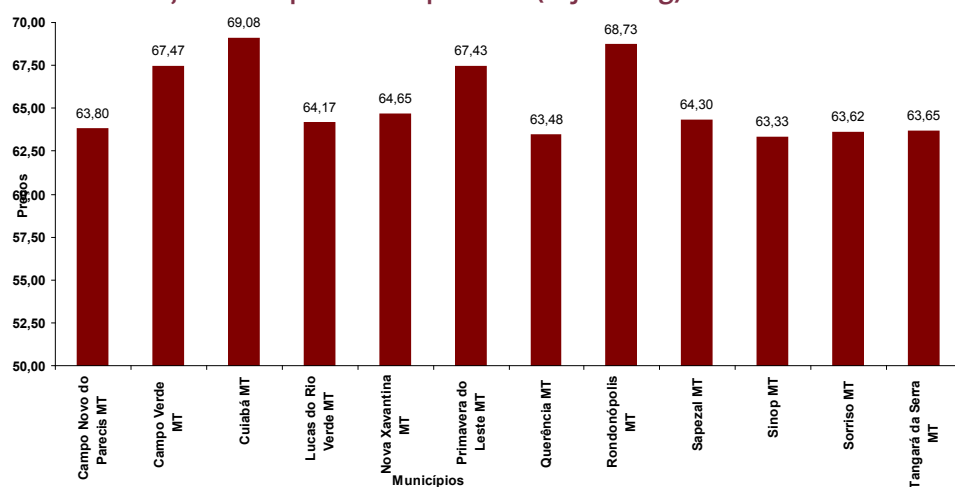
Gráfico 101 - Preço médio por município - TO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico 102 - Preço médio por município - MT (soja 60 kg)

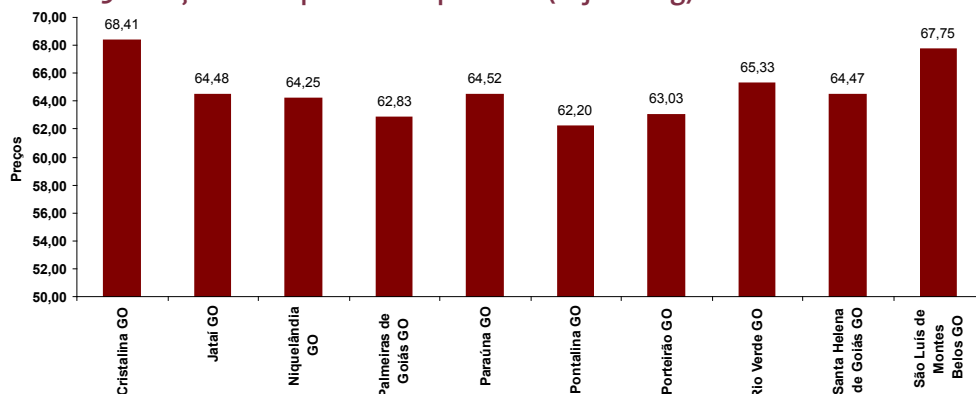


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



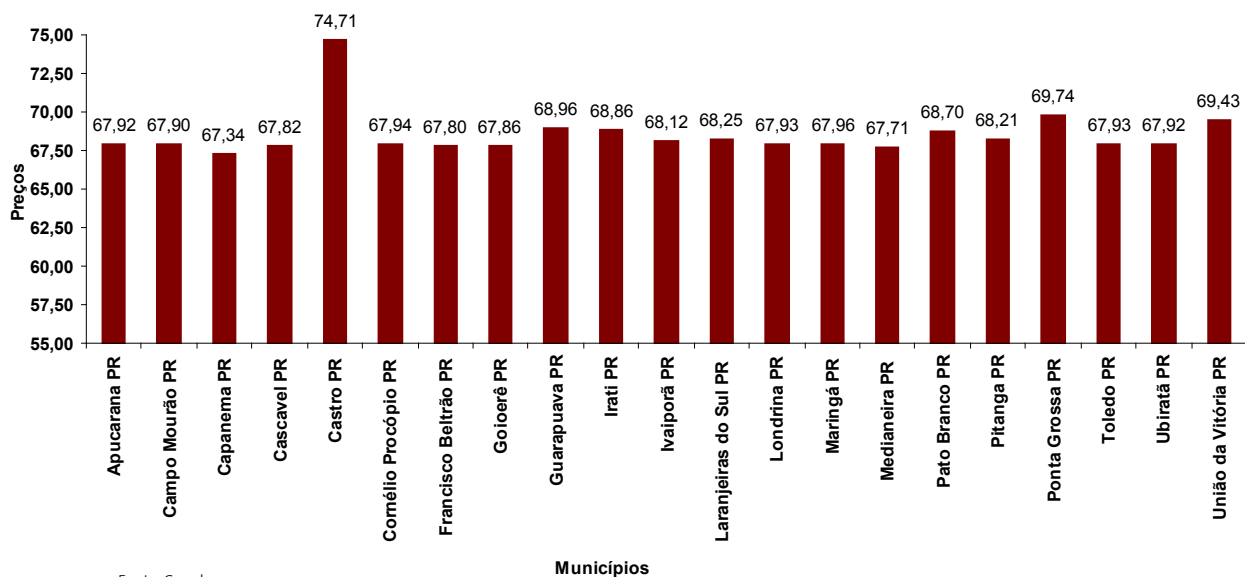
Gráfico 103 - Preço médio por município - GO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

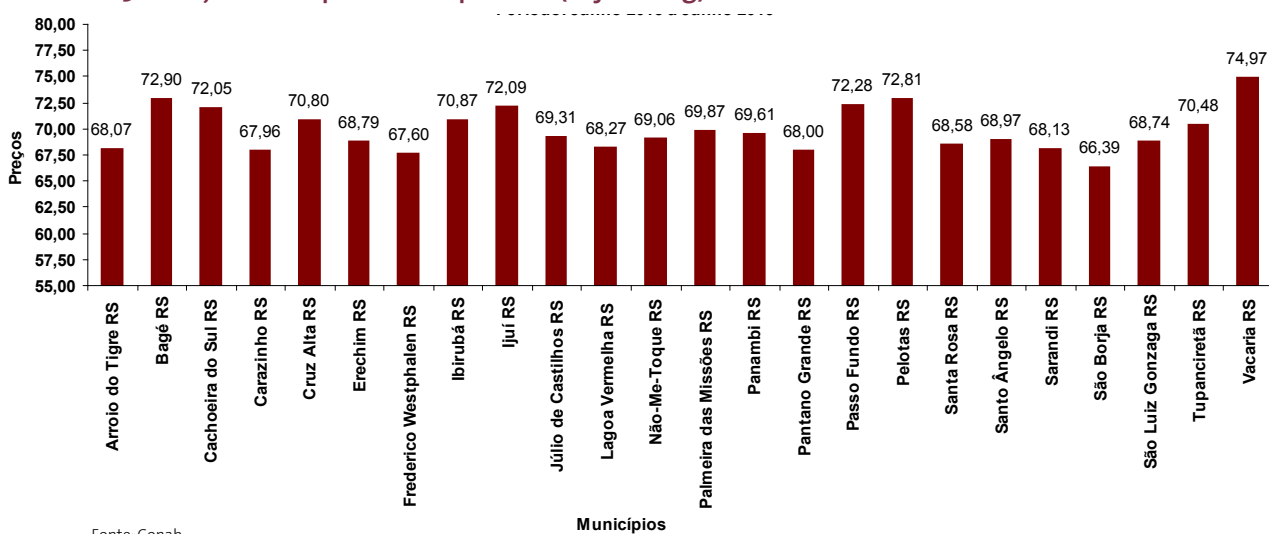
Gráfico 104 - Preço médio por município - PR (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016

Gráfico 105 - Preço médio por município - RS (soja 60 kg)

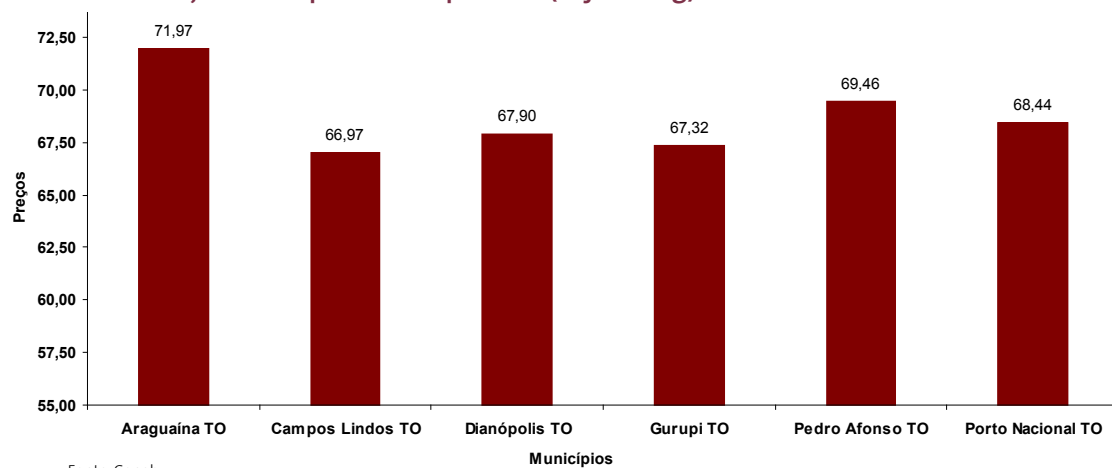


Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016



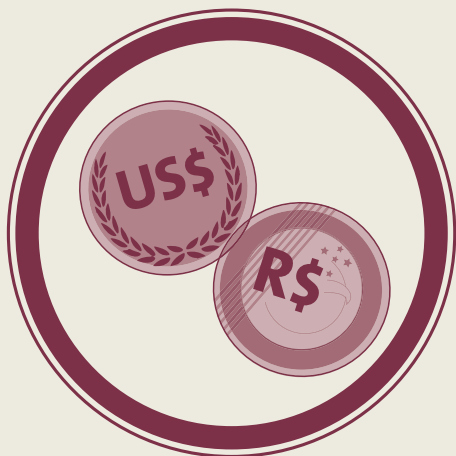
Gráfico 106 - Preço médio por município - TO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Maio 2015 a maio 2016





11. CÂMBIO

O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. Abaixo, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de abril de 2015 a abril de 2016.

Gráfico 107 - Câmbio venda - junho de 2015 a junho de 2016

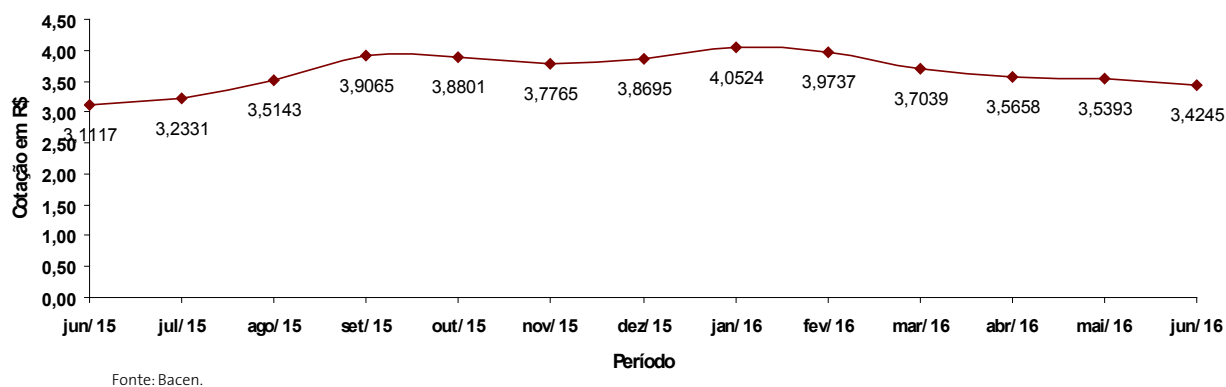
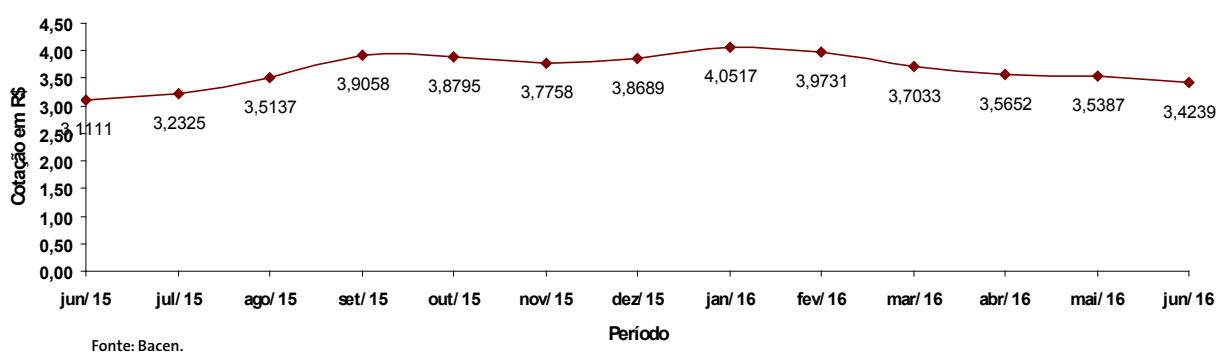


Gráfico 108 - Câmbio compra - junho de 2015 a junho de 2016

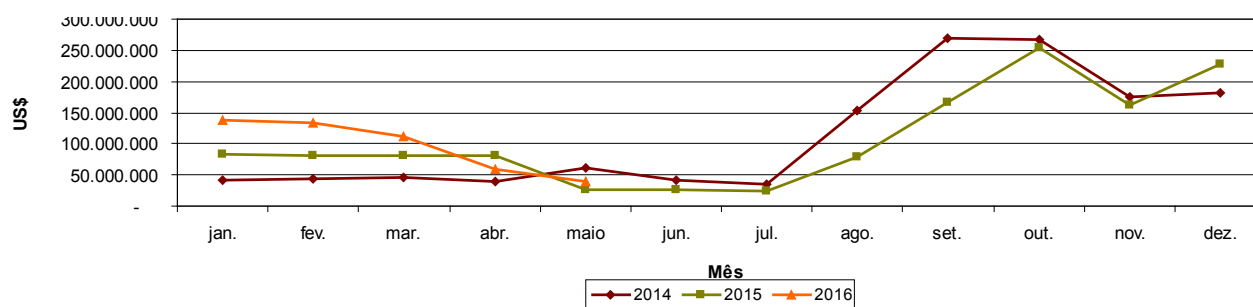




12. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

12.1. ALGODÃO

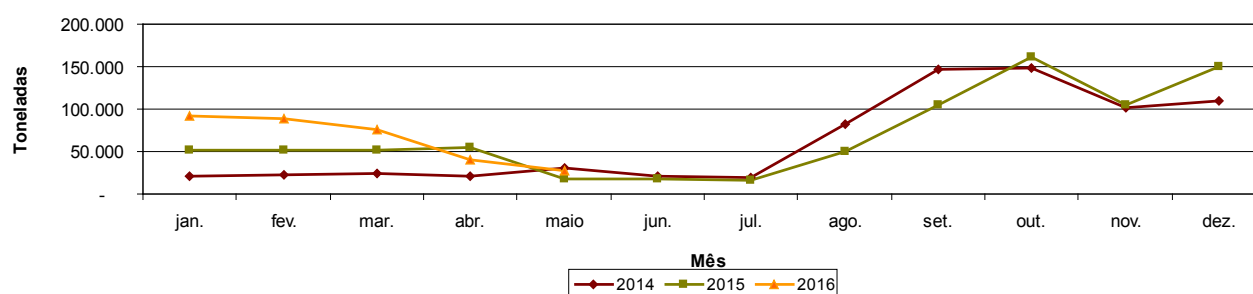
Gráfico 109 - Exportações - US\$ - Algodão em pluma



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

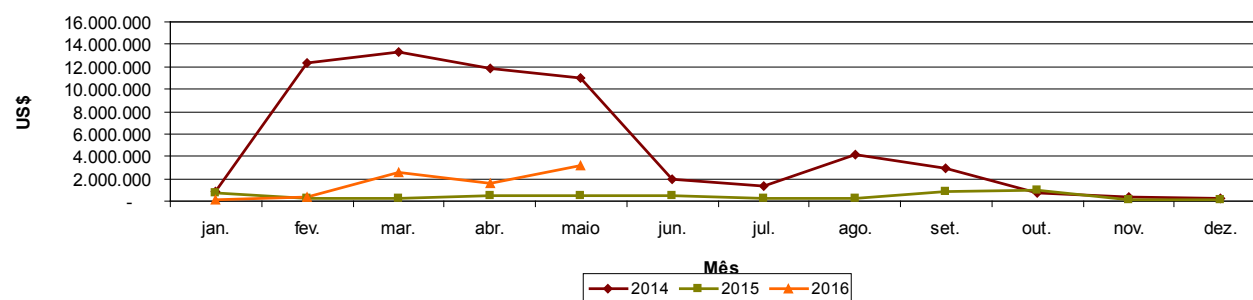
Gráfico 110 - Exportações - Toneladas - Algodão em pluma



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

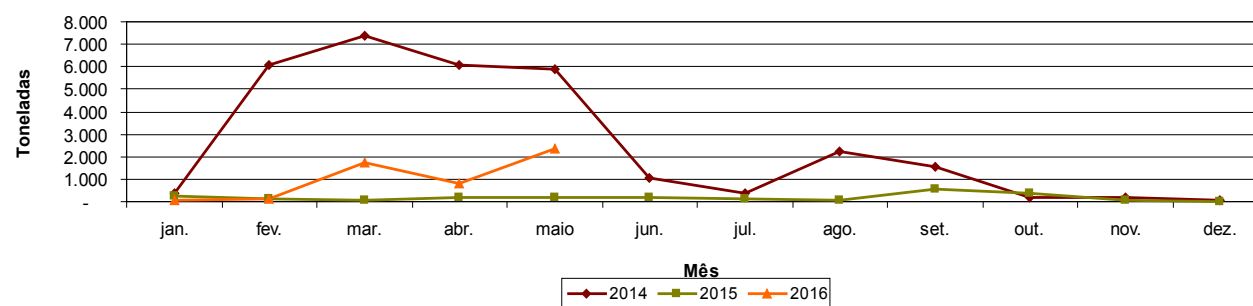
Gráfico 111 - Importações - US\$ - Algodão em pluma



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

Gráfico 112 - Importações - Toneladas - Algodão em pluma - janeiro 2014 a março de 2016



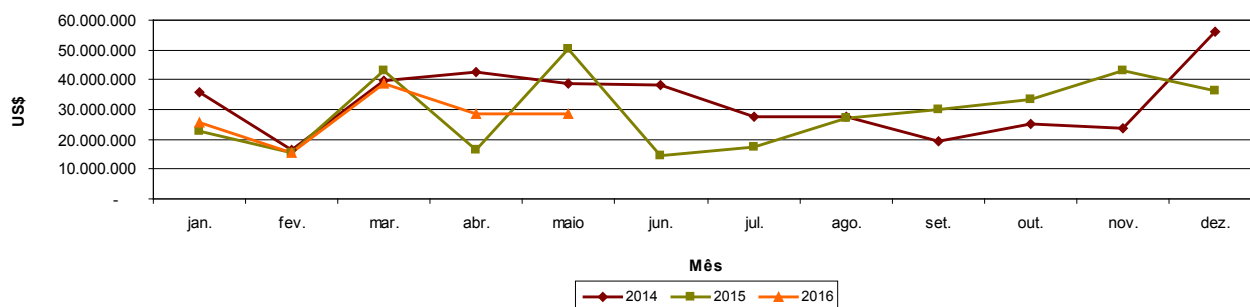
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016



12.2. ARROZ

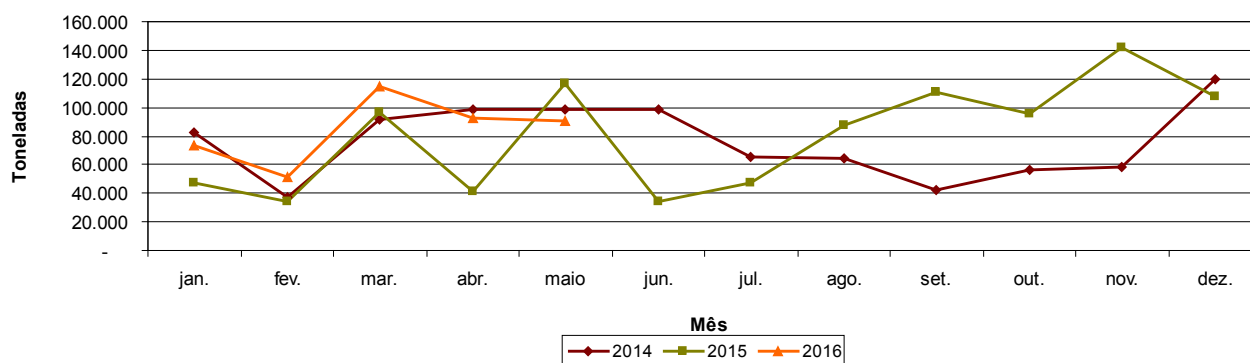
Gráfico 113 - Exportações - US\$ - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

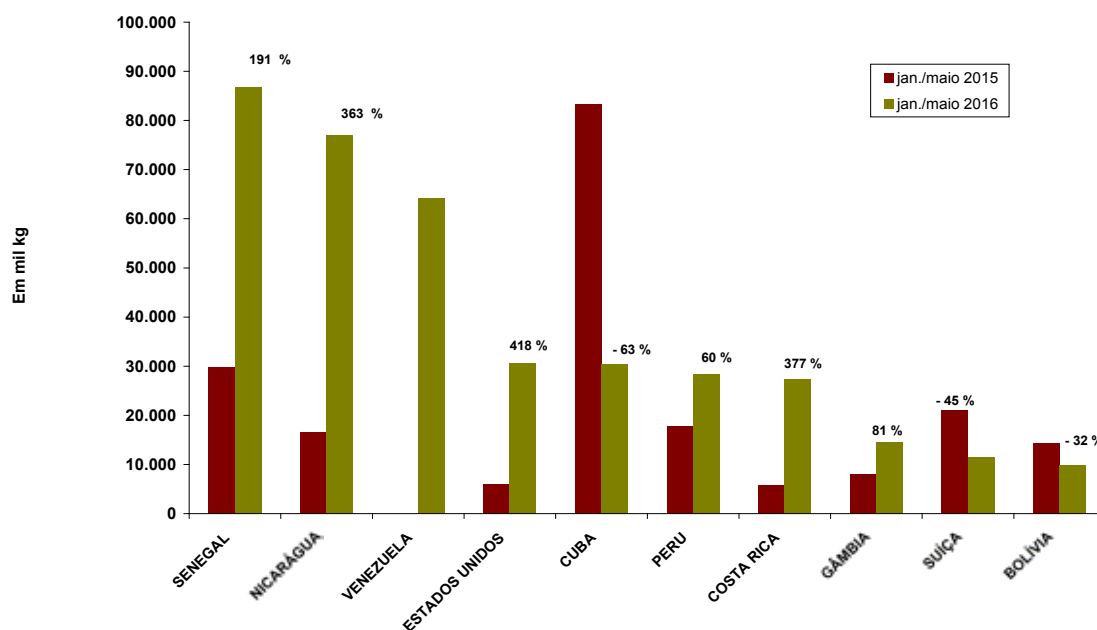
Gráfico 114 - Exportações - Toneladas - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

Gráfico 115 - Gráfico de exportação do arroz

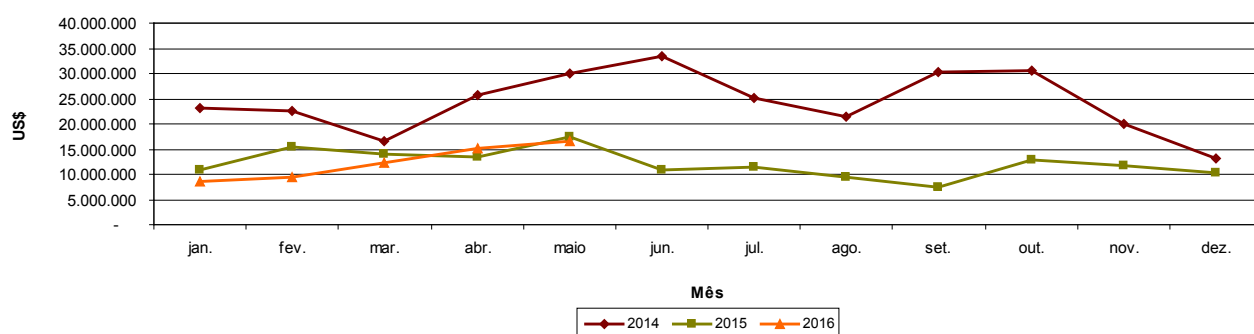


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016



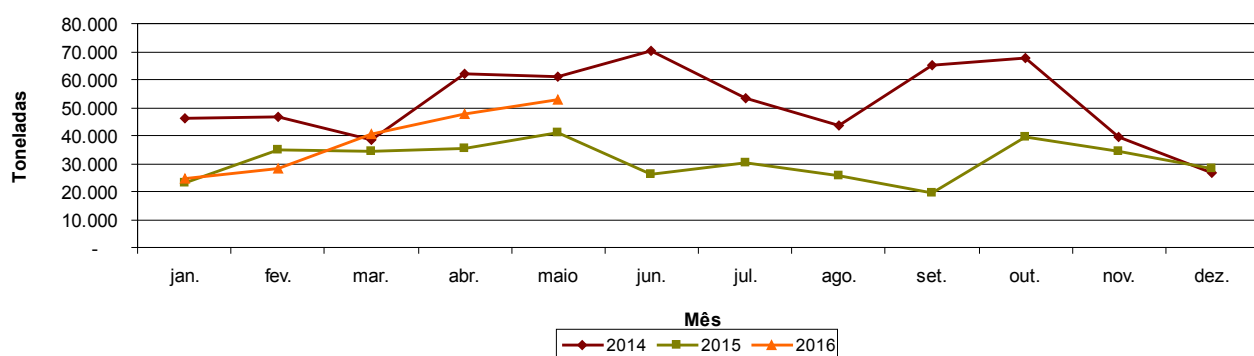
Gráfico 116 - Importações - US\$ - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

Gráfico 117 - Importações - Toneladas - Arroz

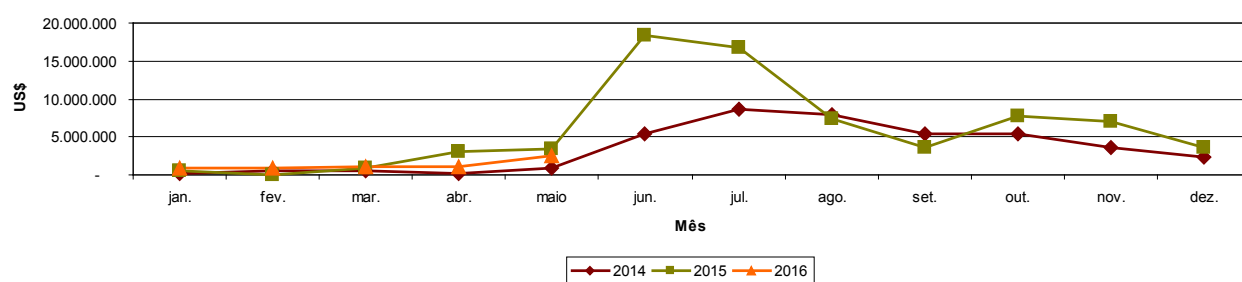


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

12.3. FEIJÃO

Gráfico 118 – Exportações - Toneladas - Feijão

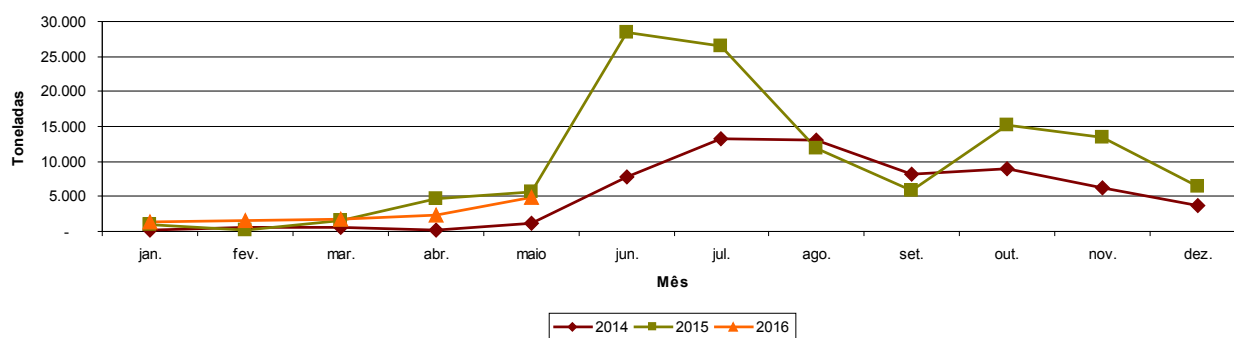


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016



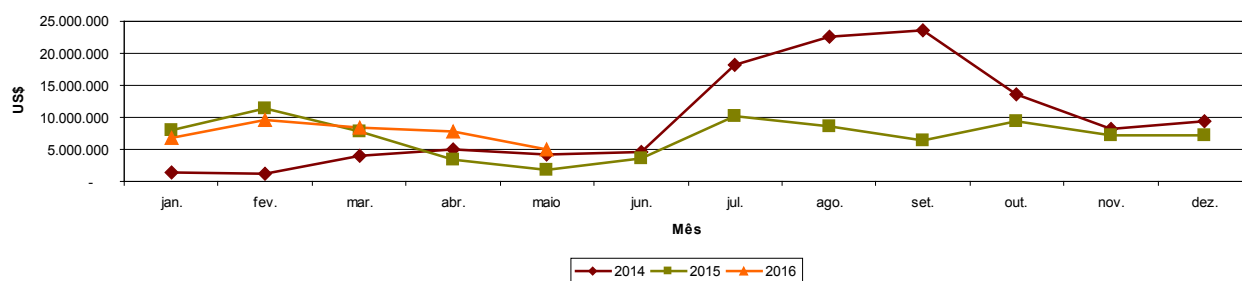
Gráfico 119 – Exportações - Toneladas - Feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

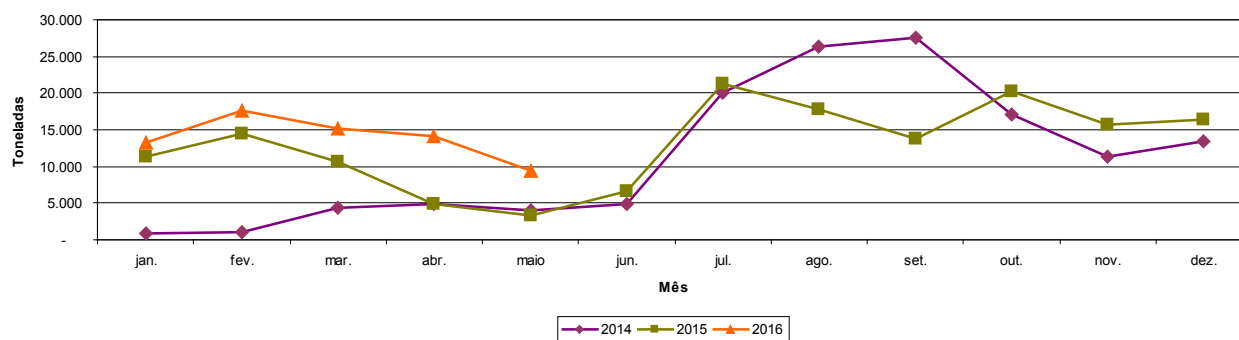
Gráfico 120 – Importações - US\$ - Feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

Gráfico 121 – Importações - Toneladas - Feijão



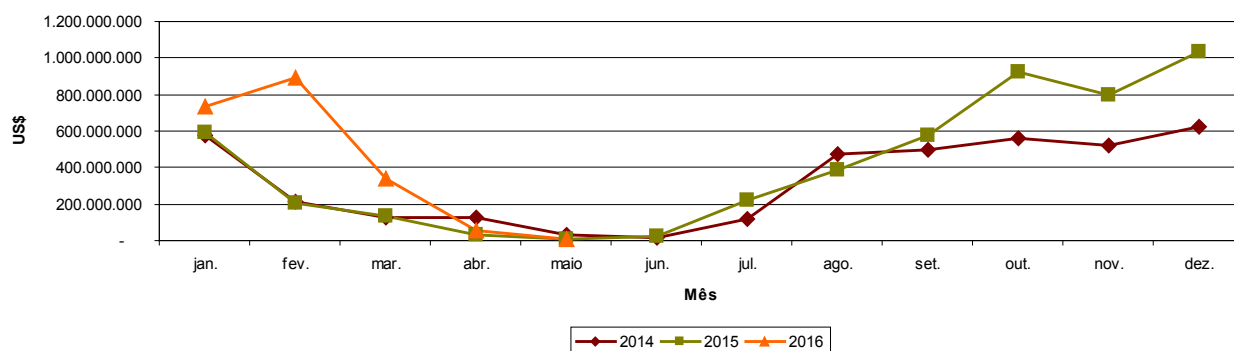
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016



12.4. MILHO

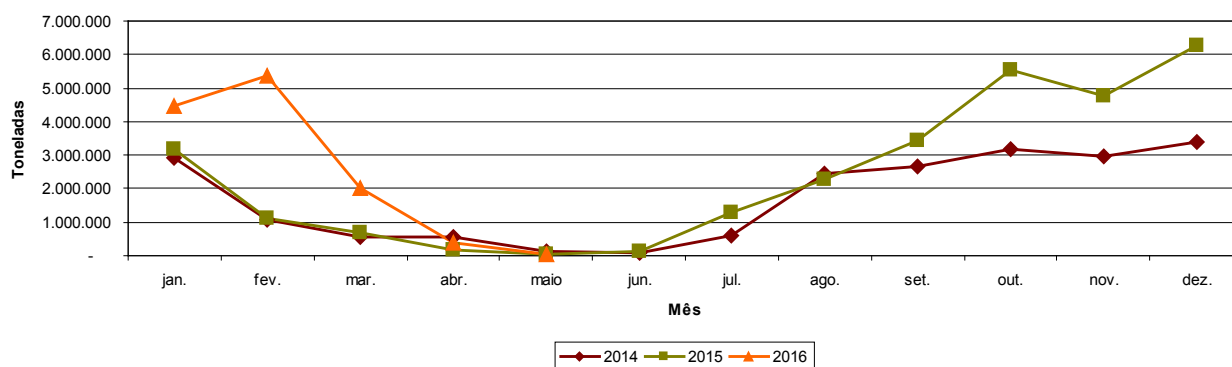
Gráfico 122 - Exportações - US\$ - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

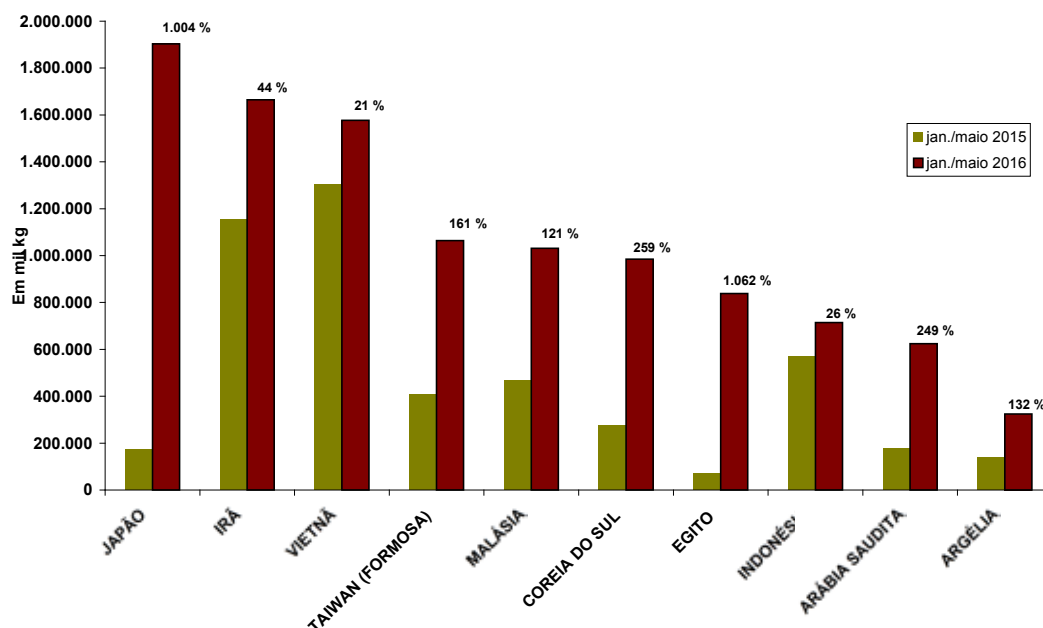
Gráfico 123 - Exportações - Toneladas - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

Gráfico 124 - Exportações brasileiras de milho – Principais países importadores

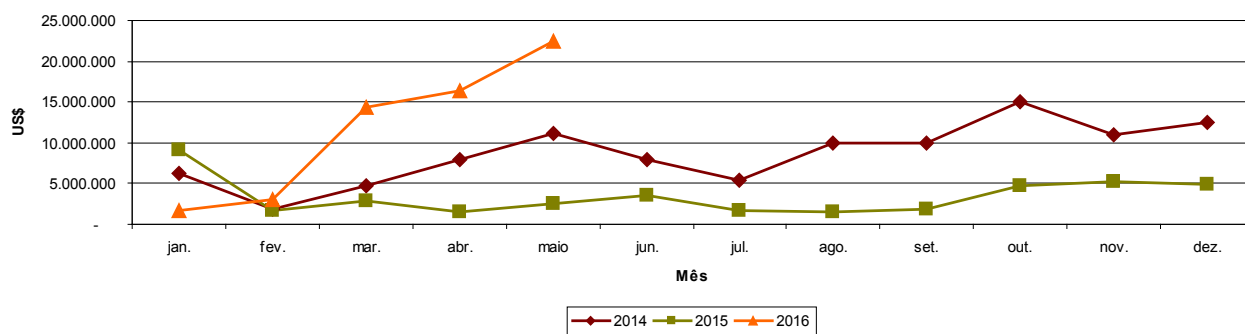


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016



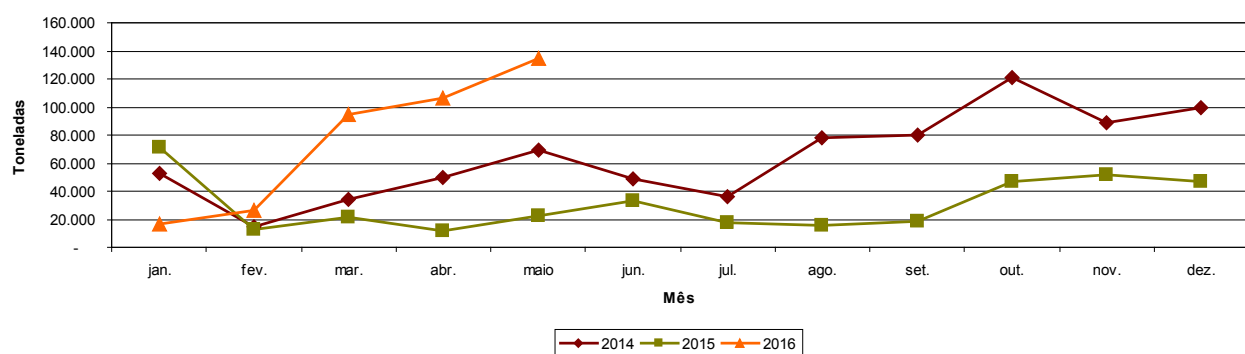
Gráfico 125 - Importações - US\$ - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

Gráfico 126 - Importações - Toneladas - Milho

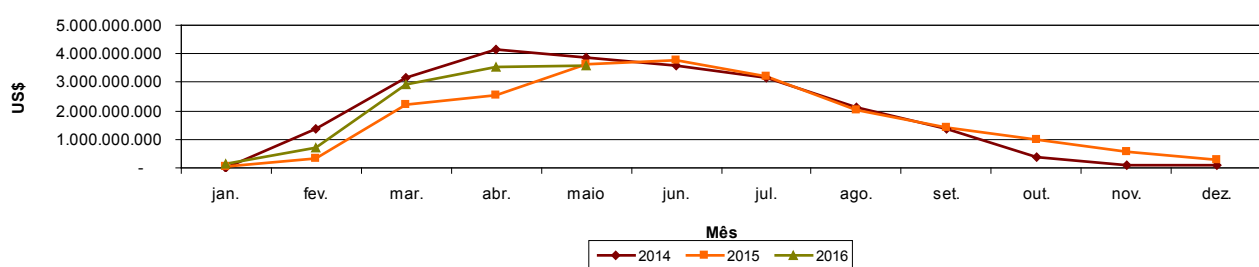


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

12.5. SOJA EM GRÃOS

Gráfico 127 - Exportações - US\$ - Soja, em grãos

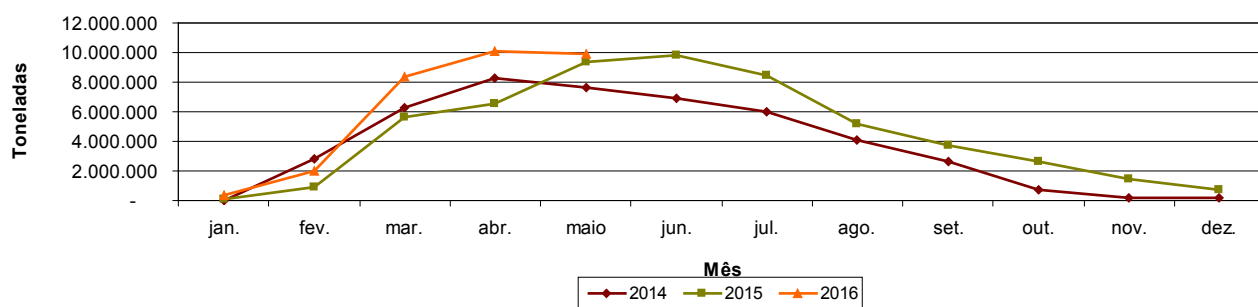


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016



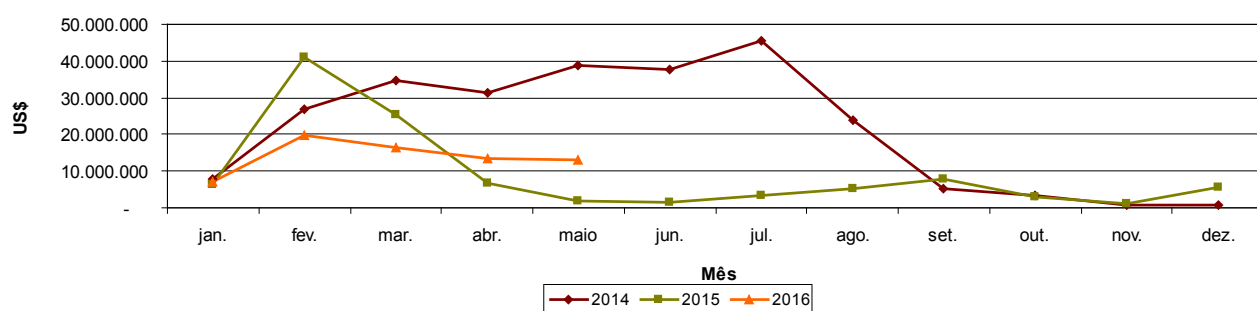
Gráfico 128 - Exportações - Toneladas - Soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

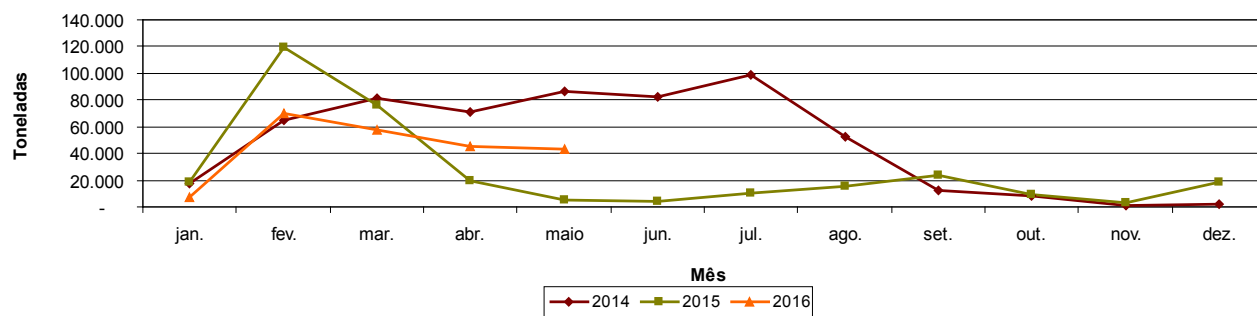
Gráfico 129 – Importações - US\$ - Soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

Gráfico 130 – Importações - Toneladas - Soja, em grãos



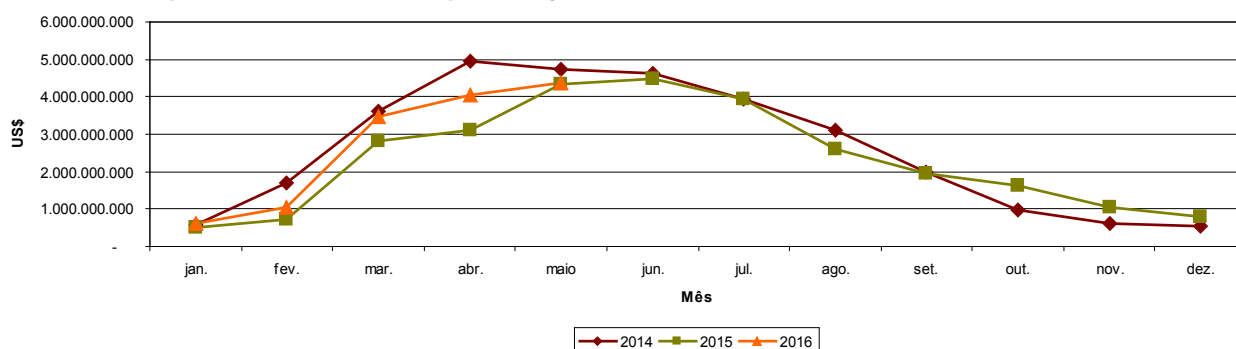
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016



12.6. COMPLEXO SOJA

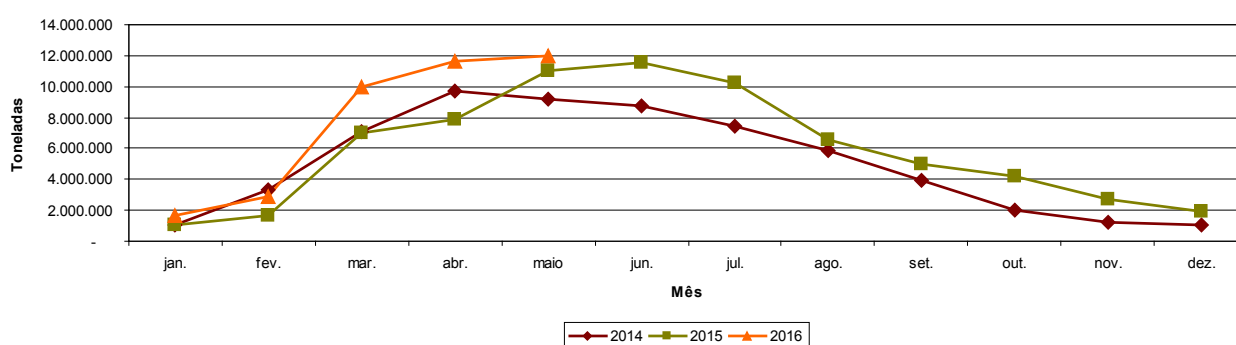
Gráfico 131 - Exportações - US\$ - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

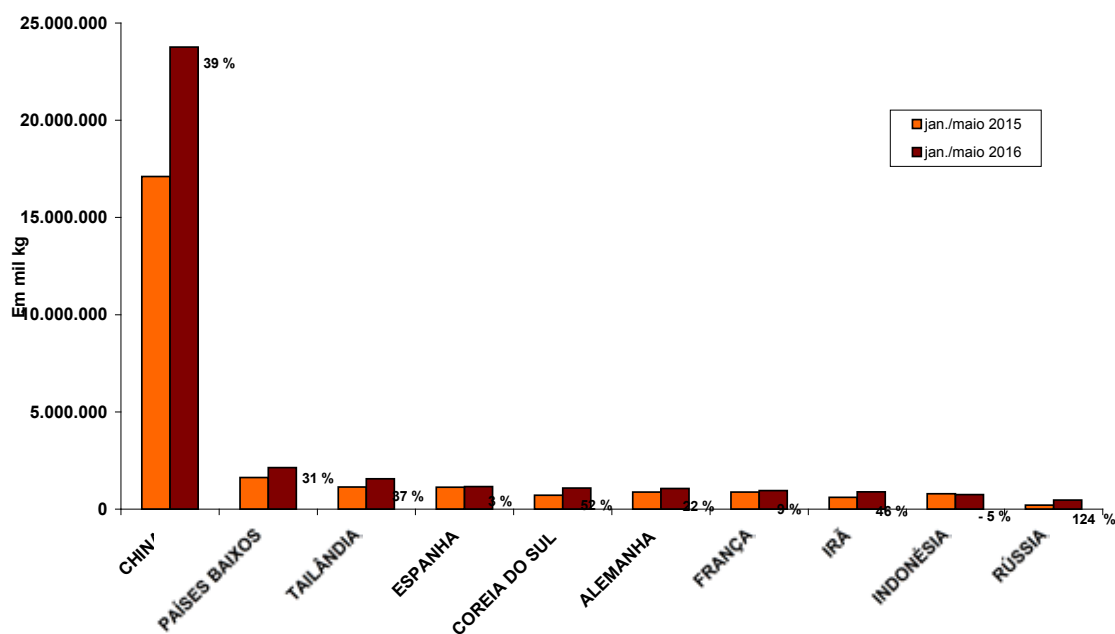
Gráfico 132 - Exportações - Toneladas - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

Gráfico 133 - Exportações brasileiras complexo soja – Principais países importadores

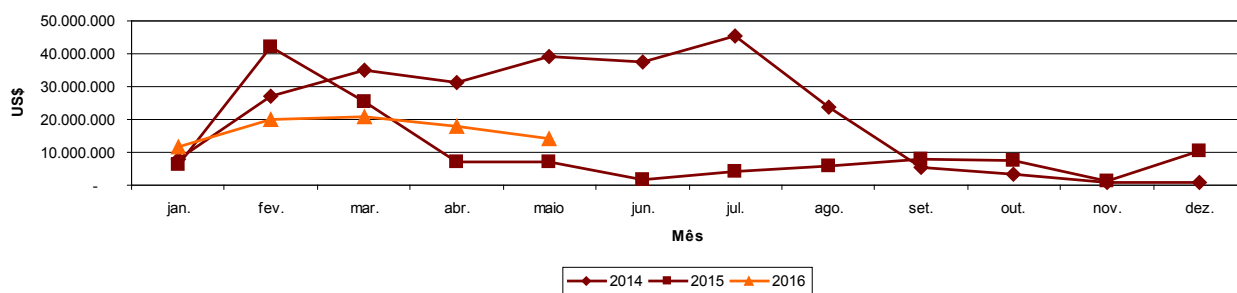


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016



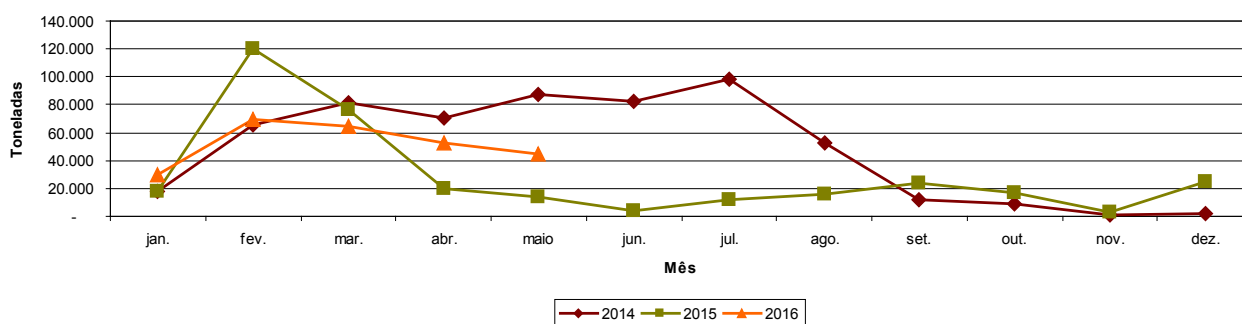
Gráfico 134 - Importações - US\$ - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

Gráfico 135 - Importações - Toneladas - Complexo soja

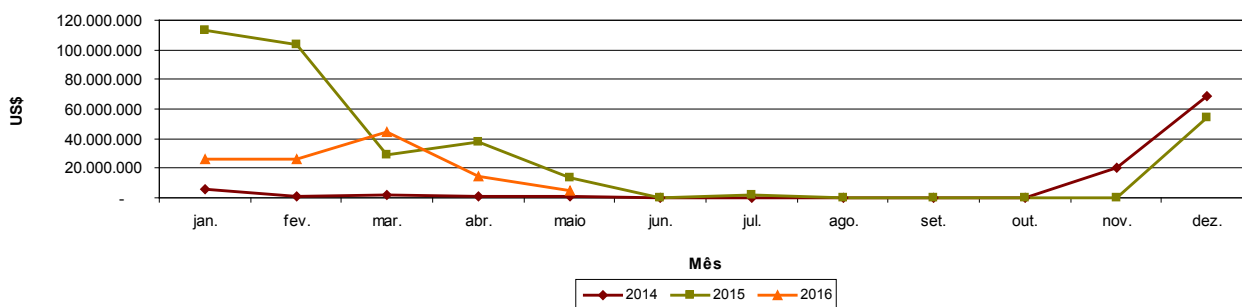


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

12.7. TRIGO

Gráfico 136 – Exportações - US\$ - Trigo

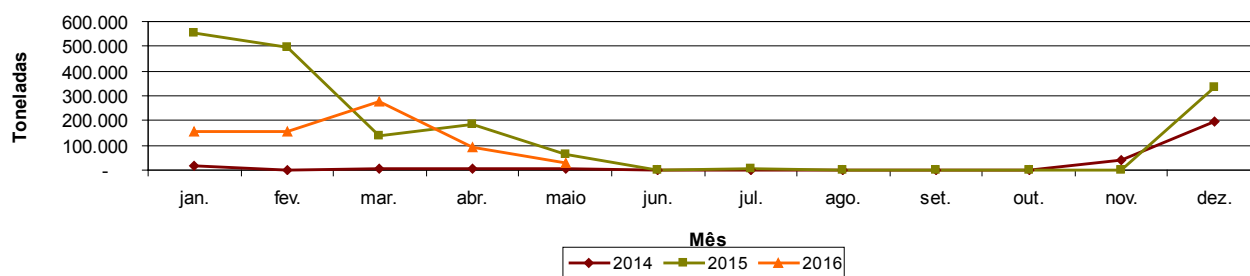


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016



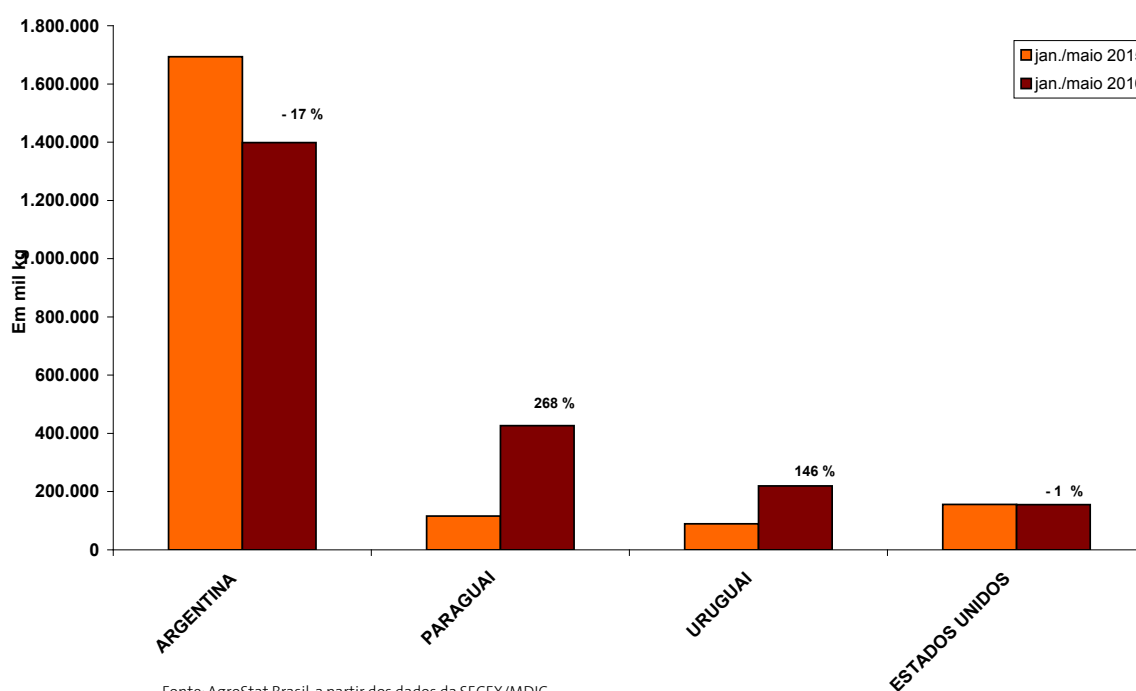
Gráfico 137 – Exportações - US\$ - Trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

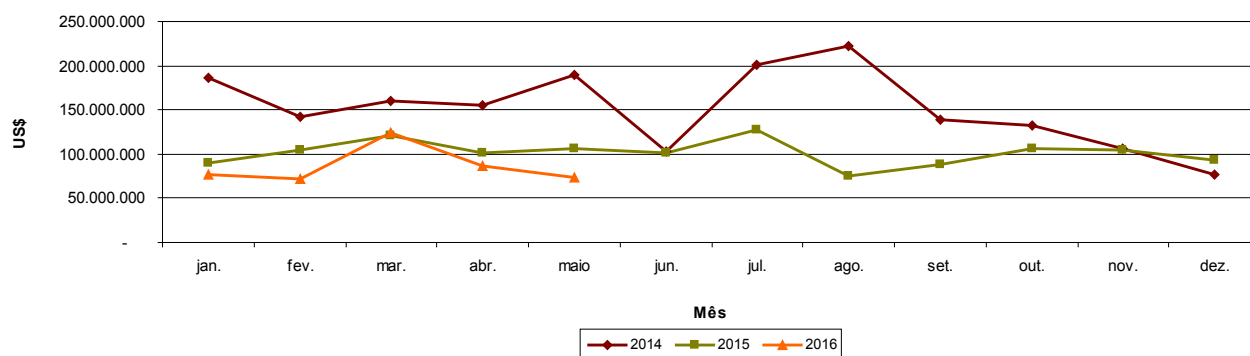
Gráfico 138 – Importações brasileiras trigo – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016

Gráfico 139 – Importações - toneladas - Trigo

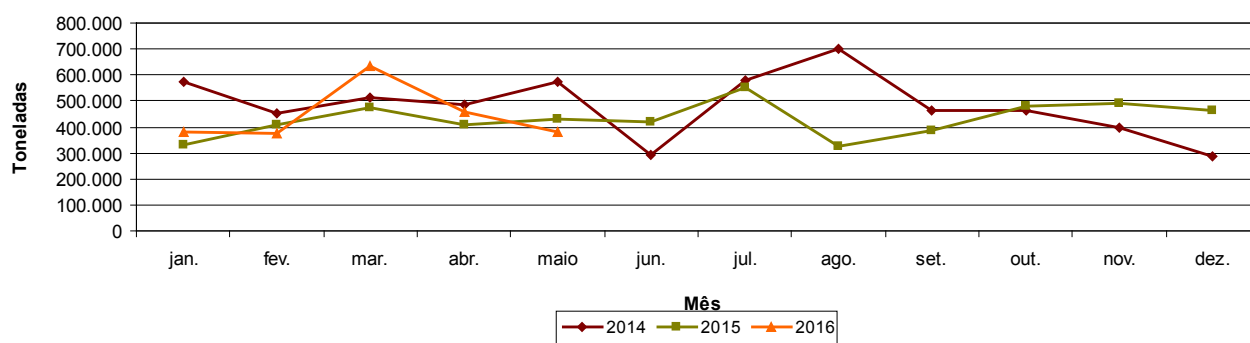


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016



Gráfico 14o – Importações - US\$ - Trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a maio de 2016







Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília - DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br/geasa@conab.gov.br>



Conab

MINISTÉRIO DA
**AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO**



BRASIL
GOVERNO FEDERAL

